

Richarde Barbosa Guerra

“BEM-AVENTURADOS SOIS VÓS...” (Mt 5,11):
AS BEM-AVENTURANÇAS E O DISCIPULADO DE JESUS NO
EVANGELHO DE MATEUS

Belo Horizonte - MG
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-FAJE

2025

Richarde Barbosa Guerra

“BEM-AVENTURADOS SOIS VÓS...” (Mt 5,11):
AS BEM-AVENTURANÇAS E O DISCIPULADO DE JESUS NO
EVANGELHO DE MATEUS

Dissertação produzida e apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, como parte das exigências para a conclusão do curso de mestrado em Teologia Sistemática, sob a orientação do Professor Dr. Jaldemir Vitório.

Belo Horizonte - MG
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-FAJE

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

G934b	<p>Guerra, Richarde Barbosa</p> <p>“Bem-aventurados sois vós...” (Mt 5,11): as bem-aventuranças e o discipulado de Jesus no Evangelho de Mateus / Richarde Barbosa Guerra. - Belo Horizonte, 2025.</p> <p>183 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Bíblia. N.T. Mateus. 2. Bem-aventuranças. 3. Discipulado. I. Vitório, Jaldemir. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 226.2</p>
-------	---

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

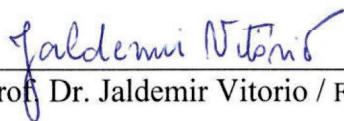
Richarde Barbosa Guerra

**“BEM-AVENTURADOS SOIS VÓS...” (Mt 5,11): AS BEM-
AVENTURANÇAS E O DISCIPULADO DE JESUS NO EVANGELHO
DE MATEUS**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 22 de outubro de 2025.


COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jaldemir Vitorio / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Franklin Alves Pereira / FAJE



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Visitante)

RESUMO: A presente dissertação de mestrado analisa o texto das Bem-aventuranças no Evangelho de Mateus (Mt 5,3-12), investigando como essa perícopes fundamenta a identidade e a prática do discipulado cristão contemporâneo. Estruturado em quatro capítulos, o trabalho inicia-se com o *status quaestionis*, explorando as diversas perspectivas interpretativas do texto sob óticas políticas, pedagógicas e transformadoras. Segue-se uma análise exegética e lexicográfica aprofundada, com foco no termo grego *makários* e na organização literária do Sermão da Montanha. A pesquisa desenvolve, ainda, um estudo comparativo que conecta as Bem-aventuranças às tradições do Antigo Testamento e à literatura rabínica, evidenciando a continuidade e a originalidade da mensagem de Jesus. Na etapa final, a investigação propõe a "Ética do Reino" como uma resposta aos desafios da pós-modernidade, apresentando o discipulado como um estilo de vida caracterizado pela humildade, pela misericórdia e pela busca ativa pela justiça. Conclui-se que as Bem-aventuranças operam uma inversão de valores em relação aos paradigmas de sucesso e poder vigentes, estabelecendo uma contracultura de paz e solidariedade. O estudo demonstra que o chamado ao discipulado em Mateus não é um idealismo abstrato, mas uma proposta concreta de transformação existencial e social, fundamentada na esperança escatológica e no compromisso ético com o próximo no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE: Bem-aventuranças. Ética. Discipulado.

ABSTRACT: This master's thesis analyzes the text of the Beatitudes in the Gospel of Matthew (Mt 5:3-12), investigating how this pericope grounds the identity and practice of contemporary Christian discipleship. Structured into four chapters, the work begins with a *status quaestionis*, exploring various interpretive perspectives of the text through political, pedagogical, and transformative lenses. This is followed by an in-depth exegetical and lexicographical analysis, focusing on the Greek term *makários* and the literary organization of the Sermon on the Mount. Furthermore, the research develops a comparative study connecting the Beatitudes to Old Testament traditions and rabbinic literature, highlighting both the continuity and the originality of Jesus' message. In the final stage, the investigation proposes the "Ethics of the Kingdom" as a response to the challenges of postmodernity, presenting discipleship as a lifestyle characterized by

humility, mercy, and the active pursuit of justice. It concludes that the Beatitudes operate an inversion of values regarding current paradigms of success and power, establishing a counterculture of peace and solidarity. The study demonstrates that the call to discipleship in Matthew is not an abstract idealism but a concrete proposal for existential and social transformation, grounded in eschatological hope and ethical commitment to others within the current context.

KEYWORDS: Beatitudes. Ethics. Discipleship.

LISTA DE ABREVIATURA DOS LIVROS BÍBLICOS

Ex	= Êxodo
2Cr	= Segundo Livro das Crônicas
Ne	= Neemias
Jó	= Jó
Sl	= Salmos
Pr	= Provérbios
Is	= Isaías
Dn	= Daniel
Am	= Amós
Mq	= Miqueias
Mt	= Evangelho segundo São Mateus
Lc	= Evangelho segundo São Lucas
Jo	= Evangelho segundo São João
At	= Atos dos Apóstolos
Rm	= Carta aos Romanos
2Cor	= Segunda Carta aos Coríntios
Gl	= Carta aos Gálatas
Ef	= Carta aos Efésios
Fl	= Carta aos Filipenses
1Tm	= Primeira Carta a Timóteo
Tt	= Carta a Tito
Hb	= Carta aos Hebreus
Tg	= Carta de São Tiago
1Pd	= Primeira Carta de São Pedro
1Jo	= Primeira Carta de São João
Ap	= Apocalipse de São João

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de sabedoria, graça e direção, rendo toda a glória e gratidão. Esta dissertação é fruto de um longo caminho de escuta, fé e perseverança, e nada disso teria sido possível sem Sua presença constante, sustentando-me, mesmo nos dias mais desafiadores.

Ao pastor e amigo Luís Felipe Xavier, expresso minha sincera gratidão por ter sido instrumento de Deus para minha entrada no mestrado da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Sua confiança, incentivo e visão foram fundamentais para este passo. Agradeço profundamente ao Secretário Geral Bertolino Alves Resende, cuja gentileza, atenção e prontidão foram constantes durante os trâmites acadêmicos. À Secretaria de Pós-Graduação Stricto Sensu, especialmente à Rosilene Pena de Almeida, deixo meu reconhecimento por sua solicitude e eficiência ao longo de toda a jornada.

Ao revisor Italo Medeiros Decottignies, minha admiração e reconhecimento pelo trabalho sério e sensível, cuja colaboração foi indispensável durante a redação deste material.

Sou igualmente grato a professores que marcaram de forma significativa minha formação. Ao Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, Coordenador Central de Pós-Graduação e Pesquisa, e ao Prof. Dr. Rivaldave Paz Torquato, do Corpo Docente Permanente do PPG Teologia, minha reverência e respeito pelo ensino profundo, generoso e inspirador. Ao querido professor egresso Washington Paranhos, minha gratidão pelo estímulo e pelas contribuições que ampliaram meu olhar teológico. Ao Prof. Francisco das Chagas de Albuquerque, Coordenador de Pós-graduação em Teologia, sua atenção, cuidado, humildade e disponibilidade me inspiraram muito. De modo especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Jaldemir Vitória, por sua escuta atenta, direcionamento seguro e respeito ao longo de todo o processo. Sua orientação foi um verdadeiro presente.

À minha esposa, companheira fiel e paciente, deixo meu mais profundo agradecimento. Seu apoio silencioso, suas orações e amor incondicional foram combustíveis para minha caminhada. Este trabalho também é seu.

Por fim, dedico este trabalho aos meus preciosos discípulos da Lagoinha Global, com quem tenho a honra de caminhar. Que este esforço acadêmico se traduza em prática viva, e que os princípios aqui discutidos encontrem expressão no serviço, na formação de discípulos e discipulas e na glória do Reino.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. <i>STATUS QUAESTIONIS</i>	14
1.1. Perspectiva política.....	15
1.2. Perspectiva transformadora.....	17
1.3. Perspectiva pedagógica.....	19
1.4. Perspectiva ética.....	20
1.5. Perspectiva cultural e semântica.....	23
1.6. Perspectiva sociolinguística.....	25
1.7. Debates atuais e controvérsias.....	26
1.7.1. Universalidade <i>versus</i> contextualidade.....	26
1.7.2. Relação com a Lei Mosaica.....	27
1.7.3. Implicações para o discipulado contemporâneo.....	29
1.8. Lacunas e perspectivas.....	30
1.8.1. Lacunas significativas na Literatura.....	31
1.8.2. Contribuições e perspectivas.....	32
2. ABORDAGEM EXEGÉTICA.....	33
2.1. Crítica textual do texto grego.....	35
2.2. Delimitação do texto.....	38
2.3. Segmentação.....	40
2.4. Análise da estrutura literária.....	41
2.5. Análise lexicográfica.....	43
2.5.1. Mt 5,1-2.....	44
2.5.2. Mt 5,3-12 – termos repetitivos.....	46
2.5.3. Mt 5,3.....	48
2.5.4. Mt 5,4.....	49
2.5.5. Mt 5,5.....	50
2.5.6. Mt 5,6.....	52
2.5.7. Mt 5,7.....	54
2.5.8. Mt 5,8.....	56
2.5.9. Mt 5,9.....	59
2.5.10. Mt 5,10.....	61
2.5.11. Mt 5,11-12.....	63

2.5.12. Sumarização.....	66
2.6. Análise estilística.....	67
2.6.1. Uso de <i>makários</i> (Bem-Aventuranças).....	68
2.6.2. Tom autoritativo e direto.....	69
2.6.3. Estrutura narrativa e instrutiva.....	69
2.6.4. Simplicidade e profundidade.....	70
2.6.5. Repetição e paralelismo.....	70
2.6.6. Implicações escatológicas e teológicas.....	71
2.6.7. Sumarização.....	71
2.7. Texto compósito ou unitário?.....	72
2.8. Gênero literário.....	73
2.9. Leitura sinótica das Bem-Aventuranças.....	73
2.10. Análise semântica.....	79
2.10.1. Mt 5,1-2.....	80
2.10.2. Mt 5,3.....	83
2.10.3. Mt 5,4.....	84
2.10.4. Mt 5,5.....	85
2.10.5. Mt 5,6.....	87
2.10.6. Mt 5,7.....	88
2.10.7. Mt 5,8.....	90
2.10.8. Mt 5,9.....	91
2.10.9. Mt 5,10.....	93
2.10.10. Mt 5,11-12.....	94
2.10.11. Sumarização.....	97
3. AS BEM-AVENTURANÇAS NA TRADIÇÃO BÍBLICA E JUDAICA.....	100
3.1. No Antigo Testamento.....	101
3.1.1. Mt 5,3.....	102
3.1.2. Mt 5,4.....	103
3.1.3. Mt 5,5.....	104
3.1.4. Mt 5,6.....	105
3.1.5. Mt 5,7.....	106
3.1.6. Mt 5,8.....	108
3.1.7. Mt 5,9.....	109
3.1.8. Mt 5,10.....	111

3.1.9. Mt 5,11-12.....	113
3.1.10. Sumarização.....	115
3.2. No Novo Testamento.....	117
3.2.1. Mt 5,3.....	119
3.2.2. Mt 5,4.....	120
3.2.3. Mt 5,5.....	122
3.2.4. Mt 5,6.....	124
3.2.5. Mt 5,7.....	126
3.2.6. Mt 5,8.....	127
3.2.7. Mt 5,9.....	129
3.2.8. Mt 5,10.....	131
3.2.9. Mt 5,11-12.....	133
3.2.10. Sumarização.....	135
3.3. Nos textos rabínicos.....	137
3.3.1. Mt 5,3.....	138
3.3.2. Mt 5,4.....	140
3.3.3. Mt 5,5.....	141
3.3.4. Mt 5,6.....	144
3.3.5. Mt 5,7.....	146
3.3.6. Mt 5,8.....	148
3.3.7. Mt 5,9.....	150
3.3.8. Mt 5,10.....	153
3.3.9. Mt 5,11-12.....	155
3.3.10. Sumarização.....	156
3.4. Conclusão das análises comparativas de Mt 5,3-12 com o AT, NT e os textos rabínicos.....	158
4. A ÉTICA DO REINO COMO ESTILO DE VIDA.....	161
4.1. O verdadeiro discípulo de Cristo não o substitui por nada.....	164
4.2. O verdadeiro discípulo de Cristo tem e promove a empatia.....	165
4.3. O verdadeiro discípulo de Cristo é equilibrado e flexível.....	167
4.4. O verdadeiro discípulo de Cristo promove justiça social.....	168
4.5. O verdadeiro discípulo de Cristo se importa.....	169
4.6. O verdadeiro discípulo de Cristo não dá lugar ao diabo em seu coração....	170
4.7. O verdadeiro discípulo de Cristo constrói pontes.....	172

4.8. O verdadeiro discípulo de Cristo permanece firme na fé, mesmo em um mundo cínico.....	173
4.9. Conclusão: Desafios da ética do Reino e caminhos para o verdadeiro discipulado cristão na pós-modernidade.....	175
CONCLUSÃO.....	178

INTRODUÇÃO

A busca por compreender o verdadeiro significado do discipulado cristão à luz das palavras de Jesus continua sendo um dos maiores desafios da teologia contemporânea. Em meio às transformações culturais, sociais e espirituais do século XXI, torna-se cada vez mais urgente retomar os fundamentos da fé cristã e sua expressão prática. Nesse cenário, as Bem-aventuranças proferidas por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5,1-12) permanecem como sendo uma das sínteses mais profundas da ética do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, como chamado radical à vivência da espiritualidade autêntica, marcada pela contracultura do amor, da justiça e da misericórdia.

A espiritualidade católica, especialmente a dos grandes místicos e doutores da Igreja, revela profundo enraizamento nas Bem-aventuranças como caminho de discipulado autêntico. Santa Teresinha do Menino Jesus, por exemplo, viveu intensamente a “pobreza de espírito” ao abraçar vida escondida, de simplicidade, entrega e confiança radical na misericórdia divina. Sua “pequena via” é expressão concreta da Bem-aventurança prometida aos humildes e aos puros de coração. Ela não buscava grandezas, mas se reconhecia pequena diante de Deus, desejando amá-lo nas pequenas coisas do cotidiano – espiritualidade profundamente sintonizada com o Reino anunciado por Jesus no Sermão do Monte.¹

Do mesmo modo, Santa Teresa d’Ávila e Santo Agostinho demonstram como a sede de justiça e a pureza interior, destacadas nas Bem-aventuranças, moldam espiritualidade marcada por transformação interior. Teresa, ao descrever as moradas da alma, mostra que o caminho da intimidade com Deus exige desapego, humildade e perseverança na oração: virtudes centrais nas palavras de Jesus.² Agostinho, por sua vez, ao reconhecer que seu coração só encontrou descanso em Deus, encarna a bem-aventurança dos que têm fome e sede de justiça: um anseio que vai além da moral externa e mergulha na conversão do coração, a partir da dinâmica da justiça divina. Nessas tradições, as Bem-aventuranças deixam de ser apenas ensinamentos e tornam-se experiência vivida, sendo verdadeiro itinerário de direcionamento a Cristo e de serviço ao próximo em amor.³

¹ ANDRADE, 2021, p. 55-82.

² AUCLAIR, 2021, p. 245-322.

³ COSTA, 2009, p. 22-47.

O presente trabalho tem como ponto de partida a declaração conclusiva das Bem-aventuranças: “bem-aventurados sois vós...” (Mt 5,11), a qual introduz de maneira enfática a dimensão do discipulado diante das perseguições, apontando para o seguimento que não é apenas contemplativo, mas profundamente engajado na realidade do mundo. Este estudo pretende, portanto, construir ética normativa e aplicada do Reino a partir da teologia das Bem-aventuranças, visando delinear os contornos da identidade dos discípulos e das discípulas de Jesus de Nazaré na atualidade.

Nesse sentido, a espiritualidade beneditina, centrada na prática da oração contemplativa e na busca pelo equilíbrio entre ação e silêncio, encontra nas Bem-aventuranças profundo fundamento para a vida do discípulo. São Bento de Núrsia, ao orientar seus monges na *Regra*, enfatiza a importância da humildade, da mansidão e da paciência: virtudes que ecoam diretamente nas declarações de Jesus no Sermão da Montanha. A prática beneditina *ora et labora* (oração e trabalho) reflete a tensão presente nas Bem-aventuranças. Assim, a contemplação não é retiro do mundo, mas fortalecimento espiritual para maior engajamento transformador na realidade social.⁴

Além disso, a busca beneditina para que se tenha coração “quebrantado e contrito” (Sl 51,17), essencial para a experiência contemplativa, dialoga profundamente com a humildade de espírito proclamada por Jesus. Esse estado interior possibilita ao discípulo viver a contracultura do Reino, sustentando a promessa das Bem-aventuranças de serem consolados e de herdar a terra. A tradição beneditina, portanto, oferece caminho espiritual em que a contemplação é fonte de força e discernimento para enfrentar as adversidades e manter viva a justiça, a misericórdia e a pureza de coração: pilares do ensinamento de Jesus para os que desejam ser verdadeiramente bem-aventurados.⁵

A investigação desenvolvida está situada no campo da teologia sistemática, mas fundamenta-se numa sólida abordagem exegética e hermenêutica, dialogando com os contextos histórico-literários do texto de Mateus, com os ecos veterotestamentários e com as tradições judaicas contemporâneas ao NT. A teologia mateana do Reino é aqui analisada como projeto formativo e transformador de vida, tendo em vista que a proclamação das Bem-aventuranças não se reduz à ética idealista, mas revela o caráter prático e concreto do seguimento de Jesus.

⁴ DREHER, 2021, p. 21-89.

⁵ ENOUT, 2018, p. 5-18.

O primeiro capítulo apresenta o estado da questão, no qual são analisadas contribuições recentes e relevantes da pesquisa bíblica e teológica acerca das Bem-aventuranças e do discipulado, destacando os principais debates hermenêuticos em torno do texto de Mateus. O segundo capítulo se dedica à abordagem exegética do texto de Mt 5,1-12, com especial atenção ao contexto imediato e ao vocabulário grego. O terceiro capítulo amplia a análise para os paralelos e ecos das Bem-aventuranças no AT, no NT e na literatura rabínica, apontando continuidades e rupturas na tradição de sabedoria. Por fim, o quarto capítulo propõe hermenêutica teológica das Bem-aventuranças como base para a ética do Reino, entendida não como moralismo, mas como estilo de vida fundamentado na graça, na humildade e na justiça.

A metodologia adotada nesta pesquisa é interdisciplinar, combinando elementos da crítica textual, da análise literária e da hermenêutica teológica e, sobretudo, Revisão de Literatura, através do uso dos principais artigos, revistas, livros, teses e dissertações que dialogam a respeito dos temas abordados na proposição. Além disso, há diálogo com a espiritualidade cristã e com as exigências éticas do nosso tempo, buscando responder à pergunta: o que significa ser discípulo do Reino à luz das Bem-aventuranças hoje?

Ao longo desta dissertação, espera-se demonstrar que as Bem-aventuranças não são apenas palavras de consolo para tempos difíceis, como também chamado profético à transformação pessoal e comunitária. Elas revelam a lógica invertida do Reino, onde os que choram são consolados, os mansos herdam a terra e os perseguidos pela justiça são declarados felizes. Essa lógica confronta o *ethos* da pós-modernidade e propõe novo paradigma de identidade: ser discípulo de Jesus é viver a partir de valores que não se impõem pelo poder, mas se revelam na fragilidade redentora do amor crucificado.

O estudo precisou ser segmentado nesta perícopa por conta do tempo escasso para a realização da pesquisa, que só permitia fazer com qualidade, precisão e diligência o trecho escolhido, sem, entretanto, jamais desmerecer o restante, sendo as Bem-aventuranças (Mt 5–7) uma súpula de todo o restante que é por si só um desdobramento.

A tensão descrita é fundamental para a ética do Reino: exige renúncia e oferece plenitude; denuncia estruturas opressoras, mas convida ao perdão; exige compromisso radical, porém, nasce da Bem-aventurança da graça. Ao explorar essa tensão, esta dissertação busca contribuir para uma teologia do discipulado que seja profundamente bíblica, teológica e existencial.

1. STATUS QUAESTIONIS

As Bem-Aventuranças (Mt 5,1-12), constituem um dos textos mais emblemáticos e debatidos da tradição cristã. Sua importância transcende as fronteiras da exegese bíblica, pois não se limitam a uma reflexão teológica, mas também envolvem dimensões éticas, pedagógicas, sociais e culturais, influenciando práticas de discipulado ao longo da história. O debate em torno de sua interpretação abarca não apenas questões doutrinárias, como também práticas pastorais e de vida cristã. A aplicação das Bem-Aventuranças ao contexto contemporâneo da igreja, de fato, continua sendo um campo de reflexão e pesquisa, como expõe Betto.⁶

A literatura sobre o Sermão da Montanha revela uma multiplicidade de abordagens que buscam compreender o significado e a aplicabilidade das Bem-Aventuranças para os cristãos de hoje. Essas abordagens não apenas destacam os aspectos espirituais e morais do ensino de Jesus, também refletem sobre o modo como as Bem-Aventuranças devem ser vividas dentro das diferentes culturas e contextos históricos. A busca por um modelo cristocêntrico de discipulado fundamentado nessas declarações de Jesus exige uma análise abrangente que leve em conta o valor teológico, ético, pedagógico e cultural das Bem-Aventuranças.

A importância da perspectiva ética nas Bem-Aventuranças, por exemplo, está intimamente ligada ao caráter cristão e à formação moral do discípulo. O ensino de Jesus, ao ser compreendido como um padrão ético, exige dos discípulos uma mudança radical de postura diante do mundo, refletindo os valores do Reino de Deus. Já a perspectiva pedagógica aborda o modo como Jesus transmite seus ensinamentos, oferecendo uma estrutura didática que desafia seus ouvintes a refletirem sobre o significado profundo de cada Bem-aventurança. No entanto, enquanto essas abordagens oferecem valiosos *insights*, muitas vezes deixam de lado a aplicação prática desses ensinamentos dentro da dinâmica do discipulado e da vida cristã no século XXI. Siedeliske é quem aborda tal perspectiva ética e pedagógica, aliada à questão do discipulado e a abordagem teológica.⁷

Além disso, a análise cultural e semântica das Bem-Aventuranças, ao focar no contexto histórico e linguístico do texto, oferece uma compreensão mais rica de como os ouvintes originais de Jesus compreenderiam suas palavras. Entretanto, essa interpretação não responde diretamente às questões voltadas para uma possível aplicação hodierna, que envolve tradução fiel do texto para as realidades diversas do mundo atual. Da mesma forma,

⁶ BETTO, 2024, p. 22-35.

⁷ SIEDELISKE, 2020, p. 7.

a perspectiva sociolinguística revela a oralidade e a transmissão carismática dos ensinamentos de Jesus, enfatizando a importância de entender as Bem-Aventuranças como um manifesto de identidade para a comunidade cristã primitiva, sem, todavia, propor um modelo claro para as práticas de discipulado nas igrejas hoje, argumento também enfatizado por Siedeliske.⁸

Embora existam debates significativos em torno de todas essas abordagens, um ponto crucial permanece: a necessidade de integrar as diversas perspectivas das Bem-Aventuranças de forma a construir uma base sólida e prática para o efetivo e real discipulado cristocêntrico. Essa integração requer um esforço de pesquisa que busque unir as dimensões éticas, pedagógicas e transformadoras, de maneira que seja relevante e aplicável às necessidades da igreja contemporânea.

Este capítulo visa explorar essas perspectivas, destacando suas contribuições, como também suas limitações, à medida que se busca edificar um modelo de discipulado fundamentado nos princípios do Reino de Deus, conforme expresso nas Bem-Aventuranças, demonstrando que não somente Mateus 5, como o evangelho mateano como um todo, emerge de modo a romper paradigmas, ainda que falando aos judeus da época, e dá maior ênfase às palavras de Jesus do que os demais, como afirma Betto: o evangelho de Mateus “retrata um Jesus rebelde, corajoso, destemido. Foi escrito para fortalecer os cristãos excluídos do Judaísmo. Manifesta uma crítica contundente aos fariseus e à elite religiosa da época [...] Marcos fala de Jesus; Mateus faz Jesus falar.”⁹

1.1 Perspectiva política

Graciani e Roregger¹⁰ examinam as Bem-Aventuranças em relação às Metas do Milênio da Organização das Nações Unidas, considerando-as como um conjunto de diretrizes éticas que promovem um convívio humano sustentável. Os autores estabelecem paralelos entre os valores do Reino de Deus, expressos nas Bem-Aventuranças, e os objetivos propostos pela “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”. Em particular, destacam que as declarações de Jesus têm implicações profundas para questões contemporâneas, como justiça social, paz e dignidade humana.

⁸ SIEDELISKE, 2020, p. 15.

⁹ BETTO, 2024, p. 6.

¹⁰ GRACIANI, 2018, p. 150-166.

Essa abordagem é inovadora, pois proporciona uma perspectiva política e global para os ensinamentos de Jesus, demonstrando sua atualidade, ao vincular seus princípios às grandes questões sociais do nosso tempo. Contudo, é importante notar que tal perspectiva, ao se concentrar em um nível macro, pode negligenciar as implicações individuais e comunitárias das Bem-Aventuranças, especialmente no contexto do discipulado cristão. Dessa forma, enquanto as Bem-Aventuranças são compreendidas como um convite para a transformação global, também é essencial resgatar sua dimensão formativa para os indivíduos e suas relações interpessoais no âmbito da vida eclesial. Ainda assim, tal abordagem tem o seu valor, como fica evidenciado no trecho a seguir:

Em relação à relevância dessa pesquisa, é necessário destacar que o Sermão da Montanha anuncia ao mundo o Plano Divino para todas as nações, por meio da efetivação do Reino de Deus, especificamente a través das Bem-Aventuranças, as quais promovem justiça, misericórdia, paz, fidelidade, mansuetude, credulidade e humildade. Esses valores podem colaborar para a concretização das metas globais de erradicação da pobreza e da fome, redução das desigualdades, educação e saúde de qualidade, paz e justiça, entre outras, contidas nos objetivos para o milênio da ONU, na sua agenda 2030 (GRACIANI, 2018, p. 2.).

Outros estudos também exploraram a dimensão política das Bem-Aventuranças, enfatizando seu impacto na promoção da justiça e na construção de uma sociedade mais equitativa. Por exemplo, Carter¹¹ argumenta que as Bem-Aventuranças representam uma contranarrativa ao poder imperial e às estruturas opressoras de seu tempo. Segundo ele, ao proclamar bem-aventurados os pobres, os que choram e os perseguidos, Jesus subverte as hierarquias de poder estabelecidas e propõe uma visão radicalmente alternativa de comunidade; essa leitura política reforça o caráter revolucionário das palavras de Jesus e sua relevância para os movimentos de resistência às desigualdades contemporâneas.

Outro autor relevante para o tema é Richard Bauckham,¹² que discute como as Bem-Aventuranças articulam uma visão escatológica que transcende os sistemas políticos terrestres, mas que também possuem implicações concretas para o aqui e agora. O autor destaca que o “Reino de Deus” introduzido por Jesus não é apenas uma esperança futura, senão realidade que desafia as estruturas sociais e promove uma nova ordem baseada em valores como misericórdia, pureza de coração e pacificação.

Além disso, é válido considerar a influência do contexto histórico e político na formulação das Bem-Aventuranças. Segundo Horsley, as Bem-Aventuranças surgem em um ambiente de tensão entre as elites judaicas e o poder imperial romano, sendo, portanto,

¹¹ CARTER, 2000, p. 130-136.

¹² BAUCKHAM, 2003, p. 20-48.

um manifesto que expressa solidariedade com os marginalizados.¹³ Dessa maneira, a mensagem de Jesus possui uma dimensão profundamente política, porém, também, reflete um apelo à fidelidade a Deus em meio à opressão.

Conclui-se que a perspectiva política das Bem-Aventuranças é rica e multifacetada, oferecendo *insights* valiosos à promoção da justiça social e da sustentabilidade global. No entanto, não deve ser explorada de forma isolada, mas em diálogo com outras perspectivas, como a comunitária, para que se possa apreender plenamente a profundidade e o alcance da mensagem de Jesus. Tal viés político presente nas Bem-aventuranças é de tanta importância para o contexto eclesial, que levou o cardeal vietnamita Thuân a redigir as “bem-aventuranças do político”, baseadas em Mateus 5.¹⁴

1.2 Perspectiva transformadora

As Bem-Aventuranças, conforme narradas em Mt 5,3-12, são frequentemente interpretadas como uma subversão radical das estruturas sociais, políticas e religiosas do contexto em que foram proferidas. Para Reimer, elas oferecem uma resposta direta às hierarquias e sistemas de opressão presentes no Judaísmo do Segundo Templo.¹⁵ Sua análise destaca que as Bem-Aventuranças não apenas anunciam uma *felicidade escatológica*, mas também atuam como antídoto contra práticas de dominação e corrupção. Nesse sentido, as promessas de Deus são apresentadas como novo paradigma ético, um convite para que os discípulos transformem suas próprias realidades e o mundo ao seu redor. As Bem-Aventuranças, portanto, são vistas como um desafio direto às desigualdades socioeconômicas e culturais vigentes, propondo uma reversão dos valores estabelecidos. Ainda assim, há longo caminho a ser percorrido, como o próprio autor deixa claro:

Em que medida as Bem-Aventuranças podem ‘funcionar’ como antídoto para as práticas de dominação, corrupção e ilegalidades, das quais se originam tantos males e por causa das quais continua sendo necessário clamar por justiça, misericórdia e paz [...] Este texto, que fundamenta parte da ética cristã, é capaz de inverter lógicas intrínsecas aos sistemas de dominação, e em que medida os gestores e atores desses sistemas – sendo cristãos – estariam interessados nisso? As experiências histórico-sistêmicas mostram que não. Então: de onde vem a mudança? Qual é o confronto necessário? Quem está sendo interpelado pelas Bem-Aventuranças? (REIMER, 2018, p. 3.).

¹³ HORSLEY, 1993, p. 106-136.

¹⁴ THUAN, 2011, p. 33-45.

¹⁵ REIMER, 2018, p. 135-153.

Esse caráter transformador também é abordado pelo teólogo anglicano Wright,¹⁶ que observa que as Bem-Aventuranças revelam um novo modo de ser e viver, enfatizando uma identidade moldada pelos valores do Reino de Deus. Para ele, as Bem-Aventuranças não apenas descrevem uma realidade futura, bem como impõem uma nova maneira de viver no presente, que reflete a subversão das normas sociais. Elas indicam uma ruptura com as expectativas de poder, *status* e sucesso que dominam a sociedade humana, oferecendo, em contrapartida, visão alternativa de grandeza, que se expressa na humildade, no sofrimento e no serviço aos outros.

Além disso, é importante notar que as Bem-Aventuranças têm uma estreita conexão com outros textos do Novo Testamento que versam acerca da vida do verdadeiro discípulo. No Evangelho segundo Lucas (Lc 6,20-23), as Bem-Aventuranças trazem um enfoque similar, embora mais explícito naquilo que diz respeito à inversão dos valores sociais, como nos versículos que explicitam a exaltação dos pobres e a condenação dos ricos (Lc 6,24-26). Tal paralelo enfatiza ainda mais a radicalidade da proposta de Jesus em contrastar os valores do Reino com os valores do mundo, como também reforça Wright a esse respeito.¹⁷

Igualmente, textos como a carta de Paulo aos Filipenses (Fl 2,5-11) oferecem uma descrição da vida de Cristo como exemplo de humildade e serviço, evidenciando que o discipulado envolve a imitação de Cristo, que se humilhou e se fez servo de todos. Este processo de transformação, que começa no coração do discípulo, se reflete nas atitudes, nas escolhas e nas interações sociais. O verdadeiro discípulo, segundo Mateus, é aquele que incorpora os valores do Reino, não como mera adesão intelectual, mas como compromisso prático de vida. Este paralelo entre Mateus e Filipenses também fica claro e é evidenciado por Fee, em sua obra exegética sobre a carta paulina.¹⁸

Portanto, ao considerarmos a perspectiva transformadora das Bem-Aventuranças, é possível perceber que não apenas oferecem uma alternativa às estruturas sociais dominantes, como também apresentam um novo estilo de vida e um novo entendimento de felicidade. A transformação do discípulo de Cristo abarca tanto sua vida interior, com a adoção dos valores do Reino, quanto suas interações e compromissos com o mundo. Como tal, a verdadeira felicidade proposta por Jesus não é felicidade passiva ou resignada, mas experiência dinâmica e transformadora, que convoca seus seguidores a agirem de acordo

¹⁶ WRIGHT, 2014, p. 30-45.

¹⁷ WRIGHT, 2014, p. 30-45.

¹⁸ FEE, 2022, p. 542-610.

com a justiça, a misericórdia e a humildade que caracterizam o Reino de Deus, reafirmado por autores como Fee.¹⁹

1.3 Perspectiva pedagógica

As Bem-Aventuranças, conforme descritas em Mt 5,3-12, apresentam uma estratégia pedagógica única, revelando os valores do Reino de Deus e a metodologia de ensino de Jesus. Oliveira²⁰ explora essa abordagem pedagógica ao destacar o uso recorrente do termo “bem-aventurado” por Jesus, um recurso que, segundo a autora, não é meramente estilístico, mas uma escolha deliberada para capturar a atenção dos ouvintes e instigar uma reflexão profunda. Para Jesus, cada bem-aventurança é uma verdade que não se limita à simples instrução moral. Contudo desafia as noções comuns de felicidade, justiça e sucesso, convidando os discípulos a uma compreensão transformadora do mundo e de si mesmos.

Ao analisar a forma como Jesus utiliza a literatura sapiencial judaica, Oliveira observa que o Cristo emprega elementos de sabedoria que são familiares ao público da época. Todavia os subverte de maneira a desafiar os valores dominantes. Essa técnica se vincula à tradição dos provérbios e das máximas, porém, em alguma medida, é inovadora, pois vai além da mera instrução prática, proporcionando aos ouvintes uma visão que pode ser interiorizada e vivida. A escolha das palavras e a estrutura das Bem-Aventuranças funcionam como uma espécie de roteiro pedagógico, que orienta o discípulo na construção de uma identidade moldada pelo Reino de Deus.²¹

A análise didática das Bem-Aventuranças oferece, ainda, importantes direções para o discipulado contemporâneo. Embora o foco principal de Oliveira esteja na técnica literária e na pedagogia de Jesus, fica claro que a eficácia do ensino de Jesus não está apenas na beleza literária de suas palavras, mas na forma como são aplicadas ao cotidiano do discípulo. A pedagogia de Jesus não é uma teoria distante, e sim, uma prática de vida que visa transformar a pessoa de dentro para fora, moldando sua visão de mundo, suas atitudes e suas relações com os outros. O autor também assenta, a respeito da didática de Jesus:

Jesus foi o mestre por excelência. Nisto concordam os estudiosos da Bíblia, tanto no ponto de vista, teológico, quanto no ponto de vista educacional. Todos os que conhecem a história deste mestre não têm dúvida, seus ensinamentos revolucionaram o mundo, começando por seus discípulos, que outrora acovardados, tornaram-se verdadeiros gigantes na fé. Verificam-se nos ensinamentos de Jesus, estratégias

¹⁹ FEE, 2022, p. 542-610.

²⁰ OLIVEIRA, 2017, p. 141-159.

²¹ OLIVEIRA, 2017, p. 141

didáticas e métodos variados e o quanto seus ensinamentos são efetivos e duradouros, pois são praticados e reconhecidos até hoje (OLIVEIRA, 2017, p. 3.).

Ao considerar o discipulado atualmente, pode-se perceber que as Bem-Aventuranças continuam a ser um guia pedagógico para a formação do discípulo. Elas não são apenas para serem lidas e compreendidas intelectualmente, mas para serem vividas e aplicadas, proporcionando uma formação integral que envolve mente, coração e prática. O ensino de Jesus, então, não visa apenas adquirir informações, antes propõe um estilo de vida que reflete os valores do Reino de Deus.

Via de regra, a pedagogia de Jesus está calcada não somente na tradição judaica de seu tempo; é reflexo do pensamento do povo hebreu e seu *modus operandi*, ancorados nos textos bíblicos que estavam à disposição no recorte histórico por ele vivido. Retrata também dimensão de trabalho relacional e dialógico: seu objetivo não é somente atingir o cerne da mensagem, como também transmiti-la de modo que o povo de sua época possa compreender com clareza e em sua totalidade. Isso fica manifesto no trabalho da Irmã Mary Donzellini, que reflete acerca do fato de que Jesus parte da sua realidade: do chão da terra, da vivência com pessoas simples, fazendo uso de analogias e parábolas facilmente apreendidas por eles, de modo a formar seguidores que, realmente, apreendam o máximo possível de sua mensagem.²²

Uma vez que os alunos devem sempre aprender no processo ensino-aprendizagem, ninguém melhor – e mais didático e pedagógico – do que o mestre dos mestres, o “mestre por excelência.”²³

1.4 Perspectiva ética

As Bem-Aventuranças, como proclamadas por Jesus no Sermão da Montanha, são um convite à vivência de um padrão ético que vai além de normas sociais e culturais, estabelecendo um modelo para a conduta do discípulo de Cristo. Stott,²⁴ em sua análise, considera as Bem-Aventuranças como descrição da vida ideal dos seguidores de Jesus, a partir de um conjunto normativo que define o comportamento desejado para os cristãos. Para ele, cada bem-aventurança reflete o caráter de Cristo, sendo, portanto, reflexo da

²² DONZELLINI, 2013, p. 20-35.

²³ DONZELLINI, 2013, p. 20

²⁴ STOTT, 2003, p. 30-45.

santidade e dos valores do Reino de Deus. Assim, o discípulo é chamado a emular a vida de Cristo, vivendo de maneira que represente a natureza do Reino, tanto em atitudes individuais quanto em interações sociais.

De acordo com Stott, as Bem-Aventuranças não devem ser vistas somente como promessas de recompensa futura, senão como padrão de comportamento a ser adotado no presente. Argumenta que essas declarações refletem os valores e a moralidade do Reino de Deus, oferecendo uma visão ética que se contrasta profundamente com os padrões do mundo. As qualidades descritas, como humildade, misericórdia, pureza de coração e pacificação, são apresentadas como virtudes fundamentais para quem deseja ser discípulo de Cristo. Enfatiza que, por meio dessas bem-aventuranças, Jesus não apenas descreve o que é bom, mas também estabelece um modelo para os seguidores de como viver de acordo com os padrões divinos:

O Sermão do Monte, portanto, deve ser considerado nesse contexto. Ele apresenta o arrependimento (o termo grego significa a “mudança completa de mentalidade”) e a justiça pertencentes ao Reino. Ou seja, descreve a aparência da vida e da comunidade dos homens sob o gracioso governo de Deus. E com o que ele se parece? Com algo bastante diferente! Jesus afirmou que seus verdadeiros seguidores, os súditos do Reino de Deus, devem ser totalmente diferentes dos demais. Eles não deveriam seguir o exemplo das pessoas à sua volta, mas deveriam imitá-lo e, desse modo, provar sua identidade de filhos genuínos de seu Pai celestial. A meu ver, o texto-chave do Sermão do Monte é Mateus 6.8: “Não sejam iguais a eles”. Ele remete, de imediato, às palavras de Deus a Israel, registradas em Levítico 18.3: “Não sigam as suas práticas”. Trata-se do mesmo chamado para ser diferente. E o tema é elaborado ao longo de todo o Sermão do Monte (STOTT, 2003, p.30-45).

Na contramão do que propõe Stott, está Frecheiras, que, em sua tese de doutorado, abordou o tema da ética de Jesus no contexto das Bem-aventuranças, à luz da Teologia Moral em paradigma pós-conciliar (se referindo, evidentemente, ao Concílio Ecumênico Vaticano II). Para a autora, apesar das Bem-aventuranças serem entendidas em termos de formação de caráter e virtude, e ser a ética o comportamento que se espera de um discípulo de Cristo, as Bem-aventuranças não são meramente princípios éticos ou ponto de partida, porque tal entendimento limitaria seu fim último, que é teológico.²⁵

A centralidade de Cristo nas Bem-Aventuranças é outro aspecto destacado por Stott, posto que cada virtude reflete característica fundamental de sua própria vida. A humildade, por exemplo, é vista em Cristo de maneira notável, como quando se fez servo de todos, apesar de sua posição divina. A misericórdia de Cristo, que se manifesta no perdão e

²⁵ FRECHEIRAS, 2022, p. 194-197.

compaixão pelos pecadores, é outra característica central que os discípulos devem refletir em suas próprias vidas. Assim sendo, as Bem-Aventuranças não só apontam para um ideal moral, mas para a imitação do próprio Cristo, base de toda a vida ética do cristão.²⁶

O padrão ético das Bem-Aventuranças é, portanto, um convite para que os discípulos vivam a santidade de Deus em seu cotidiano. As qualidades mencionadas em Mt 5,3-12 são virtudes a serem cultivadas, não apenas em momentos de culto ou devoção pessoal, porém, em todas as interações com os outros, criando uma cultura de amor, paz e justiça. A ética das Bem-Aventuranças se torna, então, uma ética relacional, que reflete o caráter de Cristo nas relações humanas, nas escolhas diárias e na forma como cada discípulo se comporta no mundo. Betto se manifestou a esse aspecto, como já mencionado.²⁷

Apesar da profundidade e aplicabilidade ética das Bem-Aventuranças, a análise de Stott não explora suficientemente o papel comunitário dessas virtudes dentro do contexto eclesial. Embora o foco principal de sua análise seja a vivência individual do discípulo, é importante reconhecer que a ética proposta por Jesus também possui uma dimensão coletiva. O ensino das Bem-Aventuranças vai além da transformação do indivíduo e contempla a construção de uma comunidade cristã que vive esses valores de maneira corporativa.²⁸

O próprio contexto do Sermão da Montanha, onde as Bem-aventuranças foram inseridas, sugere que o discípulo de Cristo não vive sua fé de maneira isolada, mas em comunhão com outros irmãos e irmãs na fé. Passagens diversas, presentes em Atos dos Apóstolos (At 2,44-45) e na carta aos Filipenses (Fl 2,1-4), destacam a importância da vida comunitária cristã, onde as virtudes descritas nas Bem-Aventuranças são vividas coletivamente, ajudando a formar uma igreja que seja reflexo do Reino de Deus. Assim, a ética das Bem-Aventuranças deve ser entendida como ética que regula as relações no interior da comunidade cristã, chamando todos a viver em unidade, serviço mútuo e amor fraternal. FEE dá o tom sobre a importância de se abordar Filipenses em consonância com o evangelho: “a urgência última desta carta é o evangelho, que nesta carta toma a forma de ‘o avanço do evangelho’: o relacionamento de Paulo com os filipenses é descrito da perspectiva da ‘participação/parceria no evangelho’”.²⁹

²⁶ FRECHEIRAS, 2022, p. 195.

²⁷ BETTO, 2024, pp. 17-27.

²⁸ BETTO, 2024, p. 19.

²⁹ FEE, 2022, p. 35-39.

Além da análise de Stott, outros estudiosos também têm abordado as Bem-Aventuranças sob uma perspectiva ética. Dentre esses, destaca-se Bonhoeffer, que, em sua obra *Discipulado*, afirma que o Sermão da Montanha representa o modelo ético absoluto para a vida cristã.³⁰ Bonhoeffer argumenta que as Bem-Aventuranças não devem ser interpretadas como normas irrealizáveis ou apenas uma idealização do Reino de Deus, por exigirem um compromisso concreto com a radicalidade do discipulado. Para ele, seguir os ensinamentos de Jesus, como exposto nas Bem-Aventuranças, exige transformação profunda do coração e da vida do discípulo, desafiando a moralidade social e exigindo uma postura ética que, muitas vezes, está em conflito direto com os valores do mundo.

A partir dessas perspectivas, pode-se concluir que a ética das Bem-Aventuranças não só consiste num chamado ao comportamento individual ético, ao proporem a transformação radical de toda a sociedade, que reflete os valores do Reino de Deus. Essa ética exige dos discípulos não tanto a conformidade externa, quanto a mudança interna que os torne agentes ativos na construção de uma comunidade fiel ao ensino de Jesus.³¹

1.5 Perspectiva cultural e semântica

A respeito do contexto cultural e semântico do tema em questão, Pennington enfoca as nuances linguísticas e culturais das Bem-Aventuranças, explorando seu relacionamento com o Judaísmo do Segundo Templo.³² Destaca o uso do termo grego *makarios* (“bem-aventurado”), que deve ser entendido não apenas como “feliz”, mas como um estado de bênção divina, que reflete um favor especial de Deus. Conforme ele, as Bem-Aventuranças são um manifesto de identidade para os discípulos, oferecendo um novo significado de felicidade que desafia os conceitos culturais e religiosos da época. Analisa, também, a estrutura literária do texto, que se inspira na literatura sapiencial judaica, e sugere que essa estrutura reforça a vocação dos discípulos para viver de acordo com os valores do Reino de Deus. Ao compreender as Bem-Aventuranças como proposta de verdadeira felicidade e vocação, considera o texto como marco de transformação pessoal e comunitária.

Além disso, outros estudiosos, como France, complementam essa abordagem semântica ao destacar o impacto cultural das Bem-Aventuranças na sociedade judaica.³³

³⁰ BONHOEFFER, 1959, p. 52.

³¹ BONHOEFFER, 1959, p. 52.

³² PENNINGTON, 2017, p. 137-161.

³³ FRANCE, 2007, p. 180-188.

Observa que a palavra *makarios* era tradicionalmente associada a uma felicidade ligada ao *status* social e a um favor divino inatingível. Jesus, ao usar esse termo, redefine o conceito de felicidade, ligando-a diretamente a atitudes humildes e à dependência de Deus. Para ele, ser *bem-aventurado* não é questão de *status* ou riqueza; exige seguir os valores do Reino, que subvertem as normas sociais e culturais. Assim, as Bem-Aventuranças são mais do que uma visão; apresentam uma crítica direta à estrutura social da época, onde a verdadeira felicidade e bênção de Deus são encontradas nas virtudes do Reino, como humildade, misericórdia e pureza.

A esse respeito, o teólogo Keller explora, em muitas de suas obras, sendo *Deuses falsos* a mais emblemática, como a cultura e os valores nefastos mundanos do século XXI comprometem a perspectiva mais ampla e futura do Reino de Deus e a vivência daquilo que realmente importa, e onde todas as esperanças devem estar depositadas: em Jesus Cristo.³⁴ O sucesso, o dinheiro, o poder e o *status* iludem e desfocam a perspectiva daquilo que oferecem as Bem-Aventuranças, a tal ponto que, conforme o próprio Keller, tais valores não somente suprimem o verdadeiro Evangelho, como se tornam verdadeiros ídolos – aquilo que é colocado no lugar de Deus. Sobre os deuses falsos e ídolos na sociedade hodierna, Keller afirma:

Nossa sociedade contemporânea não difere muito dessas antigas. Cada cultura é dominada por um conjunto próprio de ídolos. Cada uma tem seu “sacerdócio”, seus totens e rituais. Cada uma tem seus santuários — sejam torres de escritórios, sejam spas e academias de ginásticas, sejam estúdios, sejam estádios — onde sacrifícios devem ser oferecidos com o intuito de alcançar as bênçãos de uma boa vida e evitar desastres. O que são os deuses da beleza, do poder, do dinheiro e da realização, senão as mesmas coisas que assumiram dimensões míticas em nossa vida individual e em nossa sociedade? Talvez não dobremos os joelhos diante da estátua de Afrodite, mas muitas jovens hoje entram em depressão e enfrentam transtornos alimentares por causa de uma preocupação obsessiva com a imagem corporal. Podemos não queimar incenso a Ártemis, mas quando o dinheiro e a carreira profissional são elevados a proporções cósmicas, realizamos uma espécie de sacrifício de crianças, negligenciando a família e a comunidade para alcançar posição mais elevada nos negócios e obter mais riqueza e prestígio (KELLER, 2018, p. 13-14).

Portanto, para enriquecer a perspectiva cultural e semântica, seria necessário um aprofundamento sobre como essas virtudes podem ser vividas em uma sociedade que continuamente redefine o que significa ser “bem-aventurado”. Integrar uma reflexão sobre as implicações sociais e políticas das Bem-aventuranças poderia tornar essa perspectiva

³⁴ KELLER, 2018, p. 65-89.

mais relevante para os desafios atuais, tornando-as um modelo de vida transformador, não apenas individualmente, mas também social e comunitariamente.³⁵

1.6 Perspectiva sociolinguística

No contexto deste tópico, Santos realiza uma análise sociolinguística das Bem-Aventuranças, destacando o contexto político e histórico das palavras de Jesus dentro da comunidade judaica do primeiro século.³⁶ Propõe que as Bem-Aventuranças, como discurso oral, são exemplos da pedagogia carismática dos itinerantes do Cristianismo Primitivo, uma tradição de ensino oral que se enraizou na prática pedagógica de Jesus e seus seguidores. Santos enfatiza que as preleções de Jesus, especialmente as Bem-Aventuranças, refletem o “*ethos*” da comunidade, ou seja, o caráter coletivo e a maneira de se portar que a comunidade cristã primitiva esperava de seus membros. O termo grego *makarios*, traduzido como “bem-aventurado”, é analisado em seu sentido teológico e como indicador de identidade e pertencimento a um grupo que se distingue pelas virtudes subversivas do Reino de Deus.³⁷

Em sua análise, Santos também destaca como a oralidade das Bem-Aventuranças se conectam com a transmissão de valores e normas de uma comunidade carismática e em movimento, que se baseava na autoridade da palavra falada para formar e consolidar sua identidade. A ênfase na fala e no ensino direto, em vez da escrita formal, caracteriza a pedagogia de Jesus e suas implicações sociais. As Bem-Aventuranças são um reflexo da prática de Jesus que utiliza a oralidade para estabelecer uma nova ética social, convidando seus seguidores a adotar um modo de vida radicalmente diferente das normas sociais da época.³⁸

Além disso, segundo análise de Strauss, a oralidade das Bem-Aventuranças torna-se uma técnica pedagógica eficaz, em que Jesus utiliza a repetição e a formulação simples para garantir que suas mensagens sejam lembradas e transmitidas com clareza, como abordado exaustivamente em tópico anterior. Sugere que a estrutura repetitiva das Bem-Aventuranças seja um reflexo da pedagogia de Jesus, projetada para facilitar a memorização e a internalização das virtudes do Reino de Deus.³⁹

³⁵ KELLER, 2018, p. 69.

³⁶ SANTOS, 2010, p. 5.

³⁷ SANTOS, 2010, p. 15.

³⁸ SANTOS, 2010, p. 21.

³⁹ STRAUSS, 2007, p. 334-342.

A (sócio)linguística, a partir da perspectiva de Bakhtin, conforme expresso por Souza, também enfatiza a importância de ter alguém com quem dialogar no processo comunicativo e quem vem a ser essa pessoa é importante, quando no curso da comunicação. A respeito deste aspecto acerca da comunicação e da importância de enunciados, propõe:

Os destinatários exercem influência significativa no processo comunicativo [...] ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado [...] sob a influência do destinatário e de sua presumida resposta o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita [...] assim, o enunciado é concebido como unidade do discurso, consegue condicionar diretamente uma atitude responsiva ativa [...] uma unidade efetiva de comunicação verbal (SOUZA, 2010, p. 107).

1.7 Debates atuais e controvérsias

As Bem-Aventuranças de Mt 5,3-12 têm gerado uma série de debates e controvérsias dentro da teologia contemporânea. Cada uma das perspectivas discutidas – transformadora, pedagógica, ética, cultural e sociolinguística – contribui para uma compreensão multidimensional das declarações de Jesus. Contudo, as questões atuais emergem principalmente da tentativa de aplicar os ensinamentos de Jesus às realidades do discipulado moderno. Entre os debates mais significativos estão a tensão entre universalidade e contextualidade, bem como a relação entre as Bem-Aventuranças e a Lei Mosaica, tópicos que se entrelaçam com as abordagens anteriores.

1.7.1 Universalidade *versus* contextualidade

Uma das questões centrais que surge da interpretação das Bem-Aventuranças é se são universais, ou seja, aplicáveis a todos os cristãos e cristãs, em qualquer tempo e lugar, ou se são direcionadas especificamente a um contexto histórico e cultural particular. No debate contemporâneo, teólogos como Moltmann argumentam fortemente que as Bem-Aventuranças devem ser contextualizadas para serem plenamente compreendidas e aplicadas ao discipulado moderno.⁴⁰ Destaca a importância de se considerar o contexto sociopolítico e cultural do primeiro século, no qual as palavras de Jesus foram pronunciadas, para se evitar uma aplicação anacrônica das Bem-Aventuranças.

Essa posição dialoga diretamente com a perspectiva cultural e semântica, que enfatiza a necessidade de uma leitura histórica e linguística cuidadosa do texto, como

⁴⁰ MOLTSMANN, 1997, p. 77-95.

apontado por Pennington, neste capítulo. Sua análise do uso dos termos gregos, como *makarios*, e a estrutura literária, revela que as Bem-Aventuranças não foram criadas para ser uma fórmula de felicidade universal, senão expressão de identidade radicalmente nova, formulada em um contexto específico de opressão e marginalização.⁴¹

Por outro lado, autores como Wright enfatizam que, apesar do paradigma específico, o conteúdo das Bem-Aventuranças carrega em si uma mensagem atemporal e universal, que transcende o contexto original e permanece sendo aplicável ao discipulado de Cristo, em qualquer época, conforme reforçado, em tópicos anteriores. A tensão entre universalidade e contextualidade sugere que, para se compreender as Bem-Aventuranças em sua totalidade, deve-se considerar tanto sua relevância histórica quanto sua aplicação contemporânea. A perspectiva pedagógica, também, contribui para essa discussão ao destacar que, embora o ensino de Jesus estivesse profundamente enraizado na cultura judaica do Segundo Templo, tinha como objetivo formar um discipulado que não se limitasse a um contexto histórico específico, mas fosse aplicável a todas as gerações.⁴²

1.7.2 Relação com a Lei Mosaica

Outro debate importante gira em torno da interação das Bem-Aventuranças com a Lei Mosaica. Este é um ponto de reflexão que remete à perspectiva ética, de acordo com o que foi exposto e vem a ser fruto de reflexões e da obra do teólogo Stott, que aborda as Bem-Aventuranças como modelo normativo de comportamento cristão. Sugere que cada Bem-aventurança reflete os valores do Reino de Deus e os padrões éticos que os discípulos devem seguir. No entanto, a relação entre tais valores e a Lei Mosaica é deveras complexa. Para alguns teólogos, as Bem-Aventuranças não invalidam a Lei, antes a completam, proporcionando uma nova maneira de entender o discipulado. Alguns desses autores de referência que embasam este pensamento são os seguintes teólogos católicos: Guardini, que no livro *O Senhor*, coloca as Bem-aventuranças como sendo um convite a uma nova existência, onde a Lei Mosaica passa a se transformar em caminho de comunhão com Deus, a ser vivida em liberdade;⁴³ Ratzinger, na obra magna *Jesus de Nazaré*, explica que Jesus não abole a Lei, antes a leva à plenitude, revelando sua dimensão mais profunda, como

⁴¹ MOLTSMANN, 1997, p. 95.

⁴² WRIGHT, 2014, p. 35-76.

⁴³ GUARDINI, 2021, p. 455-562.

caminho para a santidade;⁴⁴ também Balthasar, que enfatiza que o discipulado cristão implica adesão total a Cristo e seu projeto, conseqüentemente, manifestando o espírito da Lei como amor radical e entrega a Deus nas Bem-aventuranças.⁴⁵

Na linha do que fora exposto, há certa tensão entre o povo da época de Jesus e a Lei Mosaica, enfatizando a forma como ela viria a ser interpretada por Jesus e seus discípulos e vivida pelos fariseus, como evidenciado no livro de Betto:

Naquela comunidade havia conflito entre os judeus fariseus, fundamentalistas, muito apegados à Lei, e os judeus cristãos, convencidos de que Jesus era o novo Moisés e havia ultrapassado a Lei ao centrar sua pregação no Reino de justiça que Deus manifestara através da prática e das palavras de seu Filho. É óbvio, no relato de Mateus, que ele lidou com comunidades que, à luz de Jesus, reliam as Escrituras com outra ótica. Não pense que o apóstolo Mateus, inspirado em Marcos, teve a ideia de também escrever sobre Jesus e, como eu ao preparar este livro, reservou tempo em sua agenda para fazê-lo. Os evangelhos não são propriamente obras dos autores que os assinam. Resultam de relatos transmitidos nas comunidades primitivas, “retalhos” colhidos aqui e ali e que, sincronizados, formaram perícopes “coladas” pelos autores (BETTO, 2024, p. 7).

Allison, em sua investigação sobre a relação entre as Bem-Aventuranças e a Lei, propõe que Jesus não veio para abolir a Lei.⁴⁶ Seu objetivo foi reformulá-la, conduzindo-a a um novo patamar de radicalidade. Para ele, as Bem-Aventuranças não estão em oposição à Lei Mosaica, porque oferecem uma interpretação mais profunda e transformadora de seus princípios. Esse paradigma reflete a tensão que aparece nas discussões sobre a perspectiva transformadora. As Bem-Aventuranças são vistas como subversão das normas sociais e religiosas, reformulando o que significa viver de acordo com a vontade de Deus, sem, entretanto, negar a validade da Lei.

A perspectiva sociolinguística, como abordada neste capítulo, fruto do pensamento de Santos, também é relevante para esse contexto, pois, ao destacar a oralidade e o caráter carismático do movimento cristão primitivo, contribui para o entendimento de como a mensagem de Jesus foi transmitida de maneira eficaz, com uma radicalidade que, muitas vezes, desafiava as normas estabelecidas pela Lei Mosaica. Ao usar uma linguagem acessível e profundamente conectada com a vida cotidiana, as Bem-Aventuranças tornaram-se não apenas ensino ético, mas convite à transformação social e, que se distanciava das práticas religiosas convencionais da época, causando estranhamento aos adeptos mais conservadores e rígidos dos fundamentos expostos na Lei Mosaica.

⁴⁴ RATZINGER, 2017, p. 221-277.

⁴⁵ BALTHASAR, 2009, p. 154-188.

⁴⁶ ALLISON, 2014, p. 41-57.

1.7.3 Implicações para o discipulado contemporâneo

Esses debates apontam para a necessidade de um equilíbrio entre a universalidade da mensagem de Jesus e a necessidade de contextualização das Bem-Aventuranças. O discípulo contemporâneo deve, portanto, ser sensível tanto ao contexto histórico do ensinamento de Jesus quanto à sua aplicabilidade em um mundo que continua a ser marcado por desigualdades sociais, tensões políticas e necessidades espirituais profundas, uma vez que “ser cristão é ser discípulo de Jesus até morrer. O treinamento de discipulado é ação prática, intencional e com o propósito de levar todo cristão à maturidade; o objetivo final do discipulado é tornar o crente semelhante a Jesus no caráter e no comportamento”.⁴⁷ Isso implica um discipulado que não apenas se baseia em valores éticos, mas que também está disposto a vivenciar a subversão social proposta por Jesus, refletindo na vida cotidiana as virtudes descritas nas Bem-Aventuranças, como a humildade, a misericórdia, a pureza de coração e a paz. A esse respeito, Bonhoeffer faz contribuições valiosas, como explanado em outro tópico, e melhor desenvolvido mais adiante.⁴⁸

Alguns expoentes elaboraram trabalhos que precisam ser mencionados, a respeito das implicações das Bem-aventuranças para o discipulado contemporâneo, são eles: Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (Sobre a chamada à santidade no mundo atual), declara que as Bem-aventuranças são a carta magna da santidade e um desafio concreto para a vivência da dimensão do discipulado no século XXI;⁴⁹ outro expoente é o franciscano que foi por muitos anos Pregador da Casa Pontifícia, o cardeal Cantalamessa, aborda as Bem-aventuranças como um molde da idade e da missão da igreja no mundo atual, ao enfatizar a dimensão interior e contemplativa do discipulado, sem negligenciar o compromisso com os pobres e necessitados.⁵⁰

Além disso, a relação das Bem-Aventuranças com a Lei Mosaica levanta a questão de como os cristãos devem entender e viver a Lei no Novo Testamento. As Bem-Aventuranças, longe de anularem a Lei, propõem uma maneira de viver que ultrapassa o legalismo e se aproxima de uma verdadeira transformação interna e externa, algo que deve ser profundamente considerado no contexto de discipulado na igreja contemporânea.

⁴⁷ CASIMIRO, 2024, p. 5.

⁴⁸ BONHOEFFER, 2016, p. 50-58.

⁴⁹ FRANCISCO, 2018, p. 23-35.

⁵⁰ CANTALAMESSA, 2007, p. 44-55.

1.8 Lacunas e perspectivas

As perspectivas analisadas neste capítulo – ética, pedagógica, transformadora, cultural, semântica e sociolinguística – oferecem contribuições importantes para a compreensão das Bem-Aventuranças e suas implicações no discipulado cristão. No entanto, há uma lacuna significativa nas abordagens existentes, particularmente no que diz respeito à aplicação das Bem-Aventuranças como base para um modelo cristocêntrico de discipulado. Embora os temas propostos tenham tratado das Bem-Aventuranças sob diferentes ângulos, nenhum deles fornece uma integração prática e holística que sirva como um modelo vivo para o discipulado na igreja contemporânea. Essa integração é crucial para que as Bem-aventuranças se tornem fundamento dinâmico e transformador para a vida dos cristãos nos dias de hoje, pois assim deve ser, como é proposto pelo Papa Francisco: “as bem-aventuranças contêm o ‘bilhete de identidade’ do cristão, porque delineiam o rosto do próprio Jesus, seu estilo de vida [...] conduzem-nos à alegria, sempre; são o caminho para alcançar a alegria.”⁵¹

A pesquisa aqui proposta busca preencher essa lacuna ao integrar as dimensões ética, transformadora e pedagógica, considerando não apenas os aspectos doutrinários, como também os efeitos práticos no comportamento diário dos discípulos. Por exemplo, a perspectiva ética de Stott, que enxerga as Bem-Aventuranças como guia para uma vida cristã autêntica, deve ser conjugada com a perspectiva pedagógica de Oliveira, que focaliza o modo como Jesus usou uma metodologia de ensino sequencial e intencional para gerar reflexão profunda nos ouvintes. Essa integração proporcionaria um modelo de discipulado não só ético, mas, também, educacional, no qual a transformação interna dos discípulos se reflete em sua ação no mundo, alinhada com os valores do Reino de Deus.⁵²

1.8.1 Lacunas significativas na literatura

Apesar da vasta produção acadêmica sobre as Bem-Aventuranças, ainda existem várias lacunas que precisam ser exploradas. Como as Bem-Aventuranças moldam a identidade emocional e social dos cristãos? Quais são os efeitos desses ensinamentos nas

⁵¹ FRANCISCO, 2021, p. 4.

⁵² OLIVEIRA, 2017, p. 5-8.

práticas cotidianas de vida comunitária e nas dinâmicas relacionais dentro da igreja? Essas são perguntas que ainda precisam de respostas mais aprofundadas.

Outra lacuna que merece atenção diz respeito à diversidade cultural e à interpretação contextual das Bem-Aventuranças. O cristianismo global é imensamente diverso, e diferentes culturas podem entender e aplicar as Bem-Aventuranças de maneiras distintas. Embora a pesquisa de Pennington tenha destacado as nuances linguísticas e culturais da perícopes evangélica, seria valioso investigar como diferentes tradições culturais cristãs, seja no Ocidente ou em outras partes do mundo, interpretam e aplicam esses ensinamentos. Como as Bem-Aventuranças são vividas em sociedades de maioria muçulmana, budista ou secular? Existe uma diferença na forma como as comunidades do Oriente Médio, da África ou da Ásia compreendem o conceito de “bem-aventurança” em relação às sociedades ocidentais? Essas questões são de grande importância, pois podem fornecer um entendimento mais profundo de como o Reino de Deus é compreendido e praticado ao redor do mundo, contribuindo para uma teologia global mais inclusiva, abrangente e fidedigna.⁵³

Além disso, outra lacuna importante está relacionada à avaliação e eficácia das Bem-Aventuranças na formação de comunidades cristãs autênticas. A ética proposta por Jesus nas Bem-Aventuranças exige uma transformação interna, como também se reflete nas ações externas dos discípulos. Como essas virtudes são vividas de maneira prática nas comunidades contemporâneas? As igrejas de hoje conseguem formar comunidades em que as Bem-Aventuranças são realmente um modelo de vida? Quais são os obstáculos para a implementação efetiva dos princípios de Cristo nas práticas diárias da igreja? Essas são questões cruciais para os estudos futuros, uma vez que a eficácia das Bem-Aventuranças na formação de comunidades de discípulos autênticos continua sendo um desafio para a prática pastoral.

1.8.2 Contribuições e perspectivas

O tema da dissertação continua sendo um campo fértil para pesquisa e reflexão. A integração das várias perspectivas discutidas neste capítulo oferece uma base sólida para um entendimento mais profundo das Bem-Aventuranças, ao mesmo tempo em que dá margem e abre caminho para investigações futuras que podem enriquecer ainda mais a compreensão do discipulado cristão. As pesquisas podem, por exemplo, explorar como a

⁵³ PENNINGTON, 2017, p. 25-36.

aplicação prática das Bem-Aventuranças influencia o comportamento moral e dos cristãos, e como essa aplicação pode ser modelada para atender as necessidades do discipulado contemporâneo. Além disso, a pesquisa poderia considerar como os estudos sobre as Bem-Aventuranças podem ser integrados em práticas de formação nas igrejas, preparando melhor os cristãos para viverem a ética do Reino de Deus de maneira mais eficaz.

A relevância duradoura do ensino de Jesus continua sendo um tema central na teologia contemporânea. O estudo das Bem-Aventuranças oferece não apenas uma compreensão ética e transformadora, como também se torna um convite à prática do discipulado que, longe de ser uma ideia abstrata, exige um comprometimento pessoal e comunitário. O campo de pesquisa aberto por esta dissertação oferece um vasto e amplo horizonte de possibilidades para aprofundar o significado das Bem-Aventuranças e sua aplicação nas comunidades cristãs ao redor do mundo.

O próximo capítulo aprofundará a dimensão prática de trabalho das Bem-aventuranças, explorando aquilo que se delineia no texto de Mt 5,3-12 em matéria de abordagem exegética, desde a tradução e delimitação da perícopa mateana às análises necessárias, a saber: literária, crítico-textual, lexicográfica, estilística e semântica, de modo a preencher algumas das lacunas e perspectivas abordadas no tópico anterior.

2. ABORDAGEM EXEGÉTICA

A incorporação de diferentes perspectivas amplia significativamente a profundidade e a consistência desta proposta de estudo, pois oferece uma base sólida sobre a qual se pode construir uma compreensão mais abrangente do tema. O capítulo anterior teve justamente esse papel introdutório, ao apresentar uma leitura multifacetada das Bem-aventuranças por meio de lentes política, transformadora, pedagógica, ética, cultural, semântica e sociolinguística. Esse movimento preparatório não apenas enriquece o percurso investigativo, mas também abre espaço para que a abordagem exegética se desenvolva com maior clareza e profundidade. A exegese bíblica, por sua vez, surge como ferramenta essencial nesse processo, por buscar interpretar criticamente o texto sagrado à luz de seu contexto original — considerando os aspectos históricos, culturais, linguísticos e literários que o moldaram.

No caso de Mt 5,3-12, essa leitura atenta permite acessar a riqueza teológica e ética contida nessas palavras de Jesus, oferecendo chaves de leitura que vão além da superfície e desvelam o coração do ensinamento do Reino presente no Sermão do Monte — tratando do contexto do texto em si. Afinal, é necessário entender, a respeito da exegese, que ela consiste em “estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil. A exegese é uma tarefa teológica, mas não mística. Existem certas regras básicas e padrões sobre como fazê-la.”¹

A abordagem exegética identifica o pano de fundo histórico e cultural em que Jesus pronunciou as Bem-aventuranças. Esse estudo envolve a investigação das condições sociopolíticas da Palestina do século I, como a dominação romana, as tensões entre grupos religiosos judaicos (fariseus, saduceus, zelotes e essênios) e as expectativas messiânicas predominantes. Esses elementos ajudam a compreender como as Bem-aventuranças subvertem ideais comuns, promovendo valores humanos. Carson é quem evidencia isto, ao afirmar: “na Palestina da época de Jesus, abundavam as expectativas messiânicas. Nem todas elas eram coerentes, e muitos judeus esperavam por dois ‘Messias’ distintos. Mas a ligação que Mateus faz de ‘filho de Davi’ com ‘Cristo’ não deixa dúvida em relação ao que está afirmando”.²

¹ STUART; FEE, 2008, p. 12.

² CARSON, 2011, p. 84-85.

A Exegese também se preocupa com o exame do texto original, em grego *koiné*, considerando o significado preciso das palavras e expressões utilizadas. Por exemplo, o termo *makários* (traduzido como “bem-aventurado” ou “feliz”) implica condição de plenitude e bênção divina, distinta da felicidade meramente terrena. Além disso, a estrutura poética e paralelismos das Bem-Aventuranças são analisados para revelar a intenção pedagógica e estética de Jesus ao comunicar verdades profundas de maneira acessível e memorável. A respeito do termo em questão, Siedeliske diz o seguinte:

Apesar de ser uma forma literária comum tanto na literatura grega quanto na judaica, há muita discussão sobre o significado da expressão grega *makários*: algumas traduções optam por bem-aventurados, outras por felizes e, ainda, outras por abençoados. Logo abaixo serão analisadas essas e outras opções e quais as implicações de cada uma [...] entende-se que o homem verdadeiramente feliz é aquele que, pela fé, vive de acordo com as bem-aventuranças e desfruta das bênçãos recitadas por Cristo [...] o bem-aventurado é o discípulo que encontrou a perfeita felicidade, porque é abençoado e aprovado por Deus e participante do seu Reino, servindo como padrão e modelo de caráter para os seus semelhantes (SIEDELISKE, 2020, p. 31-32).

Para uma abordagem exegetica de textos bíblicos, existe uma variedade de opções bibliográficas na língua portuguesa. As estruturas de cada material são, à primeira vista, parecidas. O diferencial está nos caminhos que cada uma traça. Nesse sentido, a obra *Metodologia da Exegese Bíblica 2.0*, de Cássio Murilo Dias da Silva,³ é uma ferramenta indispensável para quem deseja fazer uma abordagem exegetica séria de perícopes bíblicas, por sua clareza ao apresentar conceitos complexos (acessível para teólogos e leigos), organização do percurso exegetico em etapas delineadas, inserção de ferramentas técnicas, lançando base hermenêutica sólida e destacando a importância de considerar o contexto histórico, cultural e literário de cada passagem, sem desconsiderar a aplicação prática da exegese ao ensino, na pregação (homilia) e na formação.

Na versão 2.0, o autor inclui orientações sobre o uso de recursos tecnológicos no trabalho exegetico. Ferramentas como software bíblico, bancos de dados acadêmicos e métodos digitais de análise textual são abordados, mostrando como integrar essas inovações ao estudo bíblico tradicional. Essa atualização é especialmente valiosa no contexto contemporâneo, em que o acesso a recursos digitais está amplamente facilitado. Trata-se de uma abordagem à exegese bíblica do futuro, como o próprio autor evidencia no livro.⁴

³ SILVA, 2022, p.250-335.

⁴ SILVA, 2022, p.257.

Finalmente, a abordagem exegetica não se limita ao contexto original do texto, mas também constrói uma ponte hermenêutica para a aplicação à contemporaneidade. As Bem-Aventuranças continuam a inspirar reflexões teológicas e éticas, em contextos diversos, como os debates sobre a justiça social, a pacificação e a vivência cristã, em um mundo pluralista. Assim, a exegese contribui para compreender como esses princípios podem ser vivenciados, hoje, mantendo-se fiéis à intenção original do texto. Silva, a respeito da interpretação bíblica, faz a seguinte colocação:

O século XX foi profundamente frutuoso e questionador no que se refere à interpretação bíblica: muitos métodos surgiram, firmaram-se, foram superados e/ou redefiniram seus pressupostos e seus objetivos. Com muitos manuais publicados na Europa e na América do Norte, a temática da Metodologia Bíblica não fez mais que dar tímidos passos no Brasil. É verdade que, nos últimos anos, é sempre maior, entre nós, o número de introduções e de comentários (traduzidos ou produzidos aqui) aos textos bíblicos [...] Além disso, as preocupações emergentes em nosso continente (pobreza, desemprego, desigualdades sociais), bem como as situações e os desafios de ordem mundial (nova situação da mulher, novas tecnologias, busca da superação de preconceitos raciais e religiosos), acabaram também condicionando nossa postura diante do texto bíblico, que é visto, cada vez mais, como paradigma para a caminhada do povo de Deus. Isso fez surgir, entre nós, certa reserva em relação aos métodos que se preocupam com o texto bíblico enquanto texto. A busca de conteúdos, isto é, de respostas para situações concretas, acabou por relegar a segundo plano o aspecto literário da Bíblia (SILVA, 2022, p. 12).

Para cumprir esse objetivo seguiram-se os seguintes passos: inicialmente, será feita a inserção e estudo do texto grego, seguida de sua delimitação. O próximo passo consistirá na segmentação do texto, que facilitará a análise da estrutura literária e a crítica textual, lexicográfica, sintática e estilística, se valendo do método exegetico histórico-crítico. Finalmente, se investigará se o texto é unitário ou compósito, estabelecendo-se uma comparação sinótica com o evangelho segundo Lucas (e breve menção a Marcos), a definição do gênero literário e a análise semântica. Tudo isso em consonância com a perspectiva exegetica e interpretativa de Silva.⁵

2.1 Crítica Textual do texto grego

A tabela que se segue apresenta o texto bíblico em discussão nesta dissertação, de forma paralela (português e grego contrastados). Trata-se de Mt 5,1-12, a saber, as Bem-

⁵ SILVA, 2022, p.257.

Aventuranças. O texto em língua portuguesa é tirado da tradução de João Ferreira de Almeida; a versão grega encontra-se na plataforma Deutsche Bibel Gesellschaft.⁶

Português	Grego
¹ E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos;	¹ Ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος, καὶ καθίσαντος αὐτοῦ προσῆλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ·
² E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:	² καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτοὺς λέγων·
³ Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus;	³ Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.
⁴ Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados;	⁴ μακάριοι οἱ πενθοῦντες, ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.
⁵ Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra;	⁵ μακάριοι οἱ πραεῖς, ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὴν γῆν.
⁶ Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos;	⁶ μακάριοι οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην, ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται.
⁷ Bem-aventurados os misericordiosos,	⁷ μακάριοι οἱ ἐλεήμονες,

⁶ DEUTSCHE BIBEL GESSELSCHAFT, 2023, p. 814.

porque eles alcançarão misericórdia;	ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.
⁸ Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus;	⁸ μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ, ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν ὄψονται.
⁹ Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus;	⁹ μακάριοι οἱ εἰρηνοποιοί, ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ θεοῦ κληθήσονται.
¹⁰ Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;	¹⁰ μακάριοι οἱ δεδιωγμένοι ἕνεκεν δικαιοσύνης, ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.
¹¹ Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.	¹¹ μακάριοί ἐστε ὅταν ὀνειδίσωσιν ὑμᾶς καὶ διώξωσιν καὶ εἴπωσιν πᾶν πονηρὸν καθ' ὑμῶν ψευδόμενοι ἕνεκεν ἐμοῦ.
¹² Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.	¹² χαίrete καὶ ἀγαλλιᾶσθε, ὅτι ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τοῖς οὐρανοῖς· οὕτως γὰρ ἐδίωξαν τοὺς προφῆτας τοὺς πρὸ ὑμῶν.

2.2 Delimitação do texto

A delimitação, o primeiro passo na exegese bíblica, consiste em definir claramente o texto a ser analisado. Esse processo envolve a seleção de uma unidade textual específica, que pode variar de um versículo a um capítulo ou mais. A delimitação se realizou considerando critérios relacionados ao contexto e estrutura, de modo a garantir que o trecho represente, de forma fidedigna, o objeto de estudo da proposição, permitindo análise extensa da perícopes, conforme estabelece Silva.⁷

O Sermão da Montanha, especificamente, está delimitado entre Mt 5–7. Os marcadores de início são a mudança de local e assunto. Em Mt 4,23-25, Jesus se encontra ensinando e curando na Galileia, na Decápole, em Jerusalém, na Judeia e na Transjordânia. Já no início do capítulo 5, o vemos subindo uma montanha (mudança de local) e começando um discurso (mudança de assunto).

O ponto de fechamento desta passagem é identificado por dois marcadores: temporal e espacial. O marcador temporal fica evidenciado em Mt 7,28-29, quando diz, de forma explícita, que ele “terminou essas palavras”. O marcador espacial em Mt 8,1, cujo texto inicia com a frase “ao descer da montanha”, indicativo de que ele mudou de lugar, portanto, a vida seguiu seu curso e o sermão foi finalizado, porque já estavam descendo da montanha – marcando um indicador espacial de transição e a passagem do ensino à prática, ou seja, encerrar sessões discursivas e introduzir nova narrativa, onde o verbo grego *teleō* (τελέω), simboliza a realização de algo iniciado com propósito determinado, demonstrando não apenas o final do discurso, como também a conclusão do ensino em si.⁸

Falando especificamente do objeto de estudo desta dissertação, as Bem-Aventuranças, a perícopes começa em Mt 5,1 e termina em Mt 5,12, e uma nova perícopes se inicia em Mt 5,13, numa clara mudança de assunto. Apesar de o discurso continuar, agora Jesus trata do tema “sal da terra e luz do mundo”, o que caracteriza, de forma inequívoca, a mudança do tema tratado.⁹

O texto inicia-se com uma introdução narrativa que situa geograficamente e tematicamente o discurso de Jesus: “vendo as multidões, Jesus subiu ao monte. E, tendo-se assentado, aproximaram-se dele os seus discípulos; e ele começou a ensiná-los, dizendo...” (Mt 5,1). Mt 5,12 encerra a lista das Bem-Aventuranças com uma exortação: “alegrem-se

⁷ SILVA, 2022, p. 47-68.

⁸ KITTEL; FRIEDRICH, 2013, p. 67.

⁹ SIEDELISKE, 2020, p. 27.

e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vocês”, vinculando as Bem-Aventuranças com a história dos profetas perseguidos, em forma de bênção. Tudo isto fica evidente no seguinte trecho:

Para delimitar a perícopes analisada, alguns critérios foram observados. Primeiro, percebe-se que houve uma mudança de espaço, pois Jesus muda de “toda a Galileia” (Mt 4.23-25) para um monte (5.1); e, consequentemente, há uma mudança de estilo, pois o texto salta de uma narrativa para um discurso de Jesus. Por fim, nota-se uma mudança de assunto: em Mateus 4.23-25 são narrados o ensino e as curas de Jesus pela Galileia; já em 5.1-2 é introduzido o Sermão do Monte; o tema das bem-aventuranças se estende do verso 3 até o 12; e, em seguida, Jesus muda de assunto novamente falando sobre o sal da terra e luz do mundo (v. 13-16) (SIEDELISKE, 2020, p. 26).

O uso reiterado da fórmula “bem-aventurados” (grego: *makarioi*) estrutura a passagem em oito declarações principais (ou nove, dependendo da interpretação). Essa repetição distingue, claramente, a perícopes das Bem-Aventuranças das outras partes do discurso. Cada Bem-aventurança contém uma bênção e uma promessa escatológica (por exemplo, “porque deles é o Reino dos Céus”), de modo a fortalecer a coesão interna do texto e delimitá-lo como unidade literária. A referência ao Reino, nos versículos 3 e 10 (os únicos no tempo presente), funciona como “*inclusio*”, ao destacar o início e o fim do texto como parte de uma unidade temática. Como se diz, “utilizadas em provérbios que expressam a estima ou a reprovação por uma conduta ou coisa, fazem-nos saber qual escala de valores era comum no tempo dos sábios [...] macarismo: provérbios com fórmula de bem-aventurança: Pr 14,21; 16,20; 20,7.”¹⁰

A delimitação de Mt 5,1-12 é clara devido a elementos literários, estruturais e temáticos que o distinguem dentro do Sermão da Montanha. A introdução narrativa que apresenta o cenário e o público, passando pela estrutura repetitiva das declarações de bênção, até à mudança temática no versículo 13, apontam para a unidade da perícopes das Bem-Aventuranças como seção autônoma dentro do Evangelho mateano.

2.3 Segmentação

¹⁰ SILVA, 2022, p. 199.

Após a delimitação, a segmentação dividirá o texto em partes menores para facilitar sua análise. A segmentação será feita de acordo com a estrutura literária, os temas abordados, ou os elementos narrativos. Esta etapa é crucial para a identificação das unidades de sentido dentro do texto, possibilitando uma interpretação mais precisa e organizada, de acordo com a sequência do texto bíblico.

v.		Segmentação	Grego
1	A	E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte,	Ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος,
	B	e, assentando-se	καὶ καθίσαντος
	C	aproximaram-se dele os seus discípulos	αὐτοῦ προσῆλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ·
2	A	e abrindo a sua boca	καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα
	B	os ensinava	ἐδίδασκεν αὐτοὺς
	C	Dizendo:	Λέγων
3	A	Bem-aventurados os pobres de espírito,	Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι,
	B	porque deles é o reino dos céus;	ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.
4	A	Bem-aventurados os que choram,	μακάριοι οἱ πενθοῦντες,
	B	porque eles serão consolados;	ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.
5	A	Bem-aventurados os mansos,	μακάριοι οἱ πραεῖς,
	B	porque herdarão a terra;	ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.
6	A	Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça	μακάριοι οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην,
	B	porque eles serão fartos;	ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται.
7	A	Bem-aventurados os misericordiosos,	μακάριοι οἱ ἐλεήμονες,
	B	porque eles alcançarão misericórdia;	ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.
8	A	Bem-aventurados os limpos de coração,	μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ,
	B	porque eles verão a Deus;	ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν ὄψονται.

9	A	Bem-aventurados os pacificadores,	μακάριοι οἱ εἰρηνοποιοί,
	B	porque eles serão chamados filhos de Deus;	ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ θεοῦ κληθήσονται.
10	A	Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça,	μακάριοι οἱ δεδιωγμένοι ἕνεκεν δικαιοσύνης,
	B	porque deles é o reino dos céus.	ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.
11	A	Bem-aventurados sois vós,	μακάριοί ἐστε ὅταν
	B	quando vos injuriarem e perseguirem e,	ὀνειδίσωσιν ὑμᾶς καὶ εἴπωσιν
	C	mentindo,	Ψευδόμενοι
	D	disserem todo o mal contra vós por minha causa.	καὶ διώξωσιν πᾶν πονηρὸν καθ' ὑμῶν ἕνεκεν ἐμοῦ.
12	A	Exultai	χαίρετε
	B	e alegrai-vos,	καὶ ἀγαλλιᾶσθε,
	C	porque é grande o vosso galardão nos céus;	ὅτι ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τοῖς οὐρανοῖς·
	D	Porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.	οὕτως γὰρ ἐδίωξαν τοὺς προφῆτας τοὺς πρὸ ὑμῶν.

2.4 Análise da estrutura literária

Mt 5,1-12 introduz o Sermão da Montanha, estabelecendo os valores fundamentais do Reino dos Céus. Sua composição literária revela uma estrutura cuidadosamente planejada. Silva, em seu trabalho sobre a exegese, reforça tal composição literária.¹¹

A passagem apresenta três seções principais, a saber:

1. Introdução narrativa (vv. 1-2): situa o contexto e estabelece o cenário do ensino de Jesus.

¹¹ SILVA, 2020, p. 199-200.

2. As oito (ou nove) Bem-Aventuranças (vv. 3-10): uma lista estruturada de declarações sobre os bem-aventurados, com as promessas correspondentes.

3. Exortação final (vv. 11-12): aplicação pessoal que amplia o tema da perseguição e une os ouvintes à tradição profética.

A introdução narrativa em Mt 5,1-2 situa o contexto geográfico e ministerial do ensino de Jesus. A referência a Jesus “subindo ao monte” evoca paralelos com Moisés no Sinai, apresentando-o como o novo legislador divino, conforme diversas passagens bíblicas veterotestamentárias (Ex 19,3; 24,12; Dt 18,15; Is 2,2-3; Jr 31,31-34; Ez 36,26-27), enquanto a aproximação dos discípulos reforça a intenção de direcionar o ensino primariamente àqueles que o seguem, mesmo com a presença das multidões. Essa introdução estabelece um cenário que aponta para a autoridade de Jesus como mestre e a importância do que será exposto no discurso.

As Bem-Aventuranças, contidas em Mt 5,3-10 apresentam-se como uma lista estruturada de declarações que seguem um padrão estilístico. Cada Bem-aventurança é composta por uma introdução, com a fórmula “bem-aventurados” (*makarioi*), seguida pela descrição do grupo destinatário e uma promessa correspondente, introduzida pela conjunção causal *hoti* (“porque”). A estrutura simétrica e paralela dessas declarações não apenas confere unidade literária ao texto, como também facilita a memorização e enfatiza os valores contraculturais do Reino dos Céus. As promessas comportam uma escatologia presente e futura, evidenciada pela *inclusio* dos versículos 3 e 10, onde a expressão “porque deles é o Reino dos Céus” aparece no tempo presente, delimitando a seção e destacando o caráter central do Reino como tema unificador, como evidencia Bridges.

Além disso, percebe-se uma progressão temática ao longo das declarações. O texto começa com circunstância de natureza, como “os pobres em espírito” (v. 3), passa por virtudes relacionais, como a misericórdia (v. 7), e culmina em uma perspectiva escatológica, presente na perseguição por causa da justiça (vv. 10-12).

Os versículos 11 e 12 concluem a passagem e introduzem uma exortação direta que personaliza e intensifica o conteúdo anterior. Ao mudar para a segunda pessoa do plural (“sois”), o texto estabelece uma conexão mais próxima dos ouvintes com Jesus, ampliando o tema da perseguição e vinculando-o à tradição profética do Antigo Testamento. A referência aos profetas perseguidos, além de reforçar a continuidade histórica e teológica, legitima a experiência de sofrimento dos seguidores de Jesus como parte de uma narrativa redentora mais ampla.

Do ponto de vista literário, Mt 5,1-12 utiliza recursos como paralelismo, *inclusio*, antítese implícita e clímax retórico. O paralelismo, característico da literatura sapiencial hebraica, estrutura o texto de maneira harmônica, enquanto a *inclusio*, marcada pela repetição temática nos versículos 3 e 10, delimita e unifica o segmento. A antítese implícita entre os valores exaltados nas Bem-aventuranças e os valores mundanos reforça o contraste entre o Reino dos Céus e as expectativas terrenas. O clímax retórico é perceptível nos versículos 11 e 12, quando o discurso ganha intensidade, deixando o tom genérico das declarações anteriores e personalizando as Bem-aventuranças com um apelo direto aos ouvintes. Essa intensificação estabelece um impacto emocional e reforça a aplicabilidade do ensino para a comunidade receptora. Esses elementos literários, unidos à clareza temática e ao tom retórico das declarações, conferem ao texto um caráter normativo que fundamenta o restante do Sermão da Montanha e introduz os princípios éticos e espirituais do Reino.

A análise da estrutura literária desta passagem revela sua relevância não apenas como uma unidade textual autônoma, mas também como o alicerce essencial para a Teologia do Reino, que permeia e sustenta toda a catequese mateana. Ao examinar seus recursos literários, como o paralelismo, a *inclusio*, a antítese implícita e o clímax retórico, torna-se evidente que as Bem-aventuranças não apenas comunicam valores espirituais profundos, mas também articulam a mensagem central de Jesus sobre o Reino de Deus. Assim, essa passagem não é apenas um elo teológico crucial, mas também um ponto de partida para compreender o ensino mais amplo de Mateus, iluminando o papel fundamental do Reino na vida dos cristãos e na missão da Igreja.

2.5 Análise lexicográfica

A análise lexicográfica foca o estudo das palavras e termos utilizados no texto. Este estudo examinará o aspecto semântico relacionados às palavras no contexto original, com caráter etimológico, comparando tal questão com outros usos no contexto da Bíblia e da literatura contemporânea.

O uso de léxicos é fundamental para o curso efetivo da análise lexicográfica de qualquer texto bíblico, razão pela qual diversos léxicos serão citados nesta seção; tal aspecto é reforçado exhaustivamente pelo hebraísta Davidson.¹²

¹² DAVIDSON, 2018, p. 456.

Para a análise do texto destacado utilizou-se como referência principal a obra de Bauer, Danker, Arndt e Gingrich.¹³

2.5.1 Mt 5,1-2

Ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους (*Idón de tous óchlous*).

A introdução do Sermão da Montanha conecta o evento ao contexto precedente (Mt 4,23-25), onde Jesus é retratado como mestre e aquele que opera curas diversas e atrai grandes multidões. O verbo ἰδὼν (particípio aoristo de ὁράω, “ver”), denota um olhar ativo e intencional. Segundo BDAG, ὁράω transcende o simples ato de enxergar, incluindo a percepção e o discernimento de realidades mais profundas. Aqui, subentende-se que Jesus não apenas observa as multidões, mas reconhece suas necessidades espirituais, o que está alinhado ao seu ministério compassivo (Mt 9,36).

O substantivo ὄχλοι (*óchloi*, “multidões”) implica um grupo numeroso e diversificado, muitas vezes caracterizado pela curiosidade ou busca por milagres. Todavia, sem compromisso profundo. Esse contraste é significativo ao introduzir os μαθηταί (*mathētaí*, “discípulos”), cuja presença indica um grupo distinto, comprometido em aprender e seguir os ensinamentos de Jesus. Essa distinção reflete o tema do verdadeiro discípulo: enquanto as multidões simbolizam o interesse geral, os discípulos representam aqueles que respondem ao chamado com fé e obediência.

ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος (*anebē eis to oros*).

O verbo ἀνέβη (*anebē*, “subiu”), no aoristo indicativo, sugere uma ação pontual. No contexto bíblico, a subida ao monte frequentemente está associada à revelação divina e a instrução (Is 2,3; Sl 24,3). De acordo com BDAG, o uso de ἀνέβη aqui pode evocar associações com Moisés subindo ao Monte Sinai (Ex 19), sugerindo que Jesus está se posicionando como um novo legislador ou intérprete autoritativo da Lei divina; a respeito deste paralelo entre Jesus e Moisés no que concerne à subida ao monte, Hahn afirma:

Moisés ascendeu ao monte para receber a Lei da Antiga Aliança; Jesus sobe ao monte para proclamar a Nova Aliança. Moisés ofereceu-se como substituto para remover a penalidade temporal de Israel; Jesus morre na cruz para remover nossa punição eterna, reconciliando-nos com o Pai e enchendo-nos com Seu Espírito (HAHN, 1998, p. 55)

¹³ BDAG, 2005, p. 45-77. Como serão feitas várias citações a esta obra, será adotado nelas a abreviatura BDAG, 2005.

O substantivo ὄρος (*oros*, “monte”) não especifica uma localização geográfica, mas simboliza um lugar de encontro entre Deus e o ser humano. Portanto, a cena não apenas estabelece o cenário físico, como também prepara o leitor para entender o conteúdo do Sermão da Montanha como nova revelação para os discípulos. Luz assenta:

O uso de ὄρος sem artigo definido... aponta para um significado simbólico. Como em outras tradições bíblicas, o ‘monte’ representa o lugar onde Deus se revela — como no Sinai. Mateus constrói deliberadamente essa cena para lembrar ao leitor que uma nova Torá será dada (LUZ, 2007, p. 332).

καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ, ἐδίδασκεν αὐτοὺς λέγων (*Kai anoíxas to stóma autoú, edídasken autoús légōn*, “e, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo”).

O verbo ἀνοίξας (*anoíxas*, “abrindo”), associado ao substantivo τὸ στόμα (*to stóma*, “a boca”), forma uma expressão idiomática comumente encontrada na literatura sapiencial hebraica e no Antigo Testamento (Jó 3,1; Sl 78,2). Essa fórmula enfatiza a solenidade e a autoridade do discurso que se segue e marca o início de um ensinamento significativo, sublinhando a intenção de Jesus em revelar verdades profundas.¹⁴

A forma ἐδίδασκεν (*edídasken*, “ensinava”) está no imperfeito, indicando uma ação contínua. Jesus não apenas declara verdades, contudo as ensina de forma compreensível, mostrando seu papel de Mestre. Esse verbo é central para entender o ministério de Jesus na catequese mateana, pois reflete seu compromisso em instruir aqueles que desejam ser verdadeiros discípulos. “O uso do imperfeito ἐδίδασκεν destaca o caráter contínuo do ensino de Jesus. Ele não apenas proclama, mas educa e forma. A imagem do ensinamento persistente reforça sua identidade como mestre divino e catequista do novo povo de Deus.”¹⁵

O verbo grego λέγων (*légōn*, “dizendo”), embora frequentemente traduzido de forma funcional, também carrega nuances importantes. É associado a um discurso formal e intencional, reforçando que as palavras de Jesus não são apenas informativas, sobretudo, são transformadoras, dirigidas ao coração dos discípulos.¹⁶

Os versículos 1 e 2 estabelecem o cenário e o propósito do Sermão da Montanha, destacando o contraste entre as multidões e os discípulos. Enquanto as multidões representam aqueles que buscam sinais ou milagres, os discípulos refletem os verdadeiros seguidores que se comprometem com os ensinamentos de Jesus. Essa distinção inicial é

¹⁴ BDAG, 2005, p. 91.

¹⁵ LUZ, 2007, p. 345.

¹⁶ LUZ, 2007, p. 590.

crucial para o tema do verdadeiro discípulo de Cristo em Mt 5,1-12, pois aponta que ser discípulo consiste em responder, ativamente, ao chamado de Jesus, não apenas observando, mas ouvindo e praticando suas palavras. A esse respeito, coloca Schweizer:

O início do Sermão da Montanha é cuidadosamente estruturado para destacar que Jesus, embora veja as multidões, se dirige aos discípulos. O verbo usado — ‘ele subiu ao monte’ — lembra a subida de Moisés ao Sinai, mas aqui é Jesus quem toma a iniciativa de ensinar. O foco não está nas multidões que o seguem em busca de cura ou sinais, mas nos discípulos que se aproximam dele para aprender. Essa cena inicial delimita o público-alvo da pregação: não os curiosos ou os admiradores, mas aqueles que se comprometem com a escuta e a obediência. Mateus deixa claro que o Reino não é anunciado a um auditório indistinto, mas a um grupo que responde ativamente ao chamado. O ensino de Jesus, portanto, visa formar uma nova comunidade — não apenas informada, mas transformada (SCHWEIZER, 1975, p. 94).

2.5.2 Mt 5,3-12 – termos repetitivos

Dois termos são usados de forma repetitiva como recurso intencional em Mt 5,3-12. Antes da análise, versículo a versículo, serão analisados, separadamente, para evitar repetições.

Μακάριοι (bem-aventurados) aparece nove vezes, entre os versículos 3 e 12. *Μακάριοι* é a palavra grega, frequentemente, traduzida como “bem-aventurado” ou “feliz”; *makários* tem origem na tradição grega clássica, onde designava uma felicidade suprema e inatingível pelos homens comuns, sendo associada à bem-aventurança dos deuses. No entanto, na Septuaginta, especialmente nos Salmos e na literatura sapiencial (Sl 1,1; 32,12), esse termo passa a descrever a condição daqueles que vivem em conformidade com a vontade de Deus.¹⁷ Cada Bem-aventurança começa com “Bem-aventurados”, como em “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus”. *Μακάριοι*, em si, vai além de uma felicidade momentânea; carrega um significado mais profundo de felicidade divina, uma sensação de plenitude, contentamento e paz, que não é meramente baseada em circunstâncias externas, mas sim em uma condição e relacionamento com Deus (Sl 1,1; 32,12; Pr 16,20; Mt 6,19-21; Fl 4,11-13). No contexto do capítulo 5, as Bem-aventuranças clamadas por Jesus redefinem o conceito de felicidade, apontando para um estado de espírito que encontra contentamento e satisfação não nos valores do mundo (Is 55,8-9; 1Cor 1,27-29), mas na perspectiva do reino (como o conhecia) e na comunhão com

¹⁷ RAHLFS, 2012, p. 1653.

Deus. Cada uma delas desafia as concepções convencionais de sucesso e felicidade, enfatizando virtudes como humildade, misericórdia, busca pela justiça e paz e pureza de coração (Lv 19,2; Tg 1,12; 1Pd 3,14). A análise lexicográfica, nesse sentido, revela uma riqueza de significado e moral associada a essa palavra no contexto do ensinamento de Jesus.¹⁸

A palavra **ὅτι** aparece nove vezes, desempenhando um papel central na estrutura e na Teologia das Bem-Aventuranças. O termo, transliterado como *hoti*, é uma conjunção causal ou explicativa, geralmente traduzida como “porque”. Ele introduz a razão ou justificativa para as declarações de bem-aventurança, conectando a condição inicial do sujeito bem-aventurado à promessa divina que lhe é assegurada.¹⁹

Gramaticalmente, **ὅτι** é usado para introduzir uma cláusula subordinada, explicando ou justificando a proposição principal, como em diversos textos bíblicos que não aquele que é objeto de estudo da dissertação (Mt 6,7; Jo 3,16; Lc 1,45; Rm 8,28). Sua função no discurso é essencial, pois dá significado à promessa que acompanha cada Bem-aventurança (Mt 5,2-9). Por exemplo: “Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, **ὅτι** αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν” (“Bem-aventurados os pobres de espírito, **porque** deles é o reino dos céus.”). Aqui, “ὅτι” conecta a condição de pobreza à recompensa escatológica do Reino dos Céus. Esse padrão se repete ao longo das Bem-aventuranças, formando uma estrutura onde cada “Bem-aventurança” é imediatamente seguida pela razão ou promessa correspondente, enfatizando-lhe a causalidade ou a finalidade:

A conjunção **ὅτι** frequentemente introduz orações causais no Novo Testamento. Isso é particularmente evidente nas Bem-aventuranças de Mateus 5, onde cada declaração de bênção é seguida de uma cláusula com **ὅτι**, apresentando a razão pela qual a pessoa é chamada de ‘bem-aventurada’. Essa construção gramatical confere estrutura lógica ao discurso e revela seu conteúdo teológico (WALLACE, 1996, p. 676-677).

Do ponto de vista teológico, “ὅτι” serve para revelar a natureza do Reino de Deus, destacando que as Bem-aventuranças não são recompensas terrenas ou circunstanciais, por conterem promessas que têm implicações espirituais e escatológicas. Assim, a conjunção funciona como elo entre a ética do Reino apresentada no Sermão da Montanha e a esperança do cumprimento pleno dessas promessas na eternidade.

2.5.3 Mt 5,3

¹⁸ BDAG, 2005, p. 611.

¹⁹ BDAG, 2005, p. 731.

οἱ πτωχοὶ τοῦ πνεύματι (*hoi ptochoi tō pneumati*, “os pobres em espírito”): πτωχοί (*ptochoi*, “pobres”): esse substantivo denota uma pobreza extrema, referindo-se àqueles que dependem inteiramente de ajuda externa para sobreviver. πτωχός é frequentemente usado metaforicamente para descrever humildade ou desamparo, como pode ser visto em outras perícopes que utilizam o mesmo substantivo grego (Lc 6,20; Lc 16,19-22; Gl 4,9; Ap 3,17). Assim, de acordo com o contexto, a pobreza não é somente de natureza financeira, contudo, reflete a total dependência de Deus.²⁰

Já a partícula τοῦ πνεύματι (*tō pneumati*, “espírito”) reforça o uso do dativo singular que, aqui, qualifica a natureza desta pobreza, que reflete a necessidade material e como a dependência a Deus se torna ainda mais importante. πνεῦμα pode se referir ao espírito humano em relação à sua dependência de Deus ou ao Espírito Santo. Neste caso, a construção aponta para uma postura de humildade.²¹

ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (*hē basileia tōn ouranōn*, “o reino dos céus”):

- βασιλεία (*basileia*, “reino”) refere-se não apenas a um território governado, mas à autoridade e soberania de Deus. O termo enfatiza a presença ativa do domínio de Deus entre os homens.

- τῶν οὐρανῶν (*tōn ouranōn*, “dos céus”) é uma expressão típica do Evangelho segundo Mateus, usada em lugar de “Reino de Deus” para respeitar a sensibilidade judaica no sentido de evitar o uso direto do nome divino (Mt 3,2; 4,17; 5,3; 5,10; 13,24). Ressalta a origem celestial e divina desse reino.

A primeira bem-aventurança estabelece um paradigma central para o verdadeiro discípulo de Cristo: a total dependência de Deus.

A promessa do “Reino dos Céus” é, também, para o presente. Sugere que “os pobres em espírito” já experimentam, aqui e agora, a realidade do domínio de Deus em suas vidas, enquanto aguardam sua consumação futura. Essa bem-aventurança, portanto, reflete o início da inversão de valores que caracteriza o Reino de Deus: aqueles que estão desamparados em termos materiais são os verdadeiramente abençoados. Luz afirma:

A primeira bem-aventurança define o espírito do Sermão como um todo. Os ‘pobres em espírito’ são aqueles que nada têm a oferecer diante de Deus. Eles vivem em completa dependência dele. [...] A promessa ‘deles é o Reino dos Céus’ está no presente, indicando que já participam do domínio divino, ainda que sua plenitude esteja no futuro. Este é o primeiro sinal da reversão radical dos valores: não os fortes, mas os mente necessitados são os verdadeiros herdeiros do Reino (LUZ, 2007, p. 190-191).

²⁰ BDAG, 2005, p. 896.

²¹ BDAG, 2005, p. 832.

O versículo 3 apresenta a primeira qualidade essencial do verdadeiro discípulo: a humildade. Ser “pobre em espírito” implica reconhecer que tudo vem de Deus e que, sem ele, nada pode ser alcançado. Essa postura de dependência total é a base para seguir a Cristo e participar do Reino dos Céus.

2.5.4 Mt 5,4

οἱ πενθοῦντες (*hoi penthountes*, “os que choram”):

O particípio grego πενθοῦντες (*penthountes*): presente ativo que se deriva do verbo πενθέω (*pentheō*), que significa “lamentar”, “prantear” ou “chorar” e refere-se a um luto profundo, muitas vezes associado à perda ou ao arrependimento.²² O uso no particípio presente denota uma ação contínua, sugerindo um estado persistente de lamentação.

- O contexto aqui transcende o luto por perdas pessoais e inclui tristeza de uma forma mais profunda, naquilo que toca o arrependimento pelos pecados ou sofrimento pela condição caída ou “quebrada” do mundo diante de Deus. Essa ideia encontra paralelo em passagens como no Livro de Isaías (Is 61,1-3), que fala de consolo para os que estão de luto, e na segunda carta de Paulo aos Coríntios (2Cor 7,10), que menciona o arrependimento como “tristeza segundo Deus”.

παρακληθήσονται (*paraklēthēsontai*, “serão consolados”):

- Este verbo, um futuro passivo de παρακαλέω (*parakalēō*), significa “encorajar”, “confortar” ou “consolar”, e enfatiza a ideia de receber encorajamento ou alívio em tempos de aflição.

- A voz passiva sugere que o consolo vem de uma fonte externa, claramente identificada no contexto como o próprio Deus. Essa promessa ecoa textos proféticos como o Livro de Isaías (Is 40,1), “consolai, consolai o meu povo”, e destaca o papel de Deus como fonte de consolo definitivo.

A promessa de consolo não se limita ao presente. Embora os discípulos possam experimentar o consolo do Espírito Santo (Jo 14,16-17), há uma dimensão escatológica, apontando para o conforto final na plenitude do Reino de Deus (Ap 21,40): “e Deus enxugará dos olhos toda lágrima”. Essa tensão entre o “já” e o “ainda não” do consolo divino reflete a natureza dual do Reino dos Céus:

²² BDAG, 2005, p. 791.

Os que choram serão consolados — não por forças humanas, mas por Deus. O tempo passivo do verbo revela que essa ação não é obra própria: é dom de Deus, como o consolo prometido por Isaías. A esperança não é só presente, mas futura — Deus enxugará toda lágrima, como ensina o Apocalipse (SCHWEIZER, 1975, p. 96).

O verdadeiro discípulo de Cristo não é insensível ou indiferente ao pecado e ao sofrimento humano, posto que sente profundamente a dor do mundo e a corrupção do pecado, tanto no nível pessoal quanto comunitário. Essa tristeza não é um fim em si mesma, porém, leva o discípulo a depender de Deus e a experimentar o consolo prometido por ele.

2.5.5 Mt 5,5

οἱ πραεῖς (*hoi praeîs*, “os mansos”):

O termo πραεῖς é o plural de πραῦς (*praiûs*), que significa “manso”, “gentil” ou “humilde”. Este termo não deve ser entendido como fraqueza, mas como temperamento suave, pacífico e controlado, que reflete a confiança em Deus, ao invés de recorrer à violência ou arrogância (Sl 37,11; Mt 11,29; 1Pd 3,4; Gl 5,23).

πραῦς está associado à humildade e gentileza, qualidades que se opõem à agressividade, arrogância ou busca por poder. Na cultura greco-romana, a mansidão era vista com desprezo, mas, no cristianismo, é vista como virtude divina, “a cultura helenística valorizava a autoconfiança e o domínio, mas aqui Jesus propõe a mansidão como o caminho para herdar a terra. Trata-se de uma inversão radical dos valores sociais.”

κληρονομήσουσιν (*klēronomēsousin*, “herdarão a terra”) é oriundo do verbo κληρονομέω (*klēronoméō*) e tem o sentido de “herdar” ou “receber como herança”, e está no futuro indicativo, o que implica uma promessa a ser cumprida no futuro. κληρονομία (*klēronomía*, “herança”) é algo recebido como legado de um herdeiro legítimo, geralmente associado à posse de bens ou de uma terra (Gl 4,7; Ef 1,11; 1Pd 1,4). A ideia de herança aqui, no entanto, tem uma conotação mais profunda, ligada ao Reino de Deus.

Já em τὴν γῆν (*tēn gēn*, “a terra”), o substantivo γῆ (*gē*) significa “terra” e, no contexto bíblico, pode referir-se tanto à terra física (a criação) quanto à terra como símbolo do domínio divino ou do reino prometido (Dt 1,8; Sl 37,11; Hb 11,9; Ap 21,1). O uso de “terra” aqui não se refere apenas à posse material, tal qual a uma herança escatológica.

A referência à terra recorda, também, o Sl 37,11, onde é dito que “os mansos herdarão a terra”. A promessa de herdar a terra, no contexto de Mt 5,5, é uma promessa:

aqueles que demonstram humildade e paciência, como Cristo, terão parte no Reino de Deus, no qual a terra será restaurada à sua condição original, em harmonia com a vontade divina; “em consonância com as esperanças do Antigo Testamento, especialmente no Salmo 37,11, representa o lugar da bênção de Deus, agora reinterpretado como a participação no Reino dos Céus, o novo mundo em que reina a justiça.”

O versículo 5 apresenta um paradoxo: “bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”. A mansidão é frequentemente vista como característica passiva ou até fraca, contudo, no Reino de Deus, é a chave para se receber a herança divina. O manso é aquele que, mesmo sendo capaz de agir com força ou agressividade, escolhe a humildade, a paciência e a confiança em Deus.

Na cultura do Reino de Deus, como ensina Jesus, o verdadeiro discípulo não busca própria exaltação, nem tenta impor sua vontade através da força ou de violência. Ao invés disso, caracteriza-se por um espírito de submissão a Deus e um comportamento que reflete confiança na soberania divina. Esse conceito de mansidão contrasta-se com as expectativas do mundo, onde, muitas vezes, o poder é obtido através da força, controle ou conquista.

A promessa de herdar a terra, também, deve ser entendida à luz de uma teologia escatológica. A “terra” referida aqui é a nova criação, o Reino de Deus que será plenamente instaurado, quando Cristo retornar e estabelecer o seu domínio eterno. Os mansos, que confiam em Deus e rejeitam os caminhos do poder humano, desfrutarão desse Reino restaurado, conforme prometido em textos como o Sl 37,11 e o Livro de Isaías (Is 11,6-9), onde a terra será renovada e aqueles que buscam a justiça e a paz viverão nela.

Mt 5,5 destaca uma qualidade essencial do discípulo: a mansidão. O verdadeiro discípulo, como Jesus, não busca se afirmar pelo poder ou pela força, antes, pela humildade, aceitando a direção de Deus. Essa mansidão não é sinal de fraqueza, mas de confiança absoluta na justiça e no controle divino, acreditando que Deus, em sua soberania, trará a verdadeira herança e a restauração da terra.

O discípulo de Cristo, ao adotar a mansidão, se alinha com a maneira como Jesus se revelou ao mundo, conforme Mt 11,29, onde Jesus diz: “aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração”. Esse é o modelo para o discípulo, que deve refletir a atitude de Cristo em sua vida diária, buscando viver de maneira pacífica e humilde, enquanto espera a manifestação plena do Reino de Deus.

2.5.6 Mt 5,6

πεινῶντες (*peinōntes*, “os que têm fome”):

O verbo πεινάω (*peināō*) significa “ter fome”, “estar faminto”. O uso do particípio presente πεινῶντες sugere uma fome contínua e persistente, não uma fome passageira ou superficial. Essa fome é uma busca insaciável, um desejo profundo e constante por algo essencial. Em um contexto teológico, essa fome se refere ao anseio por justiça, como algo vital para a vida do discípulo. A fome é uma metáfora do desejo da alma por um mundo alinhado com a justiça de Deus:

A fome e a sede pela justiça em Mateus 5,6 são expressões de um desejo contínuo. O verbo πεινάω, no presente, sugere uma busca que não cessa. É o clamor do coração por um mundo justo, por uma vida em conformidade com o Reino de Deus. A metáfora implica necessidade, urgência e dependência (SCHWEIZER, 1975, p. 98).

Já διψῶντες (*dipsōntes*, “os que têm sede”) deriva-se do verbo διψάω (*dipsāō*) que significa “ter sede”, “estar sedento”. Assim como a fome, a sede é uma necessidade física profunda e contínua, simbolizando o desejo imenso de algo essencial. O particípio presente διψῶντες denota uma sede insaciável, algo que não pode ser apagado até que a justiça de Deus seja plenamente realizada (Sl 42,1-2; Sl 63,1; Is 55,1; Jo 7,37). Esse verbo carrega o sentido de um desejo intenso, e a combinação de fome e sede representa um anseio pela verdadeira justiça, que só pode ser satisfeita por Deus.

O termo δικαιοσύνη (*dikaíosynē*) refere-se à retidão ou justiça, porém, no contexto mateano, transcende questões legais ou morais e se refere ao alinhamento com a vontade de Deus. É a justiça que Deus revela em seu Reino, de caráter ético e histórico.

Em Mt 6,33, Jesus também exorta a buscar “em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça”, reforçando a centralidade da justiça divina na vida do discípulo. A justiça aqui é algo mais profundo do que simples comportamento ético; é a conformidade à vontade de Deus e sua obra redentora.

ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται (*hoti autoi chortasthēsontai*, “porque serão fartos”):

χορτασθῆναι (*chortasthēnai*, “serem fartos”) é um verbo passivo, indicando que o discípulo será satisfeito ou saciado. A utilização do futuro χορτασθήσονται implica uma promessa escatológica: os que têm fome e sede de justiça serão satisfeitos por Deus no futuro, quando seu Reino for plenamente realizado. “A palavra grega χορτασθήσονται, que literalmente significa ‘serão fartos’, sugere a ação de Deus como resposta à busca humana

por justiça. [...] A forma verbal indica uma promessa futura, ligada ao tempo escatológico em que o Reino será plenamente manifesto”.²³

Já χορτάζω (*chortázō*), de onde vem χορτασθῆναι, originalmente, se refere ao ato de alimentar ou satisfazer alguém com comida. Nesse caso, o verbo é usado, metaforicamente, para denotar a saciedade existencial daqueles que buscam a justiça de Deus (Sl 107,9; 132,15; Lc 6,21; Ap 7,16).

O versículo 6 comporta uma das promessas mais poderosas nas Bem-aventuranças, por abordar a profunda necessidade do ser humano: a busca por justiça. A fome e a sede, frequentemente associadas à necessidade física, são aqui usadas como metáforas de um desejo imenso por justiça divina, que transcende as dimensões humanas de moralidade e leis sociais.

No contexto da teologia mateana, a “justiça” não se refere à mera observância de regras ou normas humanas, e sim, ao alinhamento com a vontade de Deus, revelada, por meio de Jesus Cristo. A justiça de Deus, por conseguinte, abrange não apenas o comportamento ético, como também o restabelecimento do mundo ao seu estado original, no qual a vontade divina é cumprida e as relações humanas são restauradas em harmonia com Deus.

Esse desejo intenso pela justiça de Deus é a característica distintiva do verdadeiro discípulo. A promessa de que os “mansos” serão “saciados” ou “fartos” é uma garantia divina de que, embora a justiça de Deus ainda não seja plenamente visível neste mundo, será realizada na consumação do Reino. A verdadeira justiça, feita por Deus, será finalmente vivida na eternidade, quando os discípulos de Cristo desfrutarão de uma realidade renovada.

Este versículo, portanto, é profundamente escatológico. A promessa de saciar a fome e a sede de justiça aponta para o cumprimento final da justiça divina, quando o Reino de Deus será plenamente instaurado e todas as coisas serão restauradas.

Mt 5,6 ilustra um dos principais desafios e anseios do discípulo: desejar, buscar e viver a justiça de Deus. O verdadeiro discípulo, tendo Cristo como modelo, deve ser alguém profundamente insatisfeito com as injustiças do mundo e, ao mesmo tempo, um ser que confia na inteireza da justiça de Deus:

o discípulo que tem fome e sede de justiça anseia por mais do que legalidade ou equidade social. Ele anseia pela presença e pelo governo de Deus. É um apelo por transformação — no mundo e em si mesmo. Essa bem-aventurança denuncia

²³ SCHWEIZER, 1975, p. 98-99.

qualquer conformismo com o *status quo* e orienta o discípulo a viver na expectativa da justiça plena que Deus trará (FRANCE, 2007, p. 168).

O discípulo de Cristo não pode se contentar com uma justiça humana ou com o *status quo* das estruturas sociais; deve ser marcado por um profundo desejo de ver o Reino de Deus se manifestar, com sua justiça, paz e restauração. Esse anseio por justiça conecta-o com o coração de Deus e lhe dá a esperança de que, ao buscar sua justiça, será saciado, especialmente, na consumação do Reino.

2.5.7 Mt 5,7

ἐλεήμονες (*eleēmōnes*, “misericordiosos”):

O termo ἐλεήμονες é o plural de ἐλεήμων (*eleēmōn*), que deriva da raiz ἐλεέω (*eleéō*), que significa “ter compaixão”, “ser misericordioso” ou “mostrar misericórdia”. No grego koiné, essa palavra carrega uma conotação de compaixão ativa, não sendo apenas um sentimento de piedade, contudo uma ação concreta que se manifesta em favor daqueles que estão em necessidade. ἐλεήμων se refere a alguém que se compromete a aliviar a aflição de outro, seja emocional, ou material.

O termo misericórdia (ἐλεημοσύνη, *eleēmosynē*) refere-se a uma ação movida por compaixão, que almeja a restauração ou ajuda dos necessitados. No contexto mateano, essa misericórdia é um reflexo direto do caráter de Deus. A ênfase está na ação ativa do discípulo, que demonstra a misericórdia de Deus em sua vida, seja perdoando, ajudando ou buscando o bem-estar de outros. Essa prática de misericórdia está ligada ao próprio ensino de Jesus, que, frequentemente, fala sobre o perdão e a compaixão (Mt 18,23-35 – a parábola do servo incompassivo):

a misericórdia, para Mateus, não é apenas uma virtude, mas uma exigência do discipulado. Ela reflete o próprio caráter de Deus, cuja misericórdia é o fundamento da salvação. O discípulo misericordioso não apenas sente compaixão, mas a transforma em ação concreta, como no auxílio ao próximo e no perdão. Isso se torna particularmente evidente na parábola do servo incompassivo (Mt 18,23-35), onde a ausência de misericórdia contradiz a própria experiência da graça divina (LUZ, 2007, p. 231-233).

No Sl 18,25, na LXX, lê-se: “com o misericordioso, te mostras misericordioso.” Essa reciprocidade divina destaca como Deus, em sua misericórdia, responde à

misericórdia que os homens demonstram para com os outros. A misericórdia humana é vista como um reflexo da misericórdia divina.²⁴

A misericórdia divina é ativa e constante, todavia influenciada pela maneira como os discípulos a refletem em suas atitudes para com os outros. Como explicitado na parábola do servo compassivo (Mt 18,21-35), o perdão e a misericórdia devem ser mutuamente oferecidos e recebidos.

O versículo 7, como todos os outros na sequência das Bem-aventuranças, reflete uma característica essencial do verdadeiro discípulo de Cristo: a misericórdia. No contexto teológico, misericórdia implica mais do que simplesmente sentir pena dos outros; envolve um compromisso ativo com o bem-estar de quem está em aflição, seja através do perdão, da ajuda material ou da restauração emocional.

No Sermão da Montanha, Jesus chama seus discípulos a viverem de maneira radicalmente diferente das normas do mundo. A misericórdia é uma virtude divina, essencial para quem deseja refletir o caráter de Deus. Deus é misericordioso (Ex 34,6) e o discípulo, ao buscar ser como Cristo, deve demonstrar misericórdia não apenas como atitude moral, mas como modo de vida.

A misericórdia demonstrada pelos discípulos de Cristo inclui compaixão diante da dor alheia e busca ativa por justiça e restauração nas relações interpessoais. No Antigo Testamento, como exemplificado no Sl 18,25, aqueles que demonstram misericórdia recebem misericórdia de Deus; isso também está em consonância com os ensinamentos de Jesus em Mt 6,14-15, onde o perdão de Deus para conosco é condicionado ao perdão que oferecemos aos outros.

A misericórdia de Deus é a motivação central para que o discípulo se torne misericordioso. Ao experimentar a misericórdia de Deus em sua vida, o discípulo deve, por sua vez, estender essa misericórdia para os outros, em um ciclo de graça e perdão. A reciprocidade da misericórdia é um princípio fundamental: os misericordiosos, que refletem o caráter de Deus, são aqueles que recebem misericórdia no momento da necessidade.

Mt 5,7 destaca uma qualidade vital do discípulo: a misericórdia. O verdadeiro discípulo busca ser bem-aventurado, eis porque pratica a misericórdia, espelhando o caráter de Cristo. Ao demonstrar misericórdia, o discípulo se coloca em sintonia com o coração de Deus, refletindo suas ações no mundo.

²⁴ BDAG, 2005, p. 315.

Essa misericórdia, com seu caráter ativo e praticada no cotidiano, é uma das marcas distintivas do discípulo autêntico.

2.5.8 Mt 5,8

καθαροί (*katharoi*, “puros”):

O termo καθαροί é o plural de καθαρός (*katharos*), que significa “limpo”, “puro”, “sem mancha” ou “sem contaminação”. É utilizado no Novo Testamento para se referir a uma pureza moral, em contraste com a impureza que resulta do pecado ou da corrupção – ocorrências no NT incluem: Jo 13,10, que simboliza a pureza espiritual resultante do relacionamento com Deus; Tg 4,8, que evidencia a conexão entre a pureza moral e a integridade interior; 1Tm 1,5, onde se associa o amor à boa consciência, demonstrando que a pureza cristã não pode ser separada da ética relacional. A pureza, da qual se fala aqui, não é externa ou cerimonial, mas pureza interna, que implica coração e mente livres de toda impureza, engano e hipocrisia. Como disse France, “trata-se de um coração sem mistura – sincero, leal, e inteiramente voltado para Deus. Não é apenas o comportamento externo que conta, mas a motivação interior do discípulo.”²⁵

O conceito de pureza, em Mt 5,8, vai além da observância de leis externas ou ritualísticas, como era enfatizado na religiosidade dos fariseus, e se refere a um estado interior de sinceridade e integridade diante de Deus. Em Tg 4,8, a pureza do coração é vinculada à aproximação a Deus, mostrando que a pureza não é apenas uma virtude moral, como também um meio de restauração e aproximação a Deus.²⁶

Καρδία (*kardia*, “coração”):

O termo καρδία (*kardia*) é amplamente utilizado nas Escrituras para se referir ao centro da vontade, do pensamento e das emoções humanas. Embora usado em sentido literal em alguns contextos, aqui tem um significado metafórico. O coração, no contexto bíblico, é visto como o lugar onde as decisões morais e espirituais são tomadas. Assim, a pureza do coração envolve a totalidade do ser — pensamento, motivações, desejos e intenções.²⁷

No contexto mateano, o “coração puro” é o que está livre de duplicidade, que não está corrompido por interesses egoístas, porém busca a sinceridade diante de Deus. A pureza do coração é, portanto, uma atitude interna que se reflete em ações externas. Como

²⁵ FRANCE, 2007, p. 174.

²⁶ BDAG, 2005, p. 489.

²⁷ BDAG, 2005, p. 510.

em Mt 23,25-28, onde Jesus critica os fariseus por focarem nas aparências, enquanto seus corações estavam cheios de impureza, a pureza do coração de que Jesus fala é questão de integridade, sinceridade e entrega completa a Deus.

ὁψονται (*opsontai*, “verão”):

O verbo ὁψομαι (*opsomai*), no futuro passivo, traduzido como “verão”, indica uma visão que não é simplesmente percepção física, mas encontro íntimo e com Deus. O “ver”, aqui, se refere à experiência direta da presença de Deus, manifestação gloriosa e reveladora. Esse “ver” é uma promessa para os puros de coração, pois somente aqueles que possuem essa pureza interna podem experimentar plenamente a presença de Deus:

ver Deus (ὁψονται τὸν θεόν) é uma promessa extraordinária, pois em outras partes das Escrituras ‘ver Deus’ era considerado impossível (cf. Ex 33,20). Aqui, porém, os puros de coração recebem essa promessa — uma experiência escatológica e transformadora, não apenas visual, mas relacional (LUZ, 2007, p. 236).

Esse verbo está vinculado a uma expectativa escatológica, referindo-se ao “ver” de Deus, em seu Reino eterno. Em 1Jo 3,2, encontra-se uma promessa similar: “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é”. A visão de Deus está ligada à transformação e à plena revelação de sua glória, uma experiência que os discípulos puros de coração poderão desfrutar.

No versículo 8, Jesus descreve um discípulo como “bem-aventurado” ou “feliz” por ser “puro de coração”. A pureza do coração é uma virtude central no ensino de Jesus, pois está diretamente relacionada à autenticidade do estilo de vida do discípulo do Reino. A pureza do coração não se refere à ausência de falhas, ao completar a intenção sincera e a busca por viver de acordo com a vontade de Deus. Esse tipo de pureza reflete a transformação interna que ocorre no coração do discípulo.

A pureza que Jesus destaca não é algo meramente exterior ou ritualístico; está se referindo a uma transformação interna profunda, uma mudança de motivações, desejos e intenções. O discípulo “puro de coração” não é hipócrita, nem engana os outros com aparência de santidade. Sua pureza se reflete na busca sincera por Deus, em sua maneira de viver e nas atitudes em relação ao próximo. Essa pureza também está associada a um amor genuíno e desinteressado por Deus e pelos outros, em oposição à arrogância, falsidade ou egoísmo.

“Ver a Deus” é uma das mais significativas experiências nas Escrituras, pois implica não apenas um relacionamento íntimo com o Criador, como também um futuro glorioso, onde os puros de coração terão uma visão direta de Deus, em sua plena glória. Essa

percepção não é meramente física, mas experiência profunda e transformadora. Como em Ex 33,20, onde Deus diz a Moisés que “ninguém verá a minha face e viverá”, a “visão de Deus” aqui se refere a uma experiência direta, reservada para aqueles que são verdadeiramente puros de coração.

Esse versículo, também, toca uma questão escatológica, pois, a visão de Deus é prometida para os tempos futuros, quando o Reino de Deus será plenamente consumado. No entanto, essa promessa já tem implicações na vida presente do discípulo, pois, aqueles que buscam pureza de coração, no presente, começam a experimentar, em parte, a revelação de Deus em suas vidas.

Mt 5,8 reforça que o verdadeiro discípulo, vivendo a pureza de coração, é capaz de se aproximar de Deus de forma autêntica e profunda. A pureza de coração é, portanto, um reflexo da transformação interior que caracteriza a verdadeira vida cristã. O discípulo não é apenas alguém que segue regras externas, senão alguém cujo coração é moldado pela graça de Deus, que o capacita a viver de maneira íntegra e sincera.

Essa pureza é, também, um antídoto contra as tentações de viver para si mesmo ou para a aparência, algo que Jesus condena em outras partes do Sermão da Montanha (Mt 6,1-18). A visão prometida aos puros de coração é, assim, uma recompensa escatológica, como também uma experiência antecipada da presença de Deus, que molda e transforma a vida do discípulo.

2.5.9 Mt 5,9

εἰρηνοποιοί (*eirēnopoioi*, “pacificadores”):

O termo εἰρηνοποιοί é o plural de εἰρηνοποιός (*eirēnopoios*), composto por εἰρήνη (*eirēnē*, “paz”) e o sufixo -ποιός (-*poios*, “criador, fazedor”). O significado literal da palavra é “aqueles que fazem a paz” ou “aqueles que criam paz”. Esse termo enfatiza uma ação ativa de construção e restauração de paz, ao invés de simplesmente evitar o conflito ou permanecer neutro. Trata-se de uma paz dinâmica, que não é apenas ausência de conflito, mas a promoção ativa de reconciliação, harmonia e unidade entre pessoas ou grupos em desacordo:

o termo usado aqui para ‘pacificadores’ não sugere passividade. Trata-se de uma ação corajosa e proativa. Criar paz é uma tarefa desafiadora e, frequentemente, perigosa. Jesus promete que tais pessoas serão chamadas ‘filhos de Deus’ porque refletem o caráter do Pai celeste, o grande reconciliador (FRANCE, 2007, p. 176).

A palavra εἰρήνη (*eirēnē*), no Novo Testamento vai além da simples ausência de conflito, sendo associada ao conceito de “bem-estar”, “integridade” e “plena harmonia”, resultado da uma restauração relacional profunda. Um tipo de paz que implica em um estado restaurado de plenitude, tanto no nível interior quanto relacional (Rm 5,1; 14,17; Cl 1,20; 2Ts 3,16).

O verbo relacionado, ποιέω (*poieō*), usado aqui no sufixo -ποιός, implica ação contínua e prática. Portanto, εἰρηνοποιοί descreve aqueles que estão ativamente engajados em buscar reconciliação entre indivíduos ou grupos, com a intenção de restaurar a paz em um nível mais profundo do que uma simples cessação de hostilidades.

υἱοὶ Θεοῦ (*huioi Theou*, “filhos de Deus”):

A expressão υἱοὶ Θεοῦ (*huioi Theou*, “filhos de Deus”) é designação única e privilegiada, frequentemente usada nas Escrituras para descrever aqueles que possuem uma relação especial com Deus, com base na filiação divina. Em Jo 1,12, por exemplo, os crentes são chamados “filhos de Deus” por sua crença e aceitação de Jesus. Em Rm 8,14 a expressão associa-se ao recebimento do Espírito Santo que adota os seres humanos como filhos de Deus.

No contexto de Mt 5,9, ser “filho de Deus” não se refere apenas à filiação, abrangendo a semelhança com o próprio caráter de Deus. Deus é um Deus de paz (Rm 15,33; 16,20; 1Cor 14,33; 2Cor 13,11; Fl 4,9) e aqueles que buscam a paz e promovem a reconciliação são identificados como seus filhos, refletindo sua natureza.

A expressão “filhos de Deus” sugere, ainda, que aqueles que praticam a pacificação estão sendo identificados com a missão redentora de Cristo, que veio ao mundo para restaurar a paz entre Deus e a humanidade, e entre as pessoas, como descrito em Ef 2,14-16.

κληθήσονται (*klēthēsontai*, “serão chamados”):

O verbo κλήσις (*klēsis*, “chamado”) e sua forma passiva κληθήσονται (*klēthēsontai*) indicam uma chamada ou título que é dado a alguém (1Cor 1,9; Ef 4,1; Hb 3,1; 1Pd 2,9). Sugere que, ao promoverem a paz, os pacificadores receberão um título ou uma designação especial – “filhos de Deus” – honra e identidade divina reconhecidas. O uso do futuro passivo denota que essa identificação com Deus não depende, apenas, da ação dos

indivíduos, como também da ação de Deus, que lhes dá a honra de serem chamados filhos. “O futuro passivo κληθήσονται expressa uma ação de Deus: os pacificadores não se autodenominam filhos de Deus — é Deus quem os reconhece como tais. [...] Esse título é uma forma de honra escatológica, dada àqueles que imitam o caráter divino em suas ações.”²⁸

O versículo 9 é uma das declarações mais profundas no Sermão da Montanha, pois ensina o caráter do verdadeiro discípulo de Cristo, que não apenas busca a paz, mas se engaja ativamente na reconciliação. A pacificação promovida pelos discípulos não é passividade frente ao conflito, senão uma ação intencional para restaurar relacionamentos quebrados, tanto em um nível humano quanto divino.

A pacificação, conforme ensinada por Jesus, é um reflexo da missão de Cristo. Ele é o “Príncipe da Paz” (Is 9,6) e, por meio de sua obra redentora, trouxe reconciliação entre Deus e os homens. Os discípulos de Cristo são chamados a refletir essa mesma missão, buscando, ativamente, restaurar a paz onde houver divisões e conflitos. A paz que Jesus fala aqui não é apenas ausência de guerra, mas restauração ativa das relações quebradas, que pode incluir a reconciliação de indivíduos com Deus e com o próximo.²⁹

Os pacificadores são chamados de “filhos de Deus”, porque, ao promoverem a paz, se tornam mais semelhantes a Deus, refletindo sua natureza pacificadora. Deus é Deus de paz e reconciliação, e aqueles que seguem Cristo são chamados a emular esse caráter. Jesus, ao usar esse termo, não só indica uma relação íntima com Deus, como também que os pacificadores têm uma identidade compartilhada com Deus, sendo seus representantes na terra.

A promessa de que os pacificadores “serão chamados filhos de Deus”, também, aponta para uma realidade escatológica, quando Deus manifestará plenamente sua paz em seu Reino. Aqueles que buscam paz e reconciliação, portanto, participam ativamente da missão de Deus no mundo e serão recompensados com o título de “filhos de Deus”, honra que será plenamente realizada no futuro.

Mt 5,9 reforça a ideia de que a verdadeira natureza do discípulo consiste em buscar ativamente a paz e a reconciliação. O pacificador, ao buscar a paz, não apenas imita Cristo, como também participa da missão redentora de Deus no mundo, refletindo seu caráter e

²⁸ LUZ, 2007, p. 238.

²⁹ LUZ, 2007, p. 245.

sendo reconhecido como seu filho. A pacificação, portanto, não é uma opção para o discípulo, e sim, característica fundamental de sua identidade e da vocação cristã.

Além disso, o título de “filho de Deus” é expressão de honra e identidade, que liga diretamente o discípulo a Deus e à missão divina. Para o discípulo de Cristo, buscar a paz não é uma tarefa opcional, senão expressão do próprio Evangelho que vive e compartilha. Dessa forma, o pacificador demonstra, por meio de suas ações, ser verdadeiramente discípulo de Cristo, como se diz “o ‘ser chamado filho de Deus’ não é um título que alguém se atribui, mas uma afirmação escatológica de Deus. [...] É uma promessa, uma identidade atribuída por Deus àqueles que refletem sua paz no mundo.”³⁰

2.5.10 Mt 5,10

δεδιωγμένοι (*dediōgménoi*, “os perseguidos”):

O termo δεδιωγμένοι é o particípio perfeito passivo do verbo διώκω (*diōkō*, “perseguir” ou “perseguir com hostilidade”). O uso do particípio perfeito implica que a perseguição não é um evento isolado, porém um estado contínuo e duradouro de sofrimento que resulta da fidelidade persistente a Deus e ao seu Reino. διώκω carrega o sentido de “perseguir” com intenção hostil, muitas vezes, associada à perseguição religiosa ou ao sofrimento causado por ser seguidor de Cristo.³¹

ἕνεκεν δικαιοσύνης (*héneken dikaiosýnēs*, “por causa da justiça”):

A expressão ἕνεκεν (*héneken*) indica causa, ou seja, o motivo pelo qual a perseguição ocorre. A palavra δικαιοσύνης (*dikaíosýnēs*) se refere à “justiça”, contudo, no contexto mateano, essa justiça não se limita a questões legais ou morais, por estar profundamente conectada à vontade de Deus e à vivência do Reino de Deus. Δικαιοσύνη (justiça) em Mt está frequentemente associada ao comportamento que reflete a moralidade e os padrões do Reino de Deus, que entra em confronto com as normas e práticas do mundo, conforme diversos textos bíblicos que apresentam tal tema de igual forma (Mt 6,1,33; 21,32; Rm 1,17; 3,21-22; 6,13; 14,17; 2Cor 5,21; Ef 6,14; Fl 3,9; Hb 12,11).

No contexto específico de Mt 5,10, a perseguição, por causa da justiça, implica que os discípulos de Cristo enfrentam oposição por viverem de acordo com os padrões divinos

³⁰ SCHWEIZER, 1975, p. 107.

³¹ BDAG, 2005, p. 239.

do Reino. A justiça, aqui, não é apenas virtude moral, mas padrão de vida do Reino de Deus, que pode ser desconfortável ou desafiador para o mundo que se opõe a esses valores.

ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (*hē basileía tōn ouranōn*, “o reino dos céus”):

A expressão βασιλεία (*basileía*, “reino”) é central em Mt, usada para descrever a soberania de Deus e o domínio de Cristo sobre todas as coisas.

“Reino dos céus”, nesse versículo, aponta para a recompensa escatológica que aguarda os discípulos perseguidos por causa da justiça. Em outras palavras, a promessa de um futuro glorioso no Reino de Deus é a esperança que sustenta os crentes enquanto enfrentam perseguições e sofrimentos, por sua fidelidade a Cristo.

Este versículo se insere na lógica escatológica das Bem-aventuranças, oferecendo uma promessa para os que enfrentam perseguições por causa da fidelidade a Cristo e ao seu reino. Aqui, Jesus indica que a perseguição não é sinal de fracasso ou de desgraça, senão uma confirmação de que os discípulos estão vivendo de acordo com os padrões de justiça do Reino de Deus, que, inevitavelmente, os colocam em conflito com as estruturas e os valores do mundo:

a perseguição aqui não é um infortúnio acidental, mas um resultado esperado da fidelidade ao Reino. A justiça do Reino desafia os valores dominantes, e aqueles que vivem por ela inevitavelmente encontram oposição. [...] O versículo reafirma a recompensa prometida no início da lista: ‘deles é o Reino dos Céus’ — um sinal de que os perseguidos permanecem dentro do favor escatológico de Deus (FRANCE, 2007, p. 171).

A perseguição por causa da justiça é consequência natural da vida fiel ao Reino de Deus. Os discípulos de Cristo não são perseguidos por práticas equivocadas ou por sua própria culpa, todavia por viverem de acordo com os princípios e valores que refletem a justiça divina. A promessa de que “deles é o reino dos céus” serve para encorajá-los, lembrando-lhes que sua fidelidade será recompensada, quando Deus estabelecer seu Reino plenamente.

A perseguição por causa da justiça também reflete a missão de Cristo, que, ao anunciar o Reino de Deus, enfrentou oposição e perseguição. Como seguidores de Cristo, os discípulos são chamados a imitar seu Mestre, enfrentando as mesmas adversidades que ele enfrentou. A perseguição, portanto, é uma parte integrante da experiência do discípulo autêntico, que vive de acordo com os valores do Reino.

O versículo, também, aponta para a recompensa escatológica do discípulo fiel, que será parte do Reino de Deus. A perseguição, por mais dolorosa que seja no presente, garante

que o discípulo tenha parte no Reino eterno de Deus. A promessa de que “deles é o Reino dos céus” oferece esperança e motivação para quem enfrenta sofrimento e opressão.

Mt 5,10 destaca uma característica importante do discípulo: a disposição para sofrer por causa da justiça e da fidelidade a Cristo. O discípulo verdadeiro não se compromete com os valores do mundo, mas permanece firme na justiça de Deus, mesmo quando resulta em perseguição e sofrimento. A promessa de recompensa no Reino de Deus reforça a ideia de que o sofrimento por causa da justiça é temporário, enquanto a glória futura no Reino de Deus será eterna, afinal, “a perseguição não é sinal de rejeição divina, mas um marco identificador dos verdadeiros discípulos, pois sua fidelidade à justiça do Reino entra em conflito com o mundo. [...] Jesus mostra que o caminho do Reino inevitavelmente passará pela cruz”.³²

Esse versículo sublinha a identificação do discípulo com a missão de Cristo. Como Jesus, o discípulo verdadeiro vive e promove o Reino de Deus, enfrentando oposição e perseguição por isso. A perseguição, portanto, não deve ser vista como obstáculo, porém como confirmação de que o discípulo está verdadeiramente vivendo de acordo com os padrões do Reino.

2.5.11 Mt 5,11-12

ὕμᾱς (*hymas*, “vós”):

A partícula grega ὕμᾱς se trata de um pronome de segunda pessoa do plural, usado, aqui, para personalizar o discurso de Jesus, direcionando-o assertivamente aos discípulos que estão ouvindo o Sermão da Montanha. Essa mudança para a segunda pessoa do plural, após os versículos anteriores em que a 3ª pessoa é utilizada, intensifica a aplicação pessoal das bem-aventuranças, tornando o ensino mais direto e apelativo para os ouvintes:

o uso de ‘ὕμᾱς’ na última bem-aventurança transforma o ouvinte em participante. [...] Essa transição reforça a identidade dos discípulos como receptores diretos das promessas e exortações de Jesus. É um movimento intencional do narrador para destacar o envolvimento dos seguidores na nova comunidade escatológica (LUZ, 2007, p. 244).

ὀνειδίσωσιν (*oneidīsōsin*, “injuriarem”):

O verbo ὀνειδίζω (*oneidízō*, “injuriar” ou “repreender com zombaria”) implica um insulto verbal ou zombaria pública. Esse verbo está no modo conjuntivo, sugerindo um

³² LUZ, 2007, p. 241-242.

possível evento futuro de injúria contra os discípulos. A injúria está ligada a palavras falsas e cruéis, motivadas pela fidelidade a Cristo, o que é confirmado pelo uso de ψευδόμενοι (“mentindo”, no versículo seguinte).³³

διώξουσιν (*diōxōsin*, “perseguirem”):

O verbo διώκω (*diōkō*) já foi discutido nos versículos anteriores, e aqui aparece novamente, desta vez, no modo conjuntivo, reforçando a ideia de perseguição que pode ser vivida pelos discípulos por sua lealdade a Cristo e ao Reino de Deus. A perseguição, mais uma vez, se refere a um sofrimento contínuo e hostil, como consequência da prática da justiça divina.³⁴

Segue expressão mais extensa do texto grego: πᾶν κακὸν ἐναντίον ὑμῶν ψευδόμενοι ἕνεκεν ἐμοῦ (*pân kakón enantíon hymôn pseudómenoi héneken emou*, “todo mal contra vós, mentindo, por minha causa”):

A expressão πᾶν κακὸν (*pân kakón*, “todo mal”) é abrangente, incluindo todas as formas de calúnia, difamação ou acusações falsas que podem ser feitas contra os discípulos. O verbo ψευδόμενοι (*pseudómenoi*, “mentindo”) indica que essas acusações não apresentam fundamento na realidade, sendo construídas com a intenção de prejudicar os discípulos injustamente. O motivo dessas injúrias e perseguições é explícito: ἕνεκεν ἐμοῦ (*héneken emou*, “por minha causa”), ou seja, por causa da fidelidade a Jesus, as mentiras e os ataques serão dirigidos contra os discípulos.³⁵

Χαίρετε καὶ ἀγαλλιᾶσθε (*chairete kai agalliásthe*, “Alegrai-vos e exultai”):

O verbo χαίρω (*chaírō*, “alegrar-se”) está no imperativo, que expressa um comando direto para os discípulos se alegrarem, apesar da perseguição e das injúrias. O verbo ἀγαλλιᾶσθε (*agalliásthe*, “exultai”) intensifica essa alegria, trazendo a ideia de um júbilo vibrante e exuberante. Em contexto de sofrimento e perseguição, a exortação desafia os discípulos a se alegrarem, pois a alegria em Cristo transcende as dificuldades temporais.³⁶

ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τοῖς οὐρανοῖς (*ho misthós hymôn polýs en toís ouranoís*, “porque é grande a vossa recompensa nos céus”):

O substantivo μισθός (*misthós*, “recompensa”) está associado a algo dado em troca de um serviço ou sofrimento. A palavra indica que os discípulos que enfrentam perseguição por causa de Cristo receberão uma recompensa celestial, que é infinita e duradoura, em

³³ BDAG, 2005, p. 720.

³⁴ BDAG, 2005, p. 241.

³⁵ BDAG, 2005, p. 762, 401, 352, 1025, 1071, 433 e 322 respectivamente.

³⁶ BDAG, 2005, p. 1064 e 2.

contraste com as dificuldades temporais da vida presente. O uso de *πολύς* (*polýs*, “grande”) reforça a imensidão da recompensa que espera os fiéis. ἐν τοῖς οὐρανοῖς (*en toîs ouranoîs*, “nos céus”) indica a dimensão celestial e eterna dessa recompensa, refletindo a realidade do Reino de Deus que transcende o mundo terrível de perseguição que os discípulos podem experimentar.³⁷

οὕτως ἐδίωξαν τοὺς προφῆτας τοὺς ἀπὸ τῆς ἀρχῆς (*hoútōs ediōxan toûs prophētas toûs apò tês archês*, “pois assim perseguiram os profetas que viveram antes de vós”):

A palavra ἐδίωξαν (*ediōxan*, “perseguiram”) é o verbo declinado ao aoristo ativo indicativo de διώκω (*diōkō*), reforçando a continuidade da perseguição contra os que falam em nome de Cristo. Jesus faz uma comparação entre os discípulos e os profetas do Antigo Testamento, sugerindo que os discípulos que enfrentam perseguição, por causa da justiça, estão seguindo os passos dos grandes profetas que foram igualmente perseguidos. Essa referência aos profetas aponta para a tradição de sofrimento e fidelidade dos mensageiros de Deus, e implica que os discípulos devem esperar ser tratados da mesma maneira, já que estão proclamando a mesma verdade divina.³⁸

Nos versículos 11 e 12, Jesus exorta seus discípulos a se alegrarem diante da perseguição, por ser evidência de sua lealdade ao Reino de Deus e, portanto, sinal de bênção divina. A perseguição por causa de Cristo confirma a identidade dos discípulos como seguidores fiéis do Reino. Além disso, esses versículos reorientam a visão dos discípulos sobre o sofrimento, desafiando-os a ver as dificuldades como oportunidades de viver de acordo com a missão de Cristo, com a recompensa eterna sendo garantida.

A recompensa prometida, ὁ μισθὸς (*ho misthós*), é escatológica, não se limitando a uma recompensa temporal, mas sendo *πολύς* (*polýs*), “grande”, e ἐν τοῖς οὐρανοῖς (*en toîs ouranoîs*), “nos céus”. Essa ênfase escatológica oferece aos discípulos a perspectiva de que, embora sofram agora, a glória futura será muito maior do que qualquer sofrimento experimentado, pois, “a esperança cristã está enraizada nesse ‘ainda não’, que sustenta o discípulo em meio às perseguições do presente”.³⁹

Jesus coloca os discípulos no mesmo nível dos profetas do Antigo Testamento, que sofreram perseguição por causa da fidelidade a Deus. Isso reflete o caráter contínuo da missão de Deus no mundo e mostra que os fiéis à verdade divina, sempre, enfrentarão oposição. Assim, os discípulos não estão apenas sendo perseguidos por uma causa pessoal

³⁷ BDAG, 2005, p. 647.

³⁸ BDAG, 2005, p. 249.

³⁹ FRANCE, 2007, p. 176.

ou ideológica, e sim, por se alinharem com a missão de Deus no mundo, compartilhando o sofrimento de Cristo e dos profetas.

Os versículos 11 e 12 destacam que o discípulo verdadeiro, ao seguir o Cristo, pode esperar perseguições, injúrias e até mesmo sofrimento. No entanto, a recompensa futura, celestial e eterna, serve como fato motivador.

2.5.12 Sumarização

Mt 5,1-12 apresenta uma densidade lexical que combina elementos semânticos, gramaticais e estilísticos. A análise lexicográfica revelou o uso de termos que possuem profundo significado teológico e literário, contribuindo para a coesão temática e para a construção de um discurso que fundamenta os valores do Reino dos Céus. A precisão linguística e a escolha vocabular destacam o impacto retórico do texto e sua relevância no contexto do Evangelho mateano, onde fica claro que “a força estilística e a economia vocabular revelam uma intencionalidade pastoral e profética, que estrutura a identidade do discípulo e comunica valores centrais da nova era inaugurada por Jesus.”⁴⁰

A análise lexicográfica de Mt 5,1-12, nas Bem-aventuranças, destacou a profundidade e a complexidade da mensagem de Jesus, delineando não apenas a tradução das palavras, como também seu significado teológico e sua aplicabilidade para a vida cristã. Através do exame detalhado dos termos-chave, como μακάριοι (*makarios*), ἐλεήμονες (*eleēmōnes*), καθαροί (*katharoi*), πτωχοί (*ptōchoi*), entre outros, foi possível perceber que as Bem-aventuranças não apenas descrevem as características dos discípulos de Cristo, mas também delineiam um padrão ético e de vida que está em contraste com os valores do mundo.

A escolha do termo μακάριοι (*makarios*), traduzido, tradicionalmente, como “bem-aventurado” ou “feliz”, sugere uma felicidade transcendente, que não depende das circunstâncias externas, por ser fundamentada em um relacionamento com Deus e numa perspectiva escatológica de recompensa. Essa noção de felicidade é radicalmente diferente da felicidade temporária e materialista defendida por muitas filosofias e ideologias contemporâneas.⁴¹

⁴⁰ LUZ, 2007, p. 234.

⁴¹ BDAG, 2005, p. 155.

Além disso, palavras como ἐλεήμονες (*eleēmōnes*) e καθαροί (*katharoi*) refletem atributos essenciais para a prática do Reino de Deus, revelando o caráter que os discípulos devem cultivar: misericórdia e pureza. O estudo do verbo διώκω (*diōkō*), especialmente em sua forma ἐδίωξαν (*ediōxan*), permitiu uma compreensão mais profunda do sofrimento e da perseguição, para os quais os cristãos devem estar preparados, seguindo o exemplo de Cristo, e como isso se relaciona com a promessa de um galardão celestial, conforme expresso em ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τοῖς οὐρανοῖς (*ho misthos hymōn polys en tois ouranois*):

a estrutura e o vocabulário das Bem-aventuranças não são casuais. [...] Elas apresentam um manifesto do discipulado cristão, e seu vocabulário teológico — especialmente palavras como καθαροί e ἐλεήμονες — remete à idade veterotestamentária e à escatologia do Reino. [...] O contraste com os valores do mundo é intencional e literariamente reforçado (LUZ, 2007, p. 265).

Através da análise lexicográfica, foi possível perceber que as Bem-aventuranças, além de descreverem a experiência do discípulo, apontam para um padrão ético que deve ser vivido em conformidade com o Reino de Deus. Cada um dos termos analisados oferece uma rica compreensão das qualidades espirituais e das atitudes que Jesus exalta como indicativas de um verdadeiro seguidor de Cristo.

2.6 Análise estilística

A análise estilística investigará o estilo literário do autor, incluindo o uso de figuras de linguagem, metáfora, e outras técnicas retóricas. Essa etapa ajuda a identificar o tom, o ritmo e as intenções comunicativas do autor. Compreender o estilo literário é crucial para interpretar corretamente o texto e entender as nuances e sutilezas da mensagem, conforme Silva.⁴²

A análise estilística das Bem-aventuranças (Mt 5,1-12) revela uma série de recursos literários e estratégias discursivas que visam não apenas instruir, como também impactar emocionalmente o ouvinte, transmitindo profundidade de forma acessível e memorável, ao utilizar “linguagem que combina simplicidade e profundidade teológica. O uso de paralelismos e antíteses reforça a mensagem de que o Reino dos Céus inverte as normas sociais estabelecidas.”⁴³

⁴² SILVA, 2022, p. 221-246.

⁴³ LUZ, 2007, p. 57.

2.6.1 Uso de *Makários* (Bem-Aventuranças)

O recurso estilístico mais proeminente no início do Sermão da Montanha é o uso de *makários* – “bem-aventurado”, que inicia cada uma das bem-aventuranças. A palavra grega *makários* carrega um significado de felicidade profunda e duradoura, tal qual de bênção divina. O uso repetido dessa palavra, no início de cada versículo, seguido por uma qualidade ou condição específica, estabelece um padrão rítmico e uma marca distintiva do discurso de Jesus. A construção sintática que se repete (“bem-aventurados os pobres de espírito...”) cria uma unidade estilística que não só facilita a memorização do texto, como também confere um senso de autoridade e solenidade. Cada “bem-aventurança” não é uma simples declaração de felicidade, entretanto uma proclamação de bênção divina sobre aqueles que se encontram em condições de vulnerabilidade, pobreza ou sofrimento. O uso de “bem-aventurado” ressalta a inconformidade do Reino de Deus com os valores do mundo, subvertendo as expectativas e oferecendo uma nova perspectiva sobre o que é verdadeiramente digno de bênção:

no Evangelho de Mateus, o termo '*makarios*' (*μακάριος*) é utilizado de maneira significativa para descrever não apenas uma felicidade temporária, mas uma bênção que está profundamente ligada à experiência da graça de Deus e à vivência dos princípios do Reino. As bem-aventuranças (Mt 5,3-12) não são meras declarações sobre estados de felicidade humana, mas sim sobre uma felicidade profunda, que vem de uma união com Deus, de uma vida que reflete os valores do Reino e da sua promessa escatológica. O '*makarios*' do Evangelho de Mateus é um estado de ser bendito por Deus, em que a pessoa, ao experimentar a pobreza de espírito, a mansidão, a fome e sede de justiça, entre outros, é agraciada com uma realidade que ultrapassa os limites da experiência humana comum (DAVIES; ALLISON, 1988, p. 477).

2.6.2 Tom autoritativo e direto

A maneira como Jesus se comunica no Sermão da Montanha apresenta uma qualidade autoritativa. O discurso de Jesus é direto e sem rodeios. Não faz apelos emocionais ou longos argumentos para convencer seu público; ao contrário, faz declarações que carregam um peso intrínseco, como se fossem verdades universais e inquestionáveis. Isso é particularmente evidente nas bem-aventuranças, onde cada uma das declarações se apresenta como verdade absoluta e não como conselho ou sugestão. A simplicidade e a clareza do tom autoritativo fazem com que as palavras de Jesus tenham

um impacto imediato, refletindo sua autoridade divina e o papel de Mestre. Este tom também reforça a expectativa de que os ouvintes devem não apenas ouvir, todavia internalizar as palavras e viver de acordo com elas:

o discurso das Bem-aventuranças em Mateus 5 é caracterizado por um tom autoritário e direto, que reflete o poder de Jesus como mestre e revelador do Reino de Deus. Em contraste com as abordagens rabínicas mais tradicionais de sua época, que frequentemente faziam uso de interpretações ou comentários, Jesus simplesmente proclama as bem-aventuranças, sem recorrer a explicações adicionais, o que confere um caráter absoluto ao seu ensino. A autoridade de Jesus se torna evidente pela sua capacidade de apresentar as promessas do Reino como algo já acessível aos seus discípulos, desafiando as normas sociais e religiosas vigentes (FRANCE, 2007, p. 133).

2.6.3 Estrutura narrativa e instrutiva

O sermão começa com uma cena narrativa – Jesus sobe à montanha e se assenta, criando um espaço físico e simbólico para o ensino. A transição entre a narrativa e a instrução é quase imperceptível, mostrando a habilidade de Mateus em combinar esses dois elementos de forma fluida. A presença de um contexto narrativo prepara o terreno para a instrução e dá um sentido de autoridade ao que será dito. A posição de Jesus, sentado na montanha, remete a uma postura de ensino tradicional dos rabinos da época. Isso não apenas faz com que o público perceba que está prestes a ensinar, como também enfatiza a seriedade de suas palavras. A instrução que se segue nas bem-aventuranças começa com um foco nas qualidades éticas dos discípulos, mas rapidamente se expande para abarcar questões de justiça social, perseverança e relacionamento com Deus.

2.6.4 Simplicidade e profundidade

Uma das características mais marcantes do estilo de Mateus, particularmente, no Sermão da Montanha, é a combinação de simplicidade e profundidade. As palavras de Jesus são de fácil compreensão, com frases curtas e sem complexidade gramatical. No entanto, por trás da simplicidade, há uma profundidade ética que exige reflexão e transformação interior. A estrutura simples das bem-aventuranças, com suas declarações claras e diretas, permite que a mensagem seja acessível a uma ampla gama de ouvintes, desde os mais humildes e simples até os mais sofisticados intelectualmente. Ao mesmo tempo, o conteúdo é de uma profundidade que não pode ser facilmente digerida sem uma

reflexão mais cuidadosa sobre seus significados práticos. Esse equilíbrio entre simplicidade e profundidade é uma das razões pelas quais o Sermão da Montanha continua sendo uma das passagens mais poderosas e impactantes da literatura bíblica:

o Sermão da Montanha é um dos exemplos mais claros de como Jesus usou um estilo simples e direto para transmitir mensagens profundas e transformadoras. Em Mateus 5, as bem-aventuranças, com sua estrutura simples e suas declarações concisas, apresentam uma sabedoria profunda que não é imediatamente óbvia. As palavras de Jesus são acessíveis, mas seu significado exige uma reflexão contínua, desafiando os ouvintes a reconsiderar seus valores e atitudes. A simplicidade da forma torna a mensagem acessível a todos, enquanto a profundidade do conteúdo exige uma resposta pessoal e transformadora (FRANCE, 2007, p. 89).

2.6.5 Repetição e paralelismo

Outro recurso estilístico importante presente nas bem-aventuranças é o paralelismo, particularmente no uso de estruturas repetitivas. Cada bem-aventurança segue um formato padrão: “bem-aventurados os... porque...”. Esse paralelismo cria um ritmo quase poético e reforça o sentido de unidade e coerência dentro do texto. Além disso, a repetição do verbo “ser” (ἐστέ, *este*), nas declarações de cada bem-aventurança, reforça a ideia de que as condições descritas são não apenas desejáveis, como também já uma realidade para os ouvintes. Esse paralelismo enfatiza a relação “causa e efeito” entre a condição humana e a bênção divina, criando uma simetria entre as promessas e os sofrimentos ou desafios enfrentados pelos discípulos:

O uso de repetição e paralelismo nas Bem-aventuranças de Mateus 5 é um recurso estilístico proeminente que contribui para a ênfase nas promessas do Reino dos Céus. A estrutura paralelística, com a repetição da fórmula 'Bem-aventurados os...' seguida de uma característica ou condição e sua respectiva promessa, cria uma harmonia e reforça o impacto da mensagem. Esse paralelismo não apenas facilita a memorização das palavras de Jesus, mas também sublinha a relação direta entre as atitudes dos discípulos e as recompensas prometidas, refletindo a lógica do Reino de Deus (CARSON, 2011, p. 159).

2.6.6 Implicações escatológicas e teológicas

Finalmente, o estilo de Mateus, no Sermão da Montanha, carrega uma forte ênfase escatológica. Embora as bem-aventuranças se refiram a condições presentes, apontam para uma realidade futura, um Reino de Deus ainda por vir. As promessas de consolo para os que choram, de herança para os mansos e de saciedade para os que têm fome e sede de justiça são vistas sob a ótica de uma esperança escatológica que é garantida pela vinda do Reino. Esse foco escatológico não apenas reforça a radicalidade das declarações de Jesus,

como também as coloca em um contexto que ultrapassa as limitações temporais e espaciais, apontando para uma transformação cósmica que está para acontecer:

as Bem-aventuranças de Mateus são um reflexo da teologia escatológica do evangelista. Elas não apenas descrevem as virtudes que caracterizam os discípulos do Reino, mas também apontam para as bênçãos que os aguardam no futuro, na consumação plena do Reino de Deus. Cada promessa de Jesus, ao ser dirigida aos que sofrem ou buscam justiça, oferece uma esperança escatológica, em que a recompensa divina será recebida na plenitude do Reino, mostrando que, apesar das dificuldades atuais, a vitória de Deus sobre o mal e a injustiça está garantida (FRANCE, 2007, p. 122).

2.6.7 Sumarização

Em resumo, o estilo literário de Mt 5,1-12 é uma rica combinação de simplicidade e profundidade, estrutura narrativa e instrutiva, paralelismo e autoridade direta. Esses recursos estilísticos não são apenas estéticos, contudo, teológicos, refletindo a seriedade e a radicalidade dos ensinamentos de Jesus. O texto é cuidadosamente construído para ser acessível, memorável e transformador, com o objetivo de fazer com que os ouvintes não apenas compreendam a mensagem, mas a vivenciem em suas vidas diárias. A habilidade de Mateus em transmitir essas verdades, de maneira clara e profunda faz com que o Sermão da Montanha continue a ser um pilar da fé cristã e um desafio ético e para todos os tempos.

2.7 Texto compósito ou unitário?

A possibilidade de o texto ser compósito (formado por diferentes fontes ou tradições) ou unitário (uma unidade coesa e homogênea) deve ser abordada. Analisar o aspecto do texto que é resultado da combinação de diversas fontes ou uma obra coesa ajuda a entender sua origem e desenvolvimento. Estudos de origem e composição textual são importantes para avaliar a integridade e a autenticidade do texto.⁴⁴

A questão da unidade ou composição de Mt 5, pode ser abordada a partir de diferentes perspectivas. Alguns estudiosos da Bíblia argumentam que o capítulo pode ser composto devido à natureza de sua organização, como Betz.⁴⁵

⁴⁴ BDAG, 2005, p. 247-264.2

⁴⁵ BETZ, 1985, p. 117.

Outro exemplo é uma mudança notória de narrativa na última bem-aventurança em relação às anteriores. No versículo 11a, há uma clara mudança de estilo, pois Jesus muda de terceira pessoa para segunda pessoa.⁴⁶

Além disso, a estrutura do capítulo, em que Jesus contrasta as interpretações tradicionais da Lei com suas próprias interpretações, pode sugerir uma compilação de ensinamentos ao longo do tempo.

No entanto, a unidade temática e o desenvolvimento lógico dos ensinamentos de Jesus ao longo do capítulo levam muitos a considerá-lo como um texto unitário semanticamente, não literariamente. A sequência coesa de tópicos e a consistência dos temas, como a ética do Reino dos Céus e a interpretação da Lei, dão a impressão de um discurso integral e coerente:

As Bem-aventuranças em Mateus 5 podem ser vistas como um texto unitário, com uma coesão interna que revela a visão de Jesus sobre os valores do Reino de Deus. No entanto, também é possível observar que cada declaração tem um caráter único e específico, refletindo diferentes aspectos da vida cristã e da experiência humana, sugerindo uma construção mais composta, onde cada bem-aventurança contribui para um quadro maior de bênçãos escatológicas (LUZ, 2007, p. 172).

Em última análise, a discussão sobre a unidade ou composição de Mt 5 pode variar de acordo com a abordagem hermenêutica e a interpretação dos estudiosos e leitores. É uma questão complexa e sujeita a diferentes interpretações, cujo maior desenrolar ou mesmo aprofundamento nesta seara não se revela como sendo útil para a discussão que encabeça esta dissertação.

2.8 Gênero literário

Mt 5 apresenta uma mistura de gêneros literários. O principal deles, aquele que emoldura todo o capítulo, seria o discurso didático/ensinamento: grande parte do capítulo é ocupada pelo Sermão da Montanha, em que Jesus oferece ensinamentos e diretrizes morais para seus seguidores. Os outros que podem ser encontrados dentro do texto de Mt 5,1-12 seriam:

Narrativa descritiva: o capítulo começa com uma narrativa, ao mencionar Jesus subindo a montanha, o que pode ser considerado um elemento narrativo, “apresentadas de forma descritiva, pintando um quadro das características”.⁴⁷

⁴⁶ BETZ, 1985, p. 121.

⁴⁷ DAVIES; ALLISON, 1997, p. 97.

Poesia ou discurso poético: as bem-aventuranças de Mt 5,1-12 apresentam um estilo poético, com frases estruturadas de forma poética e repetições que conferem qualidade poética ao texto, conforme literatura sapiencial e gênero próprio:

as Bem-aventuranças de Mateus 5 podem ser vistas como uma forma de discurso poético, utilizando um estilo conciso e rítmico, com repetição e paralelismo, que é comum em muitos textos poéticos da literatura bíblica. A estrutura paralela das frases, com a combinação de condições e promessas, confere uma musicalidade ao texto, ajudando a enfatizar as verdades espirituais profundas de maneira memorável. A simplicidade e a clareza das expressões em cada bem-aventurança, por sua vez, ampliam a profundidade do discurso, fazendo com que ele se encaixe nas formas poéticas da tradição judaica (FRANCE, 2007, p. 168).

2.9 Leitura sinótica das Bem-Aventuranças

Os evangelhos chamados “sinóticos” (3 dos 4: Mt, Mc e Lc) são tomados desta forma por trazerem diversas narrativas semelhantes e que são paralelas em todos os evangelhos mencionados. Brown afirma que compartilham uma dependência mútua e complexas questões de redação e fontes, como a teoria das duas fontes – a teoria Q e o uso de Mc como fonte para Mt e Lc.⁴⁸ Manns abordou as semelhanças entre os evangelhos e a relação entre as fontes orais e escritas utilizadas pelos evangelistas, para que chegassem ao “texto final” de cada um dos evangelhos.⁴⁹

A passagem estudada nesta dissertação possui elementos similares em Lc 6,20-23, frequentemente, chamado de Sermão da Planície – não Sermão da Montanha –, e outras partes de Lc.

Comparativamente, enquanto Mateus oferece um discurso mais extenso e organizado, Lucas apresenta um discurso mais conciso e prático. Há uma sobreposição nos temas abordados, mas as redações e ênfases são distintas:

Mateus e Lucas preservam tradições semelhantes no Sermão da Montanha e no Sermão da Planície, respectivamente. No entanto, Mateus oferece um discurso cuidadosamente estruturado, de caráter mais ético, enquanto Lucas apresenta uma versão mais breve e direta, com ênfase social e econômica. Ambos os evangelistas moldam o material herdado segundo suas próprias teologias e contextos comunitários, o que explica as variações em forma e conteúdo (LUZ, 2007, p. 220-222).

Mt insere as bem-aventuranças no início do Sermão do Monte, em uma estrutura literária mais desenvolvida e de caráter catequético, apresentando nove declarações que delineiam o *ethos* do discípulo de Cristo – como mencionado anteriormente nesta

⁴⁸ BROWN, 1997, p. 358-434.

⁴⁹ MANNS, 1998, p. 134-246.

proposição. Lc, por sua vez, as situa no Sermão da Planície, reduzindo-as a quatro bênçãos acompanhadas de quatro “ais”, o que confere ao texto uma dimensão de contraste social e escatológico. A diferença de ambientação – “monte” em Mt e “planície” em Lc – não é meramente geográfica, mas simbólica: enquanto Mt exalta a imagem mosaica de Jesus como novo legislador, Lc enfatiza o Cristo solidário, que desce e se coloca no mesmo nível do povo; um retrata a dimensão pedagógica de Jesus, o Mestre, o *Rabbi*, e o outro retrata sua humanidade, Jesus que é Deus Conosco, o Emanuel.⁵⁰

Lc, por outro lado, adota uma perspectiva mais concreta e social: sua redação apresenta os “pobres” (Lc 6,20) e “famintos” (Lc 6,21) em sentido literal, em consonância com sua teologia que permeia todo o evangelho. O contraste entre bênçãos e “ais” enfatiza a inversão escatológica típica da tradição profética: os marginalizados serão exaltados, enquanto os satisfeitos e poderosos enfrentarão juízo. A dimensão histórica e sociopolítica da salvação é enfatizada, mostrando que o Reino anunciado por Jesus tem implicações concretas para a vida dos oprimidos. Assim, enquanto Mt oferece um ideal de discipulado pautado na justiça e na interioridade ética, Lc apresenta uma mensagem de esperança e libertação social que revela a radicalidade do Evangelho no mundo histórico. Em conjunto, as duas versões sinóticas se complementam: Mt articula a dimensão espiritual e eclesial do Reino, e Lc, sua dimensão social e histórica, compondo um panorama teológico no qual o Reino de Deus se manifesta tanto na transformação interior quanto na reversão das estruturas injustas do mundo.⁵¹

Todos esses fatores levam a crer que os textos foram montados a partir da fonte Q e de textos colhidos pelos próprios autores. Além disso, Mateus foi muito mais detalhista e organizado em sua descrição do que Lucas. Isso reforça o perfil do autor, que tinha a preocupação de apresentar o projeto de discipulado do Reino de forma clara, para evitar mal-entendidos ou adesões precipitadas.⁵²

Segue a tabela que apresenta os dois evangelhos de forma paralela, em português e grego (original), possibilitando a análise mencionada anteriormente:

v.		Mateus 5,1-12		v.	Lucas 6,20-23	
----	--	----------------------	--	----	----------------------	--

⁵⁰ GREEN, 1997, p. 25-31.

⁵¹ NOLLAND, 1989, p. 77.

⁵² NOLLAND, 1989, p. 79.

1	A	E Jesus, subiu, a um monte	Ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος,			
	B	e, assentando-se	καὶ καθίσαντος			
	C	Aproximaram -se dele os seus discípulos	αὐτοῦ προσῆλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ·	20 ^a	E, levantando ele ergueu os olhos para os seus discípulos,	Καὶ αὐτὸς ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ εἰς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἔλεγεν,
2	A	e abrindo a sua boca	καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα			
	B	os ensinava	ἐδίδασκεν αὐτοὺς			
	C	Dizendo:	Λέγων			
3	A	Bem- aventurados os pobres de espírito,	³ Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι,	20 b	dizia: Bem- aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.	Μακάριοι οἱ πτωχοί, ὅτι ὑμετέρα ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ.
	B	porque deles é o reino dos céus;	ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.			
4	A	Bem- aventurados os que choram,	μακάριοι οἱ πενθοῦντες,	21 b	Bem- aventurados vós, que agora chorais,	Μακάριοι οἱ κλαίοντες νῦν, ὅτι γελάσετε.

					porque haveis de rir.	
	B	porque eles serão consolados;	ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.			
5	A	Bem aventurados os mansos,	μακάριοι οἱ πραεῖς,			
	B	porque herdarão a terra;	ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται.			
6	A	Bem- aventurados os que têm fome e sede de justiça	μακάριοι οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην,	21 ^a	Bem- aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos	Μακάρι οἱ οἱ πεινῶντες νῦν, ὅτι χορτασθήσεσθε
	B	porque eles serão fartos;	ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται.			
7	A	Bem- aventurados os misericórdios os,	μακάριοι οἱ ἐλεήμονες,			
	B	porque eles alcançarão misericórdia;	ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.			
8	A	Bem- aventurados os limpos de coração,	μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ,			

	B	porque eles verão a Deus;	ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν ὄψονται.			
9	A	Bem- aventurados os pacificadores,	μακάριοι οἱ εἰρηνοποιοί,			
	B	porque eles serão chamados filhos de Deus;	ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ θεοῦ κληθήσονται.			
1 0	A	Bem- aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça,	μακάριοι οἱ δεδιωγμένοι ἕνεκεν δικαιοσύνης,			
	B	porque deles é o reino dos céus.	ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.			
1 1	A	Bem aventurado sois vós,	¹¹ μακάριοί ἐστε ὅταν	22 ^a	Bem- aventurados sereis,	Μακάριοί ἐστε ὅταν μισήσωσιν ὕμᾱς οἱ ἄνθρωποι
	B	Quando o vos injuriarem e perseguirem e,	ὀνειδίσωσιν ὕμᾱς καὶ εἴπωσιν	22 b	quando os homens vos odiarem e quando vos separarem	καὶ ὅταν ἀφορίσωσιν ὕμᾱς
	C	mentindo,	ψευδόμενοι	22 c	e vos injuriarem	καὶ ὀνειδίσωσιν
	D	disserem todo o mal contra	καὶ διώξωσιν πᾶν πονηρὸν καθ' ὕμῶν ἕνεκεν ἐμοῦ.	22 d	e rejeitarem o vosso nome	καὶ ἐκβάλωσιν τὸ ὄνομά ὑμῶν

		vós por minha causa.			como mau, por causa do Filho do homem.	ὡς πονηρὸν ἔνεκεν τοῦ Υἱοῦ τοῦ Ἀνθρώπου.
1 2	A	Exultai	χαίρετε	23 b	exultai;	Χαίρετε
	B	e alegrai-vos,	καὶ ἀγαλλιᾶσθε,	23 ^a	Folgai nesse dia,	ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ
	C	porque é grande o vosso galardão nos céus;	ὅτι ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τοῖς οὐρανοῖς·	23 c	porque eis que é grande o vosso galardão no céu,	ἰδοὺ γὰρ ὁ μισθὸς ὑμῶν πολὺς ἐν τῷ οὐρανῷ·
	D	Porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.	οὕτως γὰρ ἐδίωξαν τοὺς προφῆτας τοὺς πρὸ ὑμῶν.	23 d	Pois assim faziam os seus pais aos profetas.	κατὰ τὰ αὐτὰ γὰρ ἐποιοῦν τοῖς προφῆταις οἱ πατέρες αὐτῶν.

2.10 Análise Semântica

Egger aborda a análise semântica como uma parte crucial da exegese bíblica. A análise semântica envolve o estudo do significado das palavras e frases, o que é fundamental para uma compreensão precisa dos textos do Novo Testamento. O autor discute como as palavras podem ter significados específicos e variados dependendo do contexto cultural, histórico e literário.⁵³

Em relação a Mt 5,3-12, pode-se dizer que:

⁵³ EGGER, 2005, p. 89-129.

a análise semântica das Bem-aventuranças revela que os termos empregados por Mateus carregam significados teológicos específicos e profundos. Palavras como μακάριοι (bem-aventurados), πτωχοί (pobres), πεινῶντες (os que têm fome), ἐλεήμονες (misericordiosos), e καθαροί (puros) não são escolhidas ao acaso, mas comunicam realidades espirituais associadas ao Reino dos Céus. Compreender o sentido dessas expressões dentro do vocabulário grego do Novo Testamento e do pano de fundo judaico é essencial para captar o impacto original da mensagem de Jesus e sua proposta ética radical (PENNINGTON, 2017, p. 58-60).

De fato, existem desafios e limitações da análise semântica, incluindo a dificuldade de interpretar palavras em um idioma antigo com precisão total. Nesse sentido, a análise semântica deve ser combinada com outras abordagens interpretativas para uma compreensão mais completa.

Entretanto, tal disposto não faz com que ela deixe de ser uma ferramenta essencial para a Exegese Bíblica, ajudando a esclarecer o significado das palavras e frases dentro do contexto original dos textos do Novo Testamento.⁵⁴

2.10.1 Mt 5,1-2

A análise semântica do texto grego de Mt 5,1-2, que introduz as Bem-aventuranças, oferece uma oportunidade única de investigar a intenção do evangelista, sua motivação teológica e a aplicação das palavras de Jesus no contexto sociocultural da época.

Ἰησοῦς (*Iēsous*) – “Jesus”.

A escolha de Ἰησοῦς (Jesus) para se referir ao protagonista da narrativa é sem dúvida carregada de significado. Embora esse nome fosse comum na época, para os leitores do Evangelho segundo Mateus, ele remete à figura messiânica, o “Salvador” e o “Ungido”. O uso do nome aqui não apenas remete ao homem histórico, mas também à sua missão divina, como descrito nas passagens anteriores do Evangelho, onde ele é associado ao cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento (Mt 1,21-23). Assim, o nome Ἰησοῦς carrega uma conotação teológica significativa: Ele é o “Deus conosco”, o enviado que trará a salvação ao seu povo:

O nome ‘Jesus’ (*Ἰησοῦς*), embora comum no primeiro século, é apresentado por Mateus com uma clara carga teológica. Já em Mateus 1,21, o anjo explica o significado de seu nome: ‘Ele salvará o seu povo dos pecados deles’. A associação com a profecia de Isaías (Mt 1,23) reforça que este Jesus é o ‘Emmanuel’, o Deus conosco. Assim, cada menção do nome ao longo do Evangelho carrega essa densidade: não é apenas um nome, mas uma identidade e missão messiânicas (FRANCE, 2007, p. 111).

⁵⁴ Para a análise semântica utilizou-se como referência a obra *The Sermon on the mount and Human Flourishing*. PENNINGTON, 2017, p. 137-161.

ἰδὼν τὰ ὄχλους (*idōn ta ochlou*) – “vendo as multidões”.

A escolha deste verbo sugere que Jesus, ao olhar para as multidões, não apenas percebe sua presença física, mas também reconhece suas necessidades espirituais. O termo ὄχλος (*ochlos*), traduzido como “multidão”, remete à ideia de muitas pessoas, sem uma estrutura organizada. As multidões na época de Jesus eram frequentemente associadas a grupos heterogêneos, compostos por diferentes classes sociais, muitas vezes com necessidades sociais e políticas não atendidas. Isso revela uma semelhança com as condições de marginalização e opressão vividas pelo povo judeu sob o domínio romano, que era um cenário de profunda expectativa messiânica.

A percepção de Jesus sobre as multidões é significativa, porque aponta para um olhar atento às necessidades de seu povo. A palavra ὄχλος evoca um público plural, composto por diferentes camadas sociais e culturais, o que é uma característica importante na Teologia de Mateus, que destaca a inclusão do Reino de Deus, não apenas para os judeus, todavia para todos os povos (Mt 28,19), “a teologia mateana, portanto, combina sensibilidade pastoral com uma abertura escatológica e missionária para todos os povos”.⁵⁵

ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος (*anebē eis to oros*) – “subiu a montanha”.

A frase ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος (*anebē eis to oros*), traduzida como “subiu a uma montanha”, tem um caráter simbólico significativo. No contexto judaico, a montanha era frequentemente vista como um local de revelação divina. A escolha de Jesus para subir a uma montanha pode ser associada ao encontro de Moisés com Deus no Monte Sinai, onde a Lei foi dada ao povo de Israel (Ex 19–20). Essa ascensão de Jesus à montanha estabelece um paralelo com Moisés, sugerindo que ele, assim como Moisés, é um novo legislador, trazendo uma nova “lei” ou “ensinamento”. Este simbolismo não apenas conecta Jesus com as tradições judaicas, como também prepara o leitor para a revelação das bem-aventuranças, um ensinamento que reflete o caráter do Reino de Deus.⁵⁶

καὶ ὅταν καθήσῃ (*kai hotan kathēsē*) – “e, quando se assentou”.

Na cultura do período, os mestres e rabinos costumavam sentar-se enquanto ensinavam, o que indicava um momento de autoridade e sabedoria. O gesto de sentar-se de Jesus sugere que ele está prestes a proclamar um ensinamento importante, e o verbo, aqui, não é meramente físico, tal qual carrega uma conotação de autoridade religiosa e

⁵⁵ LUZ, 2007, p. 180-181.

⁵⁶ LUZ, 2007, p. 180-181.

messiânica. Essa atitude de sentar-se é uma forma de introdução à sua função de mestre, que é detalhada no restante do Sermão da Montanha.

προσῆλθαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ (*prosēlthan autōi hoi mathētai autou*) – “os seus discípulos aproximaram-se dele”.

A forma προσῆλθαν (*prosēlthan*), que significa “aproximar-se”, indica uma ação ativa por parte dos discípulos, derivada do verbo *proserchomai*. Isso sugere que os discípulos, ao verem Jesus se assentando, perceberam a importância do momento e se aproximaram dele para receber ensino. A escolha da palavra μαθηταί (*mathētai*) enfatiza a relação de discipulado, em que o mestre (Jesus) tem a autoridade de ensinar, e os discípulos buscam aprender. Esse aspecto destaca a diferença entre as multidões e os discípulos; enquanto as multidões observam à distância, os discípulos se aproximam para receber o ensinamento diretamente de Jesus. Essa proximidade também sugere uma escolha deliberada por parte dos discípulos em seguir a Jesus, algo que implica uma resposta de fé e compromisso:

O uso de προσῆλθαν em Mateus 5,1 indica um movimento intencional por parte dos discípulos em direção a Jesus. Eles não são passivos, mas se aproximam voluntariamente, reconhecendo sua autoridade como mestre. Isso os distingue da multidão (ὄχλος), que permanece mais distante. O termo μαθηταί é técnico em Mateus e designa aqueles que aceitaram o chamado de Jesus e estão dispostos a aprender com ele. Assim, Mateus estabelece desde o início do Sermão da Montanha uma relação direta entre mestre e discípulos, fundamentada na autoridade do ensinamento e na disposição dos discípulos em escutá-lo e segui-lo.

καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτούς (*kai anoixas to stoma autou edidasken autous*) – “e, abrindo a boca, os ensinava”.

A expressão ἀνοίξας τὸ στόμα (*anoxias to stoma*) evoca uma cena de ensino formal e profundo. “Falar” é uma metáfora para começar a ensinar, uma prática comum na literatura judaica, onde o ato de falar e ensinar é frequentemente descrito como um momento de grande autoridade. A forma ἐδίδασκεν (*edidasken*), do verbo διδάσκω (*didaskō*), significa “ensinar”, e está no imperfeito, indicando uma ação contínua ou habitual, o que implica que o ensino de Jesus era um processo dinâmico e contínuo. O fato de que ἀνοίξας τὸ στόμα está associado ao ensino de Jesus, destaca a natureza reveladora de suas palavras, que não são apenas instruções práticas, contudo uma revelação do caráter e dos valores do Reino de Deus.

A análise semântica do Evangelho segundo Mateus (Mt 5,1-2), ao considerar o contexto histórico, cultural e teológico do texto, revela a intenção do evangelista de apresentar Jesus como o novo Moisés, trazendo não apenas uma nova Lei, mas uma nova

visão de como os membros do Reino de Deus devem viver. O uso de termos como ὄχλος e μαθηταί diferencia a multidão de seguidores de Jesus dos seus discípulos comprometidos. Além disso, o ato de ensinar em uma montanha e a postura de assentamento de Jesus são carregados de simbolismo messiânico, apontando para a autoridade divina de Cristo. Argumento também enfatizado por Luz.

Para os leitores originais, essa cena serviria como um convite a adotar os ensinamentos de Jesus como a revelação do Reino de Deus. Hoje, essa passagem continua a desafiar os seguidores de Jesus a aproximar-se dele cada vez mais para aprender de sua sabedoria e a viver de acordo com os valores do Reino que ele proclama. A análise semântica mostra, assim, que a revelação de Jesus no Sermão da Montanha não é apenas um ensinamento ético, senão uma proclamação escatológica que exige uma resposta ativa de fé e discipulado.

2.10.2 Mt 5,3

πτωχοί (*ptōchoi*), que literalmente significa “mendigos” ou “indigentes”; refere-se àqueles que estão em extrema necessidade ou carência. No contexto, sugere uma humildade profunda e reconhecimento da própria insuficiência.

πνεύμα (*pneuma*), que significa “espírito”, “sopro” ou “vida interior”. Não é uma referência à pobreza material, todavia à atitude do coração e da mente. “Pobres de espírito” são aqueles que reconhecem sua necessidade e dependência total de Deus. Indica posse ou pertencimento. Sugere uma promessa imediata e atual, não apenas uma futura.

ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (*hē basileia tōn ouranōn*) que pode ser traduzido como “o domínio celestial” ou “a esfera de governo de Deus”. Refere-se ao reinado de Deus, tanto no presente quanto no futuro. É uma realidade onde Deus reina e aqueles que são humildes de espírito fazem parte desse reinado; enfatiza a recompensa celestial e a inclusão no plano divino.

No contexto judaico do primeiro século, a ideia de ser “pobre” não apenas dizia respeito à condição econômica, como também uma postura diante de Deus. Os pobres eram frequentemente vistos como humildes e dependentes de Deus para sua provisão:

No judaísmo do Segundo Templo, especialmente na literatura sapiencial e nos Salmos, o ‘pobre’ (*ptōchos*) não era meramente aquele desprovido de bens materiais, mas sim aquele que, em sua aflição, colocava sua confiança em Deus. A pobreza, nesse contexto, passou a representar uma atitude de humildade, submissão e total dependência da providência divina. É nesse sentido que o termo

é utilizado nas bem-aventuranças: não apenas como condição social, mas como postura interior (KEENER, 2014, p. 51).

Os ouvintes originais, principalmente camponeses e pessoas marginalizadas, teriam entendido que Jesus estava falando diretamente às suas condições de vida e suas necessidades espirituais. A frase destaca a inversão dos valores do mundo: onde a humildade e a dependência de Deus são exaltadas, em contraste com a autossuficiência e o orgulho. Os “pobres de espírito” reconhecem que precisam de Deus em todas as áreas de suas vidas, e essa consciência é valorizada por Deus, garantindo-lhes um lugar no seu reino.

Para os seguidores de Cristo, a bem-aventurança chama à humildade e ao reconhecimento contínuo da necessidade de Deus. É um convite para uma relação mais profunda com Deus, baseada na humildade e na dependência. Neste contexto, a obra de Betto está em consonância com a perspectiva dos marginalizados como ouvintes originais e principais destinatários da mensagem libertadora das Bem-aventuranças.⁵⁷

A mensagem central de Mt 5,3 é que a verdadeira felicidade e bênção vêm de reconhecer a necessidade e a dependência de Deus que é própria dos seguidores e discípulos de Jesus. Aqueles que são humildes em espírito não só estão em um estado de bênção agora, como também têm a garantia da participação no reino dos céus, tanto no presente quanto na eternidade. Esta bem-aventurança estabelece o tom para o restante do Sermão da Montanha, enfatizando a importância da atitude do coração e da mente diante de Deus.

2.10.3 Mt 5,4

πενθοῦντες (*penthountes*), que significa “aqueles que lamentam” ou “aqueles que estão de luto”. Refere-se àqueles que estão sofrendo profundamente, seja por causa de perda pessoal, pecado, injustiça ou sofrimento no mundo. Este choro não é apenas uma tristeza superficial, mas um lamento profundo e sincero. No AT grego (LXX), o verbo ocorre em contextos de luto e arrependimento, como em Ec 3,4: “tempo de chorar e tempo de rir”, e em Jl 2,12: “convertei-vos a mim com todo o vosso coração, com jejum, com choro e com lamento (πένθος)”, associando o lamento verdadeiro à conversão interior e à restauração da comunhão com Deus. Assim, o uso de *penthountes* em Mt carrega ecos proféticos e penitenciais: os que lamentam não apenas as perdas humanas, mas o estado de injustiça e

⁵⁷ BETTO, 2024, p. 19-28.

de afastamento de Deus no mundo, são declarados “bem-aventurados” porque experimentam o consolo escatológico prometido por Deus.

παράκληθήσονται (*paraklēthēsontai*), futuro passivo indicativo de “*parakaleo*”, significa “confortar”, “encorajar” ou “consolar”. Promete um conforto divino. Esta consolação pode vir tanto no presente, através do Espírito Santo e da comunidade de fé, quanto na eternidade, quando todo sofrimento será removido:

O verbo *parakaleō*, de onde vem *paraklēthēsontai* (serão consolados), é frequentemente usado nas Escrituras com o sentido de encorajamento e conforto divinos, sobretudo em tempos de sofrimento. No contexto de Mateus 5,4, a promessa de consolação é tanto escatológica quanto presente: Deus conforta agora, por meio de sua presença e da comunidade, e confortará plenamente na consumação de todas as coisas. Assim, essa bem-aventurança oferece esperança àqueles que choram, ancorada na fidelidade de Deus (FRANCE, 2007, p. 183).

No contexto judaico do primeiro século, o luto e o choro eram expressões comuns de sofrimento e arrependimento. Os judeus frequentemente lamentavam pelas suas próprias falhas e pelos males da sociedade (Ne 1,4; Jr 9,1; Lm 2,18-19; Jl 2,12-13; Dn 9,3-5). As pessoas que ouviam Jesus provavelmente estavam familiarizadas com as promessas de conforto de Deus encontradas no Antigo Testamento, como em Is 61,2, que fala de consolar todos os que choram.

Esta bem-aventurança reflete a promessa de Deus de consolar seu povo. É um eco das promessas proféticas de que Deus enxugará todas as lágrimas e trará conforto aos aflitos. A consolação aqui não é apenas uma resposta emocional, entretanto uma transformação profunda que Deus traz, curando e restaurando os que sofrem.

Para os seguidores de Cristo, esta bem-aventurança é um chamado à honestidade e vulnerabilidade diante de Deus. Chorar pelos pecados e pelas injustiças do mundo é um sinal de um coração sensível e arrependido; também é uma promessa de que, apesar das dores e tristezas atuais, há um conforto divino garantido por Deus, tanto agora como no futuro. Sobre o lamento:

O lamento bíblico é misterioso demais para ser igualado a uma lamentação psicológica. Nem pode ser compreendido exhaustivamente por um compêndio de seminário. Ele, por certo, reflete a condição humana, mas reflete igualmente o caráter de Deus. Portanto, o lamento é um aspecto vital da antropologia teológica; e em si mesmo, uma preocupação cada vez mais central do cristianismo do século 21 (WALTKE; HOUSTON; MOORE, 2018, p. 11).

A mensagem central de Mt 5,4 enfatiza que Deus promete consolar aos que lamentam e choram, pois são bem-aventurados. Esse consolo não é apenas um alívio temporário, mas uma transformação profunda e duradoura que Deus oferece. A bem-

aventurança sublinha a importância de reconhecer e expressar o sofrimento e a injustiça, sabendo que Deus vê, compreende e trará consolo e cura. É uma promessa de esperança e restauração para todos os que estão aflitos pelo luto.

2.10.4 Mt 5,5

πραεῖς (*praeis*), que pode ser traduzido como “gentis”, “humildes” ou “meigos”. Refere-se àquelas pessoas que são gentis, humildes, pacíficas e autocontroladas. A mansidão não implica fraqueza, senão uma força sob controle, uma disposição tranquila e submissa diante de Deus.

κληρονομήσουσιν (*klēronomēsousin*), que significa “receberão por herança” ou “tomarão posse”. Sugere uma promessa de posse ou domínio futuro. A ideia de herança implica em um presente de valor, recebido de uma maneira segura e garantida. Outros textos do Novo Testamento empregam *klēronomeō* com nuances semelhantes. Em 1Co 6,9–10 e Gl 5,21, Paulo declara que os injustos “não herdarão o Reino de Deus”, enfatizando a dimensão ética da herança – não é um direito de nascimento, mas o resultado da comunhão com Deus e da prática da justiça. Já em Hb 1,14, os fiéis são chamados de “herdeiros da salvação”, e em 1Pd 1,4, fala-se de uma “herança incorruptível, incontaminada e reservada nos céus para vós”.

τὴν γῆν (*tēn gēn*), que pode ser traduzido como “a terra” ou “o solo”. Pode ser entendido tanto literal quanto simbolicamente e refere-se à posse de terras, porém simbolicamente, na Teologia Bíblica, a terra frequentemente representa a bênção de Deus e a plenitude da vida prometida.

No contexto judaico, a herança da terra era uma promessa significativa feita a Abraão e seus descendentes (Gn 12,7). A terra de Canaã era um símbolo da bênção e da fidelidade de Deus ao seu povo:

A expressão ‘herdarão a terra’ (*klēronomēsousin tēn gēn*) carrega ecos claros das promessas feitas a Abraão. Para os ouvintes judeus, ‘a terra’ evocava a terra prometida – um símbolo da bênção divina e da fidelidade de Deus. Contudo, Jesus parece expandir essa promessa, referindo-se não apenas à posse de território, mas a uma herança escatológica, onde os mansos desfrutarão da plenitude da vida no Reino de Deus (KEENER, 2014, p. 55).

A mansidão era uma qualidade valorizada, embora nem sempre compreendida como uma característica de força e autoridade. No entanto, personagens bíblicos como

Moisés são descritos como mansos (Nm 12,3), o que demonstra que a mansidão pode coexistir com liderança e poder.

A bem-aventurança reflete a inversão dos valores do mundo: onde a mansidão e a humildade são exaltadas, ao contrário da agressividade e arrogância. A promessa de “herdar a terra” conecta-se com a visão escatológica (relativa ao fim dos tempos) do reino de Deus, onde os mansos serão recompensados com a plenitude das bênçãos divinas.

Para os discípulos, essa Bem-aventurança é um chamado à mansidão e à humildade. Significa viver de forma pacífica, confiando na justiça de Deus e não na própria força. É uma promessa de que, apesar das aparências, os que são mansos e humildes serão recompensados. Eles podem não dominar o presente mundo pela força, mas receberão a verdadeira herança e bênçãos no reino de Deus, como fica claro em:

A mansidão aqui não é fraqueza, mas uma confiança firme na justiça de Deus. Os mansos não lutam por poder ou controle, mas esperam com paciência e fé. Embora possam ser marginalizados agora, a promessa de ‘herdar a terra’ aponta para a vindicação futura dos justos no Reino de Deus. Esta herança é tanto escatológica quanto, refletindo a inversão dos valores do mundo (FRANCE, 2007, p. 165).

A herança da qual fala Mt 5,5 pode ser entendida tanto em um sentido literal quanto histórico, referindo-se às bênçãos e ao domínio futuro no reino de Deus. A mansidão é apresentada como virtude poderosa, que resulta na posse das promessas divinas. A bem-aventurança sublinha que a verdadeira força e poder estão na humildade e na submissão a Deus, e não na agressividade ou autoafirmação.

2.10.5 Mt 5,6

πεινῶντες καὶ διψῶντες (*peinōntes kai dipsōntes*), que significa “os que estão famintos e sedentos”. Refere-se a um desejo profundo e intenso, comparável ao desejo físico por comida e bebida. Este desejo é uma metáfora para uma necessidade urgente e persistente, e se refere a “uma necessidade intensa e contínua, como a de alguém desesperadamente faminto ou sedento. Jesus usa essa imagem para descrever a paixão por justiça.”. A metáfora é poderosa: assim como a fome e a sede são necessidades contínuas e essenciais à sobrevivência física, o anseio por justiça é descrito como uma necessidade existencial do discípulo. Essa imagem retoma o uso veterotestamentário da linguagem da fome e sede em sentido espiritual, como em Sl 42,2 (“*A minha alma tem sede de Deus, do*

Deus vivo”) e Am 8,11, onde o profeta anuncia “fome, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor”.⁵⁸

δικαιοσύνης (*dikaïosynēs*), que significa “retidão”, “justiça” ou “virtude moral”. Refere-se a um estado de ser moralmente correto e justificado diante de Deus. Pode incluir tanto a justiça pessoal (santidade e retidão moral) quanto a justiça social (equidade e justiça na sociedade).

χορτασθήσονται (*chortasthēsontai*), que significa “serão satisfeitos” ou “serão saciados”. Promete que aqueles que anseiam por justiça e retidão serão plenamente satisfeitos. Esta satisfação é garantida por Deus e pode ser experimentada tanto no presente quanto na plenitude do reino de Deus.

No contexto judaico do primeiro século, a justiça era uma preocupação central, tanto na lei mosaica quanto nos ensinamentos dos profetas. A justiça de Deus era vista como integral para a vida em comunidade e o relacionamento com Deus (Dt 16,20; Mq 6,8; Am 5,24; Jr 22,3; Sl 89,14).

Fome e sede eram experiências comuns e intensas na Palestina do primeiro século, tornando essa metáfora particularmente poderosa e compreensível para os ouvintes de Jesus, fato que pode ser atestado no trabalho de diversos acadêmicos:

No contexto do judaísmo do Segundo Templo, 'justiça' (*δικαιοσύνη*) não se limitava ao conceito legal, mas abrangia o viver correto diante de Deus e em relação ao próximo. A metáfora da fome e da sede teria um impacto visceral nos ouvintes originais de Jesus, que viviam em uma terra onde essas necessidades básicas eram experiências reais e muitas vezes dolorosas. Assim, desejar justiça como alguém deseja pão e água era uma forma poderosa de expressar um anseio profundo por retidão e restauração (LUZ, 2007, p. 217).

Essa bem-aventurança reflete o caráter de Deus como justo e como aquele que satisfaz as necessidades espirituais de seu povo. Deus é visto como o provedor de justiça, tanto pessoal quanto social. A promessa de ser farto sugere que Deus responderá ao desejo intenso por justiça, trazendo uma satisfação que é completa e duradoura.

Para os seguidores de Cristo, essa bem-aventurança é um chamado para desejar intensamente a justiça de Deus em todas as áreas da vida. Este desejo deve ser tão urgente quanto à necessidade física de comida e bebida. Também é uma promessa de que aqueles que buscam a justiça de Deus encontrarão satisfação, tanto em sua caminhada diária quanto na esperança futura do reino de Deus.

⁵⁸ KEENER, 2014, p. 170.

A mensagem central de Mt 5,6 é a de que essa Bem-aventurança sublinha a importância de um desejo profundo e intenso pela justiça e retidão de Deus, tanto em nível pessoal quanto social. Aqueles que anseiam por viver de acordo com os padrões de Deus e ver a justiça estabelecida no mundo serão plenamente satisfeitos por Deus. A promessa de satisfação garantida assegura aos seguidores de Cristo que seus esforços e desejos por justiça não são em vão, contudo serão recompensados com a plenitude da bênção divina.

2.10.6 Mt 5,7

ἐλεήμονες (*eleēmōnes*), que significa “compassivos” ou “cheios de misericórdia”. Refere-se àqueles que mostram compaixão, perdão e bondade aos outros. Misericórdia envolve não apenas sentimentos, como também ações concretas para aliviar o sofrimento e a necessidade. Um exemplo está em Hb 2,17, onde se afirma que Cristo se tornou “misericordioso e fiel sumo sacerdote” (ἵνα ἐλεήμων καὶ πιστὸς ἀρχιερεὺς γένηται), destacando a mediação compassiva de Jesus em favor da humanidade. De igual modo, Tg 5,11 declara que “o Senhor é cheio de compaixão e misericórdia” (πολύσπλαγχνος καὶ οἰκτίρμων), revelando que a misericórdia não é apenas atributo humano, senão reflexo do próprio caráter divino, que o cristão é chamado a imitar.

ἐλεηθήσονται (*eleēthēsontai*), que significa “receberão” ou “serão tratados com” misericórdia. Promete que aqueles que demonstram misericórdia aos outros também receberão misericórdia. Esta misericórdia é, em última instância, concedida por Deus.

No contexto judaico do primeiro século, a misericórdia era uma virtude altamente valorizada, tanto na lei mosaica quanto nos ensinamentos dos profetas. Ser misericordioso era um reflexo do caráter de Deus, que é descrito como compassivo e cheio de misericórdia (Ex 34,6; Dt 7,9; Mq 6,8; Os 6,6; Jr 9,24; Sl 103,8).

Os ouvintes de Jesus entenderiam que a misericórdia não era apenas um sentimento, mas uma ação prática, envolvendo a ajuda aos necessitados, o perdão aos pecadores e a bondade para com todos. Essa bem-aventurança reflete o caráter de Deus como misericordioso. Deus é frequentemente descrito nas Escrituras como cheio de misericórdia, e seus seguidores são chamados a refletir essa característica (Is 55,7; Lc 6,36; Ef 4,32; Tg 5,11). A promessa de receber misericórdia sugere uma reciprocidade divina: aqueles que mostram misericórdia aos outros, seguindo o exemplo de Deus, experimentarão a misericórdia de Deus em suas próprias vidas:

A bem-aventurança 'Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia' reflete o caráter essencial de Deus como misericordioso e destaca a reciprocidade divina. A misericórdia de Deus não é uma característica passiva, mas ativa. Aqueles que seguem a Deus devem, de acordo com o ensinamento de Jesus, espelhar Sua misericórdia em ações práticas de compaixão, perdão e ajuda aos necessitados. A promessa contida nesta bem-aventurança é que, ao viver misericordiosamente, os crentes experimentarão a misericórdia de Deus, tanto em sua vida presente quanto na futura (KEENER, 2014, p. 184).

A mensagem central de Mt 5,7 é a de que essa Bem-aventurança sublinha a importância da compaixão e do perdão nas vidas dos seguidores de Cristo. Demonstrar misericórdia aos outros não é apenas um reflexo do caráter de Deus, como também uma garantia de que aqueles que praticam misericórdia receberão misericórdia em retorno, especialmente da parte de Deus. Isso incentiva uma vida de compaixão ativa, justiça e amor, com a promessa de que tal vida será abençoada pela experiência contínua da misericórdia divina.

2.10.7 Mt 5,8

καθαροὶ (*katharoi*), que significa “puros”, “limpos” ou “sem mancha”. Refere-se a um estado de pureza e integridade. A limpeza aqui é moral e implica uma sinceridade e autenticidade interiores.

καρδίᾳ (*kardia*), que significa “coração”. Na Bíblia, o coração frequentemente representa o centro da vida emocional, intelectual e moral de uma pessoa (1Sm 16,7; Pr 4,23; Lc 6,45; Rm 10,9). Portanto, ser “limpo de coração” implica pureza em pensamentos, desejos e intenções.

ὁψονται (*opsontai*), que significa “verão” ou “contemplarão”. Sugere uma experiência de ver ou perceber diretamente. No contexto bíblico, ver a Deus significa ter uma percepção clara e profunda de sua presença e glória:

O verbo ὁψονται (*opsontai*), traduzido como 'verão' ou 'contemplarão', sugere uma experiência direta de ver ou perceber. No contexto bíblico, ver a Deus não se refere a uma simples visão física, mas a uma experiência profunda, onde o crente tem uma percepção clara da presença e da glória de Deus. Essa expressão transmite a ideia de uma revelação íntima e transformadora de Deus, algo que só é concedido àqueles que têm um coração puro, conforme ensinado nas Bem-aventuranças (STUART; FEE, 2008, p. 232).

τὸν θεὸν (*ton theon*), que significa “a Deus”. Refere-se ao Deus verdadeiro, o Criador e Sustentador de todas as coisas.

No contexto judaico do primeiro século, a pureza de coração era um ideal ético e central. A pureza ritual era importante, porém Jesus enfatiza a pureza interna como essencial para uma verdadeira relação com Deus (Is 1,16-17; Ez 36,25-27; Mc 7,20-23; Hb 10,22).

Os ouvintes de Jesus teriam entendido “ver a Deus” como a maior bênção possível, um privilégio prometido aos justos e puros. Essa Bem-aventurança reflete a ênfase bíblica na pureza mais entranhada. Deus é santo e exige santidade de seus seguidores. A promessa de “ver a Deus” sugere uma intimidade e comunhão profunda com ele, tanto no presente quanto na vida eterna. Ver a Deus é experimentar sua presença e ter um relacionamento direto com ele.

Para os seguidores de Cristo, essa Bem-aventurança é um chamado à pureza interna, buscando sinceridade e integridade em todas as áreas da vida. Isso inclui pensamentos, desejos, motivações e ações. Também é uma promessa de que aqueles que buscam a pureza de coração experimentarão uma comunhão profunda com Deus, percebendo sua presença de maneira clara e íntima:

A pureza de coração é fundamental para o relacionamento com Deus. Não se trata apenas de moralidade externa, mas de uma integridade interior que alinha intenções e ações à vontade de Deus. A promessa de ‘ver a Deus’ aponta para uma experiência de comunhão íntima com o Criador, tanto agora quanto na era futura. Somente os que têm o coração limpo — livres de duplicidade e hipocrisia — podem conhecer a Deus em sua plenitude (STOTT, 2006, p. 61).

A mensagem central do Santo Evangelho de Mateus (Mt 5,8) é que aqueles que são limpos de coração serão bem-aventurados, porque verão a Deus. Esta bem-aventurança sublinha a importância da pureza moral e, destacando que a verdadeira felicidade e bênção vêm de um coração sincero e íntegro. A promessa de ver a Deus indica uma relação íntima e direta com ele, algo que é tanto uma experiência presente quanto uma esperança futura. Para os seguidores de Cristo, isso significa buscar constantemente a pureza interna, sabendo que essa busca resultará em uma comunhão profunda e abençoada com o próprio Deus.

2.10.8 Mt 5,9

εἰρηνοποιοί (*eirēnopoioi*), que significa “aqueles que fazem a paz” ou “aqueles que promovem a paz”. Refere-se às pessoas que ativamente promovem a paz e a reconciliação entre os outros. Isso envolve mais do que simplesmente evitar conflitos; trata-se de esforço ativo para criar harmonia e resolver disputas. O substantivo cognato aparece em Cl 1,20,

onde se afirma que Cristo “fez a paz (*εἰρηνοποιήσας*) pelo sangue da sua cruz”, demonstrando que a verdadeira pacificação é resultado de um ato redentor e sacrificial. De modo semelhante, em Ef 2,15–17, Paulo descreve Cristo como aquele que “fez a paz” entre judeus e gentios, abolindo a inimizade e criando “um só homem novo”. Essas ocorrências paulinas, ainda que posteriores, iluminam o uso mateano, mostrando que ser “promotor da paz” é participar ativamente da reconciliação divina.

κληθήσονται (*klēthēsontai*), que significa “serão chamados” ou “serão reconhecidos como”. Indica um reconhecimento ou uma identificação por parte de Deus e, possivelmente, da comunidade.

υἱοὶ θεοῦ (*huiοι theou*), que significa “filhos de Deus”. Refere-se a um relacionamento especial com Deus. Ser chamado filho de Deus implica em uma identificação com a natureza e o caráter de Deus, bem como em um relacionamento íntimo e privilegiado com ele, e “indica não apenas um título honorífico, mas uma identificação real e reconhecida por Deus. O uso do verbo *klēthēsontai* sugere que os pacificadores serão reconhecidos como pertencentes à família de Deus, refletindo Seu caráter e missão no mundo”.

No contexto judaico, a paz (*shalom*) era um conceito muito valorizado, que significava não apenas a ausência de conflito, como também a presença de justiça, bem-estar e harmonia (Nm 6,24-26; Sl 85,10; Is 9,6-7; Jr 29,11; Zc 8,16-19). Os ouvintes de Jesus, vivendo em uma época de tensão política e social, entenderiam a importância e o desafio de ser pacificadores. Jesus estava chamando seus seguidores a serem agentes ativos de paz em meio a um mundo tumultuado.

A bem-aventurança reflete a natureza pacificadora de Deus. Deus é frequentemente descrito como o Deus da paz (Rm 15,33). Ser pacificador é, portanto, agir de acordo com o caráter de Deus. Aqueles que promovem a paz estão refletindo a própria natureza de Deus e, assim, são reconhecidos como seus filhos:

Os pacificadores não são apenas pessoas que vivem em paz, mas aquelas que fazem a paz. [...] Em fazê-lo, eles estão imitando o próprio Deus, que é o Deus da paz (Rm 15,33), e que, em Cristo, reconciliou consigo o mundo. Ser chamado filho de Deus é, portanto, ser reconhecido como alguém que age à semelhança do Pai, promovendo a reconciliação e a harmonia (CARSON, 2011, p. 44).

Para os seguidores de Cristo, essa Bem-aventurança é um chamado à ação ativa em favor da paz. Isso pode envolver mediar conflitos, promover a justiça e trabalhar pela reconciliação em várias esferas da vida. Também é uma promessa de que aqueles que se

dedicam a promover a paz serão reconhecidos como pertencendo à família de Deus, tendo um relacionamento especial com ele.

A mensagem central de Mt 5,9 é a de que essa Bem-aventurança sublinha a importância de promover a paz ativa e a reconciliação, refletindo assim o caráter de Deus. Os pacificadores não apenas evitam conflitos, entretanto trabalham proativamente para criar harmonia e justiça. Em resposta a essa atitude, Deus os reconhece como seus filhos, dando-lhes uma identidade especial e um relacionamento íntimo com ele.

2.10.9 Mt 5,10

μακάριοι (*makarioi*), que pode ser traduzido como “felizes”, “afortunados” ou “abençoados”. Indica um estado de bênção ou felicidade profunda concedida por Deus. Esta felicidade é duradoura, e transcende as circunstâncias temporais.

διωκόμενοι (*diōkomenoi*), que significa “aqueles que são perseguidos” ou “perseguidos”. Refere-se a pessoas que são maltratadas, oprimidas ou atormentadas. No contexto, implica sofrer hostilidade ou opressão devido à sua adesão a certos princípios ou crenças. Em Mt 10,23, Jesus adverte: “quando vos perseguirem (*διώκωσιν*) numa cidade, fugi para outra”, o que indica a continuidade da perseguição como marca da missão cristã. Em Jo 15,20, Ele reforça a mesma ideia: “se a mim perseguiram (*ἐδίωξαν*), também a vós perseguirão”, estabelecendo a solidariedade entre o Mestre e seus seguidores.

ἕνεκεν δικαιοσύνης (*heneken dikaiosynēs*), que significa “por causa da justiça”. Indica que a razão da perseguição é a busca pela justiça, retidão ou adesão aos princípios morais e éticos de Deus. A justiça aqui pode incluir tanto a justiça pessoal (vida reta) quanto a justiça social (trabalho pela equidade e direito):

Aqueles que são perseguidos por causa da justiça são bem-aventurados. O termo grego *diōkomenoi* refere-se àqueles que são perseguidos ou maltratados. A expressão *heneken dikaiosynēs* indica que essa perseguição ocorre por causa da justiça, ou seja, devido à adesão a princípios morais e éticos alinhados com a vontade de Deus (STOTT, 2006, p. 58-60).

ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν (*hē basileia tōn ouranōn*), que significa “o reino dos céus”. Refere-se ao domínio e governo de Deus. Esta frase é usada para indicar tanto a realidade presente do governo de Deus na vida dos crentes quanto a futura realização completa do reino de Deus.

No contexto do primeiro século, a perseguição por causa da justiça era uma realidade comum para muitos seguidores de Jesus. Tanto os judeus quanto os cristãos primitivos frequentemente enfrentavam hostilidade por causa de sua adesão a práticas religiosas e morais que contrastavam com a cultura dominante (Jo 15,18-20; At 5,40-41; 2Tm 3,12).

A justiça, no pensamento judaico, era uma virtude central, profundamente conectada com a conformidade à vontade de Deus, em consonância com o que fora revelado na Lei. Essa Bem-aventurança reflete o custo do discipulado e a realidade de que viver segundo os padrões de Deus pode levar à oposição e sofrimento. Jesus está afirmando que a perseguição por causa da justiça é um sinal de verdadeira filiação ao reino de Deus. A promessa do “reino dos céus” sugere que, apesar da perseguição e sofrimento presentes, os seguidores de Cristo têm a garantia da participação no governo e bênçãos eternas de Deus.

Para os seguidores de Cristo, essa Bem-aventurança é um chamado à perseverança e à fidelidade, mesmo em face da perseguição; é um lembrete de que a verdadeira justiça pode atrair oposição, como também é um sinal da presença de Deus e do reino dos céus em suas vidas; também é uma promessa de que aqueles que sofrem por causa da justiça têm uma recompensa segura e eterna no reino de Deus, e são abençoados com a certeza da presença e aprovação de Deus, tanto agora quanto no futuro:

A expressão ‘o reino dos céus’ é característica do Evangelho de Mateus e reflete uma reverência judaica ao evitar o nome de Deus diretamente. Mas seu conteúdo é idêntico ao ‘reino de Deus’ usado em outros evangelhos. O termo designa o governo ativo de Deus, tanto em ação presente quanto em manifestação futura. Em Mateus 5,3 e 5,10, a frase ‘porque deles é o reino dos céus’ sugere uma posse já iniciada, ainda que sua plenitude escatológica permaneça futura. A presença do reino é garantida mesmo em meio à perseguição e pobreza (FRANCE, 2007, p. 196-197).

A mensagem central de Mt 5,10 é a de que essa Bem-aventurança sublinha a importância de viver segundo os padrões de justiça de Deus, mesmo quando isso resulta em perseguição e sofrimento. A promessa do reino dos céus assegura aos crentes que, em decorrência das dificuldades presentes, eles têm uma recompensa eterna garantida por Deus. Para os seguidores de Cristo, isso significa manter a fidelidade e integridade, confiando que o sofrimento por causa da justiça é um sinal da verdadeira bênção e filiação ao reino de Deus.

2.10.10 Mt 5,11-12

εστε (*este*), que é uma forma de “ser” no presente indicativo. Aplica a bem-aventurança diretamente aos ouvintes de Jesus, tornando-a pessoal e imediata.

ὅταν (*hotan*), que significa “quando” ou “sempre que”. Indica que a injúria e perseguição são eventos esperados e comuns para os seguidores de Jesus.

ὀνειδίσωσιν (*oneidisōsin*), que significa “insultar”, “zombar” ou “ofender verbalmente”. Refere-se a ataques verbais e humilhação pública.

διώξωσιν (*diōxōsin*), que significa “perseguir” ou “caçar”. Refere-se à perseguição física, social ou legal.

εἰπωσιν πᾶν πονηρὸν καθ’ ὑμῶν ψευδόμενοι (*eipōsin pan ponēron kath’ hymōn pseudomenoi*), que significa “dizer todo tipo de mal contra vocês, mentindo”. Refere-se a falsas acusações e difamação.

ἕνεκεν ἐμοῦ (*heneken emou*), que significa “por minha causa”. Indica que a razão da injúria, perseguição e difamação é a associação com Jesus e a fidelidade a ele.

χαίrete (*chairete*), que significa “alegrai-vos” ou “regozijai-vos”. Expressa uma alegria profunda e genuína. Essa forma verbal ocorre com frequência em contextos de saudação e encorajamento espiritual, tanto no NT quanto na LXX. Em Fl 4,4, Paulo exorta: “χαίrete ἐν κυρίῳ πάντοτε” (“alegrai-vos sempre no Senhor”), demonstrando que a verdadeira alegria cristã independe das condições externas, sendo ancorada “no Senhor”. De modo semelhante, em 1Ts 5,16, o apóstolo repete: “χαίrete πάντοτε” (“alegrai-vos sempre”), reforçando o caráter contínuo e disciplinado dessa alegria. Assim, o uso de *chairete* em Mt não designa mera emoção, senão resposta existencial à fidelidade de Deus, mesmo em meio ao sofrimento.

ἀγαλλιᾶσθε (*agalliasthe*), que significa “exultai” ou “rejubilai-vos”. Denota uma alegria intensa e jubilosa, muitas vezes expressa de forma exuberante.

μισθὸς ὑμῶν πολὺς (*misthos hymōn polys*), que significa “grande é a sua recompensa”. Refere-se a uma recompensa substancial e valiosa, concedida por Deus.

ἐν τοῖς οὐρανοῖς (*en tois ouranois*), que significa “nos céus”. Indica que a recompensa é celestial e eterna, transcendente às recompensas terrenas, utilizado com ênfase significativa em outras ocorrências de Mt (6,1; 6,9; 7,21; 10,32; 12,50; 16,17). O uso veterotestamentário grego da LXX também oferece paralelos significativos, como em Dn 4,26 (LXX 4,23), onde o domínio de Deus é descrito como “do céu”, apontando para uma autoridade soberana e transcendente.

γὰρ (*gar*), que é uma conjunção explicativa, indicando a razão ou motivo. Introduz uma explicação adicional para a bem-aventurança.

οὕτως ἐδίωξαν (*houtōs ediōxan*), que significa “assim perseguiram”. Refere-se ao tratamento que os profetas antigos receberam.

τοὺς προφήτας τοὺς πρὸ ὑμῶν (*tous prophētas tous pro hymōn*), que significa “os profetas que vieram antes de vocês”. Refere-se aos profetas do Antigo Testamento, que frequentemente enfrentaram perseguição por causa de sua fidelidade a Deus (1Rs 19,10; 2Cr 24,20-21; Jr 20,1-2; At 7,51-52).

No contexto do primeiro século, os seguidores de Jesus enfrentavam perseguição por parte das autoridades religiosas e políticas, bem como da sociedade em geral. Isso incluía insultos, perseguição física e falsas acusações (Mt 10,17-22; Jo 16,2; At 4,1-3; 2Cor 11,23-26; 1Pd 4,12-16).

Jesus conecta a perseguição de seus seguidores à perseguição dos profetas do Antigo Testamento, mostrando que sofrer por causa da justiça e da verdade de Deus é uma marca de fidelidade histórica (Mt 23,29-37; Lc 6,23; At 7,52; Hb 11,36-38):

O sofrimento e a perseguição dos seguidores de Jesus no primeiro século não eram apenas uma questão de hostilidade política ou social, mas também uma continuidade da oposição que os profetas de Israel enfrentaram. Assim como os profetas foram rejeitados por sua fidelidade à verdade e à justiça de Deus, os discípulos de Cristo experimentam uma perseguição semelhante por se manterem fiéis aos mesmos princípios. Este sofrimento, que inclui insultos, falsas acusações e perseguição física, é visto por Jesus não como uma maldição, mas como um sinal de fidelidade histórica e uma participação na causa divina (HORSLEY, 1997, p. 102-103).

Essa Bem-aventurança reflete a realidade de que seguir a Jesus pode levar a oposição e sofrimento, mas também traz uma bênção maior e eterna. Jesus encoraja seus seguidores a verem além do sofrimento presente e focarem na recompensa celestial. A comparação com os profetas sugere que os seguidores de Jesus estão em continuidade com a longa tradição de servos de Deus que enfrentaram oposição por causa de sua fidelidade.⁵⁹ Para os seguidores de Cristo, essa Bem-aventurança é um chamado à perseverança e alegria mesmo em meio à perseguição. É um lembrete de que sofrer por causa de Cristo é um sinal de fidelidade e será recompensado generosamente por Deus.

A exortação para regozijar-se e exultar indica que a resposta ao sofrimento por causa de Cristo deve ser uma alegria profunda e confiante na promessa da recompensa celestial. Sobre o tema da perseguição:

A bem-aventurança de Mateus 5,11-12, que fala sobre os perseguidos por causa de Cristo, é, sem dúvida, um chamado para que os discípulos permaneçam firmes, enfrentando a perseguição com um espírito de alegria. Jesus os exorta a se

⁵⁹ BETTO, 2024, p. 8-16.

regozijarem e exultarem, porque grande será sua recompensa nos céus. Esta afirmação sugere que a perseguição, longe de ser um sinal de derrota, é uma evidência de fidelidade e obediência a Deus. A promessa da recompensa celestial oferece aos crentes uma perspectiva escatológica que transforma o sofrimento imediato em uma causa de alegria e esperança (GERHARDSSON, 1970, p. 98-99).

A mensagem central de Mt 5,11-12 é a de que essa Bem-aventurança sublinha a importância da fidelidade a Jesus, mesmo diante de oposição e sofrimento. Jesus encoraja seus seguidores a regozijarem-se e exultarem, sabendo que sua perseverança será recompensada com uma grande recompensa celestial. A referência aos profetas do Antigo Testamento reforça que sofrer por causa da justiça é uma marca de fidelidade histórica e coloca os seguidores de Jesus em continuidade com os servos fiéis de Deus ao longo da história.

2.10.11 Sumarização

A análise semântica de Mt 5,1-12 revela a profundidade teológica, histórica e cultural do ensinamento de Jesus no Sermão da Montanha, destacando não apenas o conteúdo das Bem-aventuranças, como também as intenções do evangelista ao apresentar o ensino de Cristo. Através de uma leitura atenta das palavras-chave, do contexto sociocultural e dos símbolos empregados, podemos perceber a construção de uma mensagem que vai além de uma simples ética moral, revelando um verdadeiro manifesto do Reino de Deus, cujos valores são radicalmente opostos à lógica do mundo.

No plano semântico, o uso de termos como Ἰησοῦς (Jesus), ὄχλος (multidão), μαθηταί (discípulos), καθαροί (puros), ἐλεήμονες (misericordiosos), entre outros, indica uma distinção clara entre os ouvintes superficiais e aqueles que são chamados a seguir os ensinamentos profundos do Mestre. A escolha de palavras carrega consigo não apenas uma descrição da realidade presente, contudo uma orientação teológica e escatológica, apontando para a natureza do Reino de Deus e as atitudes que são esperadas dos seus cidadãos.

A ascensão de Jesus à montanha (ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος) e o gesto de assentar-se para ensinar (καθήσκη) estabelecem uma conexão com figuras como Moisés, reforçando a ideia de que Jesus é um novo legislador, trazendo um ensino não apenas de moralidade, todavia de uma transformação profunda que deve ocorrer na vida de quem o segue. A montanha,

nesse contexto, não é apenas um cenário físico, mas um símbolo de revelação divina, indicando que o ensino de Jesus é algo sagrado e definitivo.⁶⁰

A distinção entre ὄχλος (multidão) e μαθηταί (discípulos) também oferece uma chave hermenêutica importante: o primeiro grupo representa aqueles que estão curiosos ou em busca de milagres, enquanto o segundo grupo são aqueles que buscam aprender e viver de acordo com os valores do Reino de Deus. O verbo προσῆλθον (aproximaram-se) reforça a ideia de que o discipulado exige uma aproximação ativa, uma disposição para ouvir, aprender e transformar-se.

Além disso, a ação de ἀνοίξας τὸ στόμα (abrindo a boca) e o verbo ἐδίδασκεν (ensinava) têm uma carga simbólica de autoridade e revelação. O fato de Jesus, ao ensinar, abrir a boca, não apenas sugere uma atitude de ensino formal, como também um ato de revelação da verdade divina, o que é central para entender a significância das palavras que ele pronuncia. Esse ensino, que começa com as Bem-aventuranças, não é apenas um código ético, entretanto uma inauguração do Reino de Deus, caracterizado por valores de humildade, misericórdia, pureza, pacificação e disposição para sofrer por causa da justiça.

O uso das palavras no texto de Mt 5,1-2 também destaca a inclusão e universalidade do chamado de Jesus. O Reino de Deus não está reservado apenas para um pequeno grupo, mas é acessível a todos os que escolhem seguir a Cristo, manifestando em suas vidas os valores do Reino. A semântica do texto não só aponta para um ideal escatológico, tal qual para uma transformação radical da vida cotidiana daqueles que se comprometem com os ensinamentos de Jesus:

As bem-aventuranças, além de constituírem uma descrição das atitudes que Deus abençoa, fornecem uma nova visão de vida que desafia os valores comuns e se opõe aos padrões de comportamento da sociedade. O vocabulário escolhido por Mateus não é meramente ilustrativo, mas carrega um peso teológico profundo, revelando a natureza do Reino de Deus como algo já presente, mas ainda em espera de sua consumação plena. A ética do Reino, conforme apresentada nas bem-aventuranças, não apenas reconfigura a identidade do discípulo, mas também a sua missão de ser agente de transformação no mundo (NEUFELD, 2017, p. 256).

Conclui-se que a análise semântica de Mt 5,1-12 aprofunda de forma significativa a compreensão do Sermão da Montanha, revelando a intenção cuidadosa do evangelista ao escolher cada palavra. Longe de propor apenas moralidade genérica, é apresentada ética que confronta padrões estabelecidos e convida à transformação interior. O chamado de Jesus é radical: viver de forma contraintuitiva, em consonância com os valores do Reino

⁶⁰ BRIDGES, 2022, p. 34-45.

que já se faz presente, mas que ainda caminha em direção à sua plena realização. Não são apenas ensinamentos; são o reflexo do próprio caráter de Deus e apelo à participação ativa na construção do mundo, moldado por sua justiça e misericórdia. A partir desse entendimento, e com base na análise das múltiplas dimensões do texto bíblico, abre-se agora espaço para aprofundamento ainda mais amplo. O próximo capítulo se dedicará a estabelecer conexões entre as Bem-aventuranças e os escritos do Antigo e do Novo Testamento, bem como com a tradição rabínica, traçando paralelismos que iluminam tanto a continuidade quanto a originalidade da mensagem de Jesus no horizonte da fé judaico-cristã.

3. AS BEM-AVENTURANÇAS NA TRADIÇÃO BÍBLICA E JUDAICA

A análise aprofundada do texto em voga possibilitará estabelecer diálogos relevantes com o AT, NT e a tradição rabínica. A abordagem exegética serviu como ponto de partida, ao delimitar e organizar o tema em etapas bem definidas. A partir disso, foi realizado estudo lexical dos principais termos, seguido por investigação da estrutura literária e estilística. O exame do gênero literário forneceu fundamentos essenciais para a construção do pensamento, permitindo, por fim, a aplicação de análise semântica e de leitura sinótica entre os evangelhos, enriquecendo ainda mais a compreensão do conteúdo e da forma, já que pressupostos como esses podem ser empregados no gênero das *ashrei* hebraicas: expressões de Bem-aventurança presentes nos salmos e na literatura sapiencial judaica, onde Mazzarolo expõe que “as bem-aventuranças revelam o novo Sinai, onde o legislador é o Filho e a Lei é o amor”. Exemplos como “feliz o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios” (Sl 1,1) e “feliz o homem que acha sabedoria” (Pr 3,13) revelam que tais declarações exaltam a conduta justa e o favor divino como fundamentos centrais da espiritualidade do Antigo Testamento. Essa herança literária e teológica é retomada e ressignificada por Jesus em Mt 5, apontando para novo horizonte interpretativo no contexto do Reino de Deus.¹

Essas declarações enfatizam a conduta justa e o favor divino como elementos centrais do contexto judaico, como enfatizado por Luz: “as Bem-aventuranças proferidas por Jesus ligam-se diretamente ao gênero literário das expressões de sabedoria do Antigo Testamento, especialmente os chamados ‘ashrei’, comuns nos Salmos e em Provérbios, que celebram a felicidade daquele que vive segundo os caminhos de Deus”.² A estrutura das Bem-Aventuranças também reflete uma continuidade com a tradição profética, particularmente no que diz respeito ao chamado à justiça, à misericórdia e à humildade diante de Deus (Mq 6,8; Is 61,1-3). Jesus, ao adaptar e ampliar essas tradições, não apenas reafirma os valores do Judaísmo de sua época, como também redefine os critérios de bem-aventurança, colocando os pobres, os perseguidos e os pacificadores como herdeiros do Reino.

¹ MAZZAROLO, 2023, p. 49.

² LUZ, 2007, p. 55.

Após sua formulação em Mateus, as Bem-aventuranças passaram a exercer uma profunda influência na literatura cristã. Escritos como Tg 1,12 e as obras dos Padres da Igreja refletem sua aplicação prática e teológica, como Agostinho, Crisóstomo, Jerônimo e Orígenes.³

No contexto litúrgico e pastoral, as Bem-aventuranças servem como um guia ético para a vivência comunitária e pessoal, como declara Küng: “as Bem-aventuranças moldaram não apenas a ética individual do cristão, mas também a idade e a práxis comunitária da Igreja desde os seus primórdios, tendo ecos claros em Tiago e nos Padres da Igreja”.⁴

Além disso, o impacto das Bem-Aventuranças pode ser observado em movimentos cristãos voltados para a justiça social, que encontram nessas palavras uma base para a promoção da dignidade humana e da esperança em meio às adversidades. Em suma, as Bem-Aventuranças não apenas ecoam tradições judaicas, como também influenciam amplamente o pensamento cristão subsequente, configurando-se como texto-chave para o entendimento do Cristianismo Primitivo.

A análise das Bem-Aventuranças no contexto bíblico e judaico revela sua riqueza como confluência de tradições anteriores e base para desenvolvimentos teológicos e éticos. Entender essa interconexão é crucial para qualquer estudo que busque explorar a continuidade e a inovação dentro da tradição cristã e sua relação com o Judaísmo:

As bem-aventuranças em Mateus devem ser entendidas dentro do horizonte do Judaísmo do Segundo Templo, onde a linguagem de bênção (‘ashrei’) articulava ideais de conduta justa e fidelidade à Torá. Jesus adota e adapta esse gênero literário, reformulando-o com ênfase escatológica e comunitária. A originalidade do discurso não está em sua ruptura com a tradição, mas em sua reinterpretação radical dos valores do Reino de Deus. Isso terá implicações profundas tanto para o desenvolvimento da ética cristã primitiva quanto para a teologia sistemática da Igreja nascente (SALDARINI, 1994, p. 179).

Neste capítulo, será tratado como as bem-aventuranças se destacam no Antigo Testamento, no Novo Testamento, nos textos judaicos (rabínicos).

3.1 No Antigo Testamento

O texto de Mt 5,3-12 tem profundas raízes no Antigo Testamento. As declarações de bênçãos refletem temas, expressões e ideias que já estavam presentes nas Escrituras

³ Por ordem alfabética: AGOSTINHO, 1999; CRISÓSTOMO, 2007; JERÔNIMO, 2013; ORÍGENES, 2011.

⁴ KÜNG, 2003, p. 19.

Hebraicas. A seguir, será examinada cada uma das Bem-aventuranças descritas em Mt 5,3-12, de modo a verificar assertivamente como aparecem ou são prefiguradas no Antigo Testamento.⁵

O discurso das bem-aventuranças, que inaugura o Sermão da Montanha, encontra raízes profundas na tradição sapiencial e profética do Antigo Testamento. Mazzarolo destaca que “as bem-aventuranças não são uma invenção literária de Mateus ou Lucas, mas a atualização, em Jesus, da felicidade prometida aos justos nas Escrituras de Israel”.⁶

3.1.1 Mt 5,3

Existem fortes “reflexos” desta passagem com Is 61,1 e Sl 34,18. É profético em relação ao ministério de Jesus, pois trata da missão de trazer boas novas aos pobres, curar os quebrantados de coração e proclamar libertação aos cativos. O termo “pobres” é mais abrangente, incluindo tanto a pobreza material quanto a interior. Jesus aplica esse texto para se referir a si mesmo em Lc 4,18-21, vinculando-o diretamente ao conceito de Bem-Aventura.

O Sl 34,18 reforça a ideia de que Deus se aproxima dos humildes e dos aflitos. O “quebrantado” simboliza aqueles cuja condição os leva a depender inteiramente de Deus, ecoando o tema de Mt 5,3.

Nos três textos, a pobreza transcende o aspecto material, para indicar uma condição interna de humildade e reconhecimento da necessidade de Deus. Mt 5,3 enfatiza o “pobre em espírito”, enquanto Is 61,1 e o Sl 34,18 ampliam essa ideia ao incluir quebrantamento de coração e contrição. Calvino, se referindo a essa passagem de Isaías, reforça tal pensamento: “o profeta fala dos pobres e aflitos, que são desprezados pelos homens, mas que Deus considera e conforta”.⁷

Todos os textos destacam a ação de Deus em favor dos humildes. Isaías fala da unção divina para proclamar boas-novas; Mateus promete o Reino dos Céus, e os Salmos afirmam que Deus está próximo dos quebrantados de coração. Essa proximidade divina demonstra que o Reino de Deus é para aqueles que reconhecem sua dependência total dele.

Mateus conecta explicitamente a bem-aventurança ao Reino dos Céus, enquanto Isaías anuncia a chegada de um tempo de restauração e libertação. Os Salmos, embora mais

⁵ CHAMPLIN, 2013.

⁶ MAZZAROLO, 2023, p. 47.

⁷ CALVINO, 2006, p. 55.

individuais em sua abordagem, reafirmam a lógica de inversão do Reino: Deus é atraído pelos humildes, como se vê em Sl: “o Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito contrito”.⁸

3.1.2 Mt 5,4

A respeito desta bem-aventurança existem paralelos em Is 61,2-3 e Sl 126,5-6. No contexto de Isaías, o profeta anuncia a restauração de Israel, prometendo boas-novas aos aflitos, substituindo o pranto pelo “óleo de alegria” e o “manto de louvor”. Esse trecho reflete a esperança messiânica e a certeza de que Deus intervém em favor dos que sofrem.

Sl 126 celebra a restauração de Israel após o exílio, conectando o sofrimento atual à alegria futura. Ele reflete a confiança no sentido de não ser o lamento o fim da história, mas um prelúdio para a celebração.

Os três textos reconhecem o luto como parte da experiência humana, entretanto, com a certeza do consolo divino. Mateus promete consolo aos que choram, enquanto Is 61 e o Sl 126 conectam o sofrimento a um processo de restauração e celebração:

Em Mateus 5,4, o lamento do qual Jesus fala não é apenas a tristeza natural pela perda pessoal, mas está mais intimamente ligado ao lamento pelo pecado, pela quebra e pela injustiça no mundo. Esse lamento é profundo e sincero, indo além da tristeza pelas circunstâncias pessoais para englobar o sofrimento dos outros e o estado do mundo. Jesus promete que aqueles que lamentam dessa maneira serão consolados por Deus. Esse consolo é a garantia de que o Reino de Deus chegou e trará cura, restauração e justiça final. Esse motivo de lamento e consolo ecoa os escritos proféticos, especialmente em Isaías 61,2-3, onde o profeta anuncia que o consolo de Deus virá para os que choram, trazendo alegria no lugar do lamento e vestes de louvor em vez de espírito angustiado. Assim, a bem-aventurança de Jesus não é apenas uma promessa de conforto individual, mas uma promessa da ação redentora de Deus na história para curar e restaurar tudo o que foi quebrado pelo pecado (KEENER, 1999, p. 118-119).

Em Isaías, Deus é o agente que transforma o pranto em alegria, enquanto Mateus implica o consolo oferecido pelo próprio Reino dos Céus. Sl 126 reforça que o agir de Deus transforma lágrimas em júbilo, reafirmando a soberania divina sobre o sofrimento humano.

Mateus, Isaías e o Sl 126 oferecem uma mensagem de esperança: o sofrimento não é o fim, na verdade, ele será transformado. Cada texto aponta para uma perspectiva escatológica, onde Deus recompensará aqueles que perseveram no lamento com consolo e alegria eternos.

⁸ SPURGEON, 1983, p. 121,

3.1.3 Mt 5,5

O Sl 37,11 contrasta os ímpios e os justos, apresentando os mansos como aqueles que, ao confiarem em Deus e evitarem a violência, receberão a Terra Prometida. Esse texto tem um foco claro na justiça divina, afirmando que a fidelidade e a humildade serão recompensadas. Tanto Mt 5,5 quanto o Sl 37,11 exaltam a mansidão como virtude que agrada a Deus. Em Mateus, é apresentada como característica indispensável dos cidadãos do Reino dos Céus; no Salmo, a mansidão é associada à confiança em Deus e à paciência diante da adversidade. Em ambos, a mansidão implica dependência de Deus e rejeição da agressão ou retaliação.

A herança da Terra é um tema comum nos dois textos, mas é interpretada em contextos diferentes. Em Sl 37, “terra” tem um sentido mais literal, relacionada à posse e segurança no contexto da Aliança mosaica. Já em Mateus, a promessa assume um caráter mais amplo e escatológico, apontando para o novo céu e a nova terra mencionados em Ap 21,1-5. Ambos os textos, no entanto, compartilham a ideia de que a Terra é uma dádiva divina concedida aos fiéis:

Em Mateus 5,5, Jesus faz uma promessa sobre a herança da terra que se desvia da concepção judaica convencional encontrada no Antigo Testamento. Enquanto no Salmo 37 a herança da terra está intimamente ligada à promessa literal e nacional de Deus a Israel, em Mateus a herança torna-se um conceito mais amplo, escatológico, apontando para a transformação do mundo que virá com a chegada do Reino de Deus. Jesus, ao falar de herdar a terra, não se refere mais à posse territorial, mas à renovação do mundo, um novo céu e uma nova terra onde os justos viverão em paz, conforme descrito em Apocalipse 21. Essa promessa transcende a Israel e se abre para todos os fiéis, sendo uma parte essencial da esperança cristã escatológica (WRIGHT, 2004, p. 96).

O Sl 37 enfatiza o contraste entre os mansos e os ímpios, destacando que os violentos e arrogantes não prevalecerão. Mateus, embora não mencione diretamente os ímpios, faz um contraponto implícito ao exaltar os mansos como os herdeiros legítimos das promessas de Deus. Essa inversão de valores é central em ambas as passagens, refletindo a justiça divina que favorece os humildes.

Enquanto Mateus não menciona diretamente a paz, o Sl 37 associa a herança da terra à abundância de paz. Isso sugere que a mansidão não é apenas uma condição para herdar a terra, como também para desfrutar de uma existência harmoniosa. A paz é tanto uma recompensa quanto um reflexo da transformação interior promovida por Deus nos mansos.

Mateus e o Sl 37 articulam uma visão coerente da justiça divina, na qual os mansos são exaltados e recompensados. Embora os contextos históricos e literários sejam distintos, ambos os textos convergem na mensagem de que a mansidão é uma virtude essencial no relacionamento com Deus e na experiência da plenitude de suas promessas. Eles apontam para uma realidade em que a confiança em Deus e a rejeição da violência resultam em bênçãos duradouras, tanto na terra quanto na eternidade.

3.1.4 Mt 5,6

A Bem-Aventurança descrita em Mt 5,6 aponta para um desejo profundo por um mundo transformado pela justiça divina, com a promessa de que tal anseio será satisfeito por Deus. Este tema encontra ressonância em Is 55,1-2, que convida os sedentos e famintos a receber gratuitamente sustento imaterial, e em Sl 107,9, que celebra o cuidado divino em satisfazer os famintos.

Is 55,1-2 – “vinde às águas” – é um convite a todos os que têm fome e sede, oferecendo alimento e bebida gratuitamente. Isaías usa imagens de sustento físico como símbolos do suprimimento interior e da graça de Deus, enfatizando a abundância e a satisfação que somente ele pode prover.

Sl 107,9 – “satisfaz o sedento e farta o faminto” – celebra o cuidado fiel de Deus, que atende às necessidades daqueles que clamam por ele em aflição. A fome e a sede aqui são tanto literais quanto figurativas, representando anseios profundos satisfeitos pela intervenção divina.

Mateus e Isaías enfatizam o desejo humano como ponto de partida para a intervenção divina. Em Mateus, a fome e a sede de justiça expressam a necessidade de uma retidão profunda, enquanto Isaías amplia o convite àqueles que têm sede, sinalizando a gratuidade da graça de Deus. No Sl 107, o desejo é retratado como condição que move Deus a agir, destacando seu papel ativo em suprir os necessitados. Em todos os textos, a intensidade da busca é fundamental para a experiência da satisfação prometida:

Isaías 55,1 apresenta um convite escandalosamente gratuito: a água, o vinho e o leite são oferecidos sem dinheiro e sem preço. A sede, aqui, simboliza a condição humana diante da ausência de Deus. É este desejo — esta sede — que mobiliza a graça divina. Deus se aproxima de quem reconhece sua necessidade, e a resposta é a abundância gratuita do Seu favor (MOTYER, 1993, p. 452).

Os três textos concordam que a satisfação das necessidades humanas está em Deus. Mateus promete que aqueles que buscam a justiça serão fartos, onde os famintos recebem alimento “que deleita”, sem qualquer custo. O Sl 107 complementa a ideia, celebrando o cumprimento fiel da promessa divina de fartar o faminto.

Enquanto Mateus foca na “justiça” como o objetivo do desejo humano, Isaías e o Salmo abordam o suprimento divino como expressão da graça de Deus. O convite universal de Isaías destaca que essa satisfação não depende de mérito, todavia, é um presente da misericórdia divina. O Sl 107, por sua vez, celebra a ação de Deus em resposta ao clamor dos aflitos, demonstrando que a justiça divina é acessível e abundante.

Em Mateus, a promessa de fartura tem dimensão escatológica, apontando para a plenitude do Reino de Deus. Isaías e o Salmo, enquanto falam de satisfação no presente, também carregam expectativa futura de restauração total, alinhando-se com a visão de Mateus sobre o cumprimento das promessas divinas:

A promessa de serem saciados em Mateus 5,6 é escatológica. Ela antecipa a vinda do Reino de Deus, no qual a justiça será finalmente estabelecida e os famintos de justiça experimentarão a plenitude de Deus. Há uma dimensão futura nessa bem-aventurança, mas também um prenúncio de sua realização já no discipulado presente (LUZ, 2007, p. 209).

Mt 5,6, junto a Is e o Sl 107 formam um rico mosaico teológico que celebra a satisfação divina das necessidades humanas mais profundas. Embora os contextos literários e históricos sejam diferentes, os textos convergem na mensagem de que Deus é a fonte de justiça, graça e suprimento. Os que buscam intensamente a Deus – seja por justiça, alimento ou libertação – experimentarão sua abundância. Essa visão apresenta Deus como Pai generoso, que responde com amor ao desejo genuíno dos seus filhos e filhas por uma vida plena em sua presença.

3.1.5 Mt 5,7

Mateus destaca a misericórdia como virtude central para os que seguem os caminhos de Deus, com a promessa de retribuição divina. A ênfase na compaixão e na empatia encontra eco em Pr 14,21, que adverte sobre a consequência de desprezar o próximo, e em Mq 6,8, onde a misericórdia é apresentada como parte do padrão divino para a vida piedosa.

Pr 14,21 – “o desprezo pelo próximo é pecado” – estabelece um contraste entre a falta de compaixão e a bondade para com os necessitados; desprezar o próximo é considerado pecado, enquanto a bondade gera felicidade. O texto destaca a conexão entre a atitude em relação ao próximo e a moralidade diante de Deus.

Mq 6,8 – “o que o Senhor pede de ti” – sintetiza a vontade de Deus em três exigências: praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com Deus. A “misericórdia” aqui enfatiza a solidariedade com o próximo, baseada na aliança com Deus, e conecta-se diretamente à vida ética e relacional que espera de seu povo.

Mateus e Miqueias colocam a misericórdia como elemento essencial da vida de fé. Em Mateus, é apresentada como reflexo do caráter divino no comportamento humano, enquanto em Miqueias, a misericórdia é componente da justiça e da humildade diante de Deus. Provérbios, por sua vez, aborda a misericórdia de forma prática, alertando contra atitudes de desprezo que demonstram falta de empatia, como afirma Waltke: “Provérbios 14,21 liga a piedade prática à empatia pelos pobres. A falta de misericórdia revela uma falha moral séria, pois trata-se de zombar da condição do próximo. O justo se compadece e, por isso, é abençoado”.⁹

Mateus vincula a prática da misericórdia à promessa de recebê-la, reforçando o ciclo ético de reciprocidade. Embora Provérbios não mencione explicitamente a misericórdia divina, sugere que a bondade para com o próximo traz alegria, indicando uma bênção imediata para os misericordiosos. Miqueias aponta para a misericórdia como parte da fidelidade ao pacto com Deus, que conduz à aprovação divina e ao alinhamento com sua vontade, como observa Simundson: “Miqueias 6,8 resume o cerne da ética bíblica. ‘Amar a misericórdia’ significa viver com ternura e compaixão nas relações com os outros, como reflexo do agir divino. Trata-se de justiça relacional e humilde dependência de Deus”.¹⁰

Os três textos mostram que a misericórdia está intrinsecamente ligada ao relacionamento com os outros. Em Mateus, a misericórdia é reflexo da compaixão divina e exige resposta ativa. Em Provérbios, o desprezo pelo próximo é ato de desamor que viola os mandamentos de Deus. Em Miqueias, a misericórdia é tanto atitude quanto prática, demonstrada no compromisso com os outros em justiça e amor.

Miqueias oferece visão holística, unindo misericórdia e justiça como partes inseparáveis do que Deus exige. Este princípio está implícito em Mateus, onde a

⁹ WALTKE, 2004, p. 610.

¹⁰ SIMUNDSON, 2005, p. 26.

misericórdia é entendida como atributo do caráter justo e piedoso. Em Provérbios, a misericórdia toma forma prática ao desafiar o desprezo pelo próximo, promovendo atos de justiça social.

Mateus, Provérbios e Miqueias convergem na apresentação da misericórdia como virtude indispensável para a vida em conformidade com a vontade de Deus. Enquanto Mateus promete misericórdia divina aos que demonstram compaixão, Provérbios adverte contra atitudes que violam essa virtude, e Miqueias a eleva como pilar da conduta ética. Juntos, esses textos oferecem visão abrangente da misericórdia como expressão de justiça, compaixão e aliança com Deus, essencial tanto para os relacionamentos humanos quanto para a comunhão divina.

3.1.6 Mt 5,8

Mt 5,8 exalta a pureza do coração como condição indispensável para se experimentar a presença divina. Essa temática ressoa profundamente o Sl 24,3-4, que relaciona mãos limpas e coração puro ao privilégio de estar na presença de Deus, e o Sl 73,1, que identifica a bondade de Deus com aqueles de coração puro.

Sl 24,3-4 – “mãos limpas e coração puro” – indaga quem pode subir ao monte do Senhor e permanecer em seu santo lugar, respondendo que são aqueles com mãos limpas (ações justas) e coração puro (motivações sinceras). A pureza aqui implica tanto retidão moral quanto fidelidade.

Sl 73,1 – “os puros de coração” – declara a bondade de Deus para com os puros de coração, indicando que a pureza interna é um atributo valorizado por Deus e associado à sua bênção e proteção.

Mateus e os Sl 24 e 73 convergem na valorização da pureza interna. Em Mateus, a pureza de coração é recompensada com a visão de Deus. No Sl 24, é condição para estar na presença divina, enquanto no Sl 73, a pureza é associada ao favor de Deus. Esses textos destacam que a pureza interior é mais importante do que práticas externas ou aparência de piedade, como afirma France: “a promessa de que os puros de coração verão a Deus (Mt 5,8) reflete anseio profundamente enraizado no Antigo Testamento. A pureza mencionada aqui não é ritual, mas moral e interior, referindo-se à devoção sincera e indivisa, essencial para a comunhão com Deus”.¹¹

¹¹ FRANCE, 2007, p. 170.

Tanto Mateus quanto o Sl 24 estabelecem que a pureza é essencial para desfrutar a proximidade divina. Em Mateus, a promessa de “ver a Deus” aponta para a comunhão e é escatológica. No Sl 24, estar no santo lugar do Senhor é descrito como o maior privilégio, reservado aos de coração puro e ações retas.

No Sl 24, a pureza de coração está ligada à ausência de idolatria e à fidelidade a Deus. Em Mateus, os limpos de coração também refletem essa exclusividade, sendo aqueles que buscam a Deus com integridade total. O Sl 73 complementa essa visão ao identificar os puros de coração como destinatários da bondade divina, sugerindo que a pureza é tanto resposta a Deus quanto reflexo de sua ação transformadora.

A promessa em Mateus de “ver a Deus” é central na Bem-aventurança e ecoa os Salmos. No Sl 24, a presença divina é experimentada por meio da comunhão no santuário, enquanto no Sl 73, o salmista expressa sua confiança na bondade de Deus em relação aos puros de coração. Esses textos reforçam que a recompensa pela pureza não é apenas bênção terrena, mas experiência de proximidade com o próprio Deus:

A pureza de coração, como mencionada nesta bem-aventurança, não diz respeito à pureza ritual, como muitas vezes era enfatizado nos círculos religiosos judaicos do primeiro século, mas a uma pureza interior, moral [...] o termo implica uma integridade profunda, uma devoção indivisa a Deus, livre de duplicidade e hipocrisia. Esses são os que verão a Deus — uma promessa escatológica que ecoa os antigos anseios do povo de Israel, mas que aqui é concedida não com base em mérito ritual, e sim pela disposição interior diante de Deus (FRANCE, 2007, p. 170).

Mateus e os Sl 24 e 73 oferecem visão coesa da pureza de coração como requisito indispensável para se experimentar a presença e a bondade de Deus. Esses textos ressaltam que a comunhão com Deus não é alcançada por mérito humano ou práticas externas, senão pela transformação interna e fidelidade a ele. A promessa de “ver a Deus” em Mateus encontra eco nos salmos que celebram o privilégio de estar na presença divina e de experimentar sua bondade. Juntos, esses textos apontam para a pureza de coração como caminho para vida plenamente centrada em Deus.

3.1.7 - Mt 5,9

Em Mt 5,9, Jesus coloca a paz como característica distintiva dos seguidores do Reino de Deus, sugerindo que a prática da paz é não apenas ação desejável, como também marca da identidade divina. Esse tema ressoa Pr 12,20 e Is 52,7, onde a paz é vinculada à justiça, à bênção e ao bem-estar do povo de Deus.

Pr 12,20 – “os que planejam o mal estão em desgraça, mas os que planejam a paz têm alegria.” – revela que aqueles que buscam a paz são recompensados com alegria, em contraste com aqueles que alimentam o mal e a discórdia. A paz é vista como resultado da ação intencional e do desejo de justiça, e aqueles que a promovem desfrutam a felicidade.

Is 52,7 – “quão formosos são os pés dos que anunciam boas novas, dos que proclamam a paz, dos que anunciam boas novas de felicidade, dos que proclamam a salvação, dos que dizem a Sião: O teu Deus reina!” – descreve a missão de anunciar a paz como tarefa nobre e abençoada. A paz é aspecto central da mensagem divina, trazendo consigo a salvação e a realeza de Deus. A proclamação da paz é ato de evangelização e restauração, associado à boa notícia da salvação.

Mateus e Provérbios concordam em apresentar a paz não apenas como estado passivo, todavia, como ação ativa. O pacificador, conforme Mt 5,9, é alguém que busca e promove a paz, refletindo o caráter de Deus. Da mesma forma, o texto de Provérbios destaca que aqueles que planejam a paz terão alegria, sugerindo que a paz é o resultado de escolhas e esforços conscientes. Isaías complementa essa visão, mostrando que anunciar a paz é missão divina, que traz salvação e restauração:

Jesus não se refere aqui àqueles que apenas desejam a paz, mas àqueles que a fazem, ou seja, os que tomam iniciativa para reconciliar, mediar e restaurar relacionamentos quebrados. A palavra ‘pacificadores’ descreve pessoas cuja missão ativa é curar divisões e construir a harmonia onde há conflito. Isso é mais do que evitar confrontos: é um chamado à semelhança com Deus, cuja própria obra é a reconciliação (FRANCE, 2007, p. 171).

Em Mateus, a recompensa de ser chamado “filho de Deus” sugere que a paz é marca de identidade divina. O pacificador, ao agir como Deus agiria, é reconhecido como pertencente à família de Deus. Este conceito é enriquecido por Isaías, onde os que proclamam a paz são enviados de Deus, participando de sua obra redentora. Provérbios, embora não mencione diretamente a identidade divina, implica que a paz é característica moralmente superior que traz felicidade, o que também se alinha à ideia de ser conforme à vontade de Deus.

Em Mateus, o pacificador recebe a designação de “filho de Deus”, recompensa divina por suas ações de reconciliação e harmonia. Isaías, ao proclamar as boas novas de paz, implica que existe grande bênção associada ao anúncio da paz: a revelação do reino de Deus. Provérbios aponta para a alegria que acompanha aqueles que buscam a paz, indicando que a paz traz felicidade, tanto para aqueles que a buscam quanto para os outros:

O sábio que ‘planeja a paz’ não é apenas aquele que evita o mal, mas aquele que conscientemente arquiteta a reconciliação e o bem-estar para a comunidade. Em Provérbios 12,20, vemos que a paz é fruto da ação intencional e moral. O contraste com o ‘enganador’ é deliberado: um promove divisão por interesse próprio, o outro promove paz por escolha ética (WALTKE, 2005, p. 532).

Isaías associa a paz diretamente à “salvação” e ao reinado de Deus, o que coloca a paz como parte do plano maior de redenção e justiça. A paz anunciada aqui traz restauração e justiça. Mateus, por sua vez, sugere que os pacificadores são aqueles que promovem a justiça do Reino de Deus, ajudando a restaurar o que foi quebrado. Em Provérbios, a paz é associada à boa conduta moral, sendo o oposto da promoção do mal, o que novamente alinha a paz à justiça e à retidão.

Mateus, Provérbios e Isaías apresentam a paz como virtude ativa, que exige esforço intencional e está profundamente vinculada ao caráter de Deus. Enquanto Mateus destaca que os pacificadores são filhos de Deus, Isaías coloca a paz no contexto da salvação e da proclamação do Reino de Deus, e Provérbios associa a busca pela paz à alegria e à felicidade. Juntos, esses textos mostram que a paz não é apenas objetivo moral, entretanto, prática divina que transforma vidas, restaura relacionamentos e reflete o caráter de Deus.

3.1.8 Mt 5,10

Em Mt 5,10, Jesus aponta para a promessa de recompensa para aqueles que sofrem perseguição por se manterem firmes na justiça e na verdade. O tema da fidelidade e da resistência nas perseguições por causa da justiça encontra paralelos no Antigo Testamento, especialmente em Is 51,7 e Dn 3,16-18.

Em Isaías, o profeta exorta o povo de Deus a não temer os insultos e opróbrios dos homens quando estão comprometidos com a justiça. O texto revela que, embora a justiça de Deus muitas vezes leve os justos à perseguição, esses não devem se abalar, pois sua fidelidade será recompensada:

Aqueles que confiam no Senhor e buscam a justiça não devem temer as zombarias e os insultos dos ímpios (Is 51,7). O profeta lembra ao povo que a justiça de Deus é eterna, enquanto as ameaças humanas são passageiras como uma vestimenta que envelhece. Essa exortação visa encorajar a perseverança dos fiéis, mesmo diante da perseguição. O texto mostra que o compromisso com a justiça pode atrair oposição, mas também é a marca dos verdadeiros servos de Deus (OSWALT, 1998, p. 326).

Em Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego, três jovens hebreus, são desafiados a adorar a imagem do rei Nabucodonosor. Eles resistem à pressão, reafirmando sua fidelidade a Deus, mesmo diante da ameaça de morte; sua postura demonstra firmeza na justiça e confiança em Deus, independentemente das consequências.

Mateus fala de ser perseguido por causa da justiça, o que implica a perseguição como consequência natural de se viver segundo os padrões de Deus em um mundo contrário a esses valores. Isaías, igualmente, instrui os justos a não temerem os insultos e a perseguição, indicando que, embora a justiça de Deus traga oposição, os fiéis devem permanecer firmes. Da mesma forma, em Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego demonstram coragem e resistência diante da perseguição, recusando-se a adorar a estátua do rei, confiantes que sua fidelidade a Deus os protegerá, mesmo que não evite a morte.

Em Mateus, a perseguição por causa da justiça é apresentada como caminho estreito, porém, com recompensa garantida: o Reino dos Céus. Isaías reforça que a fidelidade à justiça, mesmo diante da perseguição, é reflexo de confiança em Deus e sua justiça final. Daniel exemplifica essa fidelidade ativa, os três jovens rejeitam a idolatria e permanecem firmes em sua fé, independentemente da ameaça de morte. Essa atitude representa testemunho de que, mesmo diante da adversidade, o fiel não deve se curvar à pressão do mundo, contudo, confiar que a recompensa virá de Deus:

Os três jovens hebreus em Daniel 3 personificam a coragem da fé em meio à perseguição. Ao recusar-se a adorar a imagem de Nabucodonosor, eles demonstram que a fidelidade a Deus é mais importante do que a sobrevivência. Sua resposta — ‘se Deus quiser nos livrar, Ele nos livrará; se não, mesmo assim não nos curvaremos’ — é um testemunho poderoso de uma justiça viva mesmo sob ameaça de morte (LONGMAN III, 1999, p. 95-96).

A recompensa prometida em Mateus para os perseguidos por causa da justiça é o Reino dos Céus, o que sugere uma perspectiva escatológica, onde os fiéis receberão sua recompensa plena na consumação do Reino de Deus. Isaías, embora não mencione explicitamente uma recompensa escatológica, implica que aqueles que conhecem e praticam a justiça divina são sustentados por Deus, e sua esperança não será frustrada. Em Daniel, embora não haja promessa explícita de recompensa escatológica, a confiança em que Deus pode salvar os fiéis da fogueira de fogo reflete a confiança na intervenção divina, simbolizando também a recompensa por sua fidelidade.

Os três textos demonstram que, apesar da perseguição, os justos devem permanecer firmes. Mateus descreve essa posição como “bem-aventurada”, pois os que são perseguidos por causa da justiça estão em conexão direta com o Reino de Deus. Isaías

reforça essa ideia, exortando os justos a não temerem o opróbrio dos homens. Daniel ilustra-o de maneira vívida, quando os três jovens afirmam sua confiança em Deus, a despeito do que possa acontecer. A coragem deles e a fidelidade que demonstram são reflexo da confiança de que a justiça de Deus prevalecerá, mesmo que a salvação não seja imediata.

A comparação entre Mateus, Isaías e Daniel revela a consistência da Bíblia ao afirmar que a perseguição por causa da justiça é inevitável, todavia, os fiéis são chamados a permanecer firmes, confiantes de que sua recompensa virá de Deus. Enquanto Mateus apresenta a Bem-aventurança como promessa escatológica para os perseguidos, Isaías e Daniel oferecem exemplos de como essa fidelidade é vivida no dia a dia, com confiança na intervenção divina que assegura a justiça de Deus. Esses textos oferecem perspectiva teológica profunda para o sofrimento por causa da justiça, a coragem em meio à perseguição e a recompensa final dos fiéis.

3.1.9 Mt 5,11-12

Em Mt 5,11-12, Jesus se refere à perseguição não apenas por causa da justiça, senão especificamente por causa de Cristo. A promessa é de grande recompensa no céu, traçando paralelo com a perseguição histórica aos profetas de Deus. O tema da perseguição por causa da fé em Deus também é abordado no Antigo Testamento, especialmente em passagens como 2Cr 36,16 e Ne 9,26, que tratam da rejeição e perseguição aos profetas por parte do povo de Israel.

2Cr 36,16 descreve a rejeição dos profetas por parte do povo de Israel, que zombaram e desprezaram as mensagens de advertência enviadas por Deus. A recusa em ouvir os profetas trouxe o julgamento de Deus sobre a nação. A perseguição aos profetas, por sua lealdade à Palavra de Deus, é padrão observado ao longo da história bíblica, assim como a devida resposta divina quando o povo não se arrepende:

Os versículos finais de 2 Crônicas 36 constituem uma acusação solene contra a liderança de Judá, que zombou dos mensageiros de Deus e rejeitou a sua palavra. A recusa persistente em ouvir os profetas não foi apenas uma desobediência passiva, mas um desprezo ativo pela misericórdia divina. O texto sublinha que essa rejeição tornou o juízo inevitável — ‘até que não houvesse remédio’. Este é um tema recorrente na teologia deuteronomista: o juízo como consequência inevitável do endurecimento contínuo do coração (HILL, 2003, p. 600).

Neemias se refere ao período pós-exílico, fazendo eco à temática da desobediência e da rejeição à Palavra de Deus transmitida pelos profetas. A rejeição dos profetas e o assassinato de muitos deles são destacados como atitudes de rebeldia que resultaram na desgraça e destruição para o povo de Israel. A resistência e perseguição aos mensageiros de Deus, que proclamam a verdade, é aqui retratada como característica do pecado coletivo.

Em Mt 5,11-12, Jesus se coloca na linha de sucessão dos profetas, afirmando que aqueles que são perseguidos por causa dele estão alinhados com a tradição dos profetas de Israel. Os profetas, como Isaías e Jeremias, enfrentaram perseguições e rejeições por proclamarem a palavra de Deus, assim como Cristo enfrentaria por sua mensagem de salvação. 2Cr e Neemias descrevem a resistência do povo de Israel à palavra de Deus, através da rejeição aos profetas, mostrando que a hostilidade contra os mensageiros de Deus não é algo novo, entretanto, parte de longa tradição de rejeição à palavra divina. Ambos os textos sublinham a resistência à mensagem profética, o que acaba resultando em juízo e destruição, como afirma Bright: “a oposição aos profetas foi constante. Desde o início, os profetas enfrentaram a rejeição não só do povo comum, mas principalmente das autoridades religiosas e políticas. Isaías foi ignorado, Jeremias foi espancado, preso e jogado numa cisterna”.¹²

Em Mateus, a ênfase está na calúnia e mentira contra os perseguidos por causa de sua fidelidade a Cristo. Isso pode ser comparado à maneira como os profetas foram mal interpretados, caluniados e até assassinados. A palavra de Deus, em muitos casos, foi distorcida para justificar a perseguição aos justos. Isaías, por exemplo, referiu-se a si mesmo como “homem de lábios impuros” (Is 6,5). Em 2Cr é possível constatar como os profetas de Deus foram desprezados e zombados, o que resultou no julgamento divino implacável. Neemias menciona que muitos profetas foram mortos por simplesmente advertirem o povo, algo que também reverbera na realidade de calúnias e rejeições sofridas pelos seguidores de Cristo no Novo Testamento.

Em Mateus, Jesus promete grande recompensa nos céus para aqueles que são perseguidos por sua causa, alinhando-se com a tradição dos profetas de Deus. A recompensa é descrita não apenas como compensação, sobretudo como exaltação e reconhecimento divino. 2Cr e Ne, ao relatarem a rejeição dos profetas, também indicam que essa atitude traria consequências para o povo, porém, a justiça de Deus não seria

¹² BRIGHT, 2002, p. 343.

frustrada. A punição para o pecado seria inevitável, entretanto, a fidelidade dos profetas e sua lealdade à palavra de Deus não seria em vão. Embora o povo de Israel tenha rejeitado os profetas, Deus honraria sua palavra e, ao final, traria a justiça.

A alegria e a exultação mencionadas em Mateus, mesmo em face da perseguição, podem ser vistas como forma de resistência à opressão. Aqueles que são perseguidos em nome de Cristo sabem que estão participando da mesma missão e fidelidade dos profetas, cujos sofrimentos foram acompanhados da recompensa celestial, o que contrasta com a tristeza e a destruição que resultaram das ações do povo de Israel em 2Cr e Ne, onde a rejeição à mensagem dos profetas foi seguida por calamidade e exílio. A diferença entre os dois contextos é que, enquanto os ímpios enfrentaram o juízo, os justos podem se alegrar e exultar, pois sabem que sua fidelidade será recompensada, como declara Brueggemann:

A rejeição dos profetas em Israel levou a desastres históricos, como o exílio, porque o povo ignorou os apelos divinos à justiça. Por outro lado, os fiéis, mesmo quando perseguidos, são retratados nas Escrituras como participantes da fidelidade de Deus, e sua perseverança não termina em ruína, mas em glória (BRUEGGEMANN, 2005, p. 389).

A comparação entre Mt, 2Cr e Ne revela a continuidade do sofrimento dos justos através das gerações. Os profetas enfrentaram perseguições, calúnias e até a morte por sua fidelidade à palavra de Deus, algo que também aconteceu com Jesus e seus seguidores. A principal diferença, no entanto, é que, enquanto a rejeição dos profetas no Antigo Testamento resultou em juízo e destruição para o povo de Israel, a perseguição enfrentada pelos discípulos e pelas discípulas de Cristo é acompanhada da promessa de recompensa celestial e alegria, pois sua fidelidade ao Mestre é reconhecida e recompensada no Reino dos Céus.

3.1.10 Sumarização

As comparações entre as Bem-aventuranças de Mt e diversos textos do Antigo Testamento revelam rica continuidade na tradição bíblica e profunda interação entre as promessas de Deus ao longo da história. As passagens analisadas permitem constatar como as Bem-aventuranças estão profundamente enraizadas numa perspectiva teológica já presente nas Escrituras Hebraicas, refletindo tanto adaptação quanto aprofundamento do entendimento quanto às bênçãos divinas, à justiça, ao sofrimento e à redenção.

A primeira constatação importante diz respeito à continuidade temática entre os ensinamentos de Jesus e os textos do Antigo Testamento. As Bem-aventuranças podem ser vistas como aprofundamento e reinterpretação da justiça divina, apresentada de maneira mais explícita em Is, Sl, Pr, entre outros. Por exemplo, as Bem-aventuranças descritas em Mt 5,3, que exaltam os pobres em espírito, têm paralelo em Is 61,1 e o Sl 34,18, que também celebram a proximidade de Deus com os humildes e quebrantados. Essa conexão sugere que as Bem-aventuranças não são novidade total, todavia, cumprimento das promessas do Antigo Testamento, onde a bênção divina é prometida àqueles que se humilham diante de Deus.

A promessa de recompensa celeste em Mt 5,11-12, especialmente em meio à perseguição, ecoa a experiência dos profetas no Antigo Testamento, como em 2Cr 36 e Ne 9, onde os justos foram rejeitados e perseguidos. A reação de Jesus aos que sofrem por sua causa segue o mesmo padrão de fidelidade dos profetas, cujos sofrimentos são sempre reconhecidos por Deus e recompensados. A associação direta entre a perseguição por causa da justiça e a recompensa celestial é constante no pensamento bíblico, e as Bem-aventuranças de Jesus refletem promessa renovada dessa recompensa para os seguidores e seguidoras de Cristo.

As Bem-aventuranças de Mt 5 também iluminam movimento de transição entre a promessa de bênção material, associada aos salmos e à Lei (como no Sl 37, que promete a terra aos mansos), para visão interior da bênção, centrada na vivência da justiça, misericórdia e pureza de coração. Assim como nos textos do Antigo Testamento, a pureza, a busca por justiça e a misericórdia são valores fundamentais para os discípulos do Reino de Deus, a pureza de coração em Mt é vista como qualidade essencial para ver a Deus, refletindo o ensino de Is 6,3, que também enfatiza a santidade como requisito para a aproximação com Deus.

Outro ponto de convergência interessante é o papel da esperança escatológica e do consolo prometido nas Bem-aventuranças. O consolo para os que choram em Mt 5,4 se alinha às promessas de restauração e conforto encontradas em Is 61,2-3. Ambas as passagens falam da intervenção divina que traz alívio e esperança para os que sofrem, apontando para o futuro no qual a justiça de Deus será plenamente manifestada. Essa escatologia do consolo e da restauração é parte essencial da Teologia tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

Aspecto crítico das Bem-aventuranças é a transformação da expectativa da bênção material para a bênção interior, algo que é claramente visível nas interações de Jesus

com os textos do Antigo Testamento. A promessa de herdar a terra em Mt 5,5, refletindo o Sl 37, pode ser interpretada não mais como promessa de posseção territorial, mas de novo Reino que transcende o espaço físico e está profundamente conectado ao coração e à vida dos fiéis. Essa reinterpretação da expectativa de herança aponta para a instalação do Reino escatológico, conforme exemplificado nos ensinamentos de Jesus, em que a justiça e a paz de Deus reinam entre os justos.

A comparação entre as Bem-aventuranças de Mt 5 e os textos do Antigo Testamento revelam que Jesus, ao proferir essas promessas, não está simplesmente introduzindo nova ética, porém, está enraizado na tradição profética que tem sido articulada por séculos. As Bem-aventuranças estão em continuidade com as promessas divinas feitas ao longo da história, e, ao mesmo tempo, elas reconfiguram e aprofundam a visão de Deus sobre a justiça, a misericórdia e a bênção. Enquanto o Antigo Testamento prepara o caminho para a vinda de Cristo e suas revelações escatológicas, as Bem-aventuranças revelam a nova dimensão do Reino de Deus, onde a realidade celestial se torna o foco central da recompensa divina, ao invés de focar predominantemente o material ou o territorial. A análise dessas passagens bíblicas reforça a visão de que a promessa de Deus está orientada para a transformação interior do ser humano e para a realização do Reino eterno que se inaugura com a vinda de Cristo.

Esses textos estabelecem conexão não apenas literária, como também teológica, entre o Antigo e o Novo Testamento, reforçando a continuidade da ação divina na história humana, que culmina na obra redentora de Cristo e nas promessas de futuro glorioso para todos aqueles que seguem os princípios do Reino de Deus.

3.2 – No Novo Testamento

As Bem-aventuranças em Mt 5,3-12 encontram eco e desenvolvimento em vários textos do Novo Testamento. Esses textos reforçam os mesmos temas de humildade, misericórdia, justiça, pureza, paz e perseverança em meio à perseguição, destacando a continuidade da mensagem de Jesus e seu impacto na vida dos primeiros cristãos. As referências mostram que as Bem-aventuranças não são apenas conjunto de ensinamentos isolados, porém, estão profundamente integradas na teologia e na prática da Igreja Primitiva.

As Bem-aventuranças em Mt 5 representam um dos momentos mais emblemáticos do ensino de Jesus, delineando as características e as promessas do Reino de Deus. Elas

não apenas constituem marco no evangelho, como também oferecem visão teológica profunda que reverbera ao longo do NT, influenciando o entendimento de questões como justiça, misericórdia, humildade e pureza de coração. Os desdobramentos das Bem-aventuranças sobre os textos que se seguiram, especialmente nas epístolas e outras instruções apostólicas merece atenção, pois revela como o ensinamento de Jesus foi integrado e ampliado pelos primeiros cristãos.

Ao longo do Novo Testamento, pode-se perceber como as Bem-aventuranças servem de base para os ensinamentos de Paulo, Tiago, Pedro, dentre outros. A partir das primeiras instruções de Jesus no Sermão da Montanha, os apóstolos reiteram temas como sofrimento, esperança, justiça e graça, configurando a vida cristã com base nos princípios estabelecidos por Jesus nas Bem-aventuranças. Este tópico se dedica a explorar essa influência, mostrando como os textos subsequentes no Novo Testamento se alinham com as Bem-aventuranças ou expandem suas implicações de maneira prática e teológica, como percebe Keener: “a ênfase de Tiago na humildade, pureza e compaixão (Tg 1,27; 2,13; 3,17) reflete diretamente a ética do Reino. Pedro também escreve para comunidades perseguidas, recordando-as que sofrer por causa da justiça é motivo de bênção, ecoando Mateus 5,10–12”.¹³

Essas passagens, além de orientarem a vida ética dos cristãos e cristãs, também ajudam a formar compreensão mais ampla sobre a dinâmica entre as promessas de Deus e a vivência do cristão e da cristã no mundo. A análise de como as Bem-aventuranças influencia passagens subsequentes, como por exemplo: os ensinamentos paulinos sobre o sofrimento (Rm 8,17-18), a humildade (Fl 2,3-11) e a misericórdia (Ef 4,32), bem como as exortações de Tiago sobre a pureza e a pacificação (Tg 3,17-18), será central para este estudo.

Além disso, compreender como o Sermão da Montanha e as Bem-aventuranças servem como modelo para a vida cristã, refletido nas instruções apostólicas, permite aprofundar o entendimento da continuidade entre os ensinamentos de Jesus e as práticas do Cristianismo Primitivo. Assim, este tópico buscará examinar a inter-relação entre as Bem-aventuranças de Mt 5 e os textos que se seguiram no Novo Testamento, destacando a forma como esses ensinamentos são retomados e aplicados nas diversas circunstâncias da vida cristã.¹⁴

¹³ KEENER, 2014, p. 1193.

¹⁴ CHAMPLIN, 2013, p. 488-493.

3.2.1 Mt 5,3

Alguns paralelos do texto em questão estão em Lucas e Tiago, como se segue. Lc 6,20 – “e, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus”. Tg 2,5 – “ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos que são pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?”.

Em Mt, a expressão “pobres de espírito” (πτωχοὶ τῷ πνεύματι) alude à condição de humildade. Esses indivíduos reconhecem sua total insuficiência perante Deus e dependem exclusivamente de sua graça. Tal pobreza não se refere apenas à ausência de bens materiais, contudo, a estado de profunda humildade e receptividade à ação divina.

Por outro lado, Lucas utiliza apenas o termo “pobres” (πτωχοί), sem qualificar o vocábulo com “de espírito”. Considerando o contexto de Lucas, que inclui advertências aos ricos (Lc 6,24-26), a pobreza parece ter implicações tanto econômicas quanto pessoais, destacando os marginalizados e vulneráveis como destinatários da graça divina.

Para Tiago, a pobreza está contraposta diretamente à riqueza: os pobres deste mundo são os escolhidos por Deus para serem “ricos na fé”, o que reforça que os pobres estão em melhor posição para confiar em Deus plenamente.

Tanto em Mt quanto em Lc, a promessa do Reino (βασιλεία τοῦ Θεοῦ/τῶν οὐρανῶν) é imediata: “deles é o Reino”. Essa afirmação não aponta apenas para a realidade futura, como também para o acesso presente à vida sob o governo de Deus. Essa inclusão é radical, pois inverte as expectativas sociais e religiosas da época, nas quais os ricos e poderosos eram considerados os favoritos de Deus. Tiago amplia essa visão, explicando que os pobres, enquanto ricos na fé, são herdeiros do Reino prometido aos que amam a Deus. A ligação entre amor, fé e herança reflete o ensino de Jesus sobre a pobreza e a dependência de Deus como qualificações para o Reino.

Os três textos convergem na ideia de que a pobreza, seja material ou interior, conduz à dependência de Deus. Em Mt, os “pobres de espírito” são bem-aventurados, porque reconhecem sua total insuficiência, tornando-se recipientes da graça divina. Em Lc, os pobres materiais são incluídos no Reino, enfatizando que as condições externas de desvantagem pode ser terreno fértil para a fé. Já Tiago conecta essas ideias ao contraste entre ricos e pobres no contexto comunitário, mostrando como Deus favorece os humildes e aqueles que dependem dele.

Esses textos desafiam os leitores a adotar postura de humildade e dependência. O Reino de Deus não é conquistado por mérito humano ou recursos materiais, porém, é presente para os que se reconhecem necessitados da misericórdia divina. Além disso, há crítica implícita às estruturas de poder e riqueza que negligenciam os pobres e marginalizados, chamando a Igreja a viver ética que reflete os valores do Reino.

Mateus, Lucas e Tiago oferecem visão unificada sobre a inversão de valores proposta pelo Reino de Deus. A pobreza, tanto material quanto interior, torna-se símbolo de receptividade no tocante à graça divina e à participação no Reino. A Bem-aventurança prometida a esses grupos enfatiza que a verdadeira riqueza está na fé e no relacionamento com Deus, e que o Reino é, antes de tudo, espaço de acolhimento para os humildes e necessitados, como explica Wright: “os pobres, os aflitos e os humildes não são apenas incluídos; são colocados no centro. Mateus e Lucas apresentam essa revolução social como o coração da Boa Nova, e Tiago a retoma ao denunciar a opressão dos ricos e exaltar os pobres na fé como herdeiros do Reino”.¹⁵

3.2.2 Mt 5,4

Alguns paralelos do texto em questão são Lc e o Ap. Lc 6,21 – “bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir”. Ap 21,4 – “e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas”.

A declaração presente em Mt usa o verbo grego *πενθέω* (*penthéo*), que se refere ao lamento profundo e intenso. O contexto sugere tanto luto pessoal por perdas e sofrimentos quanto lamento pelo estado de pecado no mundo. Jesus oferece promessa direta de consolo, subvertendo a percepção comum de que o sofrimento é sinal de desamparo ou abandono divino. Aqui, o consolo (*παρακαλέω* – *parakaleo*) implica proximidade e cuidado divinos ativos.

Para Lucas, o foco está no contraste entre o presente e o futuro. Aqueles que “choram agora” não apenas serão consolados, tal qual experimentarão transformação radical de suas circunstâncias: o choro será substituído pelo riso. Esse elemento de reversão aponta para o caráter escatológico do Reino de Deus, no qual a justiça divina trará alívio total aos oprimidos e aflitos.

¹⁵ WRIGHT, 2008, p. 97.

O Ap eleva essa promessa a seu cumprimento final na consumação do plano divino. A eliminação completa do pranto, dor e morte é apresentada como característica essencial do novo céu e da nova terra. Este texto vincula a promessa de consolo à redenção cósmica e à restauração da criação, como afirma Beale: “a nova criação é o centro de gravidade hermenêutico e escatológico do Novo Testamento. Essa é a noção dominante da teologia bíblica, porque a nova criação é o alvo ou o propósito do plano redentivo-histórico de Deus; a nova criação é o ponto lógico principal da Escritura”.¹⁶

Esses textos indicam que o choro humano tem dimensões tanto físicas quanto interiores. Em Mt, o lamento pode ser entendido como resposta à injustiça, ao sofrimento e ao pecado, demonstrando atitude de humildade e dependência de Deus. A promessa de consolo reflete o caráter de Deus como aquele que se aproxima do quebrantado de coração, conforme o Sl 34,18.

Lc, ao enfatizar a alegria futura, destaca que o sofrimento presente não é final, entretanto, transitório. O riso que virá é sinal da justiça e da redenção que acompanham a presença plena do Reino. Essa visão está alinhada com textos como o Sl 126,5-6, que descrevem a alegria que segue o pranto como resultado da intervenção divina.

No Ap, o choro é identificado com as consequências do pecado e da queda, simbolizando a luta universal da humanidade contra a mortalidade, a dor e a separação. O fim do choro não é apenas a ausência de tristeza, porém, a restauração de todas as coisas sob o domínio perfeito de Deus.

Os três textos convergem ao apontar para o Reino de Deus como o lugar onde a justiça e a restauração se manifestam plenamente. Em Mt e Lc, essa restauração é introduzida de maneira imediata para os ouvintes de Jesus, com dimensão escatológica – o Reino já está presente, mas será consumado no futuro.

O Ap oferece a visão da consumação desse Reino, quando o consolo prometido será completo e eterno. A eliminação da dor e da morte é sinal da vitória definitiva de Cristo sobre o pecado e seus efeitos. Esse tema de justiça divina permeia o ensino de Jesus e culmina na visão apocalíptica de João.

Esses textos oferecem consolo e esperança aos que enfrentam sofrimento. Para os discípulos, o choro e o lamento não são sinais de fraqueza, senão de alinhamento aos valores do Reino. O consolo prometido não é apenas emocional, como também envolve a restauração completa de todas as coisas.

¹⁶ BEALE, 2011, p. 55.

Ao mesmo tempo, esses textos desafiam os cristãos e cristãs a viverem com perspectiva escatológica, confiando que Deus será fiel para transformar o sofrimento em alegria e que já está presente em meio à dor, trazendo consolo imediato e antecipando a glória futura.

Mt, Lc e Ap articulam visão abrangente do consolo divino. Enquanto Mt e Lc abordam o tema no contexto da proclamação de Jesus sobre o Reino, o Ap mostra o cumprimento final dessa promessa. Juntos, esses textos oferecem mensagem de esperança que transcende o sofrimento presente, apontando para a fidelidade de Deus em consolar e restaurar plenamente aqueles que choram.

3.2.3 Mt 5,5

Paralelos do texto são 1Pd 3,4 e Mt 11,29. Mt 11,29 – “tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas”. 1Pd 3,4 – “mas o homem encoberto no coração, no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus”.

Em Mt, o termo “mansos” (πραεῖς – *praeis*) é usado para descrever aqueles que demonstram espírito gentil e submisso à vontade de Deus. A mansidão, porém, não é fraqueza; é força sob controle, qualidade que reflete a confiança plena em Deus, diante das adversidades e injustiças. A promessa de “herdar a terra” (κληρονομήσουσιν τὴν γῆν) ecoa o Sl 37,11 – “os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz”. Essa promessa carrega implicações tanto escatológicas quanto presentes, apontando para o Reino de Deus como espaço de justiça e paz onde os mansos são honrados.

Mt 11 amplia essa ideia ao apresentar Jesus como exemplo supremo de mansidão. A mansidão de Jesus está enraizada em sua total submissão ao Pai e em sua disposição de servir e amar, mesmo diante da rejeição, convidando os discípulos a aprenderem com ele, sugerindo que a mansidão não é apenas virtude a ser admirada, todavia, característica que pode ser desenvolvida na vida cristã:

Sua mansidão não é fraqueza, mas uma força moral que se expressa em obediência a Deus e serviço compassivo aos outros. [...] O convite de Jesus para aprender dele é uma chamada para adotar seu estilo de vida e caráter, especialmente sua disposição em suportar o mal sem retribuição e em responder com amor e misericórdia. Em Jesus, a mansidão se torna o modelo supremo de discipulado (ALLISON JR., 2014, p. 77-88).

1Pd 3,4 desloca o foco para o “homem interior”, destacando que a mansidão corresponde à qualidade que transcende aparências externas. 1Pd descreve o espírito manso e tranquilo como algo “precioso diante de Deus”, sublinhando seu valor no contexto do relacionamento íntimo com o Criador.

Para Mt, herdar a terra não deve ser entendido apenas de forma literal. No contexto do ensino de Jesus, essa promessa aponta para a realização plena do Reino de Deus, onde a justiça e a paz reinam. A herança da terra simboliza a posse do que Deus preparou para aqueles que confiam nele e vivem em submissão à sua vontade. Essa ideia encontra ressonância em Mt 11, onde Jesus promete descanso às almas dos que se submetem ao seu jugo. O descanso mencionado pode ser entendido como antecipação da paz que será plenamente desfrutada no Reino vindouro. A mansidão, portanto, é caminho para se experimentar tanto o descanso presente quanto a herança futura.

1Pd 3 complementa essa perspectiva ao mostrar que a verdadeira herança de Deus está relacionada a qualidades que são estimadas no céu. O espírito manso e tranquilo é expressão da confiança de que Deus é o provedor da herança prometida. Esses textos apresentam a mansidão como traço distintivo do caráter cristão, modelado por Cristo. Jesus, em Mt 11, chama os seus seguidores a imitarem sua mansidão e humildade, sugerindo que essas virtudes conduzem à verdadeira liberdade, oferecendo não apenas ensino teórico, entretanto, exemplo vivo de como viver uma vida mansa diante de Deus e dos homens.

Em 1Pd 3, a mansidão é apresentada como reflexo interior dessa transformação, sendo valiosa não apenas no relacionamento com Deus, como também nas interações com outras pessoas. Esse espírito manso e quieto contrasta com a agitação e a arrogância que caracterizam o mundo. A relação com Mt é clara: os mansos são aqueles que têm seus corações alinhados ao caráter de Cristo, e é a conformidade a esse padrão que os torna dignos de herdar as promessas de Deus.

Ao mesmo tempo, esses textos oferecem promessa: a mansidão não é ignorada por Deus. Aqueles que adotam essa postura experimentarão o descanso para suas almas (Mt 11,29), serão estimados por Deus (1Pd 3,4) e, finalmente, herdarão a terra (Mt 5,5). Essa herança não é apenas material, porém, abrange a plenitude da vida no Reino de Deus.

Mt 5 e 11, tal qual 1Pd 3, oferecem visão integrada da mansidão como virtude central na vida cristã. A promessa de herdar a terra em Mt 5 encontra seu exemplo em Jesus, que, em Mt 11, demonstra o que significa ser manso e humilde. Em 1Pd, a mansidão é valorizada como atributo precioso diante de Deus, indicando que aqueles que vivem com espírito manso são participantes do Reino de Deus. Esses textos desafiam os cristãos a

seguirem o exemplo de Cristo, vivendo em humildade e submissão à vontade divina, enquanto aguardam com esperança a plenitude de sua herança no Reino.

3.2.4 Mt 5,6

Alguns paralelos ao texto em questão são Lc e Jo. Lc 6,21 – “bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos”. Jo 4,14 – “mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”. Jo 6,35 – “e Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede”.

Em Mt, fome e sede não são simplesmente desejos físicos, antes, simbolizam anseio profundo pela justiça de Deus (δικαιοσύνη – *dikaiosynē*). Esse termo abrange tanto a retidão pessoal quanto a manifestação da justiça divina no mundo. Os que têm essa fome e sede não buscam satisfação em si mesmos ou no mundo, porém, em Deus. A promessa de que “serão fartos” (χορτασθήσονται – *chortasthēsontai*) aponta para a fidelidade de Deus em suprir totalmente essa necessidade:

A justiça pela qual temos fome é a justiça que é bem-vinda no céu, não a justiça própria dos fariseus. Não é uma justiça artificial e legalista, mas uma justiça moral, uma retidão do coração, da vida e dos relacionamentos. É tanto uma justiça interior quanto social: um desejo apaixonado de ver a retidão de Deus prevalecer em nossas próprias vidas e no mundo ao nosso redor. É, portanto, ao mesmo tempo pessoal e comunitária, e prática. Essa fome é sinal de graça; é uma marca de um cristão verdadeiro. E a promessa é que aqueles que têm esse anseio não ficarão frustrados: Deus mesmo há de satisfazê-los — não apenas parcialmente, mas completamente (STOTT, 2006, p. 55-56).

Lc utiliza a metáfora da fome em sentido mais amplo, referindo-se tanto às necessidades materiais quanto às internas. A promessa de que aqueles que têm fome “serão fartos” reafirma que Deus vê e responde às necessidades de seus filhos, seja no contexto presente ou no futuro escatológico do Reino.

Jo, nas referências dos caps. 4 e 6, introduz Jesus como a resposta a essa fome e sede. A água viva que ele oferece é descrita como fonte que jorra para a vida eterna, simbolizando a satisfação plena e contínua que somente Cristo pode proporcionar. Da mesma forma, o pão da vida, descrito em Jo 6, representa o sustento que elimina para sempre a fome e a sede daqueles que vão a ele.

Esses textos enfatizam que a satisfação completa das necessidades humanas ocorre no contexto do Reino de Deus. Para Mt, a satisfação prometida está ligada à busca pela

justiça divina, que inclui tanto a retidão pessoal quanto a transformação do mundo. Essa satisfação não é apenas futura, como também presente, à medida que o Reino de Deus já está entre nós (Lc 17,21).

Em Lc, o foco é tanto escatológico quanto imediato. Aqueles que têm fome, seja física ou interior, podem esperar a ação redentora de Deus em suas vidas. Esse texto reflete o compromisso de Deus com a justiça social e a restauração completa de seu povo.

Jo 4 e 6 transcendem o físico e apontam para a satisfação eterna. A água viva e o pão da vida simbolizam a comunhão com Cristo, que satisfaz plenamente o vazio interior causado pela alienação de Deus. Essa satisfação é contínua e inesgotável, como fonte que nunca seca. Enquanto Mt e Lc apresentam a fome e a sede como condições humanas que Deus promete suprir, Jo identifica Jesus como a resposta definitiva a essas necessidades. Ele não apenas oferece satisfação, todavia, é a própria fonte dela:

A água viva que Jesus promete não é meramente algo que refresca por um momento, mas uma realidade permanente. Ela se torna, dentro do crente, uma fonte contínua, simbolizando a ação constante do Espírito Santo. Em João 7, Jesus expande isso, prometendo que rios de água viva fluirão do interior do crente — uma clara referência ao Espírito, que ainda seria dado. Esse dom é algo radicalmente novo: não uma religião exterior, mas uma vida interior, sustentada e alimentada por Deus mesmo. A promessa de que ‘nunca mais terão sede’ não significa ausência de desejo, mas sim uma satisfação duradoura que brota da comunhão contínua com Cristo (MORRIS, 2002, p. 355-357).

Em Jo 6,35, Jesus revela que a água que ele dá se torna fonte no interior do indivíduo, simbolizando a obra do Espírito Santo (Jo 7,38-39); aqueles que recebem essa água nunca mais terão sede, porque estão continuamente conectados à fonte divina.

Jo 6 reafirma essa ideia ao declarar que Jesus é o pão da vida. Aqui, a fome e a sede são saciadas por meio da fé e da comunhão com ele. Essa metáfora aponta para a suficiência absoluta de Cristo para satisfazer as necessidades mais profundas da humanidade.

Esses textos desafiam os cristãos a buscarem em Deus a satisfação de suas aspirações mais profundas. Mt incentiva os crentes a desejarem a justiça divina acima de tudo, enquanto Lucas os encoraja a confiarem na promessa de Deus de fartura, mesmo em meio a necessidades presentes. Jo chama a atenção para o papel central de Cristo na vida cristã. Ele é tanto a fonte quanto o meio de satisfação, e a comunhão com ele é essencial para se experimentar a plenitude prometida. Esses textos também apontam para a responsabilidade dos cristãos de refletirem essa justiça e graça em suas vidas, tornando-se agentes de transformação no mundo.

Mt, Lc e Jo apresentam visão coesa do papel de Deus em satisfazer as necessidades humanas. Enquanto Mt e Lc destacam a fome e a sede como metáforas de desejo pela justiça e pela plenitude de vida, Jo revela que a satisfação dessas necessidades está em Cristo. Esses textos afirmam que a justiça de Deus é tanto promessa futura quanto realidade presente, e que Jesus é o centro dessa promessa. Eles desafiam os cristãos a buscarem a justiça divina com perseverança e a encontrarem em Cristo a satisfação plena de suas almas.

3.2.5 Mt 5,7

Paralelos ao texto estão em Lc e Tg. Lc 6,36 – “sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso”. Tg 2,13 – “porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o juízo”.

A palavra grega utilizada para “misericordiosos” é *eleēmōn*, que implica compaixão ativa, frequentemente manifestada em atos concretos de cuidado pelos necessitados e vulneráveis. Essa ideia reflete reciprocidade divino-humana: a disposição do discípulo em ser misericordioso o torna recipiente da misericórdia divina, tanto no presente quanto no julgamento final. Lc complementa o versículo-chave ao enraizar a misericórdia humana no caráter de Deus – “sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso”. Essa exortação faz parte do Sermão da Planície, seção paralela ao Sermão da Montanha, mas com nuances teológicas distintas, como se observa no comparativo realizado em outro capítulo.

A misericórdia aqui não é apenas traço ético esperado do discípulo, contudo, imitação direta da natureza de Deus. A palavra grega *oiktirmōn*, traduzida como “misericordioso”, enfatiza a ternura e a compaixão. Lc 6,27-35 associa a misericórdia com a capacidade de perdoar e amar os inimigos, expandindo seu escopo para dimensão radicalmente contracultural. Essa comparação sugere que a misericórdia não é apenas obrigação humana, e sim, resposta à revelação do caráter divino. Assim, enquanto Mt destaca a reciprocidade, Lc sublinha a imitação de Deus como fundamento ético.

Tg 2,13 apresenta advertência sombria, também uma promessa – “porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o juízo”. Aqui, a misericórdia é princípio judicial: qualidade que impacta diretamente o tratamento divino em relação ao ser humano no dia do julgamento.

Tg 2,1-12 está relacionado à imparcialidade e ao cuidado com os necessitados. A misericórdia não é apenas virtude ética, contudo, critério pelo qual os atos humanos são

avaliados por Deus. O termo grego *eleos* reforça o aspecto ativo e compassivo da misericórdia, vinculando-a à justiça social. A expressão “a misericórdia triunfa sobre o juízo” oferece contraste poderoso: enquanto o juízo representa aplicação estrita da justiça, a misericórdia transcende e redefine os critérios judiciais. Assim, o autor aponta para ética que não se limita ao rigor legal, porém, é moldada pela graça divina.

Mt foca a reciprocidade divino-humana, enfatizando a experiência escatológica da misericórdia. Já Lc amplia o horizonte, conectando a prática da misericórdia ao caráter de Deus e à ética do amor ao próximo, incluindo os inimigos. Tg alerta para as implicações judiciais da misericórdia, situando-a como critério essencial no julgamento divino. A partir dessa análise, emergem implicações para a prática cristã. A prática da misericórdia é tanto reflexo do caráter de Deus quanto expressão de fidelidade ao Reino. A misericórdia é chamado para refletir a compaixão de Deus, não apenas em atos isolados, no entanto, como estilo de vida. O chamado à misericórdia transcende o indivíduo e influencia as estruturas de justiça social, promovendo cuidado pelos marginalizados.

Mt, Lc e Tg formam arcabouço teológico robusto que posiciona a misericórdia no centro da ética cristã. Esses textos não apenas instruem sobre como agir, mas, sobre quem Deus é e como age. A misericórdia é, assim, mais do que virtude humana; é resposta transformadora ao amor divino e reflexo do Reino de Deus na terra.

3.2.6 Mt 5,8

Paralelos ao texto são 1Tm e 1Jo. 1Tm 1,5 – “ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida”. 1Jo 3,2-3 – “amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro”.

Em 1Tm, o apóstolo vincula a pureza do coração à prática do amor genuíno, que é o objetivo último da Lei divina. A “pureza de coração” neste contexto está associada ao amor que flui de motivação sincera e desinteressada, em contraste com a religiosidade superficial ou egoísta. O coração puro, aliado à boa consciência e à fé genuína, é o fundamento da vida cristã que reflete a plenitude do Evangelho. Essa perspectiva complementa Mt ao mostrar que a pureza de coração não é apenas condição para ver Deus, como também requisito para amar verdadeiramente o próximo.

1Jo conecta a pureza à esperança escatológica da manifestação de Cristo. A visão de Deus é aqui associada à transformação final dos crentes, que serão semelhantes a ele. Essa esperança motiva vida de santidade no presente, onde os crentes se purificam em antecipação à plenitude de sua comunhão com Deus. O verbo “purifica-se” (*hagnízō*) indica ação contínua, processo de conformação progressiva à pureza de Cristo.

Mateus, Paulo e João convergem na ênfase sobre a pureza de coração como virtude essencial para o relacionamento com Deus. Cada texto aborda aspectos distintos, porém, complementares, desse tema. Mt 5,8 destaca a pureza como condição para ver Deus, tanto no presente quanto na eternidade, enquanto 1Tm 1,5 apresenta a pureza de coração como base para o amor verdadeiro, cumprimento do mandamento, e 1Jo 3,2-3 associa a pureza à esperança escatológica, incentivando a vida de santidade como preparação para a visão gloriosa de Deus:

A promessa de que os puros de coração ‘verão a Deus’ é uma das mais elevadas de todas. Ela aponta não apenas para a bem-aventurança escatológica da visão beatífica, mas também para a experiência presente de comunhão com Deus, possível àqueles cujo interior foi purificado. A pureza que Jesus exige vai além da aparência externa — trata-se de uma sinceridade do coração, livre de hipocrisia e corrupção moral. Sem essa integridade interior, não há visão real de Deus, nem agora nem na eternidade (STOTT, 2006, p. 67-68).

A análise desses textos revela integração profunda entre a pureza de coração, o amor genuíno e a esperança escatológica. A pureza não é condição isolada ou estática, entretanto, estado dinâmico, resultado da ação transformadora de Deus no coração humano e da resposta ativa do crente em busca de santidade. Em Mt, essa pureza é a porta para relação íntima com Deus, enquanto em 1Tm é o solo onde o amor floresce e se manifesta de forma prática. Por sua vez, 1Jo apresenta a pureza como resposta à esperança na manifestação de Cristo, conectando presente e futuro na dinâmica de santificação contínua.

O estudo de Mt, 1Tm e 1Jo evidencia que a pureza de coração é elemento indispensável para a ética cristã. Esses textos convergem no sentido de apresentar a pureza como característica que reflete a integridade do indivíduo diante de Deus, a sinceridade no amor ao próximo e a preparação para a comunhão futura com o Senhor.

Em Mt, a promessa de “ver Deus” conecta a pureza de coração à experiência escatológica e presente de intimidade com o Criador. 1Tm associa essa pureza ao objetivo do mandamento, o amor genuíno, demonstrando que a vida cristã se fundamenta na sinceridade e na integridade interiores. Jo, em contrapartida, relaciona a purificação à

esperança escatológica, destacando que a expectativa da manifestação de Cristo deve motivar vida de santidade ativa.

Esses três textos apontam para a compreensão integrada da pureza de coração: não se trata apenas virtude estática, mas, de processo contínuo que molda o crente em todas as esferas de sua vida. Além disso, a promessa de “ver Deus” desafia seus seguidores a buscar uma relação profunda com ele, enquanto o amor que flui do coração puro reforça o compromisso com o próximo. Por fim, a esperança no retorno de Cristo convida os cristãos a perseverarem em sua purificação, confiantes de que a plenitude da comunhão com Deus será revelada no tempo apropriado.

3.2.7 Mt 5,9

Paralelos ao texto em questão são Rm e Hb. Rm 12,18 – “se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens”. Hb 12,14 – “seguí a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. Em Mt, Jesus declara – “bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”. Essa Bem-aventurança enaltece aqueles que promovem a paz como integrantes do Reino de Deus, identificados como “filhos” pelo reflexo de atributo essencial do Pai celestial.

O termo “pacificadores” (*eirēnopoioi*) não se refere apenas a pessoas que evitam conflitos, contudo, àqueles que ativamente buscam reconciliação, justiça e harmonia nas relações humanas. A promessa de serem chamados “filhos de Deus” reforça a ideia de que a prática da pacificação está intrinsecamente ligada à participação no caráter divino.

Rm 12,18 expande a compreensão da paz no contexto das relações interpessoais, posto que Paulo reconhece que, embora a busca pela paz seja ideal cristão, sua realização plena pode ser limitada por circunstâncias externas. A expressão “quanto estiver em vós” enfatiza a responsabilidade pessoal de agir de maneira pacífica, mesmo diante de situações desafiadoras. A paz, segundo Paulo, é postura ativa que demanda esforço, empatia e disposição para renunciar a direitos pessoais, quando necessário, para preservar a harmonia.

Hb 12,14 insere a busca pela paz em contexto ainda mais amplo. O verbo “seguí” (*diōkō*), traduzido como “buscar” ou “perseguir”, transmite a ideia de esforço diligente e constante. A paz, assim como a santificação, não é alcançada passivamente, mas, por meio de compromisso intencional com os valores do Reino. Este texto amplia o escopo da pacificação, conectando-a à dimensão vertical (relação com Deus) e horizontal (relação com o próximo) da vida cristã.

Mt, Rm e Hb oferecem visão integrada da paz na ética cristã. Mt apresenta os pacificadores como aqueles que refletem o caráter divino e são identificados como filhos de Deus, enquanto Rm enfatiza a responsabilidade pessoal na busca pela paz, reconhecendo os desafios inerentes às relações humanas, e Hb relaciona a paz à santificação, destacando sua importância para o relacionamento com Deus e para a visão escatológica. Esses textos nos ensinam que a paz não se trata apenas de ausência de conflitos, todavia, de qualidade ativa que caracteriza a vida cristã. Em Mt, os pacificadores são reconhecidos como filhos de Deus, porque imitam seu caráter em suas ações de reconciliação e justiça. Rm ressalta que a busca pela paz depende do esforço individual, mesmo que nem sempre seja possível alcançá-la em todas as circunstâncias. Já Hb coloca a busca pela paz no mesmo nível da santificação, sublinhando que ambas são indispensáveis para se experimentar a presença de Deus:

A exortação de Paulo para viver em paz com todos os homens é qualificada realisticamente com ‘se possível’. Ele reconhece que a paz nem sempre está em nosso controle. Ainda assim, o dever cristão é fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para manter relações pacíficas. Isso envolve humildade, disposição para perdoar, não retribuir o mal com o mal e evitar provocar ou alimentar conflitos. A ética cristã exige essa iniciativa pacificadora, mesmo em ambientes hostis (MOO, 1996, p. 775).

Essa análise destaca que a pacificação é, ao mesmo tempo, chamado pessoal e comunitário, pois requer esforço contínuo, alinhamento aos valores do Reino e visão escatológica que conecta a prática da paz no presente à promessa futura de comunhão plena com Deus. Ao promoverem a paz, os cristãos não apenas refletem o caráter divino, como também antecipam a realidade do Reino de Deus em um mundo marcado por divisões e conflitos.

Mt, Rm e Hb oferecem visão complementar e coerente sobre a centralidade da paz na vida cristã, revelando que ser pacificador é mais do que o esforço de evitar conflitos, na verdade, representa chamado ativo para restaurar relacionamentos e promover harmonia. A responsabilidade pessoal de buscar a paz, enfatizada por Paulo, e a relação intrínseca entre paz e santidade, destacada pelo autor de Hebreus, lembram que a pacificação é reflexo direto da comunhão com Deus.

3.2.8 Mt 5,10

Paralelos ao texto são 1Pd 3 e 4. 1Pd 3,14 – “mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não temais as suas ameaças, nem vos turbeis”. 1Pd 4,14 – “se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus”.

Jesus promete que, apesar do sofrimento, o Reino dos céus pertence a essas pessoas. A perseguição por causa da justiça está intimamente ligada à identidade cristã, sendo evidência da fidelidade à causa do Reino. A Bem-aventurança é, portanto, paradoxal: a perseguição e o sofrimento são vistos como bênçãos, porque sinalizam a participação dos crentes na obra de Cristo e a esperança escatológica do Reino de Deus. 1 Pd 3,14 complementa a ideia de Mt, pois Pedro oferece perspectiva pastoral sobre o sofrimento por causa da justiça, reforçando que os crentes devem se alegrar, pois, ao sofrerem por amor à justiça, são bem-aventurados.

A palavra “bem-aventurados” (*makarios*) aqui também está associada ao sofrimento, porém 1Pd destaca reação importante: não temer as ameaças, nem se turbar. A verdadeira alegria vem da confiança em Deus, que, ao contrário dos perseguidores, não pode ser abalado. Esse sofrimento não é inútil, contudo, se torna testemunho da fidelidade ao Evangelho e ao testemunho cristão, refletindo a presença de Cristo no crente. A Bem-aventurança, portanto, vai ao encontro da perspectiva de que o sofrimento, mesmo doloroso, traz consigo garantia divina de bênção.

1Pd 4,14 expande a ideia do sofrimento por causa de Cristo, posto que Pedro adiciona dimensão profunda à experiência de sofrimento: a presença do Espírito de Deus repousa sobre aqueles que são vituperados e perseguidos por causa do nome de Cristo. O verbo “repousa” (*episkēno*) implica ação contínua e permanente do Espírito, indicando que, ao sofrerem pelo nome de Cristo, os crentes experimentam manifestação especial da presença divina. Isso sublinha a natureza redentora do sofrimento cristão, porque não é apenas experiência de dor, entretanto, oportunidade para experimentar a glória de Deus de maneira única. A Bem-aventurança, nesse sentido, é associada à presença e ao poder do Espírito Santo, que fortalece e capacita os crentes a suportarem a perseguição com esperança.

Mt e 1Pd apresentam visão coesa e integrada de sofrimento por causa da justiça e do nome de Cristo. Mt apresenta a Bem-aventurança dos perseguidos por causa da justiça, com a promessa do Reino dos céus. 1Pd 3 reforça a Bem-aventurança no sofrimento, enfatizando que o crente deve permanecer inabalável diante das ameaças, sabendo que o sofrimento por causa da justiça é evidência de bênção. 1Pd 4 conecta o sofrimento cristão

à experiência da presença do Espírito Santo, destacando que, ao sofrerem pelo nome de Cristo, os crentes experimentam a glória e o poder de Deus de maneira especial:

A perseguição é o choque inevitável entre dois sistemas irreconciliáveis de valores. Os cristãos são diferentes; foram transformados e se tornaram cidadãos do Reino. Essa diferença, ao invés de ser aceita, frequentemente provoca hostilidade. [...] Jesus deixa claro que ser perseguido por causa da justiça é uma consequência natural de seguir a Ele, e uma bem-aventurança. Não por masoquismo, mas porque tal sofrimento atesta a autenticidade da fé e garante uma recompensa no Reino dos céus (STOTT, 2006, p. 65-66).

Esses textos nos ensinam que o sofrimento por causa da justiça e de Cristo não deve ser visto como algo a ser temido, todavia, como experiência transformadora que revela a fidelidade de Deus e a presença do seu Espírito. Em Mt, a perseguição é a confirmação da cidadania celestial, e a promessa do Reino dos céus valida o sofrimento como parte do processo de santificação e perseverança. Em 1Pd 3,14, os crentes são encorajados a não se turbar, nem temer as ameaças, pois o sofrimento é bênção e testemunho de fé. Já em 1Pd 4, o sofrimento é associado à manifestação gloriosa de Deus, que se torna mais evidente no momento de dificuldade, proporcionando experiência de proximidade ao Espírito Santo.

A implicação teológica é a de que o sofrimento por causa de Cristo não é fim em si mesmo, mas oportunidade de vivenciar mais sublime intimidade com Deus. Serve como meio de reafirmar a identidade cristã e de vivenciar o poder do Espírito Santo de forma concreta. Essa experiência, embora dolorosa, é meio de testemunho para o mundo e preparação para o Reino de Deus.

A comparação entre Mt e 1Pd oferece compreensão profunda sobre a Bem-aventurança no sofrimento. Nos três textos, o sofrimento por causa da justiça e do nome de Cristo é visto como uma bênção, oportunidade de experimentar a presença de Deus de maneira única e profunda. A perseguição e a injúria, por mais dolorosas que possam vir a ser, são contextos nos quais a glória de Deus é revelada e onde o crente se identifica com o sofrimento de Cristo. A promessa do Reino dos céus, a presença do Espírito e a certeza de que o sofrimento traz consigo bênção celestial oferecem consolo e força aos crentes que enfrentam tribulações, convidando-os a perseverar com confiança na promessa divina de recompensa e presença.

3.2.9 Mt 5,11-12

Paralelos ao texto são Lc, Tg e At. Lc 6,22-23 – “bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos nesse dia, e exultai; porque, eis que é grande o vosso galardão no céu; porque assim faziam os pais deles aos profetas”. At 5,41 – “retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus”. Tg 1,2 – “meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações”.

A ênfase aqui reside no fato de que o sofrimento por Cristo não é motivo de desespero, porém de alegria, pois é evidência de fidelidade e de que os crentes compartilham com os profetas do passado. O “galardão nos céus” é promessa de recompensa eterna, e a exortação a “regozijar” reflete a confiança na soberania de Deus e na esperança escatológica.

Lc oferece perspectiva paralela à de Mt, onde a ideia central é a de que a perseguição e o desprezo, quando sofridos por causa de Cristo, são sinais de bênção e oportunidade de regozijo. Lc acrescenta a noção de que o ódio contra os crentes é característica marcante, e destaca que a perseguição por causa do nome de Jesus é reflexo da hostilidade que os profetas também enfrentaram. A orientação para “regozijar” e “exultar”, novamente, está ligada à promessa do grande galardão nos céus, reforçando a ideia de que o sofrimento cristão tem dimensão escatológica, com recompensa eterna para aqueles que permanecem fiéis:

Lucas deixa ainda mais explícito do que Mateus que o sofrimento por causa do Filho do Homem não é apenas esperado, mas motivo de celebração. A menção ao ódio, exclusão, insulto e rejeição mostra que a perseguição cristã vai além da violência física: é social, verbal e relacional. A alegria ordenada em meio ao sofrimento é fundamentada não em um sentimento presente, mas na certeza futura de um galardão celestial, e na comunhão com a linhagem dos profetas que sofreram por proclamar a verdade (BLOMBERG, 2014, p. 358).

At 5,41 apresenta a resposta dos apóstolos ao sofrimento e à perseguição, descrevendo sua reação após serem reprimidos pelo Sinédrio, por pregarem o Evangelho. A resposta deles é de regozijo, não pela dor do sofrimento, contudo, pela honra de serem considerados dignos de padecer por Cristo. O regozijo dos apóstolos é exemplo concreto de como os cristãos podem viver de maneira radicalmente diferente diante do sofrimento. Ao invés de se lamentarem, se alegram por serem identificados com Jesus, considerando o sofrimento uma honra que reflete sua participação na missão de Cristo. Esse regozijo é

demonstração clara de que o sofrimento por Cristo é visto como uma oportunidade de imitar o Mestre e viver a experiência de ser discípulo fiel.

A exortação de Tg encontra eco em Mt e Lc, pois ensina que, mesmo em meio às tentações e provações, os cristãos devem se alegrar. Isso porque, através do sofrimento, Deus produz perseverança e maturidade, preparando os crentes para a vida eterna. O “grande gozo” que Tg propõe é resposta de fé e confiança no processo de santificação que as dificuldades promovem. Embora as provações possam ser difíceis, têm propósito divino que resulta em caráter mais firme e semelhante ao de Cristo.

Mt, Lc, At e Tg apresentam visão teológica coesa sobre o sofrimento por causa de Cristo, exortando os crentes a regozijarem-se diante da perseguição e das dificuldades. Mt e Lc afirmam que os cristãos devem se alegrar na perseguição por causa do nome de Jesus, pois isso os identifica com os profetas e assegura um galardão no céu. At mostra como os apóstolos reagiram com regozijo ao sofrer por Cristo, considerando honraria ser identificados com o sofrimento de Jesus. Tg, embora se refira a todas as provações, também destaca a alegria diante das dificuldades, por produzirem perseverança e maturidade, resultando em caráter mais semelhante ao de Cristo. O sofrimento por Cristo deve ser visto não como castigo ou infortúnio, entretanto, como oportunidade de crescer na fé e na semelhança com Jesus.

O regozijo no sofrimento, de acordo com Mt, Lc, At e Tg, é atitude radical que contrasta com as respostas naturais ao sofrimento. Ao invés de buscar alívio imediato, os crentes são chamados a ver as dificuldades como privilégio e honra, por refletir sua identificação com Cristo. A perseverança que nasce do sofrimento produz caráter mais forte, conforme Tg. Isso não apenas prepara os crentes para a vida eterna, como também fortalece sua fé e os capacita a suportar as dificuldades com alegria:

Lucas oferece uma versão mais direta e socialmente radical das bem-aventuranças. A felicidade não está apenas na piedade interior, mas na experiência concreta de exclusão e hostilidade por causa da associação com o Filho do Homem. A associação do sofrimento com os profetas cria uma continuidade histórica: os verdadeiros mensageiros de Deus sempre enfrentaram oposição. A instrução de alegrar-se está diretamente relacionada à convicção de que a justiça de Deus triunfará no final (FRANCE, 2007, p. 201-202).

A comparação entre Mt, Lc, At e Tg oferece visão rica e profunda do sofrimento cristão. O sofrimento por causa de Cristo não é apenas realidade dolorosa, todavia, oportunidade de regozijo e crescimento. O regozijo no sofrimento é marca da verdadeira fé, refletindo a confiança dos crentes em Deus e a esperança na recompensa eterna. A

reação dos apóstolos e as instruções de Tg mostram que o sofrimento pode ser ferramenta de santificação, e, acima de tudo, forma de se identificar mais intimamente com o sofrimento de Cristo, que também foi honrado pelo sofrimento. Em última instância, o sofrimento cristão não é um fim, mas um meio de nos tornarmos mais semelhantes a Jesus e mais preparados para o Reino dos céus.

3.2.10 Sumarização

As Bem-aventuranças em Mt, proferidas por Jesus no contexto do Sermão da Montanha, são marco fundamental no ensino cristão e possuem profunda influência sobre toda a Teologia e Ética do NT. Esses versículos, que descrevem as características e as atitudes dos discípulos de Cristo, não apenas revelam o coração de Jesus, bem como preparam os crentes para viver de maneira radicalmente diferente do mundo. O impacto das Bem-aventuranças vai além de Mt, refletindo-se nos escritos subsequentes do NT e oferecendo diretrizes para a vida cristã, especialmente no que diz respeito ao sofrimento, à santidade e à promessa da recompensa eterna.

Em Mt 5,3-12, Jesus introduz paradigma de Bem-aventurança que subverte os valores do mundo. Enquanto o mundo valoriza o poder, o *status* e a riqueza, Jesus abençoa aqueles que são pobres em espírito, que choram, que são mansos, que buscam a justiça, que são misericordiosos e pacificadores, e aqueles que sofrem perseguições por causa da justiça e do nome de Cristo. Essa visão é radical, pois se distancia da compreensão humana de sucesso e felicidade.

O impacto dessa radicalidade fica evidente no NT. Em Lc 6,22-23, vê-se aplicação direta das Bem-aventuranças, pois Jesus reforça a ideia de que o sofrimento por causa do Filho do Homem é motivo de regozijo, ao se tornar sinal de identificação com os profetas do passado e garantia de galardão nos céus. Esse conceito de “bem-aventurança no sofrimento” é repetido em At 5,41, quando os apóstolos, depois de sofrerem repreensões, saem regozijando-se, por terem sido considerados dignos de padecer por Cristo.

Além disso, Tg 1,2 alarga a compreensão das Bem-aventuranças ao enfatizar que a alegria no sofrimento é manifestação da confiança na obra redentora de Deus, que transforma as dificuldades em oportunidades de amadurecimento. Essa transformação da visão a respeito do sofrimento é uma das influências centrais das Bem-aventuranças no NT, pois se tornam oportunidade de santificação e crescimento em meio às provações.

As promessas escatológicas de recompensa, que são característica central das Bem-aventuranças, desempenham papel crucial no entendimento cristão do sofrimento e da vida. Quando Jesus declara que “o vosso galardão será grande nos céus” (Mt 5,12), aponta para realidade além da experiência terrena, incentivando os crentes a olhar para a eternidade como a verdadeira medida de sucesso e felicidade. Essa promessa de recompensa se reflete também em outros textos do NT.

Além disso, a misericórdia, qualidade destacada em Mt 5,7, também se reflete em outros escritos, como Tg 2,13, que afirma que “a misericórdia triunfa sobre o juízo”. A ênfase na misericórdia é distintivo do cristão, que, ao viver de maneira misericordiosa, reflete o caráter de Deus e cumpre a missão de ser luz no mundo. A influência das Bem-aventuranças de Mt no NT é profunda e abrangente. Não apenas moldam a ética cristã, como também oferecem compreensão clara de como os cristãos devem viver à luz do Reino de Deus. O sofrimento por Cristo é transformado em motivo de alegria e regozijo, a pureza de coração é exaltada como padrão para a vida cristã, a busca pela paz e misericórdia torna-se um imperativo, e a esperança escatológica nos fornece perspectiva eterna sobre as provações da vida, como afirma BOCK: “é nesse sofrimento que o discípulo encontra comunhão com Cristo e com os profetas. O chamado à alegria em meio à perseguição não é insensibilidade, mas fé escatológica – uma fé que sabe que Deus vê, Deus julga e Deus recompensará”.¹⁷

Os demais textos do NT, como Lc, At, Tg e 1Pd demonstram como as Bem-aventuranças não são apenas declaração de Jesus, entretanto, fundamento teológico e prático para a vida cristã. Elas desafiam os crentes a viverem de maneira contracultural, a abraçarem a paz, a misericórdia e a pureza, e a perseverarem na fé, confiantes de que a recompensa celestial será grande para aqueles que seguem os passos de Cristo. Assim, as Bem-aventuranças permanecem como uma das bases mais significativas para a formação do caráter cristão, refletindo a verdadeira natureza do Reino de Deus e a missão que Cristo confia a seus seguidores.

3.3 Nos textos rabínicos

¹⁷ BOCK, 1994, p. 577.

Os textos rabínicos, que incluem a *Mishná*, o *Talmude* e outros escritos dos sábios judeus¹⁸ oferecem rica fonte de ensinamentos éticos e espirituais que muitas vezes refletem temas semelhantes ao de Mt 5,3-12.

Pirkê Avot (ou *Pirkei Avot*), também conhecido como *Ética dos Pais*, é um tratado do *Talmude* que reúne uma série de ensinamentos éticos, máximas e reflexões morais dos antigos sábios judeus. É uma das seções do *Mishná* (a parte fundamental da Lei Oral Judaica), e trata especialmente de valores e comportamentos éticos para a vida cotidiana e para a prática da fé judaica.¹⁹

Pirkê Avot difere dos outros tratados do *Talmude*, que geralmente lidam com leis e questões rituais. Ao invés disso, ele foca em ensinamentos de sabedoria e ética, abordando temas como justiça, humildade, bondade, autodomínio e respeito ao próximo. Entre os temas centrais, destacam-se:²⁰

Responsabilidade Pessoal e Social: O texto enfatiza a importância de cada pessoa em agir com responsabilidade e ser um bom exemplo para a comunidade.

Estudo e Aplicação da Torá: Há grande incentivo ao estudo contínuo da Torá e à prática de suas lições na vida pessoal e em comunidade.

Desenvolvimento de Caráter: A obra encoraja virtudes como humildade, paciência, autodomínio e generosidade.

Pirkê Avot é tradicionalmente lido e estudado durante o período entre a Páscoa Judaica (*Pessach*) e o festival de *Shavuot*, porém é também recitado por muitos ao longo do ano, em especial aos sábados. É amplamente respeitado por judeus de diversas correntes, sendo também uma referência importante para quem busca compreender a filosofia judaica.²¹

Cada tópico que faz referência a determinado versículo bíblico de Mt será iniciado pelas citações dos textos rabínicos relacionados, para que, então, se estabeleça a interconexão com o texto evangélico.

3.3.1 Mt 5,3

¹⁸ Os textos extraídos neste tópico foram obtidos na versão em português através do site SEFARIA, plataforma online criada por judeus de confiança para transmissão e democratização da literatura judaica; apesar de apresentarem no website as versões que utilizam dos textos em Hebraico, Inglês e Português, não é possível precisar a datação e paginação, razão pela qual este trabalho não contemplará tais informações (Disponível em: <www.sefaria.org/translations/pt>).

¹⁹ STEINSALTZ, 2012, p. 2-75.

²⁰ STEINSALTZ, 2012, p. 44-55.

²¹ DONIN, 2002, p. 3-35.

Pirkei Avot 4,4: “Rabi Levitas de Yavneh diz: ‘Seja muito humilde, pois o fim do homem são os vermes’”.

Talmude, Sotá 5b: “Aquele que se humilha será exaltado”.

Mateus refere-se aos “pobres de espírito” como aqueles que reconhecem sua carência e dependem inteiramente de Deus. A pobreza de espírito aqui não se refere à pobreza material, contudo a uma postura de humildade diante de Deus, um reconhecimento de que toda suficiência vem dele. Esse princípio ecoa nos textos rabínicos, especialmente em *Pirkei Avot* 4,4, onde o Rabi Levitas aconselha “ser muito humilde”, lembrando que o destino do ser humano é a mortalidade, simbolizada pelos vermes. Essa concepção ressoa no ensinamento de Jesus: os pobres de espírito são os que renunciaram à autossuficiência e se tornaram receptáculos da graça divina. Como observa Abraham Joshua Heschel, “a humildade é o eco da eternidade no coração humano”.²²

A perspectiva rabínica insere a humildade como virtude necessária para se viver sabiamente, uma vez que a reflexão sobre a transitoriedade da vida promove a consciência da dependência de Deus. O *Talmude Sotá* 5b, por sua vez, afirma que “aquele que se humilha será exaltado”, alinhando-se ao conceito de reversão divina presente tanto na tradição judaica quanto na mensagem de Jesus: Deus exalta os humildes enquanto rebaixa os soberbos (Lc 14,11).

Assim, ambos os contextos enfatizam que a verdadeira grandeza ou bênção está na submissão a Deus, entretanto com uma ênfase distinta: enquanto Mateus aponta diretamente para o Reino dos Céus como recompensa, os textos rabínicos geralmente concentram-se nas virtudes terrenas e sua recompensa moral ou escatológica.

Em Mateus, a promessa “deles é o Reino dos Céus” vincula a humildade ao domínio escatológico de Deus. Esse Reino transcende a esfera terrena e aponta para o governo eterno de Deus, implicando uma transformação completa da condição humana. Essa ênfase escatológica está implícita também em *Pirkei Avot* 4,4, que reflete sobre o destino final da humanidade. A humildade aqui não apenas prepara o indivíduo para uma vida justa, como também o alinha com a realidade do mundo vindouro.

Por outro lado, o *Talmude Sotá* 5b ressalta um aspecto mais imediato: a exaltação daquele que se humilha, uma inversão que pode ser interpretada tanto no plano terreno quanto no celestial. A Teologia Rabínica, portanto, conecta a humildade à justiça divina,

²² HESCHEL, 1976, p. 103.

no presente e no futuro. Mateus, no entanto, centraliza o Reino dos Céus como o resultado e supremo da pobreza de espírito, direcionando a atenção para uma recompensa definitiva e eterna.

Tanto em Mateus quanto nos textos rabínicos, a humildade tem implicações relacionais. Em Mateus, os “pobres de espírito” reconhecem sua insuficiência diante de Deus, enquanto nos textos rabínicos, a humildade é uma postura moral que impacta tanto a relação do indivíduo com Deus quanto com os outros. O Rabi Levitas, por exemplo, vincula a humildade ao reconhecimento da fragilidade humana, o que naturalmente promove a empatia e a modéstia no trato com o próximo.

Essa conexão também está implícita no *Talmude*, que apresenta a exaltação divina como resultado da humildade. Essa lógica relacional é congruente com a tradição bíblica mais ampla, como visto em passagens como Pr 22,4 – “o galardão da humildade e do temor do Senhor são riquezas, honra e vida”. A humildade, portanto, é tanto uma condição interna quanto um reflexo externo de reverência a Deus e respeito ao próximo.

Tanto Mateus quanto os textos rabínicos apresentam a humildade como virtude indispensável para o relacionamento com Deus e o acesso às bênçãos espirituais. A ideia de que Deus exalta os humildes e rebaixa os orgulhosos permeia ambos os contextos. Os textos em tela vislumbram uma recompensa que transcende a realidade presente, seja ela o Reino dos Céus ou a exaltação final.

Mt 5,3 é explícito a respeito deste tópico ao conjugar a humildade ao Reino dos Céus, enquanto os textos rabínicos são mais vagos, deixando a recompensa aberta à interpretação. Mateus enraíza a humildade na pobreza, enquanto os textos rabínicos frequentemente associam-na à reflexão sobre a fragilidade humana. O texto de Mateus centraliza a recompensa no futuro escatológico, enquanto o *Talmude Sotá* 5b sugere implicações imediatas e terrenas da humildade.

A comparação entre Mateus e os textos rabínicos evidencia a convergência teológica em torno da humildade como fundamento o momento no qual vivem. Ambos os contextos valorizam a humildade como condição para experimentar a bênção divina, embora o Evangelho segundo Mateus aponte mais diretamente para o Reino dos Céus como recompensa final. A reflexão rabínica, por sua vez, destaca a humildade como virtude que molda a ética terrena e conduz à exaltação divina.

Ainda que Jesus fale de maneira única sobre o Reino dos Céus, sua ênfase na humildade se conecta a um fio contínuo da tradição judaica. A primeira bem-aventurança,

portanto, pode ser vista como uma extensão do pensamento judaico, reinterpretada à luz da mensagem do Reino.²³

3.3.2 Mt 5,4

Talmude Berachot 5b: “Aqueles que choram por Jerusalém merecerão ver a sua alegria”.

Mateus apresenta o choro como um estado que precede o consolo divino. No *Talmude*, o lamento pode ser entendido tanto como uma resposta ao sofrimento causado pelo pecado, pela injustiça e pela separação de Deus, quanto como uma expressão de arrependimento sincero. A promessa de consolo aponta para a atuação direta de Deus, indicando que o sofrimento humano encontra alívio no âmbito do Reino dos Céus.

Mateus também possui um forte tom escatológico, pois o consolo prometido transcende as circunstâncias terrenas. No Reino de Deus, a tristeza será substituída pela alegria eterna (Ap 21,4). De maneira semelhante, o *Talmude Berachot 5b* afirma: “Aqueles que choram por Jerusalém merecerão ver a sua alegria.” Este lamento é profundamente escatológico, pois reflete o desejo da restauração de Jerusalém e, em última análise, da redenção messiânica.

Enquanto Mateus universaliza o consolo prometido, o texto rabínico de *Berachot 5b* o vincula diretamente à história de Israel e à cidade de Jerusalém, que simboliza a presença divina. Os que choram pela destruição de Jerusalém o fazem em solidariedade ao sofrimento do povo de Deus e com a expectativa de sua restauração final, assim como na bem-aventurança, o choro aqui não é um fim em si mesmo, mas um meio que conduz à alegria plena e ao cumprimento das promessas divinas. Enquanto Mateus universaliza o consolo prometido, o pensamento judaico moderno mantém o vínculo entre o sofrimento e a esperança de restauração, especialmente na memória de Jerusalém como símbolo da presença divina. O rabino Jonathan Sacks observa que “chorar por Jerusalém é um ato de fidelidade; lamentar é recusar-se a aceitar o exílio como destino”.²⁴

No *Talmude Berachot 5b* o lamento pelos infortúnios de Jerusalém é também uma expressão relacional. O choro surge do amor por Deus e pelo seu povo, reforçando uma conexão profunda com a aliança divina. Aqui, o lamento é corporativo e comunitário,

²³ FLUSSER, 2002, p. 15-57.

²⁴ SACKS, 2006, p. 217.

enquanto em Mateus o foco parece ser mais individual. Ambas as perspectivas, no entanto, convergem na ideia de que Deus responde ao choro com restauração e alegria.

Tanto Mateus quanto *Berachot* 5b apresentam Deus como o agente do consolo e da restauração. Em ambos os contextos, o lamento está vinculado a uma transformação que culmina na alegria. O consolo em Mateus e a restauração de Jerusalém no *Talmude* apontam para um futuro redentor e pleno.

Mateus é universal em sua aplicação, enquanto *Berachot* 5b centra-se na experiência judaica de sofrimento e esperança em Jerusalém. O lamento em *Berachot* 5b é comunitário, enquanto em Mateus ele parece ser uma experiência individual que encontra consolo no relacionamento direto com Deus.

Mateus e os textos rabínicos analisados apresentam perspectivas distintas, porém complementares, sobre o papel do lamento na vida. A Bem-aventurança de Jesus destaca o consolo divino como uma certeza no Reino dos Céus, apontando para uma redenção universal.

O ensino de Jesus está profundamente enraizado na tradição judaica, contudo expande seu alcance ao incorporar uma visão mais ampla do consolo divino. A promessa de consolo para “os que choram” transcende as barreiras culturais e históricas, apresentando uma mensagem inclusiva e escatológica que ecoa os anseios mais profundos da humanidade.

3.3.3 Mt 5,5

Pirkei Avot 1,12: “Hillel dizia: ‘Seja dos discípulos de Arão, amando a paz e perseguindo a paz, amando as criaturas e atraindo-as para a Torá’”.

Talmude Eruvin 13b: “O Rabi Akiva disse: ‘Aquele que é manso e humilde, ele será exaltado’”.

Em Mateus, a mansidão não é sinal de fraqueza, entretanto uma postura de humildade diante de Deus e dos outros. A promessa de “herdar a terra” vincula-se à tradição judaica da Terra Prometida, todavia com uma expansão escatológica: os mansos são aqueles que reconhecem sua total dependência de Deus e, por isso, estão qualificados para receber as bênçãos do Reino dos Céus.

Pirkei Avot 1,12, ao citar Hillel, também enfatiza uma postura relacional, especialmente no trato com os outros. Ser discípulo de Arão envolve “amar a paz e persegui-la,” bem como “amar as criaturas e atraí-las para a Torá.” Essa visão de mansidão

está diretamente ligada à promoção da paz e ao amor ativo, refletindo uma humildade que busca reconciliar as pessoas e uni-las à sabedoria divina. Assim como em Mateus, a mansidão aqui é uma virtude que transforma relacionamentos e promove harmonia, mas com um foco particular na comunidade e na Torá.

No *Talmude Eruvin* 13b a mansidão é associada à exaltação divina. O Rabi Akiva declara que o manso e humilde será exaltado, sugerindo que a verdadeira grandeza está na disposição de submeter-se a Deus e agir com paciência e gentileza para com os outros. Essa ideia ressoa com a visão de Mateus, onde a recompensa da mansidão é escatológica, não material ou imediata.

A promessa de “herdar a terra” em Mateus remonta ao Sl 37,11 – “os mansos herdarão a terra e se deleitarão em abundante paz”. No contexto bíblico, a herança da terra era vista como uma bênção de Deus para aqueles que viviam em obediência e confiança. Jesus, no entanto, amplia o conceito, tornando-o aplicável ao Reino de Deus, em que a “terra” simboliza não apenas um território físico, mas a plenitude da bênção divina no mundo vindouro. Essa compreensão ecoa na leitura de Amy-Jill Levine, para quem o ensinamento de Jesus “reinterpreta a herança da terra como a participação na soberania divina, uma promessa de pertencimento e justiça”.²⁵

Em *Pirkei Avot* 1,12, Hillel apresenta a mansidão como um caminho para promover a paz e atrair outros à Torá. Embora não mencione diretamente a “herança,” a ideia de atrair outros à Torá sugere uma participação ativa nas bênçãos da aliança de Deus, que inclui tanto a paz quanto a harmonia na comunidade.

Já em *Eruvin* 13, a exaltação do manso é vista como uma “herança” simbólica. A mansidão, ao ser reconhecida e recompensada por Deus, torna-se um sinal de verdadeira grandeza. Essa exaltação, assim como em Mateus, não está ligada a riquezas ou conquistas terrenas, porém a um *status* elevado diante de Deus.

A virtude da mansidão em Mateus reflete o próprio caráter de Jesus, que é descrito como “manso e humilde de coração” (Mt 11,29). Essa mansidão implica uma disposição para ceder, para evitar o conflito desnecessário e para colocar os outros acima de si mesmo.

Em *Pirkei Avot* 1,12, Hillel conecta a mansidão à figura de Arão, sumo sacerdote que buscava a reconciliação entre os homens. Arão é retratado como um pacificador, alguém que, por sua mansidão, tornava-se um instrumento de unidade. Essa perspectiva

²⁵ LEVINE, 2006, p. 57.

sugere que a mansidão é uma qualidade que reflete o desejo de Deus pela paz e pela restauração das relações.

O *Talmude Eruvin* 13b complementa essa visão ao vincular mansidão à humildade e à exaltação divina. A mansidão aqui é uma imitação do caráter divino.

Tanto Mateus quanto os textos rabínicos associam a mansidão à recompensa divina e à transformação. Em Mateus e *Pirkei Avot*, a mansidão promove harmonia e reflete um espírito de reconciliação, seja no âmbito comunitário quanto no escatológico. *Eruvin* 13b e Mateus destacam a mansidão como uma expressão de humildade e submissão a Deus.

Mateus enfatiza a recompensa futura no Reino de Deus, enquanto *Pirkei Avot* foca nos benefícios imediatos da mansidão para a paz e o ensino da Torá. Mateus apresenta uma visão universal da mansidão, aplicável a todos os seguidores de Cristo, enquanto *Pirkei Avot* e *Eruvin* têm um contexto mais específico dentro da tradição judaica. O *Talmude Eruvin* 13b destaca a exaltação como recompensa divina, enquanto Mateus concentra-se na herança da terra como símbolo de bênção e justiça.

Mateus e os textos rabínicos analisados apresentam uma visão complementar da mansidão. Em Mateus, a mansidão é uma virtude central do Reino de Deus, que culmina na herança escatológica da terra. Em *Pirkei Avot*, a mansidão reflete-se no amor pela paz e na missão de atrair outros à Torá, enquanto o *Talmude* conecta mansidão à exaltação por Deus.

Essas perspectivas, embora distintas em seu contexto e aplicação, convergem na valorização da mansidão como uma expressão de humildade, pacificação e alinhamento com o caráter divino. A bem-aventurança de Mateus, no entanto, amplia o alcance dessa virtude ao universalizá-la como parte essencial da vida no Reino de Deus, oferecendo uma promessa de esperança e restauração para todos os que seguem o caminho da mansidão.

3.3.4 Mt 5,6

Pirkei Avot 2,7: “Ele costumava dizer: ‘Muita Torá, muita vida; muita sabedoria, muita sensatez; muita caridade, muita paz’”.

Talmude Shabat 127a: “Estes são os frutos que uma pessoa come neste mundo e cujos principais benefícios estão reservados para o mundo vindouro: honrar pai e mãe, atos de bondade, trazer paz entre homem e seu amigo, e o estudo da Torá é equivalente a todos eles”.

A bem-aventurança de Mateus declara que aqueles que buscam justiça com intensidade, simbolizada pela “fome” e “sede,” serão saciados. Esse texto revela o desejo profundo por um mundo alinhado com a vontade de Deus e pela retidão em todas as esferas da vida. Na tradição judaica, representada por *Pirkei Avot* 2,7 e *Talmude Shabat* 127a a busca pela justiça também ocupa lugar central, especialmente através do estudo da Torá, do exercício da caridade e da promoção da paz.

Para Mateus, “fome e sede de justiça” representam uma aspiração intensa e contínua, semelhante à necessidade física por comida e água. A justiça aqui transcende o âmbito jurídico, abrangendo a retidão moral, a restauração e a harmonia com a vontade de Deus. O uso das metáforas de fome e sede sugere que a justiça não é apenas uma questão de conduta externa, porém uma necessidade intrínseca da alma.

Pirkei Avot 2,7, ao afirmar “muita Torá, muita vida,” vincula a busca por justiça à prática da Torá. A Torá, como expressão da vontade divina, é a base para uma vida justa. Além disso, a menção de “muita caridade, muita paz” indica que a justiça se manifesta em ações concretas de bondade e reconciliação. Assim como em Mateus, a justiça não é uma realidade abstrata, contudo algo vivido no relacionamento com Deus e com o próximo.

No *Talmude Shabat* 127a a justiça aparece implícita nas ações que produzem “frutos” tanto neste mundo quanto no vindouro. Honrar os pais, atos de bondade, promover a paz e estudar a Torá são apresentados como caminhos para se alcançar justiça e prosperidade. Essa visão amplia o conceito de justiça para incluir tanto a obediência à Lei divina quanto ações práticas que refletem essa obediência no cotidiano.

A promessa de que os que têm fome e sede de justiça “serão fartos” em Mateus sugere a certeza de que Deus responderá ao desejo por retidão. Essa saciedade pode ser interpretada de duas maneiras: como uma antecipação da saciedade e seu respectivo cumprimento na vida presente, através da experiência de justiça parcial, e como uma plenitude escatológica no Reino de Deus. Na tradição rabínica, a verdadeira justiça (*tzedakah*) não se limita a uma virtude pessoal, mas expressa-se em ações concretas de misericórdia e reparação social, refletindo o caráter justo de Deus na comunidade humana. Nesse sentido, a “fome e sede de justiça” não se restringem à busca por justiça distributiva, mas envolvem o desejo de que a vontade divina prevaleça sobre as estruturas injustas do mundo.²⁶

²⁶ NEUSNER, 1994, p. 87.

Em *Pirkei Avot* 2,7, a recompensa por buscar justiça por meio do estudo da Torá e da prática da caridade é igualmente dupla. O texto destaca a paz como fruto da caridade, sugerindo que a busca pela justiça também contribui para a harmonia comunitária.

No *Talmude Shabat* 127a as ações justas rendem frutos “neste mundo”, entretanto seus benefícios principais estão reservados “para o mundo vindouro.” Essa noção reflete a mesma tensão presente em Mateus entre a realização parcial da justiça na história e sua plenitude no Reino escatológico. O estudo da Torá, considerado equivalente a todas as outras boas ações, é central para a justiça, enfatizando o papel do conhecimento divino na formação de um caráter justo.

Em Mateus, a justiça é tanto um padrão divino quanto um chamado para que os seguidores de Jesus vivam em conformidade com a vontade de Deus. Essa justiça abrange a dimensão pessoal, relacional e social, sendo essencial para a participação no Reino.

Pirkei Avot 2,7 reforça a ideia de que a justiça começa no relacionamento com Deus por meio da Torá. A sabedoria e a sensatez mencionadas no texto estão associadas a uma vida que reflete os valores divinos, enquanto a caridade e a paz são expressões visíveis dessa justiça em ação. A justiça aqui não é apenas um ideal a ser contemplado, todavia um compromisso ético a ser vivido.

No *Talmude Shabat* 127a a justiça aparece como resultado de ações práticas alinhadas à vontade divina, como honrar os pais e promover a paz. A justiça é apresentada como algo que conecta o presente ao futuro, apontando para a harmonia do Reino vindouro.

Mateus insere a justiça como um ideal do Reino de Deus, enquanto os textos rabínicos a vinculam diretamente à obediência e à prática da Torá. A fome e a sede, conforme descritos por Mateus, representam um desejo existencial pela justiça, enquanto os textos rabínicos enfatizam uma abordagem mais prática e educativa. Mateus foca na justiça como um ideal individual alinhado ao Reino, enquanto *Pirkei Avot* e *Talmude* destacam suas implicações comunitárias, como promover paz e harmonia social.

Mateus e os textos rabínicos analisados apresentam uma visão elevada da justiça, integrando aspectos espirituais e éticos. Em Mateus, a justiça é desejada intensamente, como parte da vida no Reino de Deus, prometendo saciedade tanto no presente quanto no futuro. Em *Pirkei Avot* e no *Talmude*, a justiça é buscada por meio do estudo da Torá, da prática da caridade e da promoção da paz, com recompensas que abarcam os dois mundos.²⁷

²⁷ SCHOTTROFF, 2007, p. 55-78.

Enquanto Mateus universaliza a justiça como um desejo essencial para todos os seguidores de Cristo, os textos rabínicos a concentram na prática da Torá e nas relações comunitárias. Ambas as tradições, contudo, convergem na compreensão de que a justiça é central para a relação com Deus e para a construção de um mundo mais alinhado com os valores divinos.

3.3.5 Mt 5,7

Pirkei Avot 1,2: “O mundo se sustenta sobre três coisas: Torá, serviço [a Deus], e atos de bondade”.

Talmude Shabat 151b: “Quem tem piedade das criaturas de Deus, Deus terá piedade dele”.

Em Mateus, a misericórdia é tanto um reflexo do caráter de Deus quanto uma exigência ética para os seguidores de Cristo. Os “misericordiosos” são aqueles que demonstram compaixão prática em resposta às necessidades dos outros, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais. Essa misericórdia não é apenas um ato ocasional, entretanto uma postura contínua de cuidado e perdão.

Em *Pirkei Avot* 1,2, os “atos de bondade” (em hebraico, *gemilut chasadim*) são apresentados como um dos três pilares que sustentam o mundo, ao lado da Torá e do serviço a Deus. Aqui, a bondade inclui práticas de misericórdia e altruísmo, fundamentais para o equilíbrio da criação e para o bem-estar da comunidade. Essa visão coloca a misericórdia como um dever não apenas individual, todavia comunitário e cósmico.

No *Talmude Shabat* 151b a máxima “quem tem piedade das criaturas de Deus, Deus terá piedade dele” reflete a reciprocidade divina que ressoa com o texto de Mateus. A piedade mencionada aqui abrange tanto o cuidado com outros seres humanos quanto com a criação como um todo. Esse princípio ético sugere que a misericórdia humana é uma expressão do caráter divino, ativando a misericórdia de Deus como resposta.

A promessa de que os misericordiosos “alcançarão misericórdia” em Mateus aponta para uma relação dinâmica entre a ação humana e a resposta divina. A misericórdia é tanto uma dádiva de Deus quanto um critério de conduta ética para seus seguidores. A reciprocidade descrita aqui reflete a visão de que Deus trata os seres humanos de acordo com a medida com que eles tratam os outros, como Jesus ensina em Mt 6,14-15. Segundo

Elie Wiesel, “a misericórdia é o modo como o homem participa do mistério de Deus; é a memória da dor transformada em compaixão”.²⁸

Pirkei Avot 1,2 e *Talmude Shabat* 151b também enfatizam a reciprocidade divina. Em *Pirkei Avot*, os atos de bondade são apresentados como uma responsabilidade humana que mantém a harmonia do mundo, enquanto no *Talmude* a piedade ativa a piedade de Deus em retorno. Ambos os textos sugerem que a misericórdia não é apenas uma virtude pessoal, mas uma ponte que conecta o humano ao divino.

A misericórdia, tanto em Mateus quanto nos textos rabínicos, é entendida como um reflexo da natureza divina. Jesus, ao declarar bem-aventurados os misericordiosos, estabelece uma conexão entre o comportamento humano e o caráter de Deus. Para os seguidores de Cristo, a prática da misericórdia é um meio de imitar o Pai celestial, que é abundantemente misericordioso (Lc 6,36).

Em *Pirkei Avot* 1,2, os atos de bondade são apresentados como uma extensão do serviço a Deus. A Torá, como expressão da vontade divina, orienta o indivíduo a viver em harmonia com a bondade e a misericórdia de Deus.

No *Talmude Shabat* 151b a piedade é explicitamente vinculada ao caráter de Deus. A máxima “quem tem piedade das criaturas de Deus, Deus terá piedade dele” sugere que a prática da misericórdia é uma forma de alinhar-se com o Criador, cuja essência inclui compaixão por toda a criação. Assim como em Mateus, a misericórdia humana é uma resposta ao exemplo divino.

Tanto Mateus quanto os textos rabínicos enfatizam que Deus responde à misericórdia humana com misericórdia divina. A misericórdia é vista como uma virtude que reflete o caráter de Deus e é essencial para a vida reta. Ambos enfatizam que a misericórdia se manifesta em ações práticas, como bondade e piedade em relação aos outros.

Mateus apresenta a misericórdia como um atributo do Reino de Deus, enquanto *Pirkei Avot* e *Talmude* a vinculam à prática da Torá e à ordem cósmica. A misericórdia prometida em Mateus tem uma dimensão escatológica mais explícita, enquanto nos textos rabínicos o foco está na harmonia presente e na sustentação do mundo. A bem-aventurança de Mateus é dirigida a todos os que praticam misericórdia, ao mesmo tempo que os textos

²⁸ WIESEL, 1972, p. 84.

rabínicos frequentemente apresentam um contexto comunitário, enfatizando a relação de Israel com Deus e a Torá.²⁹

Mateus e os textos rabínicos analisados convergem na exaltação da misericórdia como um atributo essencial da vida religiosa e ética. Em Mateus, a misericórdia é apresentada como parte da vida no Reino de Deus, com uma promessa de reciprocidade divina que inclui um horizonte escatológico. Nos textos rabínicos, a misericórdia aparece como um dos pilares que sustentam o mundo e como uma expressão do caráter de Deus que deve ser refletida nas relações humanas.

Enquanto Mateus enfatiza a universalidade da misericórdia como uma virtude que transcende a lei mosaica, os textos rabínicos a conectam diretamente ao estudo da Torá e à responsabilidade comunitária de manter a ordem divina. Ambas as tradições, no entanto, apontam para a centralidade da misericórdia como meio de imitar Deus e de participar de sua obra de redenção e manutenção do mundo.

3.3.6 Mt 5,8

Talmude Sotah 5b: “R. Yehoshua b. Levi comenta: ‘Quem possui ruach nemuchá (espírito humilde) é considerado como se houvesse oferecido todos os sacrifícios... A oração de um **coração quebrantado** não é rejeitada’”.

Talmude Berakhot 17a: “Prece cotidiana atribuída a Rabba: “Seja Tua vontade ... que fixemos **nosso coração** no temor do Céu... que o Amor esteja em **nossos corações** e sejamos íntegros diante de Ti”. A guemará vê o “coração inteiro/puro” (לב שלם) como condição para contemplar a shechiná”.

A bem-aventurança de Mateus 5,8 reflete uma profunda valorização da pureza interior como critério essencial para a comunhão com Deus. Essa ênfase não surge isoladamente no cristianismo primitivo, mas encontra paralelos notáveis no pensamento rabínico, como evidenciado em *Berakhot* 17a do Talmude Babilônico. Nesse texto, a oração atribuída a Rabba expressa o desejo de que o coração humano seja voltado ao temor do Céu e à integridade espiritual. A presença da expressão “que o amor esteja em nossos corações” aponta para uma espiritualidade que não se contenta com rituais exteriores, mas busca uma devoção enraizada na disposição interior. Tanto Jesus quanto os sábios do Talmude apresentam o coração como o centro da vida religiosa autêntica.

²⁹ FLUSSER, 2002, p. 56-89.

Em Mateus, a promessa de “ver a Deus” está ligada diretamente à pureza de coração — conceito que envolve mais do que castidade ou moralidade externa; trata-se de integridade, sinceridade e ausência de duplicidade interior. O Talmude, ao pedir por um “coração completo”, emprega uma linguagem que remete ao mesmo ideal: uma vida interior indivisa, coerente, íntegra diante do Criador. A oração de Rabba expressa esse desejo como um dom divino, reconhecendo que a pureza não é apenas fruto da disciplina humana, mas também da graça. A comunhão com Deus, portanto, é apresentada em ambas as tradições como algo que depende radicalmente da condição interna do adorador.

A convergência entre Mateus 5,8 e *Berakhot* 17a não apenas revela uma raiz comum entre o ensino de Jesus e o Judaísmo rabínico, mas também aponta para implicações éticas e teológicas semelhantes. Um coração puro não é apenas pré-requisito para contemplar a Deus, mas também o fundamento para viver de maneira justa e amorosa no mundo. A oração rabínica pede que o temor do Céu e o amor estejam no coração — virtudes que produzem uma vida reta, assim como a bem-aventurança projeta a visão de Deus como destino daqueles que vivem com sinceridade interior. A pureza de coração, nesse contexto, não é apenas um estado espiritual, mas uma orientação existencial que une devoção, ética e esperança escatológica.

A bem-aventurança de Mateus 5,8 aponta para a pureza de coração como condição para “ver a Deus”. No Talmude Babilônico, *Sotah* 5b, encontra-se uma afirmação notável: “A oração de um coração quebrantado e humilde não é rejeitada”, sendo esta a única forma de verdadeira aproximação a Deus. A humildade (עֲנָוָה – *anavah*), nesse contexto, é mais do que uma postura moral: ela expressa uma pureza interior isenta de arrogância espiritual. Assim como Jesus associa a visão de Deus à pureza do coração, os sábios rabínicos afirmam que o coração humilde é o veículo por meio do qual a presença divina é acolhida.

O Talmude relaciona explicitamente o coração humilde ao valor dos sacrifícios, afirmando que a contrição interior é equivalente a oferecer todos os sacrifícios prescritos. Isso amplia a noção de que a pureza ou retidão diante de Deus não está no ritual exterior, mas na disposição interior. Jesus, no Sermão da Montanha, reafirma esse princípio ao valorizar os que vivem com integridade interior, inclusive nas intenções do coração (cf. Mt 5,21–48). A pureza de coração, tanto em Mateus quanto em *Sotah* 5b, representa um caminho alternativo à justiça formalista: um caminho que privilegia a transformação interna como fundamento do relacionamento com Deus.

Mt e os textos rabínicos analisados concordam na centralidade da pureza e da reverência como requisitos para a comunhão com Deus. Enquanto Jesus enfatiza a pureza

de coração como condição para “ver Deus”, os rabinos destacam o estudo da Torá e o temor a Deus como caminhos para uma vida piedosa. Martin Buber acrescenta que “ver Deus é entrar em relação verdadeira, na qual o homem se torna presença diante da Presença”. Assim, tanto Mateus quanto a tradição rabínica convergem na ideia de que a pureza autêntica nasce do interior e manifesta-se na relação viva entre o humano e o divino – seja pela Torá, seja pela fé.³⁰

A diferença essencial reside na promessa cristã de uma visão direta de Deus, que é tanto uma experiência presente quanto uma esperança futura. Já no pensamento rabínico, o foco está na prática fiel e na consciência constante da presença divina como fundamentos para a vida e para a recompensa futura. Ambas as perspectivas convergem em sua ênfase na autenticidade, mostrando que a comunhão com Deus é tanto um presente quanto um objetivo para aqueles que vivem em fidelidade.

3.3.7 Mt 5,9

Pirkei Avot 1,12: “Hillel dizia: ‘Seja dos discípulos de Arão, amando a paz e perseguindo a paz, amando as criaturas e atraindo-as para a Torá’”.

Talmude Gittin 59b: “O mundo continua a existir por causa daqueles que fecham a boca no momento de controvérsia”.

Mateus define os pacificadores como “filhos de Deus”, enfatizando que a obra de pacificação reflete o caráter divino. Assim como Deus é um reconciliador (2Cor 5,18-19), os seguidores de Cristo são chamados a ser agentes de reconciliação, promovendo a paz entre pessoas e entre a humanidade e Deus. Aqui, a pacificação é uma missão ativa que ultrapassa meras questões sociais.

De forma semelhante, *Pirkei Avot* 1,12 exalta Arão, o sumo sacerdote, como modelo de pacificador. Hillel ensina que amar a paz e persegui-la são características essenciais de um líder. A expressão “atraindo as criaturas para a Torá” sugere que a pacificação inclui reconciliar as pessoas com Deus por meio da instrução, o que ressoa a mensagem cristã de reconciliação em Cristo.

O *Talmude Gittin* 59b reforça essa ideia ao atribuir a continuidade do mundo àqueles que evitam alimentar disputas. O pacificador, nesse caso, não é apenas um mediador, todavia alguém que ativamente evita a escalada de conflitos, preservando a

³⁰ BUBER, 1947, p. 82.

harmonia em situações tensas. Essa visão complementa a perspectiva cristã ao enfatizar o impacto universal da pacificação.

Mateus vincula a pacificação ao *status* de “filhos de Deus”, indicando que os pacificadores refletem a natureza divina de paz e reconciliação. Essa filiação implica um relacionamento íntimo com Deus e uma identidade que transforma o comportamento humano.

Em *Pirkei Avot* 1,12, a pacificação também é descrita como uma qualidade divina, exemplificada por Arão. Ao amar e perseguir a paz, ele refletia o caráter de Deus como aquele que deseja harmonia e reconciliação. A inclusão do amor às criaturas como parte da pacificação sugere uma abordagem abrangente, em que a busca pela paz é tanto horizontal (entre as pessoas) quanto vertical (entre a humanidade e Deus).

No *Talmude Gittin* 59b a pacificação é vista como uma força cósmica. A ideia de que o mundo depende de quem evita conflitos reflete uma visão em que a harmonia e a paz são elementos fundamentais para a sustentação da ordem divina. Essa ênfase na preservação da paz como uma responsabilidade reflete o mesmo princípio de Mateus, ainda que em termos mais implícitos.

Em Mateus, a pacificação é uma atividade intencional. O termo “pacificadores” (grego: εἰρηνοποιοί, *eirēnopoioi*) implica não apenas evitar conflitos, mas agir para resolvê-los e promover reconciliação. Esse chamado inclui trazer harmonia em ambientes de divisão, ecoando a missão de Cristo como o Príncipe da Paz (Is 9,6).

Por outro lado, *Pirkei Avot* 1,12 enfatiza a “perseguição à paz”, sugerindo uma abordagem igualmente ativa. Arão é apresentado como alguém que intencionalmente busca reconciliar pessoas em conflito, aproximando-as umas das outras e de Deus. Essa dimensão prática da pacificação reflete uma ética de ação que vai além da simples contenção de disputas.

O *Talmude, Gittin* 59b, no entanto, destaca uma pacificação mais passiva, focada na contenção emocional e verbal durante controvérsias. A sabedoria de “fechar a boca no momento de controvérsia” sugere autocontrole como uma forma de evitar a escalada de conflitos, preservando a paz. Enquanto essa abordagem é menos proativa, ela também contribui para o bem-estar comunitário e pessoal.

Tanto Mateus quanto os textos rabínicos destacam a paz como um valor supremo, essencial para a vida e social. Há uma ênfase em ações concretas para promover e sustentar a paz, seja reconciliação entre pessoas ou aproximação com Deus. Ambos os contextos reconhecem que a paz tem implicações cósmicas e espirituais, sendo um reflexo do caráter

divino. Irving Greenberg acrescenta que “fazer a paz é restaurar o *tzelem Elohim* – a imagem divina – na relação entre as pessoas”.³¹

Mateus associa a pacificação à identidade como filhos de Deus, enquanto os textos rabínicos se concentram mais no impacto moral e social da pacificação. Jesus sugere que a pacificação resulta em bênçãos eternas, enquanto os textos rabínicos estão mais voltados para os efeitos imediatos e duradouros na ordem do mundo. *Pirkei Avot* conecta a pacificação à instrução na Torá, enquanto Mateus enfatiza a reconciliação por meio do Reino de Deus revelado em Cristo.

Mateus e os textos rabínicos convergem na exaltação da pacificação como virtude essencial. Tanto na tradição cristã quanto na judaica, a busca pela paz reflete a vontade divina e contribui para o bem-estar comunitário. A Bem-aventurança de Jesus, no entanto, vai além ao vincular a pacificação à filiação divina e à promessa escatológica de comunhão eterna com Deus.

Os textos rabínicos, por sua vez, oferecem *insights* práticos e comunitários, destacando o impacto da pacificação na ordem social e cósmica; seja pela reconciliação ativa de Arão ou pela contenção de conflitos em *Gittin*, os princípios rabínicos complementam a visão cristã ao mostrar que a pacificação é uma virtude transformadora que permeia todos os aspectos da vida. Ambos os contextos apontam para a paz como um reflexo do caráter divino e uma meta suprema da humanidade.

3.3.8 Mt 5,10

Pirkei Avot 5,11: “Toda a disputa que é para o amor ao céu, seu fim é manter-se; mas aquela que não é para o amor ao céu, seu fim não será manter-se”.

Talmude Sanhedrin 46a: “Rabi Shimon ben Gamliel disse: ‘Desde que as pessoas que praticam a injustiça aumentaram, o veredicto de justiça foi removido e a vergonha se multiplicou’”.

Mateus coloca a justiça como um princípio pelo qual vale a pena sofrer, identificando-a como um requisito para entrar no Reino dos Céus. A justiça em Mateus abrange tanto um padrão de comportamento que reflete o caráter de Deus quanto o compromisso com os valores do Reino, como misericórdia, bondade e retidão moral. Ser perseguido por causa da justiça implica um confronto com um mundo que rejeita os padrões

³¹ GREENBERG, 1988, p. 41.

divinos. Daniel Boyarin observa que “para os mestres da Torá, sofrer por causa da justiça é participar do destino de Israel fiel, cuja fidelidade desperta a resistência do mundo”.³²

Pirkei Avot 5,11 foca as motivações por trás das disputas. Uma disputa “para o amor ao céu” tem como objetivo a verdade e a justiça, enquanto as disputas egoístas não permanecem. Essa perspectiva está alinhada com a ideia de que a justiça divina, e não os interesses pessoais, deve ser o fundamento das ações humanas. No contexto de Mateus, a perseguição por justiça pode ser vista como uma disputa “para o amor ao céu,” já que aqueles que sofrem o fazem em fidelidade à vontade de Deus.

No *Talmude Sanhedrin* 46a o Rabi Shimon ben Gamliel lamenta o aumento das injustiças e sua consequência: a remoção do veredicto justo e a multiplicação da vergonha. Essa perspectiva concorda com a bem-aventurança de Mateus, pois reflete a tensão entre o compromisso com a justiça e a corrupção do mundo, que frequentemente marginaliza aqueles que buscam a retidão. Mateus sugere que a perseguição por justiça é uma marca dos cidadãos do Reino dos Céus. Essa promessa aponta para um reconhecimento eterno por Deus, contrapondo-se à rejeição terrena. A perseguição, nesse sentido, não é um sinal de derrota, mas de vitória.

Aqueles que buscam a justiça em suas ações, mesmo que enfrentem oposição, têm a garantia de que suas lutas terão um fim divinamente aprovado. Assim como a justiça em Mateus conduz ao Reino dos Céus, uma disputa pelo “amor ao céu” conduz à perpetuidade.

O *Talmude Sanhedrin* 46a fornece um contexto para a perseguição por causa da justiça ao descrever um mundo onde a injustiça prevalece. Em tal ambiente, aqueles que defendem a justiça podem enfrentar perseguição, pois suas ações desafiam a norma corrupta. No entanto, o lamento do Rabi Shimon ben Gamliel também sugere que a busca pela justiça é necessária, mesmo diante de resistência.

Mateus conecta justiça e comunidade ao afirmar que o Reino dos Céus pertence àqueles que sofrem perseguição por sua fidelidade. Aqui, a justiça é um valor que transcende interesses individuais, apontando para a formação de uma comunidade centrada nos valores do Reino.

Em *Pirkei Avot* 5,11, a justiça é abordada no contexto de disputas. Uma disputa pelo amor ao céu busca preservar a harmonia e a verdade dentro da comunidade, enquanto disputas egoístas destroem os laços comunitários. Essa ênfase na motivação correta

³² BOYARIN, 2004, p. 112.

complementa a mensagem de Mateus, pois ambos reconhecem que a justiça deve ter raízes espirituais profundas.

No *Talmude Sanhedrin* 46a a justiça é vista como essencial para a estabilidade social. A ausência de justiça leva à multiplicação da vergonha, destruindo a ordem comunitária. Isso se alinha com a bem-aventurança ao destacar que a justiça, mesmo perseguida, é indispensável para o florescimento humano.

Tanto Mateus quanto os textos rabínicos veem a justiça como um valor divino essencial para a vida individual e comunitária. Ambos reconhecem que a busca pela justiça pode enfrentar resistência em um mundo corrompido. Tanto Mateus quanto *Pirkei Avot* sugerem que a justiça conduz a um resultado divino positivo, seja o Reino dos Céus ou a perpetuidade das disputas “para o amor ao céu.”

A bem-aventurança promete o Reino dos Céus, apontando para uma recompensa eterna, enquanto os textos rabínicos enfatizam mais os benefícios presentes e a manutenção da ordem social. *Pirkei Avot* concentra-se na intenção por trás das ações (amor ao céu), enquanto Mateus destaca o resultado da fidelidade à justiça, mesmo em meio à perseguição. O *Talmude Sanhedrin* 46a lamenta a prevalência da injustiça, enquanto Mateus exalta aqueles que permanecem fiéis apesar das condições adversas.

Mateus e os textos rabínicos analisados convergem ao exaltar a justiça como uma virtude essencial e reconhecer os desafios associados à sua prática. Enquanto Mateus oferece uma visão escatológica, prometendo o Reino dos Céus como recompensa final, os textos rabínicos enfocam a justiça como um pilar da vida comunitária e uma garantia de ordem divina na Terra.

A bem-aventurança de Jesus vai além, ao afirmar que a perseguição por justiça é um caminho de bem-aventurança, transformando o sofrimento em sinal de pertencimento ao Reino. Por outro lado, *Pirkei Avot* e o *Talmude* enfatizam a necessidade de intenções puras e a resistência às injustiças como formas de perpetuar a harmonia divina. Assim, a mensagem de Mateus complementa as tradições rabínicas, oferecendo uma perspectiva mais abrangente que une o temporal e o eterno na busca pela justiça.

3.3.9 Mt 5,11-12

Talmude, Berakhot 5a: “Rabino Yohanan diz: ‘se alguém enfrenta sofrimentos, deve examiná-los: se são por causa de pecados, deve corrigir-se. Se não, deve considerá-los como sofrimentos por amor’ (יסורין של אהבה)”.

O tratado *Berakhot* 5a oferece uma formulação explícita dessa lógica: “Se alguém encontra sofrimentos e não há pecado evidente, deve considerá-los como sofrimentos por amor” (*yissurin shel ahavah*). A ideia é que Deus permite que os justos sofram não por punição, mas para elevá-los espiritualmente. Esse ensinamento encontra correspondência direta com a declaração de Jesus de que os perseguidos “por minha causa” devem se alegrar, pois grande é sua recompensa. Em ambos os casos, o sofrimento injusto é ressignificado como parte de um processo de santificação e comunhão com o divino.

Sanhedrin 97b: “O mundo permanece graças à respiração das crianças que estudam Torá e aos sofrimentos dos justos”.

A bem-aventurança de Mateus 5,11–12 apresenta um paradoxo espiritual: aqueles que são perseguidos, injuriados e caluniados por causa de sua fidelidade a Cristo são chamados de bem-aventurados. Em um contexto de aparente derrota, Jesus declara vitória espiritual e escatológica. Essa perspectiva está longe de ser uma invenção cristã, pois encontra eco em tradições rabínicas que viam o sofrimento do justo não como punição, mas como prova de fidelidade. Tanto no pensamento de Jesus quanto no Talmude, o sofrimento se torna um lugar teológico. Eliezer Berkovits observa que “o sofrimento do justo é o preço da liberdade humana; é o testemunho de que a fé pode resistir mesmo quando Deus silencia”.³³

A lógica de *Berakhot* 5a também sugere que o sofrimento pode ser um sinal de eleição espiritual — uma ideia que se repete em Mateus. Jesus afirma que a perseguição sofrida pelos discípulos os coloca em continuidade com os profetas do passado, sugerindo uma linhagem de fidelidade provada pelo sofrimento. Assim, tanto os textos talmúdicos quanto o evangelho reconhecem o sofrimento como selo de autenticidade profética e expressão de adesão radical à vontade de Deus. Trata-se de uma reinterpretação do sofrimento como honra, e não desgraça.

No tratado *Sanhedrin* 97b, afirma-se que “o mundo permanece graças... aos sofrimentos dos justos”, e que esses terão sua recompensa no mundo vindouro. A doutrina da recompensa escatológica por fidelidade em meio à dor é idêntica à promessa de Jesus: “Grande é a vossa recompensa nos céus”. Essa visão compartilha o horizonte escatológico do judaísmo do Segundo Templo, no qual os justos, mesmo oprimidos no presente, esperam justiça definitiva da parte de Deus. Ambos os textos convidam à esperança diante da opressão, enraizando a resistência espiritual na promessa do futuro divino.

³³ BERKOVITS, 1979, p. 96.

Tanto em Mateus quanto nos textos do Talmude, o sofrimento do justo é interpretado como caminho de intimidade com Deus. Ele não é buscado por masoquismo, mas aceito com confiança. Jesus pede que os discípulos “se alegrem e exultem” — ecoando o que *Berakhot 5a* entende como “sofrimentos de amor”, acolhidos não com amargura, mas com esperança. A teologia da dor, portanto, se transforma em uma espiritualidade da comunhão: por meio do sofrimento, o fiel se associa ao movimento redentor de Deus na história, seja no discipulado cristão, seja no amor à Torá e à justiça na tradição rabínica.

3.3.10 Sumarização

As comparações entre Mt 5,3-12 e diversos textos rabínicos revelam um entendimento profundo e compartilhado sobre o sofrimento, a humilhação e a recompensa, que são conceitos centrais tanto no cristianismo quanto no judaísmo rabínico. A análise de cada um desses versículos, à luz de ensinamentos rabínicos, oferece uma compreensão mais rica das palavras de Jesus e sua conexão com a tradição religiosa de Israel, especialmente na forma como o sofrimento é visto como um meio de crescimento e uma porta para recompensas eternas.

Ao longo das comparações, se observa tanto em Mt 5 quanto nos textos rabínicos, o sofrimento é visto não como um fim em si mesmo, contudo como um meio necessário para se alcançar a recompensa. Em Mt 5,3, Jesus proclama os pobres de espírito bem-aventurados, enquanto em textos rabínicos como *Pirkei Avot 4,4* e o *Talmude, Sotá 5b*, a humildade e a mansidão são exaltadas, sugerindo que a humilhação e o sofrimento voluntário, por causa de Deus, são caminhos para uma recompensa mais elevada. Essa conexão de sofrimento e exaltação é bem visível também na analogia que os rabinos fazem entre a Torá, o sacerdócio e o serviço divino como conquistas que demandam esforço, refletindo uma continuidade entre os dois sistemas teológicos.

Em Mt 5,6 do capítulo em tela, Jesus afirma que os que têm fome e sede de justiça serão saciados, o que ecoa a ideia rabínica encontrada em *Pirkei Avot 2,7*, que ensina que a Torá traz vida e sabedoria, essenciais para a prática da justiça. Tanto os ensinamentos de Jesus quanto os rabínicos entendem que, para se alcançar a verdadeira pureza e justiça é necessário um processo contínuo de esforço e dedicação. Nos textos rabínicos, essa busca incessante por justiça se reflete não apenas no estudo da Torá, como também em atos de bondade e paz, e justamente esse esforço recebe recompensas eternas.

Em Mt 5,5, Jesus declara bem-aventurados os mansos, constituindo-se em paralelo com *Pirkei Avot* 1,12, que exalta a paz e a busca de harmonia. A mansidão, como virtude central das Bem-aventuranças, é também uma característica valorizada no judaísmo rabínico, especialmente na figura de Arão, que é lembrado como um pacificador. *Talmude*, *Eruvin* 13b e *Gittin* 59b ampliam esse conceito, ao reconhecer que a verdadeira paz é encontrada na prática da humildade e da misericórdia, valores que tanto a catequese mateana quanto o judaísmo rabínico veem como indispensáveis para a construção de uma comunidade saudável. A conexão entre mansidão, paz e recompensa eterna é uma linha transversal que une essas duas tradições religiosas.

Os textos rabínicos apresentados, especialmente os que mencionam a Torá como a dádiva mais importante e o veículo através do qual o fiel deve buscar a justiça, alinham-se com a visão cristã de que a busca por justiça e santidade leva à recompensa celestial. A Torá e o estudo contínuo dela, assim como a perseverança nas dificuldades da vida, são caminhos que conduzem à verdadeira exaltação, seja no mundo presente, seja no vindouro. Da mesma forma, a ênfase de Mateus na perseguição por causa da justiça e da fidelidade a Deus sugere que essa busca da pureza e da justiça são, de fato, um reflexo do Reino dos Céus, a recompensa eterna prometida aos fiéis.

A análise comparativa entre as bem-aventuranças de Mateus e os textos rabínicos destaca uma convergência significativa nas duas tradições quanto à visão do sofrimento como um meio necessário para se alcançar as dádivas de Deus. Ambas as tradições reconhecem que o sofrimento, seja por causa da perseguição ou pelo esforço constante em manter a pureza, a justiça e a paz, é um componente essencial da vida. Além disso, a recompensa celestial, representada pelo Reino dos Céus ou pelo Mundo Vindouro, é a culminação dessa jornada de fé e devoção.

Enquanto Mateus dá ênfase particular ao sofrimento por causa de Cristo, os textos rabínicos discutem o sofrimento em relação à fidelidade à Torá e ao serviço a Deus, mostrando que, apesar das diferenças teológicas, existe um terreno comum no entendimento de que as dádivas são adquiridas através do esforço, da pureza e da paciência diante das adversidades. Ambos os conjuntos de textos convidam os leitores e as leitoras a perceberem o sofrimento não como um fim, todavia como um meio através do qual os fiéis podem ser elevados e preparados para a grande recompensa que Deus lhes reserva.

Essa visão compartilhada de sofrimento, justiça e recompensa fornece uma base teológica sólida para se compreender o contexto como um todo, sublinhando a importância

da perseverança na fé e da busca pela santidade em face das dificuldades da vida e, assim, apontando para um modelo sadio de discípulo e discipulado.

3.4 Conclusão das análises comparativas de Mt 5,3-12 com o AT, NT e os textos rabínicos

Este capítulo apresentou uma análise comparativa entre as Bem-aventuranças em Mt 5,3-12 e diversos textos, abrangendo o Antigo Testamento, o Novo Testamento e os textos rabínicos. Ao longo dele, foi possível perceber as semelhanças e diferenças entre os ensinamentos de Jesus e as tradições anteriores, refletindo a complexidade e profundidade da mensagem que ele trouxe para os seus seguidores e para a compreensão do Reino de Deus, assim como o efeito nos textos do Novo Testamento que vieram depois de sua pregação.

Nos textos do Antigo Testamento, especialmente nos livros proféticos e sapienciais, encontraram-se conceitos semelhantes aos dos ensinamentos de Jesus em Mateus, como a justiça divina, o consolo para os aflitos, e a promessa de bênçãos para aqueles que buscam viver de acordo com os princípios divinos. No entanto, a perspectiva de Jesus nas Bem-aventuranças se destaca ao transformar essas promessas, direcionando-as não apenas para o contexto de um Israel terreno, porém para um Reino celestial acessível a todos que o seguem com humildade e sinceridade de coração. A ênfase no Reino dos Céus como uma recompensa futura é uma das principais inovações do discurso de Jesus, contrastando com as expectativas mais imediatas e materiais do Antigo Testamento.

A análise dos textos do Novo Testamento revelou como as Bem-aventuranças de Mateus se tornam um eixo central para a compreensão da prática cristã. As cartas paulinas, os ensinamentos de Tiago e outros escritos apostólicos aprofundam as ideias de justiça, misericórdia e pureza, sugerindo uma continuidade entre os ensinamentos de Jesus e a vivência cristã primitiva. Contudo, a novidade da mensagem de Jesus é clara na forma como ele reinterpreta o sofrimento e a perseguição, enfatizando a recompensa eterna, e não uma recompensa terrena, que era a expectativa comum no Judaísmo de seu tempo.

Nos textos rabínicos, como os encontrados no *Talmude* e no *Pirkei Avot*, observou-se uma visão ética e comunitária que compartilha certos princípios com as Bem-aventuranças, como a misericórdia e o perdão. Entretanto, os rabinos frequentemente enfatizavam a pureza ritualística e a observância da Torá como caminhos para a justiça e a santidade, enquanto as Bem-aventuranças apontam para uma transformação interior e um

compromisso com os valores do Reino de Deus, muitas vezes em oposição ao *status quo* religioso e social.

Este capítulo evidenciou que as Bem-aventuranças não devem ser compreendidas como um conjunto de máximas isoladas, senão como uma reinterpretação radical de princípios éticos e espirituais que, embora presentes em várias tradições judaicas, encontram sua realização plena na figura de Jesus Cristo. Ele revoluciona a compreensão das bênçãos, deslocando-as do plano físico e material para um reino eterno, acessível a todos aqueles que, em humildade e fé, buscam viver segundo os princípios de justiça, paz, misericórdia e pureza.

Como próximo passo neste estudo, propõe-se realizar uma análise teológica das Bem-aventuranças à luz de obras contemporâneas, que apresentam diferentes perspectivas sobre o impacto desses ensinamentos no contexto atual. A análise de textos teológicos modernos permitirá explorar como as Bem-aventuranças continuam a influenciar a Teologia Cristã contemporânea e a prática cristã no mundo pós-moderno, considerando temas como a justiça social, a misericórdia em um mundo marcado pela violência e desigualdade, e o chamado à reconciliação e à paz em um contexto global de constantes conflitos, de modo que se faça análise hermenêutica consistente, tendo já maturado o pensamento filosófico e teológico a respeito dos temas em voga. Além disso, será possível examinar como os ensinamentos de Jesus encontram ressonância em diferentes contextos culturais e sociais, proporcionando reflexão sobre sua relevância para a transformação da sociedade e para a vivência cristã nos dias de hoje, visando um modelo para o verdadeiro discípulo de Cristo.

4. A ÉTICA DO REINO COMO ESTILO DE VIDA

Anteriormente, ao se estabelecer conexões entre as Bem-aventuranças e o texto bíblico como um todo (AT e NT) e a tradição judaica, foram colocados os alicerces necessários para que agora se avance em direção à abordagem mais ampla acerca da postura do verdadeiro discípulo de Cristo à luz de Mt 5,3-12. Esses paralelos não apenas ampliam a compreensão do texto bíblico, como também abrem espaço para reflexão mais profunda sobre como pode ser interpretado e vivido na prática do discipulado hoje. Este novo capítulo nasce de uma experiência concreta de ministério pastoral e missionário, no contexto do Protestantismo Brasileiro.

Ao longo dos anos, um desafio foi se tornando cada vez mais evidente: acompanhar discípulos sinceros que, embora convertidos, permanecem profundamente marcados pelas ideias e narrativas do mundo pós-moderno. Trata-se de homens e mulheres que verdadeiramente amam a Cristo, mas enfrentam, no cotidiano, a tensão provocada pela cultura centrada no ego, que relativiza a verdade, resiste à autoridade e transforma a fé em experiência subjetiva e individualizada. Nesse contexto, a hermenêutica das Bem-aventuranças se torna vital, como chave para resgatar a espiritualidade cristã enraizada na Palavra e orientada para o Reino. A cultura pós-moderna tende a desconstruir verdades absolutas, questionar qualquer tipo de autoridade e ver a fé como expressão subjetiva e meramente emocional:

Na **Era da Autenticidade**, marcada pelo **individualismo expressivo**, ‘a vida ou prática religiosa de que participo deve não apenas ser minha escolha, mas falar a mim, fazer sentido para o meu desenvolvimento espiritual tal como eu o concebo’. O sujeito pós-moderno **forja a própria religião**, o ‘seu Jesus pessoal’; assim, torna-se cada vez menos ‘racional’ aceitar restrições externas. O resultado é uma espiritualidade que mede tudo pela intensidade dos sentimentos e dispensa qualquer ortodoxia (SMITH, 2014, p. 45-57, grifos do autor).

Essa tensão afeta diretamente a formação espiritual e ética do cristão. A ética do Reino anunciada por Jesus em Mt 5,3-12 propõe um estilo de vida radicalmente contracultural. A pobreza de espírito, o choro pelos males do mundo, a mansidão, a sede de justiça, a misericórdia, a pureza de coração, a cultura de paz e até mesmo a aceitação da

perseguição por causa do Evangelho, tudo isso se contrapõe de maneira frontal ao *ethos* dominante de nosso tempo.

A pós-modernidade é atravessada por valores que desafiam radicalmente a formação da identidade cristã. O relativismo moral, como afirma Lyotard, manifesta-se pela “incredulidade em relação às metanarrativas”, isto é, recusa aos grandes discursos unificadores que ofereciam sentido à existência, entre eles, a fé cristã.¹ Nesse contexto, a verdade passa a ser subjetiva, relativa a cada indivíduo, minando todas as ideias e o pensamento cristão que se propõe a ser o fundamento ético absoluto. Ao mesmo tempo, a busca pelo prazer imediato torna-se central. Taylor observa que a sociedade como a conhecemos hoje se estrutura sobre o “culto ao eu” e o “primado das satisfações individuais”, o que reduz o sentido da vida a experiências sensoriais fugazes e autorreferentes.² A isso se soma o hiper individualismo apontado por Lipovetsky, que descreve o sujeito contemporâneo como alguém voltado para “o consumo privado, a autonomia pessoal e o bem-estar subjetivo”, dificultando vínculos profundos e comprometidos com a comunidade de fé.³

Bauman, ao refletir sobre o culto à *performance* e à aparência, revela como as relações se tornaram frágeis e descartáveis, passando a ser substituídas por conexões efêmeras mediadas pela estética e pela utilidade. Em sua análise daquilo que chamou de “modernidade líquida”, afirma que vivemos numa época em que “tudo o que é sólido se desmancha no ar antes mesmo de ganhar forma estável” – explicação perfeita do conceito proposto por esse sociólogo –, incluindo aí os vínculos de natureza interior.⁴ Nessa mesma direção, Zygmunt Zygmurski descreve, no contexto da Igreja Evangélica Brasileira, a espiritualidade cristã atual como líquida, fluida e descomprometida – marcada mais por sensações do que por convicções profundas e práticas transformadoras. Trata-se da fé sem enraizamento, que consome experiências religiosas como produtos, mas evita o chamado à renúncia, ao discipulado e à comunhão duradoura.⁵ Diante desse cenário, a construção do caráter cristão coerente e frutífero torna-se tarefa árdua. O discipulado que forma o verdadeiro seguidor de Jesus precisa estar ancorado em ética que transcenda o discurso, sendo profundamente encarnada, relacional e comunitária – ética do Reino, vivida no cotidiano de cada um de

¹ LYOTARD, 2004, p. 17.

² TAYLOR, 2007, p. 82.

³ LIPOVETSKY, 2000, p. 51

⁴ BAUMAN, 2001, p. 15

⁵ ZYGURSKI, 2020, p. 5-25.

nós. O Papa Bento XVI, no prefácio do YOUCAT, expõe sua perspectiva sobre a importância do enraizamento na fé:

Tendes de saber em que credes. Tendes de conhecer a vossa fé como um especialista em tecnologia domina o sistema funcional de um computador. Tendes de a compreender como um bom músico entende uma partitura. Sim, tendes de estar enraizados na fé ainda mais profundamente que a geração dos vossos pais, para enfrentar os desafios e as tentações deste tempo com força e determinação. Precisaís da ajuda divina para que a vossa fé não seque como uma gota de orvalho ao sol, para não sucumbirdes às aliciações do consumismo (YOUCAT, 2019, p. 10).

Este capítulo propõe leitura das Bem-aventuranças como resposta ética às grandes questões contemporâneas, no contexto da pós-modernidade, exemplificados na busca por prazeres momentâneos, como poder e dinheiro. Cada Bem-aventurança será analisada à luz dos desafios do mundo atual e aplicada com intencionalidade prática à realidade das pessoas que buscam viver como verdadeiros discípulos de Cristo. Trata-se de hermenêutica a ser vivida de forma prática, daqueles que leem o texto não apenas para compreendê-lo, mas para vivê-lo em meio à complexidade do nosso tempo.

A hermenêutica bíblica consiste no estudo e na prática da interpretação das Escrituras Sagradas, com o objetivo de compreender o significado original dos textos e aplicá-lo de maneira relevante ao que estamos vivendo atualmente. O processo hermenêutico envolve etapas que vão desde a análise do contexto histórico e cultural até a aplicação dos princípios interpretativos. É o estudo das regras e princípios que guiam a interpretação do texto bíblico, sendo essencial para garantir leitura precisa e fiel ao propósito original dos autores bíblicos. Segundo Kaiser Jr., a hermenêutica bíblica tem como objetivo principal descobrir o “sentido original” que o autor inspirado desejava comunicar; interpretar o texto corretamente é apenas o primeiro passo; o próximo passo é aplicá-lo na vida dos leitores.⁶

Mais do que ideais de cunho cristão, as Bem-aventuranças representam a fundação de novo modelo de humanidade, que contraria os sistemas do mundo que vivemos e convida o discípulo a adotar estilo de vida centrado em Deus, na humildade e no serviço. Como defende Wright, “Jesus não está apenas oferecendo um novo código de conduta, mas inaugurando uma nova ordem de existência”.⁷ Nesse sentido, as Bem-aventuranças revelam

⁶ KAISER, 2002, p. 25-44.

⁷ WRIGHT, 2010, p. 34-65.

espiritualidade cristã que toca as esferas práticas da vida: como nos relacionamos, como julgamos, como reagimos à dor, ao conflito e à injustiça etc.

Este capítulo, portanto, não representa apenas análise teológica, porém, convite pastoral e formativo. Ao estudarmos cada Bem-aventurança, refletiremos sobre como elas podem ser aplicadas aos dilemas morais, emocionais e sociais do século XXI. O propósito é oferecer ferramentas para líderes, discipuladores e cristãos comprometidos que desejam viver a fé cristã como estilo de vida – não apenas como crença doutrinária.

4.1 O verdadeiro discípulo de Cristo não o substitui por nada

Mt 5,3 inaugura a ética do Reino com confrontação direta aos sistemas de valores que tentam ocupar o lugar do Criador no coração humano. Na pós-modernidade, as idolatrias estão nos desejos desordenados, nas obsessões por controle, sucesso, dinheiro, *status* ou até mesmo nas relações e projetos que nos afastam de Deus. São ídolos funcionais, como os chama Keller, que “assumem o lugar de Deus em nossa vida, dando-nos identidade, segurança e sentido”.⁸

Essa substituição sutil de Cristo por outras fontes de valor e salvação é realidade alarmante em nosso tempo. Nicodemus observa que a idolatria contemporânea é mais insidiosa, porque se mascara sob formas legítimas: “coisas boas, quando absolutizadas, se tornam deuses falsos – o trabalho, a família, o dinheiro, o sucesso ministerial”.⁹ Wallace afirma que “não existe isso de não adorar. Todo mundo adora. A única escolha é o que adorar”.¹⁰

Nesse cenário, a Bem-aventurança proposta por Jesus apresenta remédio profundamente interior: a humildade de espírito. Ser humilde de espírito é reconhecer a total dependência de Deus e a própria falência sem ele; é declarar que nada neste mundo pode ocupar o lugar do Senhor em nossa alma. No contexto bíblico, trata-se de coração quebrantado, que clama como o salmista: “a quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti” (Sl 73,25):

⁸ KELLER, 2010, p. 22.

⁹ NICODEMUS, 2020, p. 71.

¹⁰ WALLACE, 2005, p. 13.

O único lugar no qual a humildade realmente é nossa não é aquele que tentamos exibir diante de Deus em oração, mas aquele que levamos conosco e manifestamos em nossa conduta cotidiana; as insignificâncias da vida diária são, de fato, as importâncias e os testes da eternidade, pois provam qual é, verdadeiramente, o espírito que nos habita (MURRAY, 1998, p. 55).

Essa disposição interior é o ponto de partida para todo o discipulado cristão autêntico. Stott aponta que “a pobreza de espírito é a consciência de que estamos espiritualmente falidos diante de Deus [...] só quem reconhece sua carência espiritual é que pode entrar no Reino”.¹¹ O verdadeiro discípulo, portanto, não substitui Cristo por nada, porque já experimentou a presença do Senhor e sabe que nada pode preenchê-lo além dele. A humildade de espírito não apenas denuncia os ídolos, mas os desarma, devolvendo o coração ao seu legítimo Rei.

4.2 O verdadeiro discípulo tem e promove a empatia

Vivemos numa era marcada pela polarização, pela intolerância e pelo enfraquecimento do diálogo. As redes sociais, embora tenham potencial para aproximar as pessoas, frequentemente, são usadas como instrumentos de hostilidade, onde o cancelamento, o julgamento imediato e a cultura do ódio se intensificam. Sennett já alertava que a sociedade contemporânea enfrenta “declinante capacidade de convivência com o diferente”, agravada pela fragmentação e superficialidade dos vínculos humanos.¹²

No Brasil, esse cenário se intensificou nos últimos anos, especialmente no campo político e religioso, levando irmãos e irmãs, famílias e comunidades inteiras a se desintegrarem emocionalmente. Abramovay e Borges identificam que vivemos numa era de “ódio digital”, em que a produção de inimigos é parte da construção da identidade: “o outro, o diferente, precisa ser eliminado para que se garanta a ilusão de pertencimento”.¹³ Haidt alerta:

Os adolescentes da geração Z se viram obrigados a passar muitas horas de seus dias navegando pelas publicações felizes e reluzentes de amigos, conhecidos e desconhecidos. Assistiram a um número cada vez maior de vídeos criados por

¹¹ STOTT, 2006, p. 54

¹² SENNETT, 2006, p. 5

¹³ ABRAMOVAY; BORGES, 2022, p. 17.

usuários e empresas de entretenimento transmitidos por streaming, oferecidos a eles por reprodução automática e por algoritmos projetados para mantê-los conectados o máximo possível. Os adolescentes da geração Z passaram muito menos tempo brincando, conversando, tendo contato com seus amigos e parentes, ou até mesmo fazendo contato visual com eles, o que reduziu suas interações sociais corporificadas e essenciais para o bom desenvolvimento humano (HAIDT, 2024, p. 15).

Diante desse ambiente belicoso, Mt 5,4 aponta resposta contraintuitiva e profundamente transformadora. A princípio, pode parecer paradoxal associar o choro à felicidade, mas Jesus está se referindo àqueles que possuem sensibilidade diante do sofrimento, que não endurecem o coração, porém, se permitem ser tocados pela dor alheia. Essa sensibilidade é a base da empatia.

Para Bonhoeffer, “o choro do discípulo é o choro com o outro. Ele não foge da dor do mundo, mas a carrega em comunhão com os homens e com o próprio Cristo”.¹⁴ Esse choro solidário transforma o lamento em consolo, pois onde há empatia, há possibilidade de cura, reconciliação e restauração.

O verdadeiro discípulo não adere à cultura do cancelamento¹⁵ – ele ouve, sofre com o outro, reconhece a dignidade até de quem pensa diferente. A empatia se torna ato revolucionário e profundamente espiritual. Como afirma Brown, “a empatia é uma escolha vulnerável. Para nos conectarmos com alguém, precisamos acessar dentro de nós aquela parte que conhece a dor”.¹⁶

Assim, Jesus propõe que a Bem-aventurança está em romper com a dureza e frieza típicas da sociedade polarizada, e adotar postura de misericórdia e acolhimento. Os que choram com os que choram (Rm 12,15) refletem o coração do Reino e recebem consolo não como recompensa distante, mas como realidade já presente na comunhão e na solidariedade com Deus e com o próximo.

¹⁴ BONHOEFFER, 2002, p. 108.

¹⁵ O termo “cultura do cancelamento” é extremamente novo, cunhado no contexto contemporâneo do século XXI, que está relacionado à Era Digital: quando iniciado, tratou-se de forçar a responsabilização de comportamentos inadequados em redes sociais, porém, que evoluiu para algo mais complexo e díspar, se tornando espécie de bullying e linchamento virtual, capaz de impactar negativamente a saúde mental dos envolvidos e a vida de uma pessoa como um todo (MANFIO; BRASIL, 2024).

¹⁶ BROWN, 2022, p. 66.

4.3 O verdadeiro discípulo de Cristo é equilibrado e flexível

Mt 5,5 refere-se à felicidade de quem desenvolve equilíbrio emocional, capaz de lidar com conflitos sem se deixar arrastar por fanatismos. Hoje, vivemos em um ambiente emocionalmente tóxico, onde a desonestidade intelectual e o fanatismo ideológico impedem o diálogo saudável entre gerações – *boomers versus millenials*¹⁷, por exemplo – e favorecem a imprevisibilidade emotiva, a intolerância e a raiva.

Schmitt, ao discutir sobre a “desonestidade intelectual”, observa que mesmo pessoas instruídas “selecionam apenas fatos que corroboram suas convicções” em debates ideológicos, ignorando evidências simples e transformando a discussão em ataques, não em diálogo.¹⁸ Esse comportamento impede a convivência com o contraditório, aquele ou aquela pessoa que é diferente, criando bolhas que não permitem qualquer tipo de troca ou conversa.

Na mesma linha, estudos como os de pesquisadores da Escola de Witwatersrand, em Joanesburgo, apontam que vivemos na era da pós-verdade, onde “fatos objetivos são menos importantes na formação da opinião pública do que apelos a emoções e crenças pessoais”.¹⁹ Isso gera ambiente propício ao fanatismo e ao desprezo da razão.

No Brasil, essa dinâmica entre gerações se reflete em tensões como: *boomers* acusando *millennials* de superficialidade, e *millennials* vendo os mais velhos como resistentes às mudanças. Ambos, porém, muitas vezes, “desqualificam o outro sem diálogo”, prejudicando a convivência interpessoal e comunitária.

“Manso” é aquele que, mesmo imerso no fanatismo, responde com gentileza, autocontrole e maleabilidade, sem renunciar à verdade. Como bem coloca Stott, a mansidão bíblica é “força sob controle”, equilibrando “tolerância empática com integridade firme”.²⁰

¹⁷ Trata-se de termos usados para classificar grupos de pessoas nascidas em diferentes períodos, com base em características e experiências de cada tempo. Os *boomers* se relacionam aos nascidos entre 1946 e 1964, enquanto os *millennials* (Geração Y) aos nascidos entre 1981 e 1996.

¹⁸ SCHMITT, 2020, p. 1.

¹⁹ CALLAGHAN, 2019, p. 9.

²⁰ STOTT, 2006, p. 78.

Essa postura permite ao discípulo conduzir conversas difíceis com graça e ternura, mantendo o respeito e a busca pelo entendimento mútuo. Aquele que é manso não cede à raiva do momento, mas busca a criação de pontes, não muros, transformando o confronto em encontro, e a hostilidade em hospitalidade.

4.4 O verdadeiro discípulo de Cristo promove justiça social

Mt 5,6 nos aponta para discipulado que não se limita à piedade individual, mas que transborda o compromisso social. Trata-se de anseio ético, sede existencial por equidade, restauração e reparação – algo que Jesus apresenta como condição essencial para se experimentar a plenitude do Reino.

O mundo atual, no entanto, caminha em direção oposta. A desigualdade social e a concentração de renda nas mãos de pequena parcela da humanidade atingem níveis alarmantes. No Brasil, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os 10% mais ricos detêm mais da metade da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres convivem com menos de 15% do total.²¹ O Índice de Gini²² brasileiro, embora com oscilações, permanece entre os mais altos do mundo, refletindo a distância entre os extremos socioeconômicos.²³

Essa desigualdade estrutural afeta diretamente o acesso a bens básicos como educação, saúde, moradia e alimentação. Afirma Barros, um dos principais estudiosos sobre pobreza no Brasil, “a desigualdade de oportunidades é a base da perpetuação da pobreza”.²⁴ Além disso, a mobilidade social ainda é extremamente restrita: filhos de famílias pobres têm pouca chance de ascensão econômica, consolidando ciclos de exclusão.²⁵

Diante disso, o chamado de Jesus para ter fome e sede de justiça não é apenas interior: é concreto, social e histórico. A justiça do Reino de Deus exige envolvimento radical com o outro, especialmente com o pobre, o marginalizado, o vulnerável. Como

²¹ IPEA, 2023, p. 11.

²² Trata-se de medida estatística que quantifica o grau de desigualdade na distribuição de renda ou riqueza da população, conforme referência bibliográfica seguinte.

²³ PNUD, 2020, p. 102.

²⁴ BARROS *et al.*, 2009, p. 45.

²⁵ NOGUEIRA; ROMANELLI, 2016, p. 78.

afirma Boff, “a justiça é a forma concreta do amor na esfera social”.²⁶ Não há verdadeira espiritualidade cristã sem engajamento para a transformação das estruturas injustas da sociedade.

Essa perspectiva se alinha também à tradição daquilo que se denomina “santidade social”, de acordo com o pensamento de Wesley, para quem “não existe santidade que não seja social”.²⁷ Assim, o verdadeiro discípulo é aquele que transforma sua fé em prática, seu amor em ação, seu clamor por justiça em compromisso com o bem comum.

A Bem-aventurança, portanto, nos lembra que a verdadeira felicidade está em lutar para que haja um mundo mais justo, não apenas orar por ele. Espiritualidade cristã sem compromisso é ilusão! O discípulo de Cristo promove justiça, porque vê no outro a dignidade do próprio Cristo e, assim, constrói o Reino de equidade e justiça social em nosso mundo.

4.5 O verdadeiro discípulo de Cristo se importa

Em tempos de hiperconectividade e sobrecarga informacional, a compaixão se tornou cada vez mais escassa. O mundo contemporâneo, embora bombardeado por notícias de sofrimento, tragédias e desigualdades, assiste à crescente insensibilidade da população como um todo. A cultura da indiferença, como descreveu Bauman, é subproduto da modernidade líquida, que fragmenta relações, reduz o outro a dado descartável e alimenta a ilusão da autossuficiência.²⁸

A indiferença é visível em diferentes âmbitos: na falta de empatia com os pobres, no distanciamento emocional em relação ao sofrimento alheio e na omissão diante da injustiça. Segundo Sontag, o excesso de exposição à dor dos outros, sem engajamento afetivo, cria distanciamento psíquico que anestesia. Como diz: “as imagens que antes comoviam, agora banalizam o horror, porque o hábito leva à insensibilidade”.²⁹

²⁶ BOFF, 1998, p. 104.

²⁷ WESLEY *apud* MARSHALL, 2001, p. 89.

²⁸ BAUMAN, 2011, p. 5-17.

²⁹ SONTAG, 2003, p. 103.

No Brasil, pesquisas apontam para crescente percepção de que as pessoas estão mais egoístas e menos solidárias. O Instituto Cidades Sustentáveis demonstrou que 63% dos entrevistados acreditam que a sociedade está se tornando mais individualista e menos disposta a ajudar o próximo. Esse dado revela apagamento e banalização dos vínculos comunitários e crise de cuidado para com aqueles em situação de vulnerabilidade e a pessoa, seja ela qual for.³⁰

Nesse cenário, a Bem-aventurança da misericórdia é profundamente contracultural; não é mero sentimento de pena, mas ação concreta em favor do outro. No contexto bíblico, a palavra grega usada por Jesus, *eleēmon*, denota alguém que é compassivo a ponto de intervir na dor do outro.³¹ O discípulo de Cristo, portanto, é alguém que vê, se comove e age, como o samaritano de Lc 10,33-34.

Nouwen afirma que “a misericórdia é o movimento que nos leva do eu ferido ao outro ferido”.³² É a solidariedade que não espera retribuição; é o amor que se dá sem interesse, como o de 1Co 13. A Bem-aventurança promete que os misericordiosos alcançarão misericórdia, não como moeda de troca, porém, como expressão da reciprocidade do Reino: o que se planta com graça, se colhe com graça.

O verdadeiro discípulo, então, se importa, e não permite que o ruído do mundo sufoque a voz do necessitado. Em um tempo de frieza relacional, hostilidade cultural e cinismo político, a misericórdia é o testemunho que transforma; é o traço de Cristo no coração de quem o segue.

4.6 O verdadeiro discípulo não dá lugar ao diabo em seu coração

Em tempos de manipulação informacional, campanhas de desinformação e a proliferação de *fake news*, a pureza de coração não é apenas virtude moral, mas necessidade real. O cenário digital contemporâneo transformou a verdade em moeda de troca, e a mentira, em ferramenta de influência. Dentro dessa realidade, o verdadeiro discípulo de

³⁰ INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2022, p. 2-11.

³¹ VINE, 2003, p. 412.

³² NOUWEN, 2006, p. 71.

Cristo é aquele que conserva o coração limpo — sem duplicidade, sem má-intenção, sem rancor ou ganância — e que, por isso, está blindado contra os esquemas do engano.

A expressão “dar lugar ao diabo”, em Ef 4,27, é especialmente pertinente neste contexto, pois remete à abertura que se dá à maldade e à mentira quando se permite que a ira, a falsidade e a difamação ganhem espaço na vida cotidiana e, sobretudo, no espaço virtual. Segundo Han, vivemos numa “sociedade da transparência” que, paradoxalmente, camufla sua opacidade atrás de fluxos ininterruptos de informação superficial e manipulada, como quando diz que “a transparência absoluta gera uma positividade coercitiva, que suprime a verdade e glorifica a *performance*”.³³

A desinformação é mais do que erro factual: trata-se de estratégia de poder; destrói reputações, fragiliza instituições e divide famílias, igrejas e nações. Segundo Wardle, existem três categorias principais de conteúdo falso: *misinformation* (informação incorreta, mas não necessariamente mal-intencionada), *disinformation* (falsidade deliberada) e *malinformation* (verdades manipuladas para causar dano).³⁴ O coração impuro se torna veículo dessas forças, pois se deixa conduzir pelo ódio, pela raiva e pela vaidade.

Cristo, no Sermão do Monte, aponta caminho oposto. O puro de coração é aquele que cultiva a integridade interior e não negocia a verdade, mesmo quando não serve aos seus interesses. A palavra usada para “limpos” é *katharoi*, que remete à ideia de algo que não é misturado, sem elementos estranhos ou impurezas – condição de integridade e transparência interior.³⁵

Stott, ao comentar sobre Mt 5,8 declara que “os puros de coração são aqueles cujos pensamentos, motivações e intenções são inteiramente dedicados a Deus; por isso, eles o veem nas circunstâncias, nas pessoas e em seu próprio interior”.³⁶ O discipulado cristão, neste sentido, exige vigilância contínua sobre o coração, que segundo Jesus, é a fonte de tudo que se manifesta externamente (Mt 15,19).

O verdadeiro discípulo de Cristo, nesse sentido, é vigilante com o conteúdo que compartilha, consome e propaga, porque entende que, ao dar vazão à mentira, não apenas distorce a realidade, como também enfraquece seu testemunho e se distancia da presença

³³ HAN, 2018, p. 55.

³⁴ WARDLE, 2017, p. 2-7.

³⁵ VINE, 2003, p. 314

³⁶ STOTT, 2003, p. 61.

de Deus; se opõe ao espírito da era digital não apenas com silêncio, mas com pureza, sendo luz em meio às trevas da desinformação.

4.7 O verdadeiro discípulo constrói pontes

A humanidade parece viver sob o signo da guerra – não apenas em campo de batalha, mas nas atitudes, discursos e nos muros erigidos entre pessoas. Em larga escala, os conflitos geopolíticos contemporâneos deixam marcas profundas:

Invasão da Ucrânia pela Rússia: desde fevereiro de 2022, o conflito já devastou cidades, causou centenas de milhares de mortes e deslocamentos, e provocou impactos econômicos globais, como a queda de cerca de 675.000 pequenos empreendimentos na Ucrânia e a perda de 1,4 milhão na Rússia.³⁷

Conflito Índia–Paquistão: em abril–maio de 2025, após ataque terrorista em Pahalgam, os dois países realizaram operações militares cruzadas, incluindo a “Operação Sindoor” e a resposta paquistanesa “Bunyan-un-Marsoos, que deixou dezenas de mortos, inclusive civis, e ocasionou risco nuclear real.³⁸

Conflito Irã-Israel e grupos aliados: em junho de 2025, mísseis israelenses foram lançados, iniciando a retomada do conflito histórico entre os dois países; em seguida, houve resposta iraniana, com ataques que atingiram instalações israelenses, incluindo hospitais. Tal conflito causa profundas rupturas diplomáticas e ameaças de escalada com apoio militar dos Estados Unidos – que, ao final do mesmo mês, atacou as instalações do programa nuclear iraniano, em operação chamada “Midnight Hammer”.

No entanto, as guerras vão além das disputas territoriais, posto que se estendem às cosmovisões polarizadas, movidas por orgulho, vaidade, medo e sede de poder. Tg 4,1 lembra que os conflitos nascem “dos desejos que guerreiam”; o verdadeiro muro não é só físico, mas ideológico, e se ergue no coração e na mente de todos aqueles que se deixam afetar ou mesmo influenciar pela polarização e a cultura da guerra.

³⁷ AUDRETSCH; MOMTAZ; MOTUZENKO; VISMARA, 2023, p. 4-5.

³⁸ MEHMOOD, 2025, p. 1462-1465.

Diante disso, Jesus apresenta em Mt 5,9 os pacificadores como protagonistas do Reino de Deus. O pacificador é aquele que constrói pontes – não por fraqueza, porém, em decorrência da coragem de desarmar o ódio e propor reconciliação; o pacificador combina firmeza com ternura, sem buscar poder destrutivo, mas transformação restauradora.

Gutiérrez, pioneiro da teologia da libertação, ensina que a paz é fruto de justiça: “não haverá reconciliação verdadeira sem a partilha da terra, do pão, da dignidade”.³⁹ O discípulo constrói pontes a partir do comprometimento com a dignidade humana, do encontro sincero com o outro e da prática da reconciliação, seja na cena geopolítica, na comunidade, na família ou no ambiente digital, e age como mediador corajoso, que sabe que o Reino de Deus se faz com pontes, não trincheiras.

4.8 O verdadeiro discípulo permanece firme na fé, mesmo em um mundo cínico

A sociedade pós-moderna é marcada pelo cinismo generalizado, que relativiza os princípios e valores absolutos, questiona a sinceridade de qualquer compromisso ético e reduz a fé a construto social ultrapassado. Este cinismo manifesta-se, como observa Sloterdijk, por meio da “razão iluminada pela suspeita”, onde se sabe o que é certo, mas opta-se deliberadamente pelo oposto, porque crer de forma íntegra é visto como ingenuidade.⁴⁰ Nesse cenário, a ética cristã, com seus apelos à verdade, perdão, renúncia e sacrifício, torna-se alvo de zombaria e até de hostilidade.

Tal ambiente faz da prática da fé autêntica verdadeiro desafio. O relativismo moral, o hedonismo e o niilismo contemporâneo criam solo onde os compromissos duradouros são descartados ou considerados opressores. A espiritualidade cristã, quando existe, é muitas vezes moldada a gosto do indivíduo, vazia de exigências éticas ou responsabilidade relacional, se assemelhando à prática do *fast-food*, cujo objetivo é democratizar a escolha, onde se pode escolher em uma praça de alimentação aquilo que se tem vontade, ou seja, a religião e a espiritualidade cristã passam a ser escolha do freguês, onde se opta pela corrente que mais lhe agrada.⁴¹

³⁹ GUTIÉRREZ, 2012, p. 89.

⁴⁰ SLOTERDIJK, 2012, p. 36.

⁴¹ TAYLOR, 2007, p. 516.

Ao mesmo tempo, cresce em diversos contextos mundiais a hostilidade real e institucionalizada contra cristãos. O relatório anual da organização Portas Abertas aponta que, em 2024, mais de 365 milhões de cristãos foram severamente perseguidos no mundo, sendo mais de 4.700 assassinados por causa de sua fé. Países como Coreia do Norte, Afeganistão, Somália e Líbia figuram entre os mais letais para quem professa o cristianismo. A Nigéria, especificamente, concentrou sozinha cerca de 82% dos assassinatos por motivos religiosos.⁴²

Não se trata apenas de perseguição estatal. Na Europa e nas Américas, observa-se crescente desconforto e oposição pública contra expressões da fé cristã no espaço público — sejam posicionamentos éticos baseados em convicções bíblicas ou ações evangelísticas. Segundo Müller e Wolff, a secularização avançada criou “neutralidade opressiva”, onde a fé é tolerada apenas se mantida no âmbito privado e silencioso.⁴³

Neste ambiente hostil – cínico em suas ideias, agressivo em suas respectivas estruturas e intransigente nas relações –, Mt 5,9 se destaca como chamado à firmeza inegociável; é o eco do próprio Cristo que foi rejeitado por viver ética superior à dos demais e propor modelo diferenciado, mas que não recuou diante da cruz. Para Stott, essa bem-aventurança “nos lembra que o discipulado não é isento de custo, e que o mundo, quando confrontado com a justiça de Deus, reage com resistência”.⁴⁴ O Papa Bento XVI ensina que “o martírio, em suas múltiplas formas, é a demonstração suprema da autenticidade da fé cristã diante de um mundo que recusa a verdade”.⁴⁵

De modo similar, o Papa Francisco tem enfatizado a importância da perseverança na fé diante das perseguições e do descrédito, afirmando que “a fé não é um refúgio para os fracos, mas uma força para os corajosos que resistem ao mal do mundo, com esperança e amor”. O Papa Francisco alerta também contra o “cansaço espiritual” e o cinismo que leva muitos homens e mulheres a esconderem sua fé ou a desistirem de viver segundo os valores do evangelho, conclamando os cristãos a “serem testemunhas firmes e luminosas no meio das sombras do mundo”.⁴⁶

⁴² PORTAS ABERTAS, 2024, p. 7.

⁴³ MULLER; WOLFF, 2022, p. 119.

⁴⁴ STOTT, 2006, p. 58.

⁴⁵ BENTO XVI, 2007, p. 68.

⁴⁶ FRANCISCO, 2018, p. 45-47.

O verdadeiro discípulo, portanto, é aquele que permanece fiel, mesmo diante da zombaria, da marginalização ou da violência. Sua esperança não está na aceitação pública, mas na aprovação divina; sua coragem nasce da convicção de que sofrer por Cristo é honroso, e que, mesmo sob cinzas, a luz do Reino resplandece com mais intensidade.

4.9 Conclusão: Desafios da ética do reino e caminhos para o verdadeiro discipulado cristão na pós-modernidade

O estudo dos desafios para o resgate da ética do reino passa pelo caminho a ser traçado para se tornar verdadeiro discípulo e discipula de Cristo que no contexto atual revela panorama complexo, porém, essencial para a compreensão da vivência cristã na sociedade contemporânea. Ao longo desta dissertação, foram examinadas características fundamentais do mundo pós-moderno, destacando o relativismo moral, o individualismo exacerbado, o culto ao prazer e a intolerância crescente contra os princípios bíblicos. Essas tendências impõem ao discípulo e discipula postura decidida de compromisso com a justiça divina, com a verdade absoluta revelada nas Escrituras e com a vivência da santidade como resposta ao chamado de Cristo.⁴⁷

O primeiro grande desafio enfrentado pelo discípulo reside na defesa da verdade, especialmente em cultura que considera a moralidade como se fosse relativa e o cristianismo enquanto algo antiquado ou mesmo opressor. O secularismo avançado e a cultura da pós-verdade promovem “neutralidade opressiva”, que marginaliza qualquer expressão ética fundamentada em valores transcendentais. Nessa conjuntura, a justiça de Deus, oposta ao relativismo e ao subjetivismo, torna-se causa de resistência, crítica e até perseguição. A luta pela verdade coloca a pessoa em confronto direto com sistema social que valoriza a flexibilidade moral e a busca desenfreada pela satisfação dos desejos imediatos.

Outro aspecto crucial é a tensão contra o individualismo exacerbado. A cultura contemporânea, ao promover a autonomia pessoal e a autossuficiência como virtudes máximas, desafia o ideal bíblico do discípulo que nega a si mesmo e vive em comunhão com o corpo de Cristo. Essa negação implica na entrega ética que contraria a cultura do

⁴⁷ TAYLOR, 2007, p. 5-7.

sucesso, *status* e poder tão presentes nas sociedades pós-modernas. O verdadeiro discípulo deve, portanto, cultivar humildade, mansidão e pureza de coração, características que desafiam a lógica do consumo e da competição.

No entanto, os desafios são acompanhados de caminhos esperançosos. A confiança na graça de Deus e o auxílio do Espírito Santo capacitam o discípulo a perseverar na fé, a responder com mansidão e sabedoria diante das adversidades e a viver a justiça que transcende as circunstâncias terrenas, mirando na recompensa celestial. Praticar a paz, a empatia e a misericórdia são manifestações tangíveis do Reino de Deus e meios pelos quais o discípulo contribui para a transformação do mundo corrompido pela injustiça, como apontaram os papas recentes deste século, como Francisco e Bento XVI – inclusive, até mesmo o “novo papa”, Leão XIV, em uma de suas primeiras homilias, na Vigília de Pentecostes, expõe como a paz é algo da mais suma importância para o seu pontificado, ao propor a retomada do caminho das Bem-aventuranças, estrada que devemos percorrer juntos, rumo à construção da paz.⁴⁸

Além disso, a fidelidade ao evangelho implica sofrimento, sobretudo transformação. O discipulado não está isento de custo, e as perseguições são oportunidades para testemunhar a verdade de Cristo, que venceu o mundo (Jo 16,33). A liderança servidora de Jesus inspira o discípulo a confrontar as falácias do mundo com amor e verdade, visando restauração e cura, não condenação.

Diante da dor, do sofrimento e das injustiças que assolam o mundo, o discípulo é chamado a estender a mão ao necessitado e a engajar-se na luta por justiça e paz, reafirmando sua vocação enquanto agente transformador, o que exige coragem e determinação para viver em contracorrente cultural, à semelhança do próprio Cristo.

Conclui-se que o verdadeiro discípulo de Cristo, no mundo pós-moderno, deve reconhecer os múltiplos desafios impostos pela sociedade contemporânea, especialmente no tocante à busca pela verdade, santidade e justiça e, ao mesmo tempo, estar pronto para trilhar caminhos árduos, porém iluminados pela presença do Espírito Santo e pela esperança da recompensa eterna.

A perseverança na fé, a mansidão diante da oposição, a empatia pelos que sofrem e o compromisso com a justiça e a paz constituem elementos fundamentais para que o

⁴⁸ LEÃO XIV, 2025, p. 1-3.

discípulo viva de modo íntegro e fiel ao evangelho, sendo luz no mundo e refletindo o Reino de Deus que se aproxima.

Por fim, o verdadeiro discípulo não é apenas crente passivo, mas vive a fé como estilo de vida; se torna agente ativo de transformação social e religiosa, que enfrenta a oposição do mundo com firmeza e amor, experimentando a paz que excede todo entendimento e mantendo viva a esperança do Reino eterno, onde a justiça de Deus será plenamente manifesta.

CONCLUSÃO

A investigação desenvolvida ao longo desta dissertação teve como objetivo central aprofundar o sentido das Bem-aventuranças de Mt 5,3-12, especialmente à luz da frase conclusiva de Mt 5,11: “bem-aventurados sois vós...”. A partir dessa chave interpretativa, buscou-se responder à pergunta fundamental: como as Bem-aventuranças moldam a identidade e a ética do discípulo de Jesus Cristo no século XXI?

Partindo do estado da questão, constatou-se que as Bem-aventuranças permanecem como campo fértil de investigação bíblica e teológica. Pesquisas recentes têm destacado sua relevância como síntese da mensagem do Reino de Deus, mas muitas vezes carecem da aplicação sistemática à prática do discipulado no mundo contemporâneo. Com base nessa lacuna, esta dissertação se propõe reler as Bem-aventuranças como fundamento ético e espiritual para a formação do discípulo cristão, especialmente em contextos marcados pelo relativismo, pelo hedonismo e pela diluição de valores.

A análise exegética de Mt 5,1-12, apoiada em fontes como Luz (2007) e Davies & Allison (1988), revelou o caráter paradoxal e radical das declarações de Jesus. A palavra “*makários*” (μακάριοι), muitas vezes traduzida por “feliz” ou “bem-aventurado”, aponta para a realidade escatológica que rompe com as expectativas mundanas de sucesso, poder e reconhecimento. O discipulado, segundo Jesus, está intrinsecamente ligado à inversão de valores que se manifesta em atitudes como humildade, mansidão, fome de justiça, misericórdia e pureza de coração.

A abordagem intertextual mostrou que essas virtudes não surgem no vácuo, mas estão enraizadas em tradições do AT, especialmente nos salmos, nos profetas e na literatura sapiencial (Is 61; Sl 1; Sl 37). Além disso, o diálogo com os textos rabínicos indicou tanto pontos de continuidade quanto de ruptura entre a ética de Jesus e as perspectivas judaicas da época, sobretudo no que tange à interiorização da justiça e à radicalidade da misericórdia.

A partir da hermenêutica proposta, compreendeu-se que as Bem-aventuranças constituem verdadeira ética do Reino, que não se limita à esfera individual, mas propõe estilo de vida comunitário, alternativo e subversivo diante das estruturas de opressão e da

lógica do egoísmo. Nesse sentido, ser discípulo de Jesus não é apenas imitar o mestre, porém, encarnar os valores do Reino que já está entre nós, ainda que em tensão com o “já e ainda não” da escatologia cristã.

Portanto, à luz de tudo o que foi exposto, é possível afirmar que as Bem-aventuranças constituem manifesto de identidade para o discípulo e a discípula do Reino. Não descrevem um ideal inatingível, mas delineiam o caráter daqueles que, pela graça, se submetem ao senhorio de Cristo e vivem na dependência do Espírito. Em um mundo que valoriza a autopromoção, o conforto e a força, Jesus declara bem-aventurados os que choram, os que têm fome de justiça, os que promovem a paz e os que são perseguidos.

Diante dos desafios da pós-modernidade, o resgate da espiritualidade das Bem-aventuranças é verdadeira urgência para a Igreja. Como discípulos e discípulas, somos chamados a ser sal e luz (Mt 5,13-16), não apenas por palavras, mas pelo testemunho ético coerente com o evangelho; o que implica em vivência da fé que seja ao mesmo tempo humilde, profética e misericordiosa.

Dessa forma, entende-se que o objetivo geral proposto nesta pesquisa, a saber, a construção da ética do Reino de Deus a partir das Bem-aventuranças e sua implicação para a identidade do discípulo de Cristo no século XXI, foi plenamente alcançado. Por meio de análise exegética rigorosa, diálogo com o contexto veterotestamentário e rabínico, e aplicação hermenêutica à realidade contemporânea, foi possível demonstrar como Mt 5,3-12 constitui o núcleo teológico e prático do discipulado cristão.

Optar por focar nas Bem-aventuranças revelou-se escolha metodologicamente frutífera, pois estas sentenças inaugurais do Sermão do Monte condensam a proposta de Jesus para a nova humanidade reconciliada com Deus e com o próximo, atuando como prólogo ético e espiritual para todo o corpo de ensinamentos que se seguem em Mt 5-7. Nesse sentido, pode-se dizer que as Bem-aventuranças não apenas abrem o discurso inaugural de Jesus, mas resumem de forma paradigmática sua visão do Reino, tornando-se ponto de partida coerente para qualquer construção teológica sistemática centrada no discipulado.

Contudo, reconhece-se que este estudo não esgota o potencial interpretativo e prático do Sermão do Monte. A delimitação metodológica à perícope de Mt 5,3-12 permitiu aprofundamento necessário, como também revela caminhos abertos para pesquisas futuras. Pesquisadores poderão, por exemplo, dar continuidade à análise das antíteses (Mt 5,21-48),

das práticas devocionais (Mt 6,1-18), ou do ensino sobre julgamentos e discernimento (Mt 7), investigando como cada seção contribui para a formação de espiritualidade coerente com o Reino e ampliando a compreensão da ética discipular.

Além disso, também se mostra promissora a ampliação do campo de investigação para o diálogo entre as Bem-aventuranças e os discursos ético-filosóficos contemporâneos, especialmente em áreas como a ética pública, a ecoteologia e os direitos humanos. A interface entre a ética do Reino e os desafios morais do mundo globalizado representam campo de estudo que exige atenção teológica constante e engajada.

Assim, esta dissertação pretende não apenas oferecer contribuição relevante ao estudo das Bem-aventuranças, como também inspirar novos olhares sobre o Sermão do Monte como um todo. A teologia cristã contemporânea ainda tem muito a aprender e a ensinar a partir dessa fonte inesgotável de sabedoria divina que molda corações, comunidades e culturas.

Finalizamos esta dissertação com a convicção de que o discipulado autêntico nasce da escuta radical de Jesus e floresce na prática cotidiana da ética do Reino. A Bem-aventurança não é recompensa, mas estado de ser: é a vida nova que emerge quando se caminha com Cristo, mesmo em meio às perseguições, às perdas e às lágrimas. Que esse caminho, marcado pelas Bem-aventuranças, seja o solo fértil onde floresce nova geração de discípulos comprometidos com a justiça, a paz e o amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; BORGES, Nadine. *Discursos de ódio nas redes sociais: uma ameaça aos direitos humanos*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2022.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *O Sermão da Montanha e Escritos sobre fé*. São Paulo: Paulus, 2017.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *Sermão da Montanha*. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Patrística; v.1).

ALLISON, Dale C. *The Sermon on the Mount: Inspiring the Moral Imagination*. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

ANDRADE, André L. Botelho. *Pequena via de Santa Teresinha: caminho de cura e santidade*. Campinas: Editora Sagrada Família, 2021.

AUCLAIR, Marcelle. *Teresa de Ávila: uma biografia*. São Paulo: Quadrante, 2021.

AUDRETSCH, David; MOMTAZ, Paul P.; MOTUZENKO, Hanna; VISMARA, Silvio. *The Economic Costs of the Russia-Ukraine War: A Synthetic Control Study of (Lost) Entrepreneurship*. Frankfurt: arXiv preprint, 2023. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4378827 . Acesso em: 04 fev. 2025.

BALTHASAR, Hans Urs von. *El corazón del mundo*. Madrid: Ediciones Encuentro SA, 2009.

BAUCKHAM, Richard. *Bible and Mission: Christian Witness in a Postmodern World*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

BAUER, Walter; DANKER, Frederick William (ed.); ARNDT, William; GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEALE, G.K. *A New Testament Biblical Theology: The Unfolding of the Old Testament in the New*. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.

BENTO XVI. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2007.

BERKOVITS, Eliezer. *Faith After the Holocaust*. New York: Ktav Publishing House, 1979.

BETTO, Frei. *Jesus rebelde: Mateus, o Evangelho da ruptura*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024.

BETZ, Hans-Dieter. *Essays on the Sermon on the Mount*. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada ARC: Almeida Revista e Corrigida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os Evangelhos: Uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BOFF, Leonardo. *Cristianismo: o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOYARIN, Daniel. *Border Lines: The Partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BRIDGES, Jerry. *As bem-aventuranças*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2022.

BRIGHT, John. *A História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Brené. *A coragem de ser imperfeito: como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é*. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento: Testemunho, Disputa, Defesa*. São Paulo: Loyola, 2005.

BUBER, Martin. *Good and Evil: Two Interpretations*. New York: Charles Scribner's Sons, 1947.

CALVINO, João. *Comentário Bíblico de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero. *Bem-aventurados os pobres no espírito: As Bem-aventuranças, um caminho de felicidade evangélica*. São Paulo: Loyola, 2007.

CARSON Donald A. *O comentário de Mateus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2011.

CARTER, Warren. *Matthew and the Margins: A Sociopolitical and Religious Reading*. Maryknoll: Orbis Books, 2000.

CASIMIRO, Arival Dias. *Fundamentos para o discipulado*. São Paulo: Heziom, 2024.

CHAMPLIM, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 13ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

DAVIES, W.D.; ALLISON, D.C. *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*. Edinburgh: T&T Clark, 1988.

DAVIDSON, Benjamin. *Léxico Analítico Hebraico e Caldaico*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2018.

DEUTSCHE BIBEL GESSELLSCHAFT. *Bíblia Sagrada – Texto Grego*. Disponível em: <www.die-bibel.de/en/bible/NA28/MAT.5>. Acessado em: 06//08/2023.

DONIN, Hayim Halevy. *Ser judeu: um guia para os judeus de hoje*. 2ed. São Paulo: Imago, 2002.

DONZELLINI, Mary. *A Pedagogia de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2013.

DREHER, Rod. *A opção beneditina – uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão*. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2021.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2005.

ENOUT, D. João Evangelista. *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2018.

FEE, Gordon D. *Filipenses: Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FEE, Gordon D. *Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia como auxílio da Exegese e da Hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

FLUSSER, David. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*. São Paulo: Imago, 2002.

FRANCE, Richard Thomas. *The new International Commentary on the New Testament: The Gospel of Matthew*. Cambridge: Willian B. Eerdmans, 2007.

FRANCE, Richard Thomas. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

FRANCISCO, Papa. *As Bem-Aventuranças e a Cura do Mundo*. São Paulo: Paulus, 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica “Gaudete et Exsultate”*: Sobre a chamada à santidade no mundo atual. São Paulo: Editora Paulinas, 2018.

FRANCO, Ricardo. *Desafios do discipulado no século XXI*. São Paulo: Editora Vida, 2019.

FRECHEIRAS, Marta Luzie de Oliveira. *Conceitos Essenciais para uma Teologia Moral Fundamental pós-conciliar: reflexões a partir da Ética de Jesus nas Bem-aventuranças de Mt 5,3-10*. 308 p. Tese de Doutorado (Doutoramento em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/64769/64769.PDF>. Acesso em: 23 jan. 2025.

GERHARDSSON, Birger. *The Apostolic Preaching and Its Development*. Abingdon: Abingdon Press, 1970.

GRACIANI, Juliana Santos; ROHREGGER, Roberto. A importância do Sermão da Montanha e sua relação com as metas do milênio da Organização das Nações Unidas. *Caderno Intersaberes*, São Paulo, v. 7, n. 11, p. 150-166, 2018.

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997.

GREENBERG, Irving. *The Jewish Way: Living the Holidays*. New York: Simon & Schuster, 1988.

GUARDINI, Romano. *O Senhor – Reflexões Sobre a Pessoa e a Vida de Jesus*. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

GUERRA, Richarde Barbosa. *Desconforme-se: Um alerta para o jovem do século XXI*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GUERRA, Richarde Barbosa. *Desconecte-se: Uma jornada de volta à vida real*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Paz e Desarmamento: uma perspectiva teológica*. São Paulo: Paulus, 2012.

HAIDT, Jonathan. *A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HAHN, Scott. *A Father Who Keeps His Promises: God's Covenant Love in Scripture*. Cincinnati: St. Anthony Messenger Press, 1998.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HESCHEL, Abraham Joshua. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism*. New York: Farrar Straus Giroux, 1976.

HILL, Andrew. *1 & 2 Chronicles*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.

HORSLEY, Richard A. *Jesus and the Spiral of Violence: Popular Jewish Resistance in Roman Palestine*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

HORSLEY, Richard A. *Paul and Empire: Religion and Power in the New Testament*. Minneapolis: Trinity Press International, 1997.

INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS. *Pesquisa sobre valores sociais no Brasil*. São Paulo: ICS, 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). *Desigualdade e Pobreza no Brasil: evolução e principais determinantes*. Brasília: IPEA, 2023.

JEREMIAS, Joachim. *O sermão da montanha*. São Paulo: Paulinas, 1978.

JERÔNIMO. *Obras*. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Patrística; v. 44).

JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilias sobre o Evangelho de São Mateus*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Patrística; v. 13).

KAISER Jr., Walter. *Introdução a Hermenêutica Bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KELLER, Timothy. *Deuses Falsos*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.

KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Cultural do Novo Testamento*. 2ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

KEENER, Craig S. *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1999.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

KÜNG, Hans. *O Cristianismo: a essência e a história de uma religião*. São Paulo: Editora Verus, 2003.

LASS, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LEAL, José Luciano Marculino; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; FRANCELINO, Pedro Farias. O Sermão da Montanha em perspectiva dialógica. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, 2020.

LEÃO XIV, Papa. *Homilia*, Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, as associações e as novas comunidades, 07 de junho de 2025. Vaticano. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/homilies/2025/documents/20250607-veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

LEVINE, Amy-Jill. *The Misunderstood Jew: The Church and the Scandal of the Jewish Jesus*. New York: HarperOne, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

LONGMAN III, Tremper. *Daniel*. Grand Rapids: Zondervan, 1999.

LUZ, Ulrich. *Matthew 1–7: a commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre o saber*. São Paulo: José Olympio, 2004.

MANFIO, Ellen.; BRASIL, Maria Eduarda. *O preço da exposição na internet e os impactos na saúde mental de pessoas públicas*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2024.

MARSHALL, Molly. Santidade social e espiritualidade pública: uma releitura wesleyana. In: GREEN, Joel (org.). *Teologia Wesleyana e Transformação Social*. São Paulo: Reflexão, 2001, p. 21-47.

MAZZAROLO, Isidoro. *As 55 bem-aventuranças do Novo Testamento: Impactos sociológicos, jurídicos, econômicos e teológicos, exegese e hermenêuticas*. São Paulo: Paulus, 2023.

MEHMOOD, Arslan. The 2025 India-Pakistan Conflict: From Pahalgam to Operation Bunyanum Marsoos. *Social Science Review Archives*, Lahore, vol. 3, n. 2, p. 1462-1469, jun. 2025.

METZGER, Bruce M. *A textual commentary on the Greek New Testament*. Nova York: United Bible Societies, 1971.

MOLTMANN, Jürgen. *The Coming of God: Christian Eschatology*. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

MOO, Douglas. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

MORRIS, Leon. *O Evangelho segundo João*. São Paulo: Vida Nova, 2002.

MOTYER, J. Alec. *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary*. Downers Grove: IVP, 1993.

MÜLLER, Frank; WOLFF, Hans. *Cristianismo na era da pós-verdade: fé pública e desafios contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

MURRAY, Andrew. *Humility: the journey toward holiness*. London: Hodder & Stoughton, 1998.

NEUFELD, John. *The Kingdom of God in the Teachings of Jesus*. Grand Rapids: Eerdmans, 2017.

NEUSNER, Jacob. *Judaism in the Beginning of Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1994.

NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a igreja: os perigos de uma igreja centrada no homem*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Gilda. Estrutura social brasileira e desigualdade de oportunidades educacionais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 21, p. 66-89, jan./abr. 2016.

NOLLAND, John. *Luke 1:1–9:20* (Word Biblical Commentary, Vol. 35A). Dallas: Word Books, 1989.

NOUWEN, Henri J. M. *Compaixão: um reflexo do amor trinitário*. São Paulo: Paulinas, 2006.

OLIVEIRA, Janete Maria de. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. *Teologia e idade*, Curitiba, v. 4, n. 08, p. 141-159, dez. 2017.

ORÍGENES. *Comentário sobre o Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Patrística; v. 28).

OSWALT, John N. *The Book of Isaiah: Chapters 40–66*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

PENNINGTON, Jonathan T. *The Sermon on the Mount and Human Flourishing: A Theological Commentary*. Grand Rapids: Baker Academic, 2017.

PORTAS ABERTAS. *Lista Mundial da Perseguição 2024: relatório anual sobre cristãos perseguidos por sua fé*. São Paulo: Portas Abertas Brasil, 2024.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). *Relatório do Desenvolvimento Humano 2020: A próxima fronteira – desenvolvimento humano e o antropoceno*. Brasília: PNUD, 2020.

RAHLFS, Alfred (Ed.). *Septuaginta*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Do batismo no Jordão à transfiguração*. Rio de Janeiro: Planeta, 2017.

REIMER, Ivoni Richter. As bem-aventuranças como antídoto contra a dominação e corrupção. *Revista de Interpretação Bíblica latino-americana*, Petrópolis, v. 78, p. 135-153, 2018.

SACKS, Jonathan. *To Heal a Fractured World: The Ethics of Responsibility*. New York: Schocken Books, 2006.

SANTOS, Arthur Francisco Juliatti dos. *A justiça em Mateus: exegese e teologia*. Jundiaí: Paco, 2022.

SANTOS, João Batista Ribeiro. Jesus de Nazaré e suas milícias: a oralidade da preleção nas “bem-aventuranças” na historiografia canônica de uma comunidade primitiva. *Revista de História*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 3-21, 2010.

SCHMITT, Paula. *Desonestidade intelectual e a cegueira da desatenção*. São Paulo: Poder 360, 2020.

SCHOTTROFF, Luise. *A Justiça do Reino: estudos sobre o Sermão da Montanha*. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHWEIZER, Eduard. *The Good News According to Matthew*. Louisville: John Knox Press, 1975.

SEFARIA (textos judaicos em Português). Disponível em: <<https://www.sefaria.org/translations/pt>>. Acessado em: 17/08/2024.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SIEDELISKE, Flaviano Nogueira. As bem-aventuranças: o caminho (teo)lógico do discipulado. *Revista Ensaios Teológicos*, Curitiba, v.6, n.1, p. 24-41, 2020.

SILVA, Cássio Murilo Dias da Silva. *Metodologia de exegese bíblica Versão 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2022.

SIMUNDSON, Daniel J. *Micah through Malachi*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SMITH, James K.A. *How (Not) to Be Secular: reading Charles Taylor*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Luiz Alves de. *A manifestação da misericórdia na materialidade linguística do Evangelho segundo Lucas*. 236 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CUB_fce24842dde6942257bc9e1b7722734a. Acesso em: 08 jan. 2025.

SPURGEON, Charles Haddon. *The Treasury of David, Volume 1*. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

STEINSALTZ, Adin. *Pirkei Avot: Ética dos Pais – A tradição ética do Judaísmo*. São Paulo: Sêfer, 2012.

STOTT, John. *O Sermão do Monte: Comentário sobre Mateus 5 a 7*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2003.

STOTT, John. *A Mensagem do Sermão do Monte*. 2ed. São Paulo: ABU Editora, 2006.

STRAUSS, David. *The Life of Jesus*. New York: T&T Clark, 2007.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2008.

TAYLOR, Charles. *A era secular*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

THUAN, François-Xavier Nguyen. *Cinco pães e dois peixes: do sofrimento do cárcere um alegre testemunho*. São Paulo: Editora Santuário, 2011.

VINE, W.E. *Dicionário Vine*. 2ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar beyond the basis: an exegetical syntax of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *Os salmos como lamento cristão – um comentário histórico*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. *The Book of Proverbs: Chapters 1–15*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WIESEL, Elie. *Messengers of God: Biblical Portraits and Legends*. New York: Random House, 1972.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *O Sermão da Montanha: Um comentário sobre Mateus 5 a 7*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Matthew for Everyone, Part 1: Chapters 1–15*. London: SPCK, 2004.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *Simplemente Cristão: Por Que o Cristianismo Faz Sentido*. São Paulo: Ultimato, 2007.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *O Mal e a Justiça de Deus*. São Paulo: Editora Ultimato, 2008.

YOUCAT FOUNDATION. *Youcat: Catecismo Jovem da Igreja Católica*. 8ed. Lisboa: Paulus, 2019.

ZYGURSKI, Rafael. *Espiritualidade líquida: o que fazer quando a fé se torna fluída demais*. Belo Horizonte: Ramallete, 2020.